

EMILY HENRY

Autora Bestseller de ROMANCE DE VERÃO e LUGAR FELIZ

PESSOAS QUE CONHECEMOS NAS FÉRIAS

Dois melhores amigos. Dez viagens de Verão.
Uma última oportunidade para se apaixonarem.



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

EMILY HENRY

Autora Bestseller de **ROMANCE DE VERÃO e LUGAR FELIZ**

PESSOAS QUE CONHECEMOS NAS FÉRIAS

Dois melhores amigos. Dez viagens de Verão.
Uma última oportunidade para se apaixonarem.



Emily Henry
PESSOAS QUE
CONHECEMOS
NAS FÉRIAS

Tradução
Ana Saldanha

Ficha Técnica

Título: Pessoas que Conhecemos nas Férias

Título original: People We Meet on Vacation

Autor: Emily Henry

Tradução: Ana Saldanha

Revisão: Catarina Sacramento

ISBN: 9789896617585

QUINTA ESSÊNCIA

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2021, Emily Henry Books LLC

Publicado por acordo com a autora, representada por Baror International, Inc.,
Armonk, Nova Iorque, EUA.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

www.leya.pt

Índice

Capa

Ficha Técnica

Prólogo - Há Cinco Verões

1 - Este Verão

2 - Este Verão

3 - Há Doze Verões

4 - Este Verão

5 - Há Onze Verões

6 - Este Verão

7 - Este Verão

8 - Há Dez Verões

9 - Este Verão

10 - Há Dez Verões

11 - Este Verão

12 - Há Nove Verões

13 - Este Verão

14 - Este Verão

15 - Há Oito Verões

16 - Este Verão

17 - Há Sete Verões

18 - Este Verão

19 - Há Seis Verões

20 - Este Verão

21 - Há Seis Verões

22 - Este Verão

23 - Há Cinco Verões

24 - Este Verão

25 - Há Quatro Verões

26 - Este Verão

27 - Este Verão
28 - Este Verão
29 - Há Três Verões
30 - Este Verão
31 - Este Verão
32 - Este Verão
33 - Há Dois Verões
34 - Este Verão
35 - Este Verão
36 - Este Verão
Epílogo
Agradecimentos

Escrevi o anterior principalmente para mim.

Este é para ti.

Nas férias, podes ser quem quiseses.

Como um bom livro ou uma indumentária incrível, estar de férias transporta-te para outra versão de ti.

Na tua vida do dia a dia, talvez nem sequer consigas sacudir a cabeça ao ritmo de uma música na rádio sem sentires embaraço, mas na esplanada certa, enfeitada com luzes, com a banda de percussão certa, dás contigo a rodopiar e a saracoteares-te na maior.

Em férias, o teu cabelo muda. A água é diferente, talvez o champô. Talvez nem sequer te dêes ao trabalho de lavar o cabelo ou de o escovar, porque a água salgada do mar põe-lhe uns caracóis que adoras. Pensas: *Talvez eu pudesse fazer isto em casa também. Talvez pudesse ser esta pessoa que não escova o cabelo, que não se importa de estar transpirada ou de ter areia em todos os seus interstícios.*

Em férias, metes conversa com estranhos e esqueces-te de que tens alguma coisa a perder. Se acaba por ser incrivelmente embaraçoso, quem quer saber? Nunca mais vais voltar a vê-los!

És quem quiseses ser. Podes fazer o que quiseses.

Bem, talvez não tudo o que quiseses. Por vezes, o tempo força-te a estar numa situação específica, como aquela em que me encontro neste momento, e tens de encontrar alternativas para te entreteres enquanto esperas que pare de chover.

Quando saio da casa de banho, paro. Em parte, é porque ainda estou a organizar o meu plano de jogo. Principalmente, no entanto, é porque o chão está tão pegajoso que perco a sandália e tenho de recuar a coxear para a calçar de novo. Embora em teoria adore tudo neste sítio, na prática penso que deixar que o meu pé descalço toque a imundície anónima no chão de laminado de madeira talvez seja uma boa forma de contrair uma daquelas doenças raras guardadas nos frascos refrigerados de umas instalações secretas do Centro para Controlo de Doenças.

Saltito até à sandália, enfio os dedos pelas tiras finas cor de laranja e viro-me para observar o bar: os corpos pegajosos muito juntos; o girar preguiçoso das

ventoinhas no teto; a porta mantida aberta, de maneira que, ocasionalmente, vem uma rajada de chuva da noite negra para refrescar a multidão transpirada. Num canto, uma *jukebox* com um halo de luz néon toca «I Only Have Eyes for You», dos Flamingos.

É uma cidade de *resorts*, mas este bar é de habitantes locais, livre de vestidos de praia estampados e de camisas havaianas, embora também, infelizmente, sem *cocktails* enfeitados com espetadas de frutos tropicais.

Se não fosse esta tempestade, eu teria escolhido outro lugar para a minha última noite na cidade. Ao longo de toda a semana, as chuvadas têm sido tão fortes, as trovoadas tão constantes que os meus sonhos de praias de areias brancas e lanchas brilhantes caíram por terra, e eu, juntamente com o resto dos veraneantes dececionados, tenho passado os dias a despachar *piña coladas* em qualquer armadilha para turistas apinhada que consigo encontrar.

Esta noite, porém, já não conseguia aguentar mais multidões, longos tempos de espera ou homens grisalhos com uma aliança de casamento no dedo a piscarem-me o olho, já toldados, por cima do ombro das respetivas mulheres. Foi assim que dei comigo aqui.

Num bar com o chão pegajoso, chamado apenas BAR, a vasculhar a clientela à procura do meu alvo.

Ele está sentado ao canto do balcão do BAR. Um homem mais ou menos da minha idade, vinte e cinco anos, com cabelo cor de areia, alto e de ombros largos, embora tão corcovado que, num primeiro olhar, poderia não se reparar nessas duas últimas características. Tem a cabeça inclinada sobre o telemóvel e um ar de concentração calma visível no seu perfil. Mordisca o seu lábio inferior cheio enquanto passa o dedo lentamente pelo ecrã.

Embora este lugar não esteja apinhado ao nível da Disney World, é muito barulhento. A meio caminho entre a *jukebox* a debitar músicas de gosto duvidoso do final dos anos cinquenta e a televisão montada na parede em frente, na qual um meteorologista fala aos berros sobre a chuva que está a bater recordes, há um bando de homens com gargalhadas roucas idênticas que estão sempre a rebentar ao mesmo tempo. Na outra ponta do bar, a empregada do bar bate com a mão repetidamente no balcão para dar ênfase ao que está a dizer enquanto dá trela a

uma mulher de cabelo amarelo.

A tempestade pôs toda a ilha a sentir-se irrequieta e a cerveja barata pôs toda a gente a sentir-se foliona.

Mas o homem de cabelo cor de areia que está sentado no banco na ponta do balcão tem uma imobilidade que dá nas vistas. De facto, tudo nele grita que não pertence aqui. Apesar do tempo que faz, vinte e seis graus de temperatura e um milhão por cento de humidade, traz vestidas uma camisa de manga comprida e umas calças azul-marinhas. Também está suspeitosamente desprovido de bronzeado, assim como de riso, alegria, despreocupação, etc.

Bingo.

Afasto uma mancheia de ondas louras do rosto e dirijo-me para ele. Enquanto me aproximo, mantém os olhos pregados no telemóvel, com o dedo a arrastar para cima no ecrã o que ele está a ler. Vejo as palavras a negrito CAPÍTULO VINTE E NOVE.

Ele está mesmo a ler um livro num bar.

Meneio a anca na direção do balcão e encosto o cotovelo, olhando para ele.

– Ei, tigre.

Os seus olhos cor de avelã levantam-se para o meu rosto, pestanejam.

– Olá.

– Costumas vir aqui?

Observa-me por um momento, claramente a sopesar as possíveis respostas.

– Não – diz, por fim. – Não vivo aqui.

– Oh – digo, mas antes de poder sair-me com mais alguma coisa, ele continua:

– E, mesmo que costumasse, tenho uma gata com muitos problemas de saúde que requerem cuidados especializados. Torna difícil sair de casa.

Franzo a testa a todas as partes daquela frase.

– Lamento imenso – digo, recuperando a compostura. – Deve ser horrível estar a lidar com tudo isso e também com uma morte.

A testa dele enrugase-se.

– Uma morte?

Aceno com a mão num círculo apertado, apontando para a sua indumentária.

– Não vieste à cidade para um funeral?

Comprime os lábios.

– Não.

– Então o que te traz à cidade?

– Uma pessoa amiga. – Baixa os olhos para o telemóvel.

– Ela vive aqui? – arrisco.

– Arrastou-me – corrige ele. – Para umas férias. – Diz aquela última palavra com algum desdém.

Reviro os olhos.

– Não posso crer! Longe da tua gata? Sem nenhuma boa desculpa a não ser para diversão e folguedo? Tens a certeza de que essa pessoa pode realmente ser chamada *amiga*?

– Tenho cada vez menos certeza a cada segundo que passa – diz ele sem olhar para cima.

Não está a dar-me muito com que eu possa trabalhar, mas não vou desistir.

– Então – insisto. – Como é essa tal pessoa amiga? *Sexy*? Esperta? Podre de rica?

– É baixa – diz ele, ainda a ler. – Espalha-brasas. Nunca se cala. Entorna coisas em todas as peças de roupa que um ou o outro tenhamos vestidas, tem um gosto romântico horrível, chora quando vê aqueles anúncios a cursos de formação profissional, aqueles em que a mãe solteira fica a pé até tarde ao computador e depois, quando adormece, o filhinho põe-lhe uma manta por cima dos ombros e sorri, porque tem muito orgulho nela? O que mais...? Ah, é obcecada por bares foleiros que cheiram a salmonela. Tenho medo de beber sequer a cerveja de *garrafa* aqui... já viste as críticas deste sítio no Yelp?

– Estás a brincar agora? – pergunto, cruzando os braços no peito.

– Bem – diz ele –, a salmonela não tem cheiro, mas sim, Poppy, tu és baixa.

– Alex! – Bato-lhe no biceps, abandonando o meu papel. – Eu estou a tentar ajudar-te!

Esfrega o braço.

– Ajudar-me como?

– Sei que a Sarah te deixou de rastos, mas precisas de voltar à luta. E quando uma miúda gira te aborda num bar, a coisa número um que não devias mencionar é a tua relação de codependência com a parvalhona da tua gata.

– Primeiro que tudo, a *Flannery O'Connor* não é parvalhona – diz ele. – É tímida.

– É diabólica.

– Simplesmente não gosta de ti – insiste ele. – Tu tens uma forte energia de cão.

– A única coisa que alguma vez fiz foi tentar fazer-lhe festas – digo. – Para quê ter um animal de estimação que não quer que lhe façam festas?

– Ela quer que lhe façam festas – diz o Alex. – Mas tu aborda-la sempre com, tipo, um brilho de lobo nos olhos.

– Não abordo nada.

– Poppy – diz ele. – Tu abordas *tudo* com um brilho de lobo nos olhos.

Nesse momento, a empregada do bar aproxima-se com a bebida que mandei vir antes de ir à casa de banho.

– Menina? – diz. – A sua *margarita*. – Empurra-me o copo gelado pelo balcão e um zunido entusiástico de sede atinge-me o fundo da garganta quando o apanho. Pego nele tão depressa que uma boa quantidade de tequila transborda, e, com uma agilidade sobrenatural e de experiência feita, o Alex afasta-me o outro braço do balcão antes que ele seja salpicado pela bebida.

– Estás a ver? Brilho de lobo – diz o Alex em voz baixa, sério, da maneira como pronuncia praticamente todas as palavras que alguma vez me diz, exceto naquelas noites raras e sagradas em que o Alex Esquisitoide sai cá para fora e eu tenho a honra de o ver, tipo, deitado no chão a fazer de conta que soluça para um microfone no *karaoke*, com o seu cabelo cor de areia espetado em todas as direções e uma camisa formal engelhada a soltar-se das calças. É só um exemplo hipotético. De algo que aconteceu exatamente assim.

O Alex Nilsen é um modelo de autocontrolo. Naquele seu corpo alto, largo,

permanentemente corcovado e/ou dobrado como um *pretzel*, há um excesso de estoicismo (o resultado de ser o filho mais velho de um viúvo com a ansiedade mais explícita de qualquer pessoa que eu alguma vez tenha conhecido) e uma reserva de repressão (o resultado de uma educação religiosa estrita em contraste direto com a maior parte das suas paixões; nomeadamente, os estudos académicos), a par da patetice mais verdadeiramente estranha, secretamente tonta e intensamente bondosa que já tive o prazer de conhecer.

Bebo um gole da *margarita* e um zunido de prazer abre caminho e sai-me pela boca.

– Cão no corpo de um ser humano – diz o Alex para consigo, e depois volta a sua atenção de novo para o telemóvel.

Resfolego em sinal de reprovação do seu comentário e bebo mais um gole.

– A propósito, esta *margarita* é, tipo, noventa por cento tequila. Espero que estejas a dizer a esses críticos implacáveis do Yelp que metam a crítica onde nós sabemos. *E* que este sítio não cheira nada a salmonela. – Emborco mais um gole da minha bebida ao mesmo tempo que me sento num banco ao lado do Alex, virando-me para que os nossos joelhos se toquem. Agrada-me que se sente sempre assim quando saímos juntos: com a parte superior do corpo de frente para o balcão e as suas pernas compridas de frente para mim, como se estivesse a manter alguma porta secreta que lhe dá acesso aberta apenas para mim. E não uma porta apenas para o Alex Nilsen reservado que nunca faz um sorriso rasgado a que o resto do mundo tem acesso, mas um caminho direito ao esquisitoide. Ao Alex que faz estas viagens comigo, ano após ano, embora deteste andar de avião e a mudança e usar qualquer almofada que não seja aquela com que dorme em casa.

Agrada-me a maneira como, sempre que vamos sair, vai direito ao balcão, porque sabe que gosto de me sentar lá, embora uma vez tenha admitido que, sempre que fazemos isso, fica em stresse por não saber se está a estabelecer demasiado contacto visual ou não o suficiente com o empregado do bar.

Na verdade, aprecio e/ou adoro quase tudo no meu melhor amigo, o Alex Nilsen, e quero que seja feliz, por isso, mesmo que nunca tenha gostado especialmente de nenhuma das mulheres com quem se envolveu até ao momento – e especialmente da sua ex, a Sarah –, sei que é meu dever garantir que ele não

permita que este desgosto de amor mais recente o force a tornar-se um eremita. Ele faria – e já fez – o mesmo por mim, afinal.

– Então – digo. – Voltamos ao princípio? Eu vou ser a desconhecida *sexy* no bar e tu vais ser o teu eu encantador, menos a cena da gata. Vamos pôr-te outra vez no circuito dos encontros num abrir e fechar de olhos.

Ele levanta os olhos do telemóvel, quase a sorrir trocista. Chamo-lhe um sorriso trocista porque, para o Alex, é o mais perto que chega de um verdadeiro sorriso.

– Referes-te à desconhecida que dá o pontapé de saída com um oportuno «Ei, tigre»? Penso que talvez tenhamos ideias diferentes sobre o que é *sexy*.

Rodo no banco, com os nossos joelhos a esbarrarem quando me desvio dele e depois volto a virar-me, recompondo o rosto com um sorriso sedutor.

– Doeu... – digo – ... quando caíste do céu?

Abana a cabeça.

– Poppy, é importante para mim que saibas – diz lentamente – que se eu alguma vez *chegar* a conseguir sair com alguém, não terá absolutamente nada que ver com o teu alegado auxílio.

Levanto-me, emborco teatralmente o resto da minha bebida e pouso o copo com força em cima do balcão.

– Então, que me dizes a sairmos daqui?

– Como é que tu tens mais sucesso nos namoros do que eu? – diz ele, espantado com o mistério daquilo tudo.

– É fácil – digo. – Tenho padrões mais baixos. E nenhuma *Flannery O'Connor* para atrapalhar as coisas. E, quando vou a bares, não passo o tempo todo carrancudo a ler as críticas do Yelp e a projetar fortemente a mensagem NÃO FALEM COMIGO. E também poderia argumentar-se que sou linda de morrer, vista de certos ângulos.

Ele levanta-se, pousando uma nota de vinte no balcão antes de voltar a meter a carteira no bolso. O Alex anda sempre com dinheiro. Não sei porquê. Já lhe perguntei pelo menos umas três vezes. Ele respondeu. Continuo a não saber porquê, porque a resposta dele foi demasiado maçadora ou demasiado complexa

intelectualmente para que o meu cérebro se desse sequer ao trabalho de a reter.

– Não altera o facto de seres uma esquisitoide total – diz.

– Tu adoras-me – lembro-lhe, um nadinha na defensiva.

Ele passa um braço à volta dos meus ombros e olha para mim, com outro ligeiro sorriso contido nos seus lábios cheios. O rosto dele é uma peneira, só deixando passar uma quantidade mínima de expressão de cada vez.

– Eu sei – afirma.

Sorrio-lhe.

– E eu também te adoro.

Tenta conter um sorriso mais rasgado, mantém-no pequeno e ténue.

– Também sei isso.

A tequila está a fazer-me sentir sonolenta, mole, e encosto-me a ele enquanto nos dirigimos para a porta aberta.

– Foi uma boa viagem – digo.

– A melhor até agora – concorda ele, com a chuva fresca em rajadas à nossa volta como confetes de um canhão. O braço dele enrosca-se um pouco mais, quente e pesado à minha volta, e o seu perfume limpo, a cedro, pousa sobre os meus ombros como uma capa.

– Nem sequer me tenho importado muito que chova – digo quando saímos para a noite abafada e húmida, toda ela mosquitos a zunirem e palmeiras a estremecerem por causa dos trovões distantes.

– Eu até preferi.

O Alex levanta o braço do meu ombro para o enroscar por cima da minha cabeça, transformando-se num guarda-chuva humano improvisado enquanto atravessamos a correr a estrada inundada na direção do nosso carrinho vermelho alugado. Quando chegamos ao pé do carro, o Alex solta-me e abre a minha porta primeiro – conseguimos um desconto aceitando um carro sem fecho automático das portas e das janelas – e depois contorna o capô e arremessa-se para o assento do condutor.

O Alex liga o motor e o ar condicionado sopra a todo o vapor a sua rajada de

ar do Ártico nas nossas roupas molhadas enquanto ele sai do espaço de estacionamento e vira na direção da nossa casa arrendada.

– Acabei de me dar conta – diz ele – de que não tirámos nenhuma fotografia no bar para o teu blogue.

Começo a rir-me, mas depois apercebo-me de que não está a brincar.

– Alex, nenhum dos meus leitores quer ver imagens do BAR. Nem sequer querem ler sobre o BAR.

Encolhe os ombros.

– Não achei que o BAR fosse assim tão mau.

– Disseste que cheirava a salmonela.

– Fora isso. – Indica a mudança de direção e conduz cuidadosamente pela nossa rua estreita ladeada por palmeiras.

– De facto, não tenho realmente *nenhuma* imagem desta semana que possa usar.

O Alex franze a testa e esfrega-a ao mesmo tempo que abranda a marcha na direção do caminho de cascalho da nossa casa, mais à frente.

– Fora as que eu tirei – apresso-me a acrescentar.

As fotografias que o Alex se ofereceu para tirar para as minhas redes sociais são verdadeiramente terríveis. Mas gosto tanto dele por se dispor a tirá-las que já escolhi a menos atroz, e publiquei-a. Nela, estou a fazer uma daquelas caras horríveis, a meio de uma palavra, a rir-me e a guinchar-lhe qualquer coisa enquanto ele tenta – mal – dar-me instruções, e as nuvens de tempestade estão a formar-se visivelmente por cima de mim, como se eu própria estivesse a convocar o apocalipse para a ilha de Sanibel. Mas, pelo menos, pode ver-se que estou feliz.

Quando olho para aquela fotografia, não me lembro do que o Alex me disse para provocar aquela minha expressão nem do que lhe gritei em resposta. Mas sinto aquele mesmo acesso de afeto que me inunda quando penso em qualquer uma das nossas viagens de verão passadas.

Aquela sensação esmagadora de felicidade, aquele sentimento de que é *isto* que dá sentido à vida: estar num lugar lindo com alguém que adoras.

Tentei escrever alguma coisa sobre isso na legenda, mas era difícil de explicar.

As minhas publicações costumam ser todas sobre como viajar com um orçamento reduzido, tirar o máximo partido do mínimo, mas quando tens cem mil pessoas a seguirem as tuas férias na praia, o ideal é mostrar-lhes... umas férias na praia.

Na última semana, tivemos cerca de quarenta minutos no total à beira-mar na ilha de Sanibel. O resto passámo-lo metidos em bares e restaurantes, em livrarias e lojas de artigos *vintage*, além de uma data de tempo no *bungalow* modesto que reservámos, a comer pipocas e a contar os raios das trovoadas. Não ficámos bronzeados, não vimos peixes tropicais, não fizemos *snorkel* nem apanhámos banhos de sol em catamarãs, ou mais alguma coisa digna de nota além de dormirar e acordar no sofá amolgado com uma maratona de *A Quinta Dimensão* a infiltrar-se nos nossos sonhos.

Há lugares que podes ver em toda a sua glória com ou sem sol, mas este não é um deles.

– Ei – diz o Alex, desligando o motor.

– Ei, o quê?

– Vamos tirar uma fotografia – diz ele. – Juntos.

– Tu detestas aparecer em fotografias – lembro-lhe. O que sempre achei estranho, porque, a um nível técnico, o Alex é extremamente bem-parecido.

– Eu sei – diz o Alex –, mas está escuro, e quero lembrar-me disto.

– Está bem – digo. – Sim. Vamos tirar uma.

Preparo-me para pegar no telemóvel, mas o Alex já tem o dele na mão. Só que, em vez de o empunhar com o ecrã virado para nós, para podermos ver-nos, virou-o, com a câmara de trás apontada para nós em vez da câmara da frente.

– O que estás a fazer? – digo, estendendo a mão para o telemóvel dele. – É para isto que serve o modo *selfie*, seu avozinho.

– Não – diz ele a rir, afastando o telemóvel para fora do meu alcance. – Não é para o teu blogue... não temos de ficar bem. Só temos de parecer nós próprios. Se a pusermos em modo *selfie*, nem sequer quero tirar uma fotografia.

– Precisas de ajuda psicológica para a tua dismorfia facial – digo-lhe.

– Quantos milhares de fotografias tirei para ti, Poppy? – pergunta ele. – Vamos tirar esta como eu quero.

– *OK*, tudo bem. – Inclino-me por cima da consola central e encosto-me ao seu peito molhado, e ele baixa um pouco a cabeça para compensar a nossa diferença de alturas.

– Um... dois... – O *flash* dispara ainda antes de ele chegar a três.

– Seu monstro! – ralho.

Ele vira o telemóvel para olhar para a fotografia e geme.

– Nãaaao – diz. – Sou *mesmo* um monstro.

Engasgo-me com uma gargalhada enquanto examino o horrível borrão fantasmagórico dos nossos rostos: o cabelo dele molhado e espetado em farripas, o meu colado em caracóis encrespados à volta da cara, tudo em nós brilhante e vermelho do calor, os meus olhos completamente fechados, os dele semicerrados e inchados.

– Como é possível que tenhamos ficado os dois tão indistintos *e* com tão mau aspeto simultaneamente?

A rir-se, o Alex atira a cabeça para trás contra o apoio de cabeça.

– *OK*, vou apagá-la.

– Não! – Tento arrancar-lhe o telemóvel da mão. Ele agarra-o com força, mas não desisto, por isso ficamos a segurá-lo entre nós por cima da consola central. – A ideia era essa, Alex. Recordar esta viagem como ela foi realmente. E parecermos nós mesmos.

O seu sorriso é tão pequeno e ténue como sempre.

– Poppy, tu não és nada como nesta fotografia.

Abano a cabeça.

– E tu também não.

Por um longo momento, ficamos em silêncio, como se não houvesse mais nada para dizer, agora que esta questão foi resolvida.

– No próximo ano, vamos a um lugar frio – diz o Alex. – E seco.

– Certo – digo, sorrindo. – Vamos a um lugar frio.

— **P**oppy – diz a Swapna da cabeceira da mesa de conferências, de um cinzento baço. – O que tens para nós?

Como governante benevolente do império *Rest + Relaxation*, descanso e descontração, a Swapna Bakshi-Highsmith não poderia transmitir uma quantidade menor dos dois valores fulcrais da nossa magnífica revista.

A última vez que a Swapna descansou deve ter sido há três anos, quando esteve grávida durante oito meses e meio e em repouso absoluto por ordens do médico. Mesmo então, passou o tempo todo em videochamadas para o escritório, com o portátil equilibrado em cima da barriga, portanto não penso que tenha envolvido muito relaxamento. Tudo nela é bem definido, angular e elegante, do cabelo curto e moderno penteado para trás aos sapatos cravejados da marca *Alexander Wang*.

O seu risco de *eyeliner* com a ponta oblíqua podia cortar uma lata de alumínio e os olhos cor de esmeralda podiam esmagar a lata a seguir. Neste momento, ambos estão apontados diretamente a mim.

– Poppy? Olá?

Pisco os olhos para despertar do meu devaneio e arrasto a cadeira para a frente, pigarreando. Isto anda a acontecer-me muito ultimamente. Quando tens um emprego em que só é preciso vir ao escritório uma vez por uma semana, não é grande ideia estar na lua como uma miúda numa aula de Álgebra durante metade desse tempo, e ainda menos fazê-lo em frente à tua chefe, aterradora e inspiradora em partes iguais.

Olho atentamente para o bloco de apontamentos diante de mim. Eu costumava vir às reuniões das sextas-feiras com dúzias de propostas escrevinhadas com entusiasmo. Ideias para histórias sobre festivais desconhecidos noutros países, restaurantes famosos localmente com sobremesas fritas, fenómenos naturais em praias específicas na América do Sul, vinhedos que vão dar que falar na Nova Zelândia – ou novas tendências entre os sedentos de emoção e modos de relaxamento profundo para o pessoal que é fã de *spas*.

Costumava escrever esses apontamentos numa espécie de pânico, como se cada uma das experiências que esperava vir a ter um dia fosse um organismo vivo a crescer no meu corpo e a estender ramos para me empurrar as entranhas, exigindo sair de dentro de mim. Passava três dias antes das reuniões para fazer propostas de temas numa espécie de transe suado no Google, a percorrer imagens de lugares onde nunca tinha estado, com uma sensação algo parecida com fome a rosnar-me no estômago.

Hoje, porém, passei dez minutos a anotar nomes de países.

De *países*, nem sequer de cidades.

A Swapna está a olhar para mim, à espera de que eu proponha a minha próxima grande peça de verão para o próximo ano, e eu estou a fitar a palavra *Brasil*.

O Brasil é o quinto maior país do mundo. O Brasil ocupa 5,6 por cento da massa do planeta. Não é possível escrever um artigo curto e conciso sobre férias no Brasil. Há que, pelo menos, escolher uma região específica.

Viro a página do meu bloco de apontamentos, fingindo ler a seguinte. Está em branco. Quando o meu colega Garrett se inclina para mim, como se para ler por cima do meu ombro, fecho o bloco com força.

– São Petersburgo – digo.

A Swapna arqueia uma sobancelha, põe-se a andar de um lado para o outro ao longo da cabeceira da mesa.

– Falámos de São Petersburgo no nosso número de verão há três anos. A celebração das Noites Brancas, não te lembras?

– Amesterdão? – lança o Garrett ao meu lado.

– Amesterdão é uma cidade para a primavera – comenta a Swapna, vagamente irritada. – Não podes destacar Amesterdão e não incluir as tulipas.

Ouvi dizer que ela já foi a mais de setenta e cinco países e a muitos desses duas vezes.

Faz uma pausa, com o telemóvel numa mão e a bater com ele contra a palma da outra enquanto pensa.

– Além disso, Amesterdão é tão... tendência.

É crença absoluta da Swapna que *seguir uma tendência é já ter chegado tarde a essa tendência*. Se pressente que o espírito do momento está a ficar recetivo à ideia de Torun, na Polónia, então Torun fica fora de consideração nos dez anos seguintes. Há literalmente uma lista pregada numa parede junto aos cubículos (Torun não consta dessa lista) de *Lugares que a R+R Não Cobrirá*. Cada entrada está escrita à mão por ela e datada, e há uma espécie de aposta clandestina sobre quando uma cidade será libertada da Lista. Nunca há mais excitação discreta no escritório do que naquelas manhãs em que a Swapna marcha por aqui adentro, com a mala de *design* do portátil no braço e se aproxima da Lista com uma esferográfica já em riste, pronta a passar um traço sobre uma dessas cidades banidas.

Todos ficam a olhar, sustendo a respiração, perguntando-se qual das cidades ela vai salvar da obscuridade da *R+R* e, depois de ela se retirar para o seu gabinete e de a porta ser fechada, quem estiver mais perto da Lista corre até ela, lê a entrada riscada e vira-se para segredar o nome da cidade a todas as pessoas na secção editorial. Costuma haver uma comemoração silenciosa.

Quando Paris foi retirada da lista no outono do ano passado, alguém abriu uma garrafa de champanhe e o Garrett tirou uma boina vermelha de uma gaveta da sua secretária, onde, ao que parece, a tinha escondido para uma ocasião como aquela. Usou-a durante todo o dia, tirando-a da cabeça à pressa de cada vez que ouvíamos o estalido e o gemido da porta da Swapna. E também pensava que tinha escapado à atenção da chefe, até ao momento em que ela parou ao lado da sua secretária, de saída no fim do dia e disse:

– *Au revoir*, Garrett.

O rosto dele ficou tão vermelho como a boina, e, embora não me pareça que a intenção da Swapna fosse outra senão ter piada, o Garrett nunca mais voltou a recuperar totalmente a autoconfiança.

Ouvir Amesterdão ser declarado «tendência» faz com que as faces dele corem para lá de vermelho-boina, diretamente para roxo-beterraba.

Outra pessoa lança o nome Cozumel. E depois há um voto quanto a Las Vegas, que Swapna contempla por uns instantes.

– Las Vegas podia ser divertido. – Olha diretamente para mim. – Poppy, não achas que Las Vegas podia ser divertido?

– Decididamente, podia ser divertido – concordo.

– Santorini – diz o Garrett numa voz de ratinho de desenhos animados.

– Santorini é maravilhoso, claro – diz Swapna, e o Garrett dá um suspiro audível de alívio. – Mas queremos alguma coisa inspirada.

Olha novamente para mim. Com um olhar carregado de significados. Sei porquê. Quer que *eu* escreva o artigo principal. Porque foi para isso que vim para cá.

Sinto uma volta no estômago.

– Vou continuar a pensar e arranjo alguma coisa para te propor na segunda-feira – sugiro.

Acena com a cabeça a aceitar. O Garrett afunda-se na cadeira ao meu lado. Sei que ele e o namorado estão desesperados por uma viagem de graça a Santorini. Como qualquer jornalista de viagens estaria. Como, provavelmente, qualquer pessoa estaria.

Como eu, decididamente, devia estar.

Não desistas, sinto vontade de lhe dizer. *Se a Swapna quer inspiração, não a vai ter de mim.*

Não tenho disso há muito tempo.

*

– Acho que devias insistir em Santorini – diz a Rachel, girando o seu copo de *rosé* no tampo de mosaico da mesa de café. É um vinho perfeito para o verão e, por causa da sua plataforma nas redes sociais, conseguimos-lo de graça.

Rachel Krohn: *blogger* de estilo, entusiasta de buldogues franceses, nascida e criada numa zona privilegiada, o Upper West Side de Nova Iorque (mas, felizmente, não do tipo que faz de conta que é *adorável* que sejas do Ohio, ou até mesmo que o Ohio exista – alguém *ouviu* sequer falar dele?) e melhor amiga de nível profissional.

Apesar de ter eletrodomésticos topo de gama, a Rachel lava à mão a louça toda, porque é uma atividade que a acalma, e fá-lo de saltos de dez centímetros, porque acha que os sapatos rasos são para andar a cavalo e jardinar e apenas se não

tiveres encontrado botas com tacão adequadas.

A Rachel foi a primeira amiga que fiz quando me mudei para Nova Iorque. É uma «influenciadora» nas redes sociais (leia-se: é paga para usar marcas específicas de cosméticos em fotografias com ela sentada ao seu toucador lindo com tampo de mármore) e, embora eu nunca tivesse sido amiga de uma Colega da Internet, afinal tinha as suas vantagens (leia-se: nenhuma de nós tem de se sentir embaraçada quando uma pede à outra para esperar enquanto encena fotografias da sanduíche que vai comer). E, embora eu talvez esperasse não ter muito em comum com a Rachel, foi durante a nossa terceira saída juntas (no mesmo bar de vinhos em Dumbo onde estamos neste momento sentadas) que ela admitiu que tira todas as fotografias da semana às terças-feiras, mudando de roupa e de penteado entre paragens em parques e restaurantes diferentes, e que depois passa o resto da semana a escrever textos e a gerir redes sociais para alguns abrigos de cães.

Veio parar a esta ocupação por ser fotogénica e ter uma vida fotogénica e dois cães muito fotogénicos (embora com necessidade constante de cuidados médicos).

Ao passo que eu decidi consolidar um perfil destacado nas redes sociais na sequência de um longo período em que tentei transformar as viagens num emprego a tempo inteiro. Diferentes caminhos para o mesmo lugar. Quero dizer, ela continua a viver no Upper West Side e eu no Lower East Side, mas somos ambas anúncios ambulantes vivos.

Bebo um gole do vinho espumante e agito-o no copo enquanto reflito nas palavras dela. Nunca fui a Santorini e, algures na casa atravancada dos meus pais, numa caixa da *Tupperware* cheia de coisas que não têm absolutamente nada em comum, há uma lista de destinos de sonho que escrevi na faculdade, com Santorini perto do topo. Aquelas linhas brancas e definidas e grandes extensões de mar de um azul cintilante estavam tão longe da minha casa de dois andares no Ohio como eu podia imaginar.

– Não posso – digo-lhe por fim. – O Garrett entrava em combustão espontânea se ele propusesse Santorini e, depois de eu alinhar, a Swapna aprovasse a ideia e me atribuisse o trabalho a mim.

– Não entendo – diz a Rachel. – Como pode ser assim tão difícil escolher um destino de férias, Pop? Não é como se tivesses andado a poupar para elas. Escolhe

um lugar. Vai. Depois escolhe outro. É o que fazes.

– Não é assim tão simples.

– Pois, pois. – A Rachel acena com a mão. – Eu sei, a tua chefe quer um destino de férias «inspirado». Mas quando chegares a um lugar lindo, com o cartão de crédito da *R+R*, a inspiração vai aparecer. Não há literalmente ninguém à face da Terra mais bem equipado para ter umas férias mágicas do que uma jornalista de viagens com um livro de cheques de um gigante dos *media*. Se não és capaz de fazer uma viagem inspirada, então como diabo esperas que o resto do mundo a faça?

Encolho os ombros, partindo um pedacinho de queijo da tábua de queijos e enchidos.

– Talvez a ideia seja essa.

A Rachel arqueia uma sobrancelha escura.

– Qual é a ideia?

– Exatamente! – digo, e ela lança-me um olhar seco de reprovação.

– Não sejas fofinha e caprichosa – diz ela num tom monocórdico. Para a Rachel Krohn, *fofinha* e *caprichosa* é quase tão mau como *tendência* para a Swapna Bakshi-Highsmith. Apesar da estética suavemente vaga do cabelo, da maquilhagem, das roupas, do apartamento e das redes sociais da Rachel, ela é uma pessoa profundamente pragmática. Para ela, a vida sob os olhares do público é uma ocupação como outra qualquer, uma ocupação que mantém porque paga as contas (pelo menos no que diz respeito a queijo, vinho, maquilhagem, roupa e qualquer outra coisa que as empresas decidam enviar-lhe), *não* porque aprecie o tipo de semifama artificial que acompanha a atividade. No final de cada mês, faz uma publicação com as imagens piores e não editadas das suas sessões fotográficas, com a legenda: «ESTE É UM *FEED* DE IMAGENS ESCOLHIDAS PARA TE FAZER ANSIAR POR UMA VIDA QUE NÃO EXISTE. SOU PAGA POR ISTO.»

Sim, ela andou em Belas-Artes.

E, de alguma maneira, esta espécie de pseudoperformance artística não tem prejudicado em nada a sua popularidade. Sempre que estou na cidade no último dia

do mês, tento encontrar-me com ela para bebermos um vinho e poder observá-la a ver as suas notificações e a revirar os olhos à medida que os novos «gostos» e seguidores chegam em catadupa. De vez em quando, abafa um gritinho e diz:

– Ouve-me só isto! «A Rachel Krohn é tão corajosa e real. Quero que ela seja a minha mãe.» Estou a *dizer-lhes* que não me conhecem, e mesmo assim não entendem!

Não tem paciência para lentes cor-de-rosa e ainda menos para a melancolia.

– Não estou a ser fofinha – digo-lhe – e, decididamente, não estou a ser caprichosa.

O arco da sua sobrancelha acentua-se.

– Tens a certeza? Porque tens tendência para as duas coisas, menina.

Reviro os olhos.

– Só queres dizer que sou baixa e uso cores vivas.

– Não, tu és *minúscula* – corrige-me ela – e usas padrões berrantes. O teu estilo é tipo anos sessenta, filha de padeiro parisiense a atravessar a sua vilória de bicicleta ao nascer do dia, a gritar «*Bonjour, le monde*» enquanto distribui baguetes.

– Seja como for – digo, trazendo-nos de volta ao assunto –, o que quero dizer é: *qual é a ideia* de fazer estas férias ridiculamente caras e depois escrever sobre elas para as quarenta e duas pessoas no mundo que têm tempo e dinheiro para as recriar?

As suas sobrancelhas retomam uma linha reta enquanto ela pensa.

– Bem, em primeiro lugar, suponho que a maior parte das pessoas não usa os artigos da *R+R* como itinerário, Pop. Tu dás-lhes cem lugares para avaliarem, e elas escolhem três. E, em segundo lugar, as pessoas querem ver férias idílicas em revistas de viagens. Compram-nas para sonharem acordadas, não para planearem as férias. – Enquanto está a ser a Rachel Pragmática, a Rachel cínica das Belas-Artes começa a insinuar-se, dando um certo tom aguçado às suas palavras. A Rachel das Belas-Artes é como um velho a berrar ao céu, um padraço à mesa de jantar, a dizer: «Porque não desligam por uns momentos, miúdos?» enquanto estende uma taça para recolher os telemóveis de todos.

Adoro a Rachel das Belas-Artes e os seus Princípios, mas também me sinto subitamente desmoralizada com o seu súbito aparecimento nesta esplanada no passeio da rua. Porque, neste preciso momento, estão a borbulhar dentro de mim palavras que ainda não disse em voz alta. Pensamentos melindrosos, secretos que nunca se exibiram perante mim nas muitas horas que passei deitada no sofá ainda-como-novo do meu apartamento nada acolhedor e sem sinais de vida em que passo o tempo entre viagens.

– Qual é a ideia? – repito, frustrada. – Quero dizer, nunca te sentes assim? Tipo, trabalhei tanto, fiz tudo o que devia...

– Bem, não *tudo* – diz ela. – Desististe da faculdade, menina.

– ... para poder ter o meu emprego de sonho. E consegui-o mesmo. Trabalho numa das principais revistas de viagens! Tenho um bom apartamento! E posso apanhar táxis sem me preocupar demasiado com o que *devia* fazer com esse dinheiro, mas, apesar de tudo isso... – Respiro trémula, insegura das palavras que me preparo para forçar a que me saiam da boca ao mesmo tempo que o seu peso total me atinge como um saco de areia – ... não sou feliz.

O rosto da Rachel suaviza-se. Pousa a mão em cima da minha, mas mantém-se em silêncio, a deixar espaço para eu continuar a falar. Levo algum tempo a fazê-lo. Sinto-me uma parvalhona tão ingrata por ter sequer estes pensamentos, quanto mais admiti-los em voz alta.

– É tudo praticamente como o imaginei – digo por fim. – As festas, as ligações em aeroportos internacionais, os *cocktails* no jato e as praias e os barcos e os vinhedos. E tudo tem o aspeto que devia ter, mas dá uma sensação diferente da que eu imaginava. Francamente, penso que dá uma sensação diferente da que dava dantes. Eu costumava andar esfuziante durante semanas antes de uma viagem, sabes? E quando chegava ao aeroporto, sentia que... sentia-me como se o meu sangue estivesse a zunir. Como se o ar estivesse simplesmente a vibrar com possibilidades à minha volta. Não sei. Não sei bem o que é que mudou. Talvez tenha sido eu.

Ela afasta um caracol escuro para trás da orelha e encolhe os ombros.

– Tu *queria-lo*, Poppy. Não o tinhas, e queria-lo. Estavas faminta.

Instantaneamente, sei que tem razão. Viu para lá da torrente de palavras até ao centro das coisas.

– Não é ridículo? – gemo e rio ao mesmo tempo. – A minha vida acabou por ser como esperava que fosse, e agora simplesmente sinto falta de *querer* alguma coisa.

Tremendo com o peso daquilo. Sentindo o zunido do potencial. Fitando o teto do meu apartamento foleiro num quinto andar sem elevador pré-*R+R*, depois de um turno duplo a servir bebidas no Garden, e sonhando acordada com o futuro. Os lugares aonde iria, as pessoas que conheceria – quem me *tornaria*. O que resta para ambicionar quando tens o teu apartamento de sonho, a tua chefe de sonho e o teu trabalho de sonho (que neutraliza qualquer ansiedade por causa da renda obscenamente alta do teu apartamento de sonho, porque passas a maior parte do tempo a comer em restaurantes com estrelas Michelin às custas da empresa, de qualquer maneira?).

A Rachel esvazia o copo e põe um pedaço de *Brie* numa bolacha de água e sal, acenando com a cabeça como quem sabe do que falo.

– O tédio da geração *millennial*.

– Isso existe? – pergunto.

– Ainda não, mas se o repetires três vezes vai sair um artigo de opinião na *Slate* até ao fim do dia.

Atiro uma mancheia de sal por cima do ombro para afugentar esse mau agouro, e a Rachel funga enquanto deita vinho nos nossos copos.

– Julguei que o grande problema da geração *millennial* era que não conseguimos o que queremos. A casa, o trabalho, a liberdade financeira. Simplesmente andamos a estudar uma eternidade e depois ficamos a servir ao balcão de um bar até morrermos.

– Sim – diz ela –, mas tu desististe da faculdade e foste atrás do que querias. Portanto, aqui estamos nós.

– Eu não quero ter tédio da geração *millennial* – digo. – Faz-me sentir idiota, ao não estar simplesmente satisfeita com a minha vida incrível.

A Rachel volta a fungar.

– A satisfação é uma mentira inventada pelo capitalismo – diz a Rachel das Belas-Artes, mas talvez tenha alguma razão. Habitualmente, tem. – Pensa nisso. Todas aquelas imagens que publico? Estão a vender alguma coisa. Um estilo de vida. As pessoas olham para aquelas imagens e pensam: «Se eu tivesse aqueles sapatos da *Sonia Rykiel*, aquele apartamento deslumbrante com o soalho de carvalho francês em espinha, *então* seria feliz! Andaria nas nuvens, a regar as minhas plantas de interior e a acender o meu sortido inesgotável de velas da *Jo Malone*, e sentiria que a minha vida estava em perfeita harmonia. Finalmente adoraria a minha casa. *Apreciaria* os meus dias neste planeta.»

– Tu és um bom exemplo disso, Rach – digo. – Pareces bastante feliz.

– Podes ter a certeza de que sou – diz ela. – Mas não estou satisfeita, e sabes porquê? – Pega no telemóvel da mesa, abre uma imagem específica que tem em mente e mostra-ma. Uma fotografia dela reclinada no seu sofá de veludo, carregada de buldogues com cicatrizes a condizer, das suas operações vitais ao focinho Está com um pijama da série *SpongeBob Square Pants* e não tem nem sombra de maquilhagem.

– Porque todos os dias há fábricas clandestinas de cachorros a fazer criação de mais destes bichinhos! A emprenhar as mesmas pobres cadelas uma e outra vez, a produzir ninhada atrás de ninhada de cachorros com mutações genéticas que tornam a vida deles dura e dolorosa. Já para não mencionar todos os *pit bulls* enroscados em canis, a apodrecerem na prisão canina!

– Estás a dizer que eu devia arranjar um cão? – digo. – Porque toda esta coisa do jornalismo de viagens, tipo, exclui a possibilidade de ter um cão. – Para dizer a verdade, mesmo que não excluísse, não sei se seria capaz de ter um animal de estimação. *Adoro* cães, mas também cresci numa casa cheia deles. Os animais de estimação implicam pelos e latidos e caos. Para uma pessoa bastante caótica, é uma autêntica bola de neve. Se eu fosse a um abrigo de animais escolher um cão, não há garantia de que não voltasse para casa com seis adotados e um coioote selvagem.

– Só estou a dizer – responde a Rachel – que ter um objetivo é mais importante do que a satisfação. Tu tinhas uma data de alvos na carreira, que te davam uma sensação de objetivo. Um a um, atingiste-os. *Et voilà*: já não tens um objetivo.

– Então, preciso de novos alvos.

Acena com a cabeça enfaticamente.

– Li um artigo sobre isso. Ao que parece, atingir alvos de longa data conduz frequentemente à depressão. O que conta é a viagem, não o destino final, menina, e o que mais dizem aquelas pérolas de sabedoria estampadas em almofadas. – O rosto suaviza-se novamente, torna-se aquela coisa etérea das fotografias dela com mais «gostos» nas redes sociais. – Sabes, a minha psicóloga diz...

– A tua mãe – corrijo.

– Ela estava no seu papel de psicóloga quando disse isto – argumenta a Rachel, com o que sei que quer dizer que a Sandra Krohn estava decididamente a ser a doutora Sandra Krohn, da mesma maneira que a Rachel é por vezes decididamente a Rachel das Belas-Artes, não que a Rachel tenha estado de facto numa sessão de psicoterapia. Por muito que implore, a mãe recusa-se a tratá-la como paciente. A Rachel, contudo, recusa-se a ir consultar qualquer outro psicólogo, e portanto as duas mantêm-se num impasse.

– Seja como for – continua a Rachel –, ela disse-me que, por vezes, quando se perde a sensação de felicidade, é melhor procurá-la da mesma maneira como se procura qualquer outra coisa.

– Gemendo e atirando as almofadas do sofá para toda a parte? – sugiro.

– Voltando para trás pelo mesmo caminho – diz a Rachel. – Portanto, Poppy, a única coisa que tens de fazer é olhar para trás e perguntar a ti mesma quando foi a última vez que te sentiste verdadeiramente feliz.

O problema é que não tenho de olhar para trás. Não tenho mesmo.

Sei de imediato quando fui verdadeiramente feliz pela última vez.

Há dois anos, na Croácia, com o Alex Nilsen.

Mas não há maneira de regressar a esse momento, porque nunca mais voltámos a falar.

– Pensa só nisso, pensas? – diz a Rachel. – A doutora Krohn tem sempre razão.

– Sim – digo. – Vou pensar nisso.

Penso mesmo nisso.

Durante toda a viagem de metro até casa. Enquanto percorro os quatro quarteirões a seguir. Durante um duche quente, enquanto a máscara capilar e a máscara facial fazem o seu efeito e ao longo das várias horas em que fico deitada no meu sofá novo ainda duro.

Não passo tempo suficiente aqui para ter transformado o apartamento num lar, e, além disso, sou o produto de um pai forreta e de uma mãe sentimental, o que significa que cresci numa casa cheia a rebentar pelas costuras com tralha. A minha mãe guardava chávenas de chá partidas que eu e os meus irmãos lhe tínhamos dado em pequenos, e o meu pai estacionava automóveis velhos no pátio da frente para o caso de alguma vez vir a aprender a consertá-los. Continuo a não fazer ideia do que pode considerar-se uma quantidade *razoável* de bricabraque numa casa, mas sei como as pessoas costumam reagir à casa da minha infância e calculo que é preferível errar no sentido do minimalismo do que no da tralha.

Além de uma coleção incontrolável de roupas *vintage* (primeira regra da família Wright: nunca comprar nada novo se pode adquirir-se usado por uma fração do preço), não há muito mais no meu apartamento em que focar os olhos. Por isso, estou simplesmente a fitar o teto e a pensar.

E quanto mais penso nas viagens que eu e o Alex costumávamos fazer juntos, mais anseio por elas. Mas não da maneira divertida e enérgica, como um sonho acordada, com que costumava *ansiar* por ver Tóquio na época das cerejeiras em flor ou as festas Fasnacht da Suíça, com os seus desfiles de pessoas mascaradas e bobos da corte com chicotes na mão a dançarem pelas ruas da cor de rebuçados.

O que estou a sentir agora é mais uma espécie de dor, uma tristeza.

É pior do que o *blá-blá-blá* de não desejar nada intensamente da vida. É desejar uma coisa que não consigo sequer convencer-me de que é possível.

Não após dois anos de silêncio.

Bem, não de *silêncio*. Ele ainda me envia uma mensagem no dia dos meus

anos. Eu ainda lhe envio uma no aniversário dele. Ambos respondemos a agradecer ou a perguntar «Que tal vai isso?», mas essas palavras nunca parecem levar a mais nada.

Depois de tudo o que aconteceu entre nós, eu costumava dizer a mim mesma que simplesmente demoraria algum tempo até ele ultrapassar, que as coisas voltariam inevitavelmente ao normal e que seríamos de novo grandes amigos. Talvez até nos ríssemos daquele tempo em que tínhamos estado afastados.

Mas passaram dias, o telemóvel foi desligado e voltado a ligar para o caso de alguma mensagem se ter perdido, e, ao fim de um mês inteiro, até deixei de dar um salto de cada vez que soava o toque de mensagens.

As nossas vidas continuaram, sem cada um na vida do outro. O que era novo e estranho tornou-se familiar, aparentemente impossível de mudar, e agora aqui estou eu, numa noite de sexta-feira, a fitar o nada.

Levanto-me do sofá, pego no portátil da mesa de apoio e saio para a minha varanda minúscula. Sento-me na cadeira solitária que cabe aqui fora e pouso os pés no parapeito, ainda quente do sol, apesar do manto pesado da noite. Lá em baixo, a sineta toca por cima da porta da taverna à esquina, há pessoas a regressarem a casa de longas noites de folia e um par de táxis espera por clientes junto ao meu bar preferido na vizinhança, o Good Boy Barı (um estabelecimento que não deve o seu sucesso às bebidas, mas ao facto de permitir a entrada de cães; é assim que sobrevivo à minha existência sem animais de estimação).

Abro o portátil e enxoto uma traça do clarão fluorescente do ecrã enquanto abro o meu velho blogue. Do blogue em si, a *R+R* não quer saber para nada – quero dizer, avaliaram as minhas amostras de escrita através dele antes de me oferecerem o lugar, mas não querem saber se o mantenho ou não. É a influência nas redes sociais de que querem continuar a aproveitar-se, não dos leitores pouco numerosos mas dedicados que arranjei com as minhas publicações sobre viagens com orçamento reduzido.

A revista *Rest + Relaxation* não se especializa em viagens com orçamento reduzido. E, embora eu tivesse planeado manter o *Pop Around the World* além do meu trabalho para a revista, as minhas publicações pararam pouco depois da viagem à Croácia.

Volto à minha publicação sobre essa viagem e abro-a. Já estava a trabalhar na *R+R* nessa altura, o que significava que cada segundo luxuoso da viagem era pago por ela. Deveria ser a melhor que alguma vez tínhamos feito, e pequenas partes dela foram, de facto.

Porém, relendo a minha publicação – mesmo com cada indício do Alex e do que aconteceu apagado –, é óbvio como me sentia desanimada quando voltei para casa. Vou mais para trás, vasculhando todas as publicações sobre A Viagem de Verão. Era o que lhe chamávamos, quando trocávamos mensagens ao longo do ano, habitualmente muito antes de tomarmos a decisão final de aonde iríamos ou de como teríamos posses para o fazer.

A Viagem de Verão.

Tipo As aulas estão a dar cabo de mim – só queria que chegasse já A Viagem de Verão e Proposta para o nosso Uniforme da Viagem de Verão, com uma fotografia anexada de uma *T-shirt* com os dizeres YEP, THEY'RE REAL² no peito ou um par de jardineiras de calções tão curtos que basicamente eram umas cuecas fio dental de ganga.

Sopra uma brisa quente da rua trazendo o cheiro a lixo e a *pizza* a um dólar a fatia, despenteando-me o cabelo. Apanho-o num carrapito na nuca e depois fecho o portátil e pego no telemóvel, tão depressa que dir-se-ia que tinha de facto planeado usá-lo.

Não podes. É demasiado esquisito, penso.

Mas já estou a carregar no número do Alex, ainda ali no topo da minha lista de favoritos, onde o otimismo o manteve guardado até ter passado tanto tempo que a possibilidade de o apagar parece agora um último passo trágico que não suporto dar.

O meu polegar paira sobre o teclado.

Tenho andado a pensar em ti, escrevo. Fito as palavras durante um minuto e depois apago-as.

Por acaso andarás a pensar sair da cidade? escrevo. Parece-me bem. É claro o que estou a perguntar, mas bastante casual, com uma saída airosa para ele. Porém, quanto mais tempo olho para as palavras, mais estranha me sinto por ser

tão casual. Por fingir que não aconteceu nada e que nós os dois ainda somos amigos íntimos que podem planejar uma viagem de modo tão informal como por mensagem, depois da meia-noite.

Apago a mensagem, respiro fundo e escrevo outra vez: Ei.

– Ei? – resmungo, irritada comigo mesma. Lá em baixo, no passeio, um homem dá um salto de surpresa ao ouvir a minha voz e de seguida levanta os olhos para a minha varanda, decide que não estou a falar com ele e afasta-se a toda a pressa.

De maneira nenhuma vou enviar uma mensagem ao Alex Nilsen simplesmente com *Ei*.

Mas quando vou seleccionar e apagar a palavra, acontece uma coisa horrível.

Carrego acidentalmente em *enviar*.

A mensagem é enviada com um som arrepiante.

– Merda, merda, merda! – exclamo, abanando o telemóvel como se assim pudesse obrigá-lo a cuspir a mensagem antes de aquela palavrinha de nada começar a ser digerida. – Não, não, n...

Um toque.

Fico paralisada. De boca aberta. Com o coração acelerado. O estômago num nó até os meus intestinos darem a sensação de serem massa toda retorcida.

Uma mensagem nova, com o nome a negrito na parte de cima: ALEXANDER O MAIOR3.

Uma palavra.

Ei.

Fico tão atordoada que quase respondo apenas com um *Ei*, como se a minha primeira mensagem não tivesse acontecido, como se ele me tivesse acabado de enviar um *Ei* do nada. Mas é claro que não o fez – ele não é desse tipo. Eu é que sou desse tipo.

E, porque sou desse tipo, do tipo que envia as piores mensagens do mundo, tenho agora uma resposta que não me proporciona uma aberta natural para uma conversa.

O que hei de dizer?

Como estás? parece demasiado sério? Faz com que pareça que estou à espera de que ele diga: *Bem, Poppy, senti saudades tuas. Senti MUITAS saudades tuas.*

Talvez algo mais inócuo, tipo *O que me contas?*

Porém, mais uma vez, sinto que a coisa mais esquisita que poderia fazer neste momento seria ignorar que *é* esquisito estar a enviar-lhe uma mensagem depois deste tempo todo.

Desculpa ter-te enviado uma mensagem a dizer Ei, escrevo. Apago a frase e tento ter piada: Deves estar a perguntar-te porque te trouxe aqui.

Não tem piada, mas estou na beira da minha varanda minúscula, a tremer com expectativa nervosa e apavorada por demorar demasiado tempo a responder. Envio a mensagem e começo a andar de um lado para o outro. Só que, como a varanda é muito pequena e a cadeira ocupa metade do espaço, basicamente estou a rodopiar como um pião, com uma cauda de traças a perseguirem a luz ténue do telemóvel.

Ele volta a dar sinal, e eu atiro-me para cima da cadeira e abro a mensagem.

Isto é por causa das sanduíches que desapareceram da sala dos professores?

Dáí a um momento, chega uma segunda mensagem.

Porque não fui eu que peguei nelas. A não ser que haja uma câmara de videovigilância aí. Nesse caso, peço desculpa.

Abre-se um sorriso no meu rosto, uma inundação de calor derrete-me o nó ansioso no peito. Houve um breve período em que o Alex andava convencido de que ia ser despedido do seu lugar de professor. Depois de acordar tarde e não tomar o pequeno-almoço, tinha tido uma consulta médica à hora do almoço. Como não teve tempo para ir comer qualquer coisa a seguir, foi à sala dos professores na esperança de que fosse o dia de anos de alguém, de que houvesse uns *donuts* ou uns queques secos que pudesse comer.

Mas era a primeira segunda-feira do mês, e uma professora de História Americana chamada doutora Delallo, uma mulher que o Alex considerava secretamente a sua arqui-inimiga no local de trabalho, insistia em limpar o frigorífico e o espaço na bancada na última sexta-feira de cada mês – e depois em

fazer um grande alarde do seu gesto como se esperasse agradecimentos, embora com frequência os seus colegas perdessem um par de almoços congelados em perfeitas condições nesse processo.

Seja como for, a única coisa que restava no frigorífico era uma sanduíche de salada de atum. «O cartão de visita da Delallo», tinha dito o Alex na brincadeira quando me contou a história mais tarde.

Tinha comido a sanduíche num gesto de desafio (e de fome). Em seguida, passou três semanas convencido de que alguém ia descobrir e de que ia perder o emprego. Não era propriamente o seu sonho dar aulas de Literatura ao secundário, mas o salário era razoável, as condições boas e era na nossa cidade natal, no Ohio, o que – embora para mim decididamente um ponto negativo – significava que ele podia estar perto de dois dos seus três irmãos mais novos e dos filhos que eles tinham começado a produzir em série.

Além disso, o tipo de cargo universitário que o Alex queria *mesmo* simplesmente não aparecia com frequência nos dias de hoje. Ele não podia dar-se ao luxo de perder aquele emprego, e por sorte não o perdeu.

SandúichES? PLURAL? escrevo agora. Por favor, por favor, por favor, diz-me que te tornaste um ladrão consumado de sandes de carne e queijo.

A Delallo não é fã de sandes de carne e queijo, diz o Alex. Ultimamente, anda caidinha pelos pregos no pão com maionese.

E quantos desse pregos no pão é que tu já roubaste?, pergunto.

Partindo do princípio de que os serviços de segurança nacional estão a ler isto, nenhum, responde ele.

És professor do secundário no Ohio; é claro que estão a ler isto.

Ele envia um emoji de cara triste. Estás a querer dizer que não sou suficientemente importante para o governo dos Estados Unidos me vigiar?

Sei que está a brincar, mas o facto é que Alex Nilsen, apesar de ser alto, bastante entroncado, viciado em exercício físico diário e alimentação saudável e autocontrolo no geral, também tem uma cara de cachorrinho magoado. Ou, pelo menos, a capacidade de afivelar esse ar. Os seus olhos estão sempre um pouco sonolentos, as rugas por baixo deles dão indicação constante de que não adora

dormir como eu. Os seus lábios são cheios com um arco de cupido exagerado e ligeiramente torto, e tudo isso combinado com o cabelo liso e despenteado – a única parte da sua aparência a que não presta atenção – dá-lhe ao rosto um ar de rapazinho que, quando manejado devidamente, pode desencadear um impulso biológico em mim de o proteger a qualquer custo.

Ver aqueles olhos sonolentos ficarem grandes e marejados e os lábios cheios abrirem-se num O suave é como ouvir um cachorrinho ganir.

Quando outras pessoas me enviam o emoji do franzir de testa, interpreto-o como uma ligeira decepção.

Quando o Alex o usa, sei que é o equivalente digital a ele fazer Cara de Cachorrinho Triste para me provocar. Por vezes, quando já tínhamos bebido uns copos, sentados a uma mesa a tentar acabar um jogo de xadrez ou de Scrabble que eu estava a ganhar, ele fazia a tal cara até eu ficar histérica, entre o riso e as lágrimas, caindo da cadeira, tentando fazê-lo parar ou pelo menos tapar-lhe a cara.

É claro que és importante, escrevo. Se os serviços de segurança nacional estivessem a par dos poderes da Cara de Cachorrinho Triste, já estavas num laboratório a ser clonado neste momento.

O Alex escreve durante um minuto, interrompe, escreve outra vez. Eu espero mais uns segundos.

É tudo? A mensagem a que ele finalmente deixa de responder? Algum grande confronto? Ou, conhecendo-o, acho que é mais provável que seja um inofensivo «Gostei de conversar, mas vou para a cama. Dorme bem».

Tlim!

Uma gargalhada irrompe de mim, e a sua força é como um ovo a partir-se no meu peito, derramando um calor que me reveste os nervos.

É uma fotografia. Uma *selfie* esbatida e pouco eficaz do Alex, debaixo de um candeeiro de iluminação pública, a fazer a sua famosa cara. Como em todas as fotografias que ele alguma vez tirou, está focada ligeiramente de baixo, alongando-lhe a cabeça de tal maneira que ela acaba num ponto. Lanço a cabeça para trás com mais uma gargalhada, meio estonteada.

Seu filho da mãe!, escrevo. É uma da manhã e agora fizeste com que tenha

de ir ao canil municipal salvar algumas vidas.

Sim, está bem, diz ele. Tu nunca vais ter um cão.

Algo semelhante a uma dor me belisca o estômago. Embora seja o homem mais limpo, mais perfeccionista e mais organizado que conheço, o Alex adora animais, e tenho a certeza de que vê a minha incapacidade de me dispor a ter um como um defeito pessoal.

Levanto os olhos para a planta suculenta solitária e desidratada no canto da varanda. Abanando a cabeça, escrevo outra mensagem: Como está a Flannery O'Connor?

Morta, responde o Alex.

A gata, não a autora!, escrevo.

Também morta, responde ele.

O meu coração falha um batimento. Por muito que eu detestasse aquela gata (nem mais nem menos do que ela me detestava a mim), o Alex adorava-a. O facto de ele não me ter dito que ela tinha morrido trespassa-me num corte limpo, uma lâmina de guilhotina da cabeça aos pés.

Alex, lamento imenso, escrevo. Meu Deus, lamento. Sei como gostavas dela. Aquela gata teve uma vida incrível.

Ele limita-se a escrever: Obrigado.

Fito aquela palavra durante muito tempo, sem saber como prosseguir. Passam quatro minutos, depois cinco, depois são já dez.

Devia ir para a cama agora, diz ele finalmente. Dorme bem, Poppy.

Está bem, escrevo. Tu também.

Fico sentada na varanda até todo o calor se esvaír de mim.

1 *Good boy*, literalmente, «bom menino», é a expressão usada para elogiar um cão quando ele se porta bem. (N. da T.)

2 Sim, são reais. (N. da T.)

3 No original, «Alexander the Greatest», um trocadilho com «Alexander the Great», Alexandre, o Grande. (N. da T.)

Na primeira noite da sessão de apresentação na Universidade de Chicago, avisto-o. Está com calças de sarja e uma *T-shirt* com «U of Chicago» estampado, apesar de só estar nesta universidade há umas dez horas. Não parece nada o tipo de artista intelectual de que imaginei que me tornaria amiga quando escolhi uma faculdade nesta cidade. Mas estou aqui sozinha (a minha nova colega de quarto, afinal, seguiu a irmã mais velha e algumas amigas para a faculdade delas e escapou dos eventos da semana de apresentação assim que pôde) e ele também está sozinho, por isso vou ter com ele, inclino a minha bebida na direção da sua *T-shirt* e digo:

– Então, andas na Universidade de Chicago?

Ele fita-me com um olhar sem expressão.

Digo a gaguejar que era uma piada.

Ele gagueja qualquer coisa sobre ter sujado a camisa e uma mudança de indumentária de última hora. Fica corado, e eu também, de embaraço em segunda mão.

E depois olha-me de alto a baixo, a avaliar-me, e o seu rosto altera-se. Estou com um macacão estampado num tom elétrico de cor de laranja e cor-de-rosa, do início dos anos setenta, e ele reage a este facto como se eu estivesse também a empunhar um cartaz com os dizeres QUE SE LIXEM AS CALÇAS DE SARJA.

Pergunto-lhe de onde é, porque não sei bem o que mais perguntar a um estranho com quem não tenho um contexto comum além de algumas horas de visitas guiadas ao *campus* que me baralharam, de um par dos mesmos painéis de morrer de tédio sobre a vida na cidade e do facto de detestarmos a roupa um do outro.

– Sou do Ohio – responde –, de uma cidade chamada West Linfield.

– Não me digas! – digo, pasmada. – Eu sou de East Linfield.

E ele anima-se um bocado, como se aquilo fosse uma boa notícia, e não sei bem porquê, porque ter as Linfields em comum é tipo como ter tido a mesma

constipação: não a pior coisa do mundo, mas nada que justifique um «choca aí».

– Eu sou a Poppy – digo-lhe.

– Alex – diz ele, e aperta-me a mão.

Quando imaginas um novo melhor amigo, nunca lhe dás o nome Alex. Provavelmente, também não o imaginas vestido como uma espécie de bibliotecário adolescente, que quase não te olhe nos olhos ou que fale sempre um bocadinho entre dentes.

Decido que, se tivesse olhado para ele mais cinco minutos antes de atravessar o relvado cheio de luzes para lhe dirigir a palavra, teria sido capaz de adivinhar o nome dele e que era de West Linfield, porque esses dois factos condizem com as suas calças de sarja e a *T-shirt* com «U of Chicago».

Tenho a certeza de que quanto mais tempo falarmos, mais ele será um tédio de morte, mas estamos aqui, e estamos sozinhos, por isso porque não confirmar?

– Então, para que é que estás aqui? – pergunto.

Franze a testa.

– Para que estou aqui?

– Sim, tu sabes – digo –, tipo, eu estou aqui para conhecer um milionário do petróleo a necessitar de uma segunda mulher muito mais nova.

Aquele olhar inexpressivo mais uma vez.

– O que vais *estudar*? – clarifico.

– Oh – diz ele. – Não tenho a certeza. Direito, talvez. Ou Literatura. E tu?

– Ainda não tenho a certeza. – Levanto o meu copo de plástico. – Vim principalmente pelo ponche. E para não viver no Sul do Ohio.

Ao longo dos quinze penosos minutos seguintes, fico a saber que tem bolsa de estudos e ele fica a saber que contraí um empréstimo para estudar. Digo-lhe que sou a mais nova de três irmãos, a única rapariga. Ele diz-me que é o mais velho de quatro irmãos, todos rapazes. Pergunta se já vi o ginásio, ao que a minha reação genuína é «*Porquê?*» e ambos voltamos a mudar o peso do corpo de um pé para o outro, embaraçados e em silêncio.

Ele é alto e discreto e está ansioso por ver a biblioteca.

Eu sou baixa e espalha-brasas e tenho esperança de que passe alguém e nos convide para uma festa a sério.

Quando por fim nos despedimos, sinto-me bastante confiante de que nunca mais vamos voltar a falar um com o outro.

Ao que parece, ele sente o mesmo.

Em vez de *adeus* ou *vemo-nos por aí* ou *devíamos trocar números de telemóvel*, ele limita-se a dizer:

– Boa sorte no primeiro ano, Poppy.

— **P**ensaste nisso? — pergunta a Rachel. Está a pedalar com toda a força na bicicleta ao lado da minha, com gotas de suor a voarem dela, embora esteja tão pouco ofegante como se andássemos a dar uma volta na Sephora. Como de costume, encontrámos duas bicicletas na parte de trás da aula de *spinning*, onde podemos manter uma conversa sem nos ralharem por distrairmos os outros ciclistas.

— Pensei em quê? — pergunto, sem fôlego.

— No que te faz feliz. — Levanta-se do selim para pedalar mais depressa, seguindo a instrução da professora. Pela minha parte, estou basicamente tombada sobre o guiador, a forçar os meus pés a carregar nos pedais como se estivesse a pedalar por entre melaço. Detesto exercício físico; adoro a sensação de ter feito exercício físico.

— O silêncio — arquejo, com o coração a latejar. — Faz. Me. Feliz.

— E? — insiste ela.

— Aquelas barritas de framboesa e baunilha da *Trader Joe's* — consigo dizer.

— E?

— *Por vezes*, tu! — Estou a tentar parecer sarcástica. Os arquejos estragam o efeito.

— E descansar! — berra a professora pelo seu microfone; trinta e tal suspiros de alívio soam por toda a sala. As pessoas abatem-se todas moles sobre as respetivas bicicletas ou deslizam delas e tombam no chão, mas a Rachel desmonta como uma ginasta olímpica a terminar o seu treino de rotina. Passa-me a garrafa de água dela e sigo-a para o balneário e daí para a luz escaldante do meio-dia.

— Não to vou arrancar a ferros — diz ela. — Talvez seja algo privado, o que te faz feliz.

— É o Alex — sai-me sem querer.

Ela detém-se e agarra-me o braço, de maneira que fico presa, com os peões a contornarem-nos no passeio.

– O quê?

– Não dessa maneira – digo. – As nossas viagens de verão. Nada alguma vez superou isso.

Nada.

Mesmo que algum dia me case ou tenha um bebé, suponho que o Melhor Dia da Minha Vida continuará a competir com aquela vez em que eu e o Alex fizemos uma caminhada nos bosques de sequoias envoltas em nevoeiro. Quando estávamos a chegar ao parque natural, começou a chover torrencialmente e os trilhos ficaram vazios. Tínhamos a floresta só para nós, e enfiámos uma garrafa de vinho na mochila e partimos.

Quando tivemos a certeza de que estávamos sozinhos, desarmámos a garrafa e passámo-la de um para o outro, bebendo enquanto percorríamos a quietude da floresta.

«Quem me dera que pudéssemos dormir aqui», lembro-me de ele dizer. «Tipo, simplesmente deitarmo-nos e fazermos uma sesta.»

E então chegámos a um daqueles troncos grandes e ocos ao longo do trilho, do tipo que está rachado, formando uma gruta de madeira, com os seus dois lados como palmas das mãos gigantes em concha.

Enfiámo-nos lá dentro e enroscámo-nos na terra seca e com agulhas de pinheiro. Não dormimos uma sesta, mas descansámos. Tipo, em vez de absorvermos energia através do sono, recolhemo-la para dentro dos nossos corpos através de séculos de sol e de chuva que tinham cooperado para fazer crescer esta árvore gigantesca que estava a proteger-nos.

– Bem, obviamente tens de lhe telefonar – diz a Rachel, enlaçando-me com um braço e arrancando-me àquela recordação. – Nunca compreendi porque não te limitaste a confrontá-lo em relação a tudo. Parece uma tolice perder uma amizade assim tão importante por causa de uma discussão.

Abano a cabeça.

– Já troquei mensagens com ele. Não parece interessado em reavivar a nossa amizade e, *decididamente*, não quer acompanhar-me numas férias espontâneas. – Volto a pôr-me ao lado dela, puxando o saco do ginásio mais para cima no ombro

transpirado. – Talvez tu devesses vir comigo. Ia ser divertido, não ia? Já não vamos juntas a nenhum lado há meses.

– Sabes que fico ansiosa quando saio de Nova Iorque – diz a Rachel.

– E o que é que a tua psicóloga teria a dizer sobre isso? – pergunto, a provocá-la.

– Diria: «O que há em Paris que não haja em Manhattan, minha querida?»

– Hum... A torre Eiffel? – digo.

– Ela também fica ansiosa quando sai de Nova Iorque – diz a Rachel. – Nova Jérsia é até onde se estica o cordão umbilical para nós. Agora vamos lá beber um sumo. Aquela tábua de queijos basicamente formou uma rolha no meu rabo e está tudo a acumular-se atrás dela.

*

Às dez e meia da noite de domingo, estou sentada na cama com o edredão cor-de-rosa fofinho enrodilhado em cima dos pés e o portátil a queimar-me as coxas. Há meia dúzia de separadores abertos no ecrã e na minha aplicação de apontamentos comecei uma lista de destinos possíveis que ainda só vai em três.

1. Terra Nova

2. Áustria

3. Costa Rica

Estou a começar a compilar informações sobre as principais cidades e marcos naturais de cada uma quando o meu telemóvel zune na mesa de cabeceira. A Rachel tem estado o dia todo a enviar-me mensagens a jurar que nunca mais come lacticínios, mas, quando estendo a mão para o telemóvel, o alerta no cimo da mensagem diz ALEXANDER O MAIOR.

De repente, aquela sensação de estonteamento regressa, inchando tão rapidamente em mim que tenho a impressão de que o meu corpo poderia rebentar.

É uma imagem, e quando a abro dou com a minha fotografia do último ano do secundário, hilariante de tão má que é, completa com a citação que escolhi que imprimissem por baixo dela: *BYE*.

Ohhhhhhh nãããã, escrevo por entre gargalhadas, afastando o portátil para o

lado e atirando-me para trás na cama. Onde é que encontraste isto?

Na biblioteca de East Linfield, diz o Alex. Estava a preparar a minha sala de aulas e lembrei-me de que têm os livros de curso.

Puseste em xeque a minha confiança em ti, escrevo na brincadeira. Vou já mandar mensagem aos teus irmãos para me enviarem fotografias de ti em bebé.

Ele manda de imediato aquele mesmo retrato dele com ar de Cachorrinho Triste que enviou na sexta-feira, com o rosto esbatido e deslavado e o clarão cor de laranja esfumado de um candeeiro de iluminação pública visível por cima do ombro. Mazinha, escreve.

Essa fotografia é a que tens de reserva para ocasiões como esta?, pergunto.

Não, diz ele. Tirei-a na sexta-feira.

Estiveste fora até bastante tarde, pelos padrões de Linfield, digo. O que está aberto, além do Frisch's Big Boy àquela hora?

Afinal, parece que quando tens mais de 21 anos há bastante que fazer depois de anoitecer em Linfield, diz ele. Estive no Birdies.

O Birdies, o bar e *grill* foleiro com decoração temática alusiva ao golfe que fica em frente à minha antiga escola secundária.

No Birdies? digo. Ui, isso é onde os professores todos vão beber!

O Alex dispara mais uma fotografia de Cara de Cachorrinho Triste, mas pelo menos esta é nova: ele com uma *T-shirt* cinzenta, o cabelo espetado em todas as direções e uma cabeceira de cama simples de madeira visível por trás dele.

Também está sentado na cama. A trocar mensagens comigo. E durante o fim de semana, quando estava a preparar a sua sala de aulas, não só pensou em mim como se deu ao trabalho de ir procurar a minha fotografia ao livro de curso.

Estou a sorrir de orelha a orelha neste momento, e toda empolgada também. É surreal quanto isto dá a mesma sensação dos primeiros tempos da nossa amizade, quando cada nova mensagem parecia tão cintilante e divertida e perfeita, quando cada telefonema rápido se transformava acidentalmente numa hora e meia de conversa ininterrupta, mesmo quando nos tínhamos visto alguns dias antes. Lembro-me de como, durante uma dessas primeiras chamadas – antes ainda de eu

o considerar *o meu melhor amigo* – tive de lhe perguntar se podia ligar-lhe daí a um segundo para poder ir fazer chichi. Quando voltámos à chamada, conversámos durante mais uma hora, e depois ele perguntou-me a mesma coisa.

Nessa altura, pareceu uma tolice desligarmos só para evitar ouvir o chichi cair numa sanita, por isso eu disse-lhe que podia continuar ao telefone se quisesse. Ele *não* aceitou a minha proposta, nesse momento ou em qualquer outro mais tarde, embora, daí em diante, eu muitas vezes fizesse chichi a meio de um telefonema. Com a permissão dele, claro.

Agora estou a fazer aquela coisa humilhante de tocar na imagem do rosto dele como se, de alguma maneira, pudesse sentir a sua essência assim, como se isso o aproximasse mais de mim do que tem estado nestes dois anos. Ninguém me vê fazer aquilo, mas não deixo de me sentir embaraçada.

Estava a brincar!, respondo. Da próxima vez que eu for a casa, nós devíamos ir apanhar uma piela com a professora Lautzenheiser.

Envio a mensagem sem pensar, e, quase imediatamente, fico com a boca seca ao ver as palavras no ecrã.

Da próxima vez que eu for a casa.

Nós.

Fui demasiado longe? Ao sugerir que saíssemos juntos?

Se fui, ele não dá sinal disso. Limita-se a responder: A Lautzenheiser agora está sóbria. E também é budista.

Mas agora que não obtive uma resposta direta à sugestão, positiva ou negativa, sinto um desejo intenso de insistir. Então, suponho que em vez disso vamos ter de ir ficar iluminados com ela, escrevo.

O Alex escreve durante muito, muito tempo, e eu ponho-me a fazer figas, a tentar dissipar à força qualquer tensão.

Oh, meu Deus.

Pensei que estava bem, que tinha recuperado do rompimento da nossa amizade, mas quanto mais conversamos mais sinto saudades dele.

O telemóvel vibra na minha mão. Três palavras: Acho que sim.

Não se compromete com nada, mas já é alguma coisa.

E agora sinto-me na maior. Por causa das fotografias do livro de curso, por causa das *selfies*, por causa da ideia do Alex sentado na cama a trocar mensagens comigo de repente. Talvez seja insistir demasiado ou pedir demasiado, mas não consigo resistir.

Ao longo destes dois anos, tenho querido pedir ao Alex que dê mais uma oportunidade à nossa amizade, e tenho tido tanto medo da resposta que nunca cheguei a fazer a pergunta. Mas não perguntar também não nos reaproximou, e sinto falta dele e sinto falta de como éramos juntos e sinto falta d'A Viagem de Verão e, finalmente, sei que *há* uma coisa na minha vida que continuo realmente a querer e que só há uma maneira de descobrir se posso tê-la.

Há alguma hipótese de estares livre até as aulas começarem? escrevo, tremendo tanto que comecei a bater o dente. Estou a pensar fazer uma viagem.

Fito as palavras enquanto respiro profundamente três vezes e depois envio a mensagem.

Ocasionalmente, vejo o Alex Nilsen no *campus*, mas não voltamos a falar até um dia depois de terminar o primeiro ano.

Foi a minha colega de quarto, a Bonnie, quem combinou tudo. Quando me disse que tinha um amigo do Sul do Ohio à procura de alguém para partilhar as despesas da viagem de carro para casa, não me passou pela cabeça que podia ser aquele mesmo rapaz de Linfield que eu tinha conhecido na apresentação no princípio do ano.

Principalmente porque conseguira não aprender basicamente nada sobre a Bonnie nos últimos nove meses, em que ela só tinha passado pela residência para tomar banho e mudar de roupa antes de voltar para o apartamento da irmã. Francamente, nem tinha a certeza de como ela sabia que eu era do Ohio.

Tinha travado amizade com as outras raparigas do meu piso – comia com elas, via filmes com elas, ia a festas com elas –, mas a Bonnie existia fora do nosso esquadrão de caloiras amigas por necessidade. A ideia de que o seu amigo pudesse ser o Alex-de-Linfield nem me passou pela cabeça quando ela me disse o nome dele e me deu o número de telefone para coordenarmos o nosso encontro. Porém, quando desço as escadas e dou com ele à minha espera ao pé da carrinha à hora a que tínhamos combinado, é óbvio pela sua expressão de desconforto que ele estava a contar que fosse eu.

Traz a mesma *T-shirt* que vestia na noite em que o conheci, ou então comprou um número suficiente de duplicados para poder usá-las constantemente. Grito, do outro lado da rua:

– És tu.

Ele baixa a cabeça, cora.

– Sou. – Sem mais uma palavra, encaminha-se para mim e tira-me dos braços os cestos e um dos sacos de viagem, que pousa no assento de trás.

Os primeiros vinte e cinco minutos da nossa viagem são passados num silêncio constrangido. O pior de tudo é que nem sequer avançamos grande coisa

por entre o engarrafamento do trânsito da cidade.

– Tens um cabo auxiliar? – pergunto, remexendo na consola central.

Dardejia-me um olhar, com a boca a tomar a forma de um esgar.

– Porquê?

– Porque quero ver se consigo saltar à corda com o cinto de segurança posto – resmungo, voltando a empilhar as embalagens de toalhetes e de desinfetantes das mãos que desarrumei na minha busca. – Para que achas que é? Para podermos ouvir música.

O Alex levanta os ombros, como se fosse uma tartaruga a encolher-se na sua carapaça.

– Enquanto estamos presos no trânsito?

– Hum – digo. – Sim...

Encolhe ainda mais os ombros.

– Está a passar-se muita coisa neste momento.

– Estamos quase parados – observo.

– Eu sei. – Estremece. – Mas é difícil concentrar-me. E há as buzinas todas e...

– Já entendi. Nada de música. – Recosto-me no meu lugar e ponho-me mais uma vez a olhar lá para fora pela janela. O Alex pigarreja de uma maneira intencional, como quem quer dizer alguma coisa.

Viro-me para ele, na expectativa.

– Sim?

– Não te importas... de não fazer isso? – Aponta com o queixo na direção da janela do meu lado, e apercebo-me de que tenho estado a tamborilar no vidro. Ponho as mãos no regaço e depois dou comigo a bater com o pé.

– Não estou habituada ao silêncio! – digo, defensiva, quando ele olha para mim.

É o eufemismo do ano. Cresci numa casa com três cães grandes, um gato com os pulmões de um cantor de ópera, dois irmãos que tocavam trompete e pais que achavam o ruído de fundo do canal das compras «relaxante».

Tinha-me adaptado rapidamente ao silêncio do meu quarto da residência sem a Bonnie, mas isto – estar sentada em silêncio no trânsito com alguém que quase não conheço – dá-me a sensação de não ser normal.

– Não devíamos tentar conhecer-nos ou coisa do género? – pergunto.

– Só preciso de me concentrar na estrada – diz ele, e tem os cantos da boca tensos.

– Está bem.

O Alex suspira quando, mais adiante, aparece a origem do engarrafamento de trânsito: uma colisão sem gravidade. Os dois carros envolvidos já se afastaram para a berma, mas o trânsito continua engarrafado.

– É claro – diz ele –, são as pessoas a abrandarem para olhar. – Abre a consola central e procura até encontrar o cabo auxiliar. – Toma – diz. – Escolhe tu.

Levanto uma sobrancelha.

– Tens a certeza? Podes arrepender-te.

Ele franze a testa.

– Porque me arrependeria?

Lanço um olhar para o banco de trás da carrinha com imitação de madeira nas partes laterais. Ele tem as suas coisas muito bem empilhadas em caixotes com etiquetas e as minhas estão enfiadas em sacos da lavandaria à volta dos caixotes. O carro é uma antiguidade, mas está imaculado. Não sei como, cheira exatamente como ele, um aroma suave de cedro e almíscar.

– Tu pareces ser fã de... controlo – comento. – E não sei bem se tenho o tipo de música de que tu gostas. Não há Chopin nesta coisa.

Enruga ainda mais a testa. Torce a boca num esgar.

– Talvez eu não seja tão reprimido como pensas que sou.

– A sério? – digo. – Então não te importas se eu puser a tocar o «All I Want for Christmas Is You?», da Mariah Carey?

– Estamos em maio – diz ele.

– Vou considerar respondida a minha pergunta – digo.

– Isso é injusto – diz ele. – Que tipo de pessoa bárbara ouve música de Natal

em maio?

– E se estivéssemos a 10 de novembro – digo –, o que acharias?

O Alex comprime os lábios. Puxa o cabelo liso como uma tábua no alto da cabeça e uma corrente de eletricidade estática deixa-o a pairar mesmo depois de ele voltar a baixar a mão para o volante. Cumpre realmente aquela coisa de posicionar as mãos num ângulo agudo, já reparei, e, embora ande sempre curvado quando está de pé, tem mantido uma postura rígida desde que entrámos no carro, apesar da tensão nos ombros.

– Pronto, está bem – diz. – Não gosto de música de Natal. Não ponhas essa, e não deve haver problema.

Ligo o telemóvel à aparelhagem e seleciono «Young Americans», do David Bowie. Daí a segundos, ele faz um esgar bastante visível.

– O que foi? – pergunto.

– Nada – insiste ele.

– Acabaste de estremecer como se a marioneta que te controla tivesse adormecido.

Fita-me com os olhos semicerrados.

– O que é que *isso* quer dizer?

– Detestas esta canção – acuso.

– Não detesto nada – diz ele, pouco convincente.

– Detestas o David Bowie.

– De maneira nenhuma! – diz ele. – Não é o David Bowie.

– Então o que é? – exijo saber.

Expira com um som sibilante.

– É o saxofone.

– O saxofone – repito.

– Sim – diz ele. – Eu só... realmente detesto o som do saxofone. Qualquer canção com saxofone fica instantaneamente estragada.

– Alguém devia dizer isso ao Kenny G – digo.

– Diz-me o nome de uma canção que tenha ficado melhor com saxofone – desafia o Alex.

– Vou ter de consultar o bloco onde anoto todas as canções com saxofone.

– Nenhuma canção – diz ele.

– Aposto que és divertido nas festas – digo.

– Sou perfeitamente normal nas festas – diz ele.

– Só não em concertos da orquestra da escola – digo.

Lança-me um olhar de lado.

– És realmente uma defensora do saxofone?

– Não, mas estou disposta a fingir que sim, se ainda não acabaste de refilar.

Que outras coisas detestas?

– Mais nada – diz ele. – Só música de Natal e saxofone. E *covers*.

– *Covers*? – digo. – Tipo... capas de livros?

– *Covers* de canções – explica ele.

Desato a rir.

– Detestas *covers* de canções?

– Com veemência.

– Alex. Isso é como dizeres que detestas vegetais. É demasiado vago. Não faz sentido.

– Faz todo o sentido – insiste ele. – Se é uma boa *cover*, que respeita o arranjo básico da canção original, é tipo: *porquê*? E se não soar nada com o original, então é tipo: *porque diabo*?

– Oh, meu Deus! – exclamo. – És um verdadeiro velhote a berrar ao céu.

Franze a testa e olha para mim.

– Oh, e tu simplesmente gostas de tudo?

– Praticamente de tudo – digo. – Sim, tendo a gostar das coisas.

– Eu também gosto das coisas – diz ele.

– Como o quê, modelos de comboios e biografias do Abraham Lincoln? – digo, deitando-me a adivinhar.

– É certo que não tenho aversão nem a uns nem às outras – diz ele. – Porquê, detestas essas coisas?

– Já te disse – respondo. – Eu gosto das coisas. É muito fácil agradar-me.

– O que quer dizer...?

– O que quer dizer... – Penso por um segundo. – Então, quando era pequena, eu, o Parker e o Prince... os meus irmãos... íamos de bicicleta até ao cinema sem nos informarmos antes do que estava a passar.

– Tens um irmão chamado *Prince*? – pergunta o Alex, erguendo as sobrancelhas.

– Não é isso que está em questão – digo.

– É uma alcunha? – pergunta.

– Não – respondo. – Deram-lhe o nome do Prince. A minha mãe era uma enorme fã do *Purple Rain*.

– E de quem vem o nome do Parker?

– De ninguém – respondo. – Eles simplesmente gostavam do nome. Mas, mais uma vez, não é isso que está em questão.

– Os vossos nomes começam todos por pê – diz ele. – Como se chamam os teus pais?

– Wanda e Jimmy – digo.

– Então, não são nomes começados por pê – clarifica o Alex.

– Não, não são nomes começados por pê – digo. – Eles simplesmente tiveram o Prince e a seguir o Parker, e suponho que se deixaram levar. Mas, mais uma vez, não é isso que está em causa.

– Desculpa, continua – diz o Alex.

– Então, íamos de bicicleta até ao cinema e cada um comprava um bilhete para o filme que começasse na meia hora seguinte, e íamos ver filmes diferentes.

Agora a sua testa enrugase-se.

– Porque...?

– Isso também não é o que está em causa.

– Bem, eu não vou simplesmente *não* perguntar porque é que ias sozinha ver um filme que nem sequer querias ver.

Suspiro.

– Era um jogo.

– Um jogo?

– Era tipo «Tubarão Ataca» – explico à pressa. – Basicamente, era «Duas Verdades e uma Mentira», só que nós descrevíamos à vez o filme que tínhamos visto, do princípio ao fim, e se o filme fosse de mal a pior a dado momento, se desse uma reviravolta totalmente ridícula, devíamos contar como tinha acontecido. Mas se não, devíamos mentir sobre o que tinha acontecido. E depois os outros tinham de adivinhar se pertencia realmente ao enredo ou se tinha sido inventado, e se adivinhasses que o outro estava a mentir ganhavas cinco dólares. – Aquilo era mais uma coisa dos meus irmãos; mas lá me deixavam atrelar-me a eles.

O Alex fita-me por um segundo. Sinto calor na cara. Não sei bem porque lhe contei aquilo do «Tubarão Ataca». É o tipo de tradição da família Wright que não costumo dar-me ao trabalho de partilhar com as pessoas que não vão compreender, mas suponho que tenho tão pouco que ver com este jogo que a ideia de o Alex Nilsen me fitar com uma expressão intrigada ou de se pôr a gozar com o jogo favorito dos meus irmãos não me incomoda por aí além.

– Seja como for – continuo –, a questão não é essa. A questão é que eu era realmente má neste jogo, porque, basicamente, gosto de tudo. Vou aonde um filme quiser levar-me, mesmo que seja ver um espião vestido a rigor equilibrar-se entre duas lanchas enquanto dispara sobre os tipos maus.

O olhar do Alex saltita entre mim e a estrada mais algumas vezes.

– O Cineplex de Linfield? – diz, com choque ou com repulsa.

– Uau – digo eu –, tu realmente não estás a acompanhar esta história. Sim, o Cineplex de Linfield.

– Aquele onde as salas de cinema andam sempre, tipo, a ser misteriosamente inundadas? – diz ele, horrorizado. – Na última vez que fui lá, ainda não tinha chegado a meio da coxia e já estava a ouvir chapinhar.

– Sim, mas é *barato* – disse eu –, e tenho galoças.

– Nem sequer sabemos que líquido é aquele, Poppy – diz ele, fazendo um esgar. – Podias ter apanhado uma doença.

Abro os braços.

– Estou viva, não estou?

Semicerra os olhos.

– E do que mais?

– Do que mais...?

– ... gostas? – clarifica. – Além de ver *qualquer* filme, sozinha, no cinema pantanoso.

– Não acreditas em mim? – digo.

– Não é isso – responde ele. – Só estou fascinado. Com curiosidade científica.

– Está bem. Deixa-me pensar. – Olho pela janela no momento em que estamos a passar por uma saída com um P.F. Chang. – Cadeias de restaurantes. Adoro a familiaridade deles. Adoro que sejam o mesmo em toda a parte e que muitos deles tenham grissinos à discrição... ooh! – Interrompo-me quando me apercebo da coisa que detesto. – Correr! *Detesto* correr. Tive má nota a Educação Física no secundário porque estava sempre a «esquecer-me» do equipamento de ginástica em casa.

O canto da boca do Alex curva-se discretamente e eu sinto calor nas faces.

– Anda lá. Goza-me por eu ter tido má nota a Educação Física. Posso ver que estás mortinho por fazer isso.

– Não é isso – diz ele.

– Então o que é?

O seu sorriso ténue acentua-se.

– É cómico. Eu adoro correr.

– A sério? – grito. – Detestas o próprio conceito de *covers*, mas *adoras* a sensação dos teus pés a malharem o chão e a chocalharem-te o esqueleto todo enquanto o coração te martela no peito e os pulmões lutam por ar?

– Se te serve de consolo – diz ele em voz baixa, com o sorriso ainda quase completamente escondido no canto da boca –, detesto quando as pessoas dão

características de seres animados a seres inanimados.

Uma gargalhada de surpresa irrompe de mim.

– Sabes que mais? – digo. – Acho que também detesto isso.

– Então está decidido – diz ele.

Aceno com a cabeça.

– Está decidido. A atribuição de características de seres animados a seres inanimados é por este meio interdita.

– Ainda bem que arrumámos esse assunto – diz ele.

– Sim, é um peso que nos sai de cima. O que devíamos erradicar a seguir?

– Tenho algumas ideias – responde ele. – Mas diz-me mais algumas coisas de que gostes.

– Porquê, estás a estudar-me? – digo na brincadeira.

As orelhas dele tingem-se de cor-de-rosa.

– Estou fascinado por ter conhecido alguém que é capaz de avançar por entre um caudal de esgotos para ver um filme de que nunca ouviu falar, é só isso.

Ao longo das duas horas seguintes, contamos à vez os nossos interesses e desinteresses como miúdos a trocarem cromos de futebol, enquanto a minha *playlist* para viagens de carro passa em modo aleatório em pano de fundo. Se há mais alguma canção com o som do saxofone, nenhum de nós repara.

Digo-lhe que adoro ver vídeos de amizades incongruentes entre animais.

Ele diz-me que detesta ver havaianas e demonstrações públicas de afeto.

– Os pés deviam ser um assunto privado – insiste.

– Tu precisas de ajuda – digo-lhe, mas não consigo parar de rir, e, mesmo enquanto ele revela os seus gostos estranhamente específicos para me divertir, aquela sombra de humor continua escondida no canto da sua boca.

Como se ele soubesse que é ridículo.

Como se não se importasse nada que eu me sinta encantada com o facto de ele ser esquisito.

Admito que detesto Linfield e sarja, porque não? Ambos conhecemos já a

medida das coisas: somos duas pessoas que não deviam estar a passar tempo juntos, quanto mais a passar um período alargado encafuados num carro minúsculo. Somos duas pessoas fundamentalmente incompatíveis sem necessidade absolutamente *nenhuma* de causar boa impressão uma à outra.

Portanto, não tenho problema em dizer:

– As calças de sarja fazem uma pessoa parecer ao mesmo tempo que está sem calças *e* que não tem personalidade.

– São duráveis e combinam com tudo – argumenta o Alex.

– Sabes, por vezes, no caso da roupa, a questão não é se uma coisa *pode* ser usada, mas se *deve* ser usada.

O Alex afasta a ideia com um gesto.

– E quanto a Linfield – diz –, qual é o teu problema com a cidade? É um ótimo lugar para uma pessoa crescer.

Aquela é uma pergunta mais complicada, com uma resposta que não me apetece partilhar, mesmo com alguém que me vai deixar à porta de casa daqui a umas horas e nunca mais vai pensar em mim.

– Linfield é a sarja das cidades do Midwest – digo.

– Confortável – diz ele. – Durável.

– Nua da cintura para baixo.

O Alex diz-me que detesta festas temáticas. Braceletes de couro a imitar algemas e sapatos com biqueira quadrada. Quando apareces nalgum sítio e um amigo ou um tio diz a piada: «Deixam entrar qualquer pessoa aqui!» Quando os empregados lhe chamam *meu* ou *patrão* ou *chefe*. Homens com um andar que parece que acabaram de desmontar de um cavalo. Camisolas cavadas, em qualquer pessoa, em qualquer situação. O momento em que um grupo de pessoas está a tirar fotografias e alguém diz: «E se tirássemos uma cómica?»

– Adoro festas temáticas – digo-lhe.

– É claro que adoras – diz ele. – És boa nisso.

Fito-o com os olhos semicerrados, ponho os pés no tabliê e depois volto a tirá-los quando vejo as rugas de ansiedade nos cantos da boca dele.

– Andas a perseguir-me, Alex? – pergunto.

Dispara-me um olhar horrorizado.

– Porque dirias uma coisa dessas?

A sua expressão faz-me rir novamente.

– Descontraí, estou a brincar. Mas como é que sabes que sou «boa» em festas temáticas? Eu só te vi *numa* festa, e *não* era temática.

– Não tem que ver com isso – diz ele. – Tu simplesmente... andas sempre, tipo, mascarada. – Apressa-se a acrescentar: – Não o quero dizer de uma maneira negativa. Andas sempre vestida de uma maneira bastante...

– Espantosa? – sugiro.

– Confiante – diz ele.

– Que elogio surpreendentemente carregado de sentidos – digo.

Suspira.

– Estás a interpretar-me mal de propósito?

– Não – digo. – Penso que isso nos acontece naturalmente.

– Só quero dizer que, para ti, parece que uma festa temática poderia igualmente ser uma vulgar terça-feira. Mas para mim significa que fico em frente ao armário durante, tipo, umas duas horas, a tentar calcular como parecer uma celebridade morta com uma das minhas dez camisas idênticas e uma das minhas cinco calças idênticas.

– Podias tentar... não comprar a tua roupa por atacado – sugiro. – Ou podes simplesmente usar as tuas calças de sarja e dizer a toda a gente que estás disfarçado de exibicionista.

Faz uma careta de repulsa, mas ignora o meu comentário.

– Detesto a necessidade de tomar uma decisão – diz ele, afastando com um gesto a minha sugestão. – E se tento ir *comprar* uma indumentária, ainda é pior. Sinto-me tão assoberbado em centros comerciais. Há simplesmente demasiado. Nem sequer sei como escolher uma loja, quanto mais um determinado expositor. Tenho de comprar todas as minhas roupas pela Internet, e, quando encontro alguma coisa de que gosto, mando vir mais cinco imediatamente.

– Bem, se alguma vez fores convidado para uma festa temática onde tenhas a certeza de que não vai haver havaianas, demonstrações públicas de afeto ou saxofones, e por conseguinte possas ir – digo –, terei todo o prazer em ir contigo às compras.

– Estás a falar a sério? – Os seus olhos desviam-se da estrada para mim. Começou a escurecer lá fora a dado momento sem que eu reparasse, e a voz melancólica da Joni Mitchell está a arrulhar pelas colunas, a sua canção «A Case of You».

– É claro que falo a sério – digo. Podemos não ter nada em comum, mas começo a divertir-me. Durante todo o ano, senti que tinha de me portar o melhor possível, como se estivesse num *casting* para novas amizades, novas identidades, uma nova vida.

Estranhamente, porém, não sinto nada disso aqui. Além de que... adoro ir às compras.

– Seria ótimo – continuo. – Tu ias ser como o meu boneco Ken vivo. – Inclino-me para a frente e aumento um pouco o volume. – E falando de coisas que adoro: esta canção.

– É uma das minhas canções do *karaoke* – diz o Alex.

Desato às gargalhadas, mas pela sua expressão magoada deduzo rapidamente que não está a brincar, o que torna a coisa ainda melhor.

– Não me estou a rir *de* ti – apresso-me a garantir-lhe. – Na verdade, acho que é adorável.

– Adorável? – Não consigo saber se está baralhado ou ofendido.

– Não, só queria dizer... – Paro, baixo um pouco o vidro para deixar entrar uma brisa no carro. Levanto o cabelo do pescoço transpirado e entalo-o entre a cabeça e o apoio de cabeça. – Tu simplesmente és... – Procuro uma maneira de explicar. – Não és quem eu pensava, acho eu.

Franze a testa.

– Quem é que pensavas que eu era?

– Não sei – digo. – Um tipo qualquer de Linfield.

– Eu sou um tipo qualquer de Linfield – diz ele.

– Um tipo qualquer de Linfield que canta «A Case of You» no *karaoke* – corrijo-o, e depois tenho um novo acesso de riso, encantada com aquela ideia.

Ao volante, o Alex sorri, abanando a cabeça.

– E tu és uma rapariga qualquer de Linfield que canta... – Pensa por um segundo. – «Dancing Queen» no *karaoke*?

– Só o tempo dirá – digo. – Nunca fui ao *karaoke*.

– A sério? – Olha para mim com uma expressão de surpresa clara e sem filtro no rosto.

– A maior parte dos bares de *karaoke* não é para maiores de vinte e um? – pergunto.

– Nem todos os bares pedem a identificação – diz ele. – Devíamos ir. Neste verão.

– *OK* – digo, tão surpreendida com o convite como com o facto de o aceitar. – Seria divertido.

– *OK* – diz ele. – Fixe.

Por isso, agora temos dois planos.

Suponho que isso faz de nós amigos. Mais ou menos?

Um carro aproxima-se de nós a toda a velocidade, e cola-se à traseira do nosso. O Alex, aparentemente nada preocupado, dá sinal de que vai sair-lhe da frente. De cada vez que olhei para o velocímetro, verifiquei que ele se tem mantido precisamente no limite de velocidade, e isso não está prestes a alterar-se por causa de um mísero apressado.

Devia ter adivinhado que ele seria um condutor muito cuidadoso. Por outro lado, por vezes quando te pões a adivinhar como as pessoas serão, acabas por te enganar redondamente.

Quando os restos pegajosos e manchados de luz de Chicago se encolhem atrás de nós e os campos sequiosos do Indiana aparecem dos dois lados da estrada, a minha *playlist* de viagens de carro começa a andar sem sentido entre a Beyoncé, o Neil Young, a Sheryl Crowe e os LCD Soundsystem.

– Tu gostas realmente de tudo – diz o Alex, a provocar-me.

– Exceto de correr, de Linfield e de sarja – digo.

Ele mantém fechada a janela do seu lado, eu mantenho a minha aberta, com o cabelo num ciclone à volta da minha cabeça enquanto voamos sobre estradas rurais planas, com o vento tão alto que quase não consigo ouvir a prestação desafinada do Alex de «Alone», das Heart, até ele chegar ao coro altíssimo, que cantamos juntos a plenos pulmões em horrendos falsetes a condizer, a esbracejar, de rostos contorcidos e com as colunas de som da carrinha velha a zunirem.

Naquele momento, ele está a ser tão dramático, tão ardente, tão absurdo que é como se eu estivesse a olhar para uma pessoa completamente diferente do rapaz de modos discretos que conheci por baixo dos balões de luzes durante a semana de apresentação.

Talvez, penso, o Alex Discreto seja como um casaco que ele veste antes de sair porta fora.

Talvez este seja o Alex Nu.

OK, vou pensar num nome melhor. A questão é que estou a começar a gostar deste.

– E viajar? – pergunto no intervalo entre canções.

– O que tem? – diz ele.

– Adoras ou detestas?

A sua boca comprime-se numa linha direita enquanto ele reflete.

– É difícil dizer – responde. – Nunca fui realmente a lado nenhum. Leio sobre muitos lugares, só ainda não vi nenhum deles.

– Eu também não – declaro. – Ainda não.

Ele pensa por mais um momento.

– Adoro – diz. – Suponho que adoro.

– Sim – digo. – Eu também.

4 A palavra inglesa tem os dois sentidos, de capa de livro e de versão de canção.
(N. da T.)

Marcho para dentro do gabinete da Swapna na manhã seguinte, sentindo-me cheia de energia, apesar do serão que fiz ontem a trocar mensagens com o Alex. Pousei a bebida dela, um *americano* gelado, em cima da sua secretária e ela levanta os olhos, sobressaltada, das provas paginadas do próximo número de outono.

– Palm Springs – digo.

Por um segundo, a surpresa mantém-se fixa no seu rosto, mas de seguida os cantos dos lábios muito bem recortados curvam-se num sorriso. Recosta-se na cadeira, cruzando os braços perfeitamente tonificados sobre o vestido preto de bom corte, e a luz do teto incide no seu anel de noivado fazendo o enorme rubi ao centro piscar de uma maneira fantástica.

– Palm Springs – repete. – É sempre verde. – Pensa durante um segundo e depois acena com a mão. – Quero dizer, é o deserto, claro, mas no que diz respeito à *R+R*, quase não há nenhum outro lugar mais repousante ou relaxante nos Estados Unidos continentais.

– Exatamente – digo, como se fosse o que eu tinha pensado à partida. Na realidade, a minha escolha não tem nada que ver com o que poderia agradar à *R+R*, tem tudo que ver com o David Nilsen, o irmão mais novo do Alex e homem decidido a casar com o amor da sua vida daqui a uma semana.

Em Palm Springs, na Califórnia.

Foi um contratempo com que eu não tinha contado – que o Alex já *tivesse* uma viagem marcada para a próxima semana: para o lugar onde o irmão se vai casar. Fiquei desolada quando ele me contou, mas disse que compreendia, pedi-lhe que desse os parabéns por mim ao David e pousei o telemóvel, contando que a conversa acabasse por ali.

Mas não tinha acabado, e depois de mais duas horas de troca de mensagens, inspirei fundo e apresentei-lhe a ideia de ele prolongar a sua viagem de três dias para passar alguns dias adicionais comigo numas férias subsidiadas pela *R+R*. Ele não só concordou, como também me convidou para ficar para o casamento a seguir.

Estava tudo a compor-se.

– Palm Springs – diz a Swapna outra vez, com um brilho nos olhos enquanto se concentra e sopesa a ideia. De repente, sai do seu devaneio e estende a mão para o teclado. Põe-se a escrever durante um minuto e de seguida coça o queixo enquanto lê alguma coisa no ecrã. – É claro, teríamos de esperar para usar isso no número de inverno. A época baixa do verão.

– Mas é por isso que é perfeito – digo, a ver se cola e um pouco em pânico. – Há todo o tipo de coisas em Palm Springs no verão, e é menos movimentado e mais barato. Isto podia ser uma boa maneira de voltar, de certa maneira, às minhas raízes... como fazer esta viagem com um orçamento reduzido, sabes?

A Swapna comprime os lábios, pensativa.

– Mas a nossa ideia é fazer as pessoas aspirarem a mais.

– E Palm Springs é uma aspiração de primeira – digo. – Vamos dar aos nossos leitores a visão e depois mostrar-lhes como a concretizar.

Os olhos escuros da Swapna iluminam-se enquanto considera a ideia e o nó no meu estômago desfaz-se com a esperança.

Depois, ela pestaneja e vira-se para o ecrã do computador.

– Não.

– O quê? – digo, nem sequer de propósito, só porque o meu cérebro não consegue processar a ideia de que isto esteja a acontecer. De maneira nenhuma vai ser isto, o meu trabalho, que faz descarrilar tudo.

A Swapna solta um suspiro a pedir desculpa e debruça-se sobre o tampo brilhante de vidro da sua secretária.

– Olha, Poppy, reconheço o trabalho que tiveste a pensar nisto, mas simplesmente não é $R+R$. Vai resultar numa confusão da marca.

– Confusão da marca – digo, ao que parece ainda demasiado atordoada para me ocorrerem palavras próprias.

– Pensei nisto durante todo o fim de semana, e vou enviar-te a Santorini. – Volta a olhar para as provas da paginação em cima da sua secretária e o rosto muda de Swapna Empática mas Gestora Profissional para Swapna Génio das Revistas a

Concentrar-se. Já seguiu em frente, e o sinal é tão forte que dou comigo a levantar-me, embora interiormente o meu cérebro ainda esteja preso num refrão de *mas, mas, mas!*

Mas esta é a nossa oportunidade de consertar as coisas.

Mas não podes desistir assim tão facilmente.

Mas isto é o que tu queres. Não a deslumbrante Santorini com as suas casas caiadas e o seu mar cintilante.

O Alex no deserto, no pico do verão. A entrar em lugares antes de os pesquisar no Tripadvisor, dias sem agenda e noites até muito tarde e horas inteiras de sol perdidas no interior de uma livraria poeirenta em que ele não podia deixar de entrar ou numa loja de artigos *vintage* cuja tralha e cujos germes o fazem ficar, rígido mas paciente, perto da porta enquanto eu experimento chapéus de pessoas que já morreram. É o que eu quero.

Fico parada à porta do gabinete, com o coração acelerado, até a Swapna levantar os olhos das provas, com uma sobranceira arqueada em jeito de interrogação, como quem diz: *Sim, Poppy?*

– Dá Santorini ao Garrett – digo.

A Swapna olha para mim e pestaneja, evidentemente perplexa.

– Acho que preciso de algum tempo de folga – sai-me, e depois esclareço: – Umas férias... a sério.

A Swapna fecha os lábios bem fechados. Está baralhada, mas não me vai pressionar para obter mais informação, o que é bom, porque eu não saberia como explicar, de qualquer maneira.

Acena lentamente com a cabeça.

– Manda-me as datas, então.

Viro-me e regresso à minha secretária, sentindo-me mais calma do que me sentia há meses. Até me sentar e a realidade me invadir à força.

Tenho algumas poupanças, mas fazer uma viagem que seja económica pelos padrões da *R+R* – e às custas da revista – é uma coisa muito diferente de fazer uma viagem que *eu* possa custear com o meu próprio dinheiro. E como professor de Inglês de uma escola secundária com um doutoramento e toda a dívida associada a

tal, de maneira nenhuma o Alex teria posses para dividir as despesas comigo. Duvido que aceitasse fazer a viagem, se soubesse que seria eu a subsidiá-la.

Mas talvez isto seja uma coisa boa. Divertimo-nos sempre tanto naquelas viagens que conseguíamos fazer por uma ninharia. As coisas só começaram a ir por água abaixo quando a R+R passou a estar envolvida nas nossas viagens de verão. Eu consigo fazer isto: consigo planear a viagem perfeita, como costumava; recordar ao Alex como as coisas podem ser boas. Quanto mais penso nisso, mais sentido faz. Sinto-me de facto empolgada pela ideia de fazermos uma das nossas viagens dos velhos tempos, uma autêntica pechincha. As coisas eram tão mais simples nessa época, e divertíamo-nos sempre imenso.

Pego no telemóvel e demoro o tempo necessário até redigir a mensagem perfeita.

Ideia divertida: Vamos fazer esta viagem como costumávamos. Barata como tudo, sem fotógrafos profissionais a seguirem-nos, sem restaurantes com cinco estrelas, só vemos Palm Springs como o professor e a jornalista digital pobretanas que somos.

Daí a uns segundos, ele responde: A R+R não se importa? Sem fotógrafo?

Inconscientemente, começo a abanar a cabeça de um lado para o outro, como se o minúsculo anjo e o minúsculo diabo empoleirados no meu ombro estivessem à vez a puxá-la da esquerda para a direita. Não quero mentir-lhe descaradamente.

Mas a revista *não* se importa. Vou tirar uma semana de folga, por isso estou livre.

Não, digo. Está tudo combinado, se achares bem.

Claro, escreve ele. Acho ótimo.

Parece mesmo ótimo. Vai ser ótimo. Posso fazer com que seja ótimo.

Mal o avião aterra, os quatro bebés que passaram as seis horas do voo a chorar param ao mesmo tempo.

Tiro o telemóvel da mala de mão e desligo o modo de avião, esperando pela inundação de mensagens da Rachel, do Garrett, da minha mãe, do meu pai, do David Nilsen e – por último, mas não menos importante – do Alex.

A Rachel pede, de três maneiras diferentes, para que eu lhe diga logo que aterre que o meu avião não se despenhou nem foi sugado para o Triângulo das Bermudas, e diz que tem estado simultaneamente a rezar e a enviar pensamentos positivos para que eu tenha uma aterragem segura.

Sã e salva e já com saudades tuas, digo-lhe, e depois abro a mensagem do Garrett.

MUITO OBRIGADO por não aceitares Santorini, escreve, e numa mensagem à parte: Também... Decisão bastante esquisita, na minha honesta opinião. Espero que estejas bem...

Estou ótima, digo-lhe. Tinha um casamento à última hora e Santorini foi ideia tua. Mandas-me muitas fotografias para eu poder arrepender-me das escolhas que faço na vida?

De seguida, abro a mensagem do David: TÃO contente que venhas com o Al! O Tham está encantado por te conhecer e é claro que estás convidada para TUDO.

De todos os irmãos do Alex, o David sempre foi o meu favorito. Mas custa a crer que já tenha idade para se casar.

Por outro lado, quando eu disse isso ao Alex, ele respondeu: Tem 24. Não consigo imaginar-me a tomar uma decisão como essa na idade dele, mas todos os meus irmãos se casaram novos, e o Tham é o máximo. Até o meu pai alinhou. Tem um autocolante no carro a dizer «ORGULHO-ME DE SER UM SEGUIDOR DE CRISTO E ADORO O MEU FILHO GAY».

Soltei uma gargalhada para o café que estava a tomar quando li aquilo. Era tão supremamente típico do Mr. Nilsen, e também confirmava a piada que eu e o

Alex dizíamos sobre o David ser o favorito da família. O Alex nem sequer tinha tido autorização para ouvir música que não fosse religiosa até entrar para o secundário, e quando decidiu frequentar uma universidade secular tinha havido choradeira.

Feitas as contas, no entanto, o Mr. Nilsen adorava *realmente* os filhos, e por isso acabava sempre por vir às boas em questões que dissessem respeito à felicidade deles.

Se te tivesses casado aos 24, estarias casado com a Sarah, disse eu ao Alex numa mensagem.

E tu estarias casada com o Guillermo, disse ele.

Enviei-lhe uma das suas *selfies* de Cachorrinho Triste.

Por favor, diz-me que não continuas a ter um fraquinho por esse parvalhão, disse-me o Alex.

Os dois nunca se deram bem.

É claro que não, respondi. Mas não éramos eu e o Gui que estávamos numa relação tortuosa, sempre a acabar e a recomeçar. Isso eram tu e a Sarah.

O Alex começou a escrever e parou de escrever tantas vezes que comecei a pensar se estaria a fazer aquilo só para me irritar.

Mas esse foi o fim da nossa conversa. Quando voltou a mandar-me uma mensagem, no dia seguinte, foi algo sem relação com a nossa conversa do dia anterior, uma imagem de roupões pretos com lantejoulas e os dizeres SPA BITCH⁵ nas costas.

Uniforme da Viagem de Verão? escreveu ele, e temos evitado o tópico da Sarah desde então, o que me deixa bem claro que há algo entre eles. Outra vez.

Agora, sentada no avião apinhado e abafado, a percorrer a pista do aeroporto de Los Angeles, no silêncio pós-choro dos bebés, continua a fazer-me sentir um pouco enjoada pensar naquilo. Eu e a Sarah nunca fomos as maiores fãs uma da outra. Duvido que ela aprovasse que o Alex fizesse outra viagem comigo se estivessem juntos, e se não estão ainda, mas vão a caminho de estar, então esta poderia bem ser a nossa última viagem de verão.

Eles casariam, começariam a ter filhos, levariam toda a família à Disney

World e eu e ela nunca seríamos suficientemente íntimas para que eu continuasse a fazer realmente parte da vida do Alex.

Afasto esse pensamento e respondo à mensagem do David: SINTO-ME TÃO EMPOLGADA E HONRADA POR PODER ESTAR PRESENTE!

Ele responde-me com um *gif* de um urso a dançar, e de seguida abro a mensagem da minha mãe.

Dá ao Alex um grande abraço e um beijo meus :), escreve, com o *smiley* escrito em caracteres. Nunca se lembra de como usar os emojis e fica imediatamente impaciente quando tento mostrar-lhe.

«Posso muito bem escrevê-los com caracteres!», insiste.

Os meus pais: não são os maiores fãs da mudança.

Queres que lhe agarre o rabo enquanto estiver a dar-lhe o abraço?, escrevo em resposta.

Se achares que isso resulta, responde ela. Estou a ficar farta de esperar por netos.

Reviro os olhos e saio das mensagens. A minha mãe sempre adorou o Alex, pelo menos em parte porque ele voltou para Linfield e ela tem esperança de que acordemos um dia e nos apercebamos de que estamos apaixonados um pelo outro e eu também regresse e fique grávida de imediato. O meu pai, por outro lado, é um pai extremoso, mas intimidativo, que sempre apavorou tanto o Alex que ele nunca deixou que um grama da sua personalidade transparecesse quando está na mesma sala que o meu pai.

É um homem musculoso com uma voz atrojada e um jeito razoável para consertar coisas, como muitos homens da sua geração, e tem tendência para fazer uma data de perguntas bruscas a roçar o inapropriado. Não porque esteja à espera de determinada reação, mas porque é curioso e não tem grande consciência do efeito que produz.

Como todos os elementos da família Wright, também não é *espantoso* a modular a voz. Para uma pessoa de fora, a minha mãe a gritar «Já provaste estas uvas que sabem a algodão-doce? Oh, vais *adorá-las*! Espera, deixa-me lavar-te algumas! Oh, deixa-me lavar uma taça primeiro. Oh, não, todas as nossas taças

estão no frigorífico com restos, tapadas com película aderente – toma, pega numa mancheia!» poderia ser ligeiramente assoberbante, mas, quando o meu pai enrugou a testa e atroa o ar com uma pergunta como: «Votou nas últimas eleições autárquicas?» é fácil ter a sensação de que acabaste de ser atirada para uma sala de interrogatórios com um mandante a que o FBI paga às escondidas.

Na primeira vez que o Alex me foi buscar à casa dos meus pais para uma noite de *karaoke* naquele primeiro verão da nossa amizade, tentei escudá-lo da minha família e da minha casa, tanto para o bem dele como para o meu.

No fim da nossa primeira viagem de carro até casa, eu já sabia o suficiente sobre o Alex para compreender que ele entrar na nossa casa minúscula a rebentar pelas costuras com bibelôs e quadros cheios de poeira e pelo de cão seria como um vegetariano fazer uma visita guiada a um matadouro.

Não queria que ele se sentisse desconfortável, claro, mas também não queria nada que julgasse a minha família. Desorganizados, estranhos, espalha-brasas e bruscos como eram, os meus pais eram também espantosos, e eu tinha aprendido da maneira mais penosa que não era isso o que as pessoas viam quando entravam pela porta da nossa casa.

Por isso, tinha dito ao Alex que me encontraria com ele à frente da minha casa, mas não o vinquei bem, e o Alex – sendo como era o Alex Nilsen – tinha vindo à porta, como um bom moço dos anos cinquenta, decidido a apresentar-se aos meus pais para que eles «não se preocupassem» que eu pudesse partir na direção do pôr do sol com um estranho.

Ouvi a campainha da porta e fui a correr para tentar evitar o caos, mas, com as minhas pantufas *vintage* cor-de-rosa com penas, não fui suficientemente rápida. Quando cheguei ao andar de baixo, o Alex já estava de pé no *hall* de entrada entre duas torres de caixas de arrumação empilhadas, a ser arremessado qual bola de ténis entre dois cães arraçados de *husky*, muito velhos e muito malcomportados, enquanto uma grande quantidade de retratos de família pouco próprios o fitava de todos os lados.

No momento em que dobrei a esquina das escadas a patinar, o meu pai estava a perguntar no seu vozeirão:

– Porque é que nos *preocupáramos* por ela ir sair contigo? – E de seguida: –

E quando tu dizes «sair», queres dizer que vocês os dois estão...

– Não! – interrompi, puxando para trás pela coleira o mais pinga-amores dos nossos cães, o *Rupert*, antes que ele pudesse atracar-se à perna do Alex. – Nós não *andamos*. Não dessa forma. E decididamente não precisas de te preocupar. O Alex é um condutor *realmente* lento.

– Era o que eu estava a tentar dizer – gaguejou o Alex. – Quero dizer, não quanto à velocidade a que conduzo. Conduzo... dentro dos limites de velocidade. Só queria dizer que o senhor não tem *necessidade* de se preocupar.

O meu pai franziu a testa. O rosto do Alex estava sem pinga de sangue, e eu não tinha a certeza se ele estava mais nervoso por causa do meu pai ou da camada de poeira visível ao longo dos rodapés no *hall*, nos quais, francamente, eu nunca tinha reparado até àquele momento.

– Viste o carro do Alex, pai? – apressei-me a dizer, para desviar as atenções. – É *muito* velho. O telemóvel dele também. O Alex já não compra um telemóvel há, tipo, uns sete anos.

O rosto do Alex ficou vermelho quando o do meu pai se descontraiu, com interesse e aprovação.

– Ai sim?

Todos estes anos mais tarde, continuo a conseguir lembrar-me com perfeita nitidez da maneira como o olhar do Alex saltitou para o meu, perscrutando o meu rosto à procura da resposta correta. Fiz-lhe um leve aceno de cabeça.

– Sim – respondeu ele, e o meu pai deu-lhe uma palmada no ombro com tanta força que o Alex estremeceu.

O meu pai fez um grande sorriso, sem nenhuma espécie de reserva.

– É sempre melhor consertar do que substituir!

– Consertar o quê? – berrou a minha mãe da cozinha. – Partiu-se alguma coisa? Com quem é que estás a falar? Com a Poppy? Alguém quer uns *pretzels* com chocolate? Ora, deixa-me só encontrar um prato limpo...

Quando terminámos, por fim, a despedida de vinte minutos requerida para sair da minha casa e chegámos ao carro do Alex, ele limitou-se a dizer sobre aquela cena toda:

– Os teus pais parecem simpáticos.

Respondi, num tom agressivo accidental:

– E *são* – como se estivesse a desafiá-lo a mencionar o pó ou o *husky* pinga-amores ou os dois biliões de desenhos infantis ainda presos com ímanes ao frigorífico ou qualquer outra coisa, mas é claro que ele não o fez. Era o Alex, mesmo que nessa altura eu ainda não compreendesse tudo o que isso significava.

Em todos os anos desde que o conheço, continua a nunca ter dito uma palavra mais desagradável sobre qualquer uma daquelas coisas. Até enviou flores para a minha residência universitária quando o *Rupert*, o *husky*, morreu. «Sempre senti que tínhamos uma ligação especial depois daquela noite em que estivemos juntos», escreveu na brincadeira no postal. «Vai deixar saudades. Se precisares seja do que for, P, estou aqui. Sempre.»

Não que eu tenha decorado aquela mensagem nem nada que se pareça.

Não que, na quantidade de postais e de cartas e de pedaços de papéis que me permito guardar numa caixa de sapatos no meu apartamento, ela tenha sido escolhida.

Não que tenha havido dias inteiros durante o hiato da nossa amizade em que eu me torturei com a ideia de que talvez devesse deitar fora aquele postal, já que, afinal, aquele «sempre» tinha acabado.

Na parte de trás do avião, um dos bebés começa a chorar outra vez, mas estamos a chegar à porta de desembarque agora. Saio daqui não tarda nada.

E depois vou ver o Alex.

Uma sensação de entusiasmo percorre-me a espinha e um estremecimento nervoso desce-me até ao estômago.

Abro a última mensagem não lida, a dele: Acabei de aterrar.

Eu também, respondo.

Depois disso, não sei o que dizer. Andamos a trocar mensagens há uma semana, nunca abordando o tópico da malfadada viagem à Croácia, e tudo tem dado a sensação de estar normal até este momento. Mas então lembro-me de que já não vejo o Alex na vida real há mais de dois anos.

Não toco nele, nem sequer ouço a sua voz há todo esse tempo. Há tantas

maneiras como isto podia ser embaraçoso. Quase com certeza vamos ter a experiência de algumas delas.

Sinto-me empolgada por o ver, claro, mas, mais do que isso, apercebo-me de que estou apavorada.

Temos de escolher um ponto de encontro. Alguém tem de o sugerir. Tento trazer à mente a planta do aeroporto de Los Angeles repescando-o do lamaçal de recordações esfumadas de todas as portas de embarque alcatifadas e passadeiras rolantes que vi nos últimos quatro anos e meio a trabalhar para a $R+R$.

Se lhe disser para nos encontrarmos na recolha de bagagens, isso implicará uma longa caminhada a dirigirmo-nos um para o outro em silêncio até chegarmos suficientemente perto para falarmos? Eu devia dar-lhe um abraço?

Os Nilsen não são de abraços, ao contrário dos Wright, que são conhecidos por agarrarem, acotovelarem, darem palmadas, abanarem, apertarem e darem encontrões para enfatizar as suas palavras durante qualquer conversa, por mais trivial que seja. Tocar nas pessoas é de tal maneira uma segunda natureza para mim que uma vez abracei sem querer o técnico que veio consertar a máquina da louça quando lhe abri a porta do apartamento para ele sair, momento em que ele me disse com bons modos que era casado, e felicitei-o.

Quando eu e o Alex éramos próximos, andávamos sempre aos abraços; mas isso era dantes, quando eu o conhecia. Quando ele se sentia à vontade comigo.

Tiro a custo o meu saco de viagem do compartimento por cima dos assentos e empurro-o à minha frente, sentindo o suor acumular-se nas axilas por baixo da camisola leve e no pescoço, por baixo da amostra de rabo de cavalo.

O voo demorou uma eternidade; de cada vez que olhava para o relógio, parecia que horas inteiras tinham sido condensadas em um ou dois minutos. Estava aos saltos no meu lugar demasiado pequeno, ansiosa por chegar aqui, mas agora é como se o tempo estivesse a compensar por ter inchado tanto durante o voo, encolhendo agora de tal maneira que percorro toda a ponte até ao terminal num instante.

Sinto um aperto na garganta. Sinto o cérebro aos abanões no crânio. Saio para o terminal, afasto-me do caminho de todas as pessoas que vêm atrás de mim e tiro

o telemóvel do bolso. Tenho as mãos transpiradas quando começo a escrever: Encontramo-nos na recolha de...

– Ei.

Rodo nos calcanhares na direção da voz no preciso momento em que o seu dono contorna o carrinho de bebé estacionado entre nós os dois.

A sorrir. O Alex está a sorrir, com os olhos inchados daquela maneira sonolenta, a mala do portátil pendurada num dos ombros e auscultadores a pender-lhe do pescoço, o cabelo desgrenhado a contrastar com as suas calças cinzento-escuras e a camisa de popelina e os botins de pele sem esfoladelas. Quando cobre a distância entre nós, deixa cair o saco de viagem atrás de si e puxa-me para um abraço.

E é normal, tão natural pôr-me nas pontas dos pés e passar os braços à volta da cintura dele, enterrar o rosto no seu peito e inspirar o seu cheiro. Cedro, almíscar, lima. Não há maior criatura de hábitos do que o Alex Nilsen.

O mesmo corte de cabelo inescrutável, o mesmo perfume quente e limpo, a mesma indumentária básica (embora melhorada um pouco ao longo do tempo com um corte e calçado melhores), a mesma maneira de me apertar à volta da parte superior das costas e de me puxar para si e para cima quando nos abraçamos, quase me descolando do chão, mas nunca apertando tanto que o abraço possa ser considerado de *esmagar os ossos*.

É mais como *esculpir*. Uma pressão delicada de todos os lados que nos comprime por um breve momento numa só coisa viva e que respira, com o dobro dos corações que seria de esperar.

– Olá – digo, sorrindo contra o seu peito, e os braços dele descem para o meio das minhas costas, apertando.

– Olá – diz ele, e espero que tenha ouvido o sorriso na minha voz como eu o ouço na dele. Apesar da sua aversão geral a qualquer forma de demonstração pública de afeto, nem um nem o outro nos soltamos do braço imediatamente, e tenho a sensação de que estamos a pensar a mesma coisa: não faz mal que prolonguemos o abraço durante mais tempo do que o apropriado quando já não nos abraçávamos há dois anos.

Fecho os olhos com força a resistir a uma emoção crescente, pressionando a testa contra o peito dele. Os seus braços caem para a minha cintura e fecham-se ali por uns segundos.

– Como foi o teu voo? – pergunta.

Recuo o suficiente para o encarar.

– Penso que tivemos alguns futuros cantores de ópera de primeira a bordo. E o teu?

O controlo que exerce sobre o seu sorrisinho vacila, e o sorriso torna-se rasgado.

– Quase provoquei um ataque de coração à senhora que ia sentada ao meu lado durante uma turbulência – diz ele. – Agarrei-lhe na mão sem querer.

Uma gargalhada aguda percorre-me com um estremecimento e o sorriso dele torna-se mais rasgado, o seu abraço, mais apertado.

O Alex Nu, penso, e depois afasto o pensamento. Realmente, há muito tempo que devia ter arranjado uma maneira melhor de descrever esta versão dele.

Como se estivesse a ler-me os pensamentos e apropriadamente constrangido, contém o sorriso até ele desaparecer e solta-me, recuando, pelo sim pelo não.

– Precisas de esperar por alguma mala? – pergunta, agarrando na alça do meu saco juntamente com o dele.

– Eu posso levar a minha – digo.

– Não me importo – diz ele.

Enquanto o sigo, afastando-nos da porta de embarque cheia de gente, não consigo parar de olhar para ele. Com espanto por ele estar aqui. Com espanto por ele estar igual. Com espanto por isto ser real.

Ele lança-me um olhar enquanto andamos, torcendo a boca. Uma das minhas coisas favoritas no rosto do Alex sempre foi a maneira como permite que duas emoções contraditórias existam nele ao mesmo tempo e como essas emoções se tornaram legíveis para mim.

Neste momento, aquele esgar diz ao mesmo tempo que está *divertido* e *vagamente cauteloso*.

– O que foi? – diz ele, numa voz que segue essa mesma linha.

– Tu és simplesmente... alto – digo.

Também está em forma, mas comentar isso costuma resultar em embaraço da parte dele, como se ter um corpo de ginásio fosse de alguma maneira um defeito de personalidade. Talvez para ele seja. A vaidade é algo que lhe foi incutido que devia evitar. Ao passo que a minha mãe costumava escrever-me mensagens no espelho da casa de banho com um marcador: «Bom dia a esse lindo sorriso. Olá, braços e pernas fortes. Tem um ótimo dia, barriguinha adorável que alimenta a minha querida filha.» Ainda ouço essas palavras quando saio do duche e me ponho em frente ao espelho, a pentear o cabelo: *Bom dia, sorriso lindo. Olá, braços e pernas fortes. Tem um ótimo dia, barriguinha que me alimentas.*

– Estás a olhar fixamente para mim porque sou alto? – pergunta o Alex.

– *Muito* alto – digo, como se isso esclarecesse as coisas.

É mais fácil do que dizer «Tenho sentido a tua falta, sorriso lindo. É tão bom ver-te, braços e pernas fortes. Obrigada, barriguinha extraordinariamente lisa como uma tábua, por alimentares esta pessoa de quem gosto tanto.»

O sorriso do Alex aumenta ao ponto de ser rasgado, ao mesmo tempo que sustenta o meu olhar.

– Também é bom ver-te, Poppy.

5 Literalmente, *Cadela do Spa*. Menos literal, e mais provável num roupão em Portugal, algo como *Fã do Spa*. (*N. da T.*)

Há um ano, quando me encontrei com o Alex Nilsen à porta da minha residência universitária com meia dúzia de sacos de roupa suja, não teria acreditado que alguma vez faríamos férias juntos.

Começou com a ocasional mensagem depois da viagem de carro para a nossa terra – imagens desfocadas do cinema de Linfield tiradas quando ele ia a passar de carro, com a legenda não te esqueças de te vacinares antes ou uma fotografia de uma embalagem de dez *T-shirts* que eu tinha visto no supermercado com «presente de aniversário» escrito por baixo – mas, depois de três semanas, passámos a telefonemas e a saídas juntos. Até o convenci a ir ver um filme no Cineplex, embora ele tenha passado o tempo todo a pairar acima do assento e a tentar não tocar em nada.

Quando o verão chegou ao fim, tínhamo-nos inscrito em duas cadeiras gerais juntos, uma de Matemática e outra de Ciências, e na maior parte dos serões o Alex vinha à minha residência ou eu ia à dele para fazermos com dificuldade os trabalhos de casa. A minha antiga colega de quarto, a Bonnie, tinha-se mudado oficialmente para a casa da irmã, e eu partilhava o quarto com a Isabel, uma estudante de Medicina que por vezes olhava por cima do meu ombro e do ombro do Alex e nos corrigia o trabalho enquanto mastigava aipo, alegadamente o seu alimento favorito.

O Alex detestava matemática tanto como eu, mas adorava as aulas de Inglês e dedicava horas todas as noites às leituras obrigatórias enquanto eu passava os olhos por blogues de viagens e revistas de mexericos de celebridades, sentada no chão ao seu lado. As minhas cadeiras eram todas um tédio, mas nas noites em que eu e o Alex passeávamos pelo *campus* depois do jantar com copos de chocolate quente ou nos fins de semana em que vagueávamos pela cidade à procura da melhor rulote de cachorros-quentes ou do melhor café ou falafel, sentia-me mais feliz do que me lembrava de alguma vez me ter sentido. Adorava estar na cidade, rodeada por arte e comida e ruído e novas pessoas, o suficiente para que a parte dos estudos fosse suportável.

Numa noite, já tarde, quando a neve se acumulava no parapeito da minha janela e eu e o Alex estávamos estendidos no meu tapete a estudar para um exame, começámos a enumerar os lugares onde gostaríamos de estar em vez de estar ali.

– Paris – disse eu.

– A estudar para o meu exame final de Literatura Americana – disse o Alex.

– Em Seul – disse eu.

– A estudar para o meu exame final da Introdução a Não-Ficção – disse o Alex.

– Em Sófia, na Bulgária – disse eu.

– No Canadá – disse o Alex.

Olhei para ele e irrompi num riso de exaustão, com palmadas nas coxas, o que desencadeou o seu ar típico de mágoa.

– Os teus três destinos principais de férias – disse eu, voltando a deitar-me no tapete – são dois exames e o país que fica mais perto do nosso.

– Fica mais em conta do que Paris – disse ele, falando a sério.

– Que é o que realmente importa quando se está a sonhar acordado.

Suspirou.

– Bem, e aquela fonte termal sobre a qual leste? A que fica numa floresta húmida? É no Canadá.

– Na ilha de Vancouver – esclareci, acenando com a cabeça. Ou numa ilha mais pequena perto dessa, na verdade.

– Era aí que eu gostava de ir – disse ele –, se a minha companheira de viagem não fosse tão desagradável.

– Alex – disse eu –, irei contigo com todo o gosto à ilha de Vancouver. Especialmente se as outras opções forem só ficar a ver-te fazer mais trabalhos de casa. Vamos no próximo verão.

O Alex deita-se ao meu lado.

– E que tal Paris?

– Paris pode esperar – disse eu. – E também não temos dinheiro para ir a Paris.

Ele sorriu vagamente.

– Poppy – disse –, mal temos dinheiro para comer uns cachorros-quentes todas as semanas.

Mas agora, meses mais tarde, depois de um semestre a fazer todos os turnos possíveis nos nossos empregos no *campus* – o Alex na biblioteca, eu na sala do correio – poupámos o suficiente para este voo noturno muito barato (completado com dois *transfers*) e eu estou a zunir com excitação quando finalmente embarcamos.

Logo que descolamos e que as luzes da cabina se baixam, no entanto, a exaustão faz o seu efeito e dou comigo a adormecer, com a cabeça pousada no ombro do Alex e uma pequena poça de baba a acumular-se na sua camisa, só para acordar sobressaltada quando o avião passa por um poço de ar que faz com que desça de repente e com que o Alex me dê uma cotovelada involuntária na cara em reação.

– Merda! – arqueja, ao mesmo tempo que me sento para cima muito direita, levando a mão ao rosto. – Merda! – Ele tem os dedos enclavinados no apoio dos braços, os nós dos dedos brancos, e o seu peito sobe e desce numa respiração ofegante.

– Tens medo de andar de avião? – pergunto.

– Não! – segreda ele, com consideração pelos outros passageiros que estão a dormir, mesmo no seu ataque de pânico. – Tenho medo de morrer.

– Não vais morrer – prometo. O avião estabiliza, mas o sinal para manter os cintos de segurança apertados acende-se e o Alex continua a agarrar o apoio dos braços como se alguém tivesse virado o avião de pernas para o ar e tivesse começado a tentar sacudir-nos dele.

– Aquilo não parece bom sinal – diz ele. – Deu a ideia de que se partiu alguma coisa do avião.

– Foi o som do teu cotovelo a espetar-se na minha cara.

– O quê? – Olha para mim. As duas expressões simultâneas no rosto dele são de surpresa e de confusão.

– Tu acertaste-me na cara! – digo-lhe.

– Oh, merda – diz ele. – Desculpa. Posso ver?

Afasto a mão da minha face latejante, e o Alex inclina-se mais, com os dedos a pairarem sobre a minha pele. Deixa tombar a mão sem chegar a aterrar.

– Parece estar bem. Talvez devêssemos ver se uma assistente de bordo pode trazer gelo.

– Boa ideia – digo. – Podemos chamá-la e dizer-lhe que me bateste na cara, mas que tenho a *certeza* de que foi sem querer e também de que a culpa não foi tua... ficaste surpreendido e...

– Meu Deus, Poppy – diz ele. – Lamento mesmo muito.

– Está tudo bem. Não dói assim muito. – Bato com o meu cotovelo no dele. – Porque é que não me disseste que tinhas medo de andar de avião?

– Não sabia que tinha.

– O que queres dizer?

Encosta a cabeça às costas da cadeira.

– Nunca tinha andado de avião.

– Oh. – Sinto um aperto de culpa no estômago. – Gostava que me tivesses dito.

– Não queria dar-lhe mais importância do que tinha.

– Eu não lhe teria dado mais importância do que tem.

Olha-me com ceticismo.

– E o que chamas a isto?

– *OK*, está bem, sim, dei mais importância. Mas olha. – Meto a mão debaixo da mão do Alex e, hesitante, entrelaço os meus dedos nos dele. – Eu estou aqui contigo e, se quiseses dormir um bocadinho, eu fico acordada para me assegurar de que o avião não se despenha. O que não vai acontecer. Porque andar de avião é mais seguro do que andar de carro.

– Também detesto conduzir – diz ele.

– Eu sei que detestas. Mas o que quero dizer é que isto é melhor do que isso. Tipo, muito melhor. E eu estou aqui contigo, e já andei de avião, portanto, se houver uma razão para entrar em pânico, eu vou saber. E prometo-te que, no caso

de isso acontecer, vou entrar em pânico e tu vais saber que se passa algo de errado. Até lá, podes relaxar.

Fita-me no escuro da cabina por uns segundos. Depois, a mão dele descontrai-se na minha e os seus dedos quentes e ásperos instalam-se. Dá-me uma excitação surpreendente estar de mão dada com ele. Em noventa e cinco por cento do tempo, vejo o Alex Nilsen de uma maneira puramente platónica, e suponho que a percentagem dele é um pouco mais elevada. Porém, naqueles outros cinco por cento do tempo, há este *e se*.

Nunca dura muito tempo nem insiste com força. Simplesmente fica ali, na concha das nossas mãos dadas, um pensamento delicado sem muito peso por trás dele. Como seria beijá-lo? Como é que ele me tocaria? O sabor dele seria como o seu cheiro? Ninguém tem melhor higiene dentária do que o Alex, o que não é exatamente um pensamento *sexy*, mas é certamente mais *sexy* do que o outro extremo do espectro.

E é até onde este pensamento alguma vez chega, o que é perfeito, porque eu gosto *demasiado* do Alex para me enrolar com ele. Além de que somos inteiramente incompatíveis.

O avião estremece ao passar por mais uma breve zona de turbulência e o Alex agarra-me a mão com mais força.

– São horas de entrar em pânico? – pergunta.

– Ainda não – digo. – Tenta dormir.

– Porque preciso de estar bem repousado quando me encontrar com a Morte.

– Porque precisas de estar bem repousado quando eu ficar cansada nos jardins Butchart e te obrigar a levar-me às cavalitas o resto do caminho.

– Eu sabia que havia uma razão para me teres trazido contigo.

– Não te trouxe contigo para seres a minha mula – argumento. – Trouxe-te comigo para seres o meu cúmplice. Vais provocar uma distração enquanto eu corro pela sala de jantar do hotel Empress durante a hora do lanche a roubar miniaturas de sanduíches e pulseiras de preço incalculável às hóspedes desprevenidas.

Aperta-me a mão.

– Acho que é melhor eu dormir, então.

Retribuo o aperto.

– Acho que sim.

– Acorda-me quando chegar a hora de entrar em pânico.

– Sempre.

Pousa a cabeça no meu ombro e finge dormir.

Quando aterrarmos, ele vai ter dado um jeito horrível no pescoço e vai-me doer o ombro por ter estado sentada nesta posição durante tanto tempo, mas neste momento não me importo. Tenho pela frente cinco maravilhosos dias de viagem com o meu melhor amigo e, lá no fundo, sei: nada pode correr realmente mal.

Não chegou a hora de entrar em pânico.

— **A**luguámos um carro? – pergunta o Alex quando saímos do aeroporto para o calor ventoso.

– Mais ou menos. – Mordisco o lábio enquanto tiro o telemóvel do bolso para chamar um táxi. – Localizei um transporte num grupo no Facebook.

O Alex semicerra os olhos, e as baforadas de ar provocadas pelos aviões, que sopram na zona das chegadas, fazem o cabelo bater-lhe contra a testa.

– Não faço ideia do que acabaste de dizer.

– Não te lembras? – digo. – Foi o que fizemos na nossa primeira viagem. Para Vancouver? Quando éramos demasiado novos para podermos alugar legalmente um carro?

Ele olha-me fixamente.

– Sabes – digo –, aquele grupo de viagens de mulheres a que pertenço há, tipo, uns quinze anos? Onde as pessoas anunciam o seu apartamento para subarrendar e o seu carro para alugar? Lembras-te? Tivemos de apanhar um autocarro para ir buscar o carro aos arredores da cidade e de ir a pé, tipo, uns oito quilómetros com a bagagem?

– Lembro-me – diz ele. – Só nunca tinha parado para pensar porque é que alguém alugaria o seu carro a um estranho até este momento.

– Porque muitas pessoas em Nova Iorque gostam de ir a algum lado no inverno e muitas pessoas em Los Angeles gostam de ir a algum lado no verão. – Encolho os ombros. – O carro desta rapariga ia ficar parado, tipo, durante um mês, portanto consegui-o por uma semana por setenta dólares. Só temos de apanhar um táxi para o ir buscar.

– Fixe – diz o Alex.

– Pois é.

E aqui está o primeiro silêncio constrangedor da viagem. Não importa que tenhamos andado a trocar mensagens sem parar ao longo da última semana – ou talvez isso o tenha tornado pior. A minha mente está imperdoavelmente em branco.

A única coisa que consigo fazer é fitar a aplicação no telemóvel, a ver o ícone do carro a aproximar-se lentamente.

– É o nosso. – Aponto com o queixo para a carrinha que se aproxima.

– Fixe – diz o Alex outra vez.

O motorista pega nas nossas malas e instalamo-nos dentro com as duas outras pessoas com quem vamos partilhar o carro, um casal de meia-idade com palas a condizer ornamentadas com lantejoulas. WIFEY, diz o cor-de-rosa berrante. HUBBY, diz o verde-lima⁶. Os dois trazem vestidas camisas estampadas com flamingos e estão tão bronzeados que já parecem algo como os sapatos do Alex. O Hubby tem a cabeça rapada e o cabelo da Wifey está pintado de vermelho-vivo.

– Ei, pessoal! – diz a Wifey num tom arrastado quando eu e o Alex nos instalamos nos lugares do meio.

– Olá. – O Alex vira-se no assento e faz um sorriso que é quase convincente.

– Lua de mel – diz a Wifey, acenando entre ela e o Hubby. – E vocês os dois?

– Oh – diz o Alex. – Hum.

– O mesmo! – Enlaço a minha mão na dele, virando-me para lhes disparar um sorriso.

– Ooh! – guincha a Wifey. – O que me dizes a isto, Bob? Um carro cheio de pombinhos!

O maridinho Bob acena com a cabeça.

– Parabéns, miúdos.

– Como é que se conheceram? – quer saber a Wifey.

Lanço um olhar ao Alex. As duas expressões que o seu rosto tem neste momento são (1) de terror e (2) de exultação. Este é um jogo muito familiar para nós, e, mesmo que seja mais embaraçoso do que o habitual ter a minha mão emaranhada na dele, há também algo reconfortante em nos escapulirmos de quem somos desta maneira, fazendo teatro juntos como sempre.

– Foi na Disneylândia – diz o Alex, e vira-se para o casal no assento de trás.

Os olhos da Wifey esbugalham-se.

– Que mágico!

– Realmente foi, sabem? – Disparo ao Alex um olhar apaixonado e espeto um dedo no seu nariz com a mão que tenho livre. – Ele estava a trabalhar como AV... é o que chamamos aos apanhadores de vômito. O trabalho deles consiste em rondar todas aquelas novas corridas em 3D e limpar o que os avós enjoados deixam.

– E a *Poppy* estava a fazer de Mike Wazowski – acrescenta o Alex num tom impassível, subindo a parada.

– Mike Wazowski? – diz o Hubby Bob.

– Do filme *Monster, Inc.*, querido – explica a Wifey. – Ele é um dos monstros principais.

– Qual deles? – pergunta o Hubby.

– O mais baixo – diz o Alex, e depois vira-se para mim, afivelando a expressão mais melosa, mais exagerada de adulação que alguma vez vi. – Foi amor à primeira vista.

– Oh! – exclama a Wifey, cravando a mão no coração.

A testa do Hubby enruga-se.

– Quando ela estava disfarçada?

O rosto do Alex tinge-se de cor-de-rosa com o ar crítico do Hubby, e eu atalho:

– Eu tenho pernas *realmente* fantásticas.

O nosso motorista deixa-nos numa rua de casas pintadas rodeadas por jasmim em Highland Park, e, quando saímos para o asfalto quente, a Wifey e o Hubby acenam-nos um adeus amistoso. Assim que o táxi fica fora de vista, o Alex solta-me a mão e eu ponho-me a ver os números das portas, acenando com a cabeça na direção de uma vedação pintada de vermelho.

– É esta.

O Alex abre a cancela e entramos para o pátio, onde encontramos uma carrinha branca compacta à espera no caminho da garagem, com todas as arestas enferrujadas e a tinta a descascar.

– Então – diz o Alex. – Setenta dólares.

– Talvez tenha feito mau negócio. – Baixo-me junto à roda do lado do

condutor, à procura da caixa magnética onde a proprietária, uma ceramista chamada Sasha, disse que estaria a chave. – Este é o primeiro sítio onde eu procurava se fosse roubar um carro.

– Penso que baixar-se assim tanto seria demasiado trabalho para roubar este carro – diz o Alex quando tiro a chave e me endireito. Dirige-se à traseira do carro e lê: – *Ford Aspire*.

Rio-me e destranco as portas.

– Quero dizer, fazer *aspirar* é o objetivo da *R+R*.

– Espera. – O Alex tira o telemóvel do bolso e recua. – Deixa-me tirar uma fotografia de ti com ele.

Abro a porta do carro e pouso o pé dentro, a fazer pose. O Alex começa imediatamente a acocorar-se.

– Alex, não! Não a tires de baixo.

– Desculpa – diz ele. – Esqueci-me de como és esquisita quanto a isso.

– Eu é que sou esquisita? – digo. – Tu tiras fotografias como um paizinho com um iPad. Se tivesses óculos na ponta do nariz e uma *T-shirt* da UC Bearcats⁷ vestida, ninguém conseguiria ver a diferença.

Ele faz um grande alarde de empunhar o telemóvel o mais alto possível.

– O quê, e agora optamos por aquele ângulo *emo* do princípio dos anos 2000? – pergunto. – Encontra um meio-termo.

O Alex revira os olhos e abana a cabeça, mas tira algumas fotografias a uma altura seminormal e depois vem mostrar-mas. Sustenho a respiração, com boas razões, e agarro-lhe o braço da mesma maneira como ele deve ter-se colado como uma lapa à octogenária ao lado de quem ficou no voo.

– O que foi? – diz ele.

– Tens modo de retrato.

– Tenho – concorda ele.

– E *usaste-o* – saliento.

– Sim.

– Tu sabes *como* usar o modo de retrato – digo, ainda abismada.

– Ah, ah.

– *Como* é que sabes como usar o modo de retrato? O teu neto ensinou-te quando veio a casa no Dia de Ação de Graças?

– Uau – diz ele num tom de voz impassível. – Senti tanta falta disto.

– Desculpa, desculpa – digo. – É que estou impressionada. Tu mudaste. – Apresso-me a acrescentar: – Não de uma maneira má! Só queria dizer que não és uma pessoa que aprecie a mudança.

– Talvez agora seja – diz ele.

Cruzo os braços.

– Ainda te levantas todos os dias às cinco e meia para fazer exercício?

Encolhe os ombros.

– Isso é disciplina, não é medo da mudança.

– No mesmo ginásio? – pergunto.

– Sim.

– Naquele que aumenta de preço a cada seis meses? E passa o mesmo CD de meditação *new age* em modo contínuo? O ginásio de que já te andavas a queixar há dois anos?

– Não me andava a queixar – diz ele. – Simplesmente não compreendo como é que, supostamente, aquela música te motiva numa passeadeira. Eu estava a *ponderar*. A considerar.

– Tu levas contigo a tua própria *playlist*... o que importa o que eles passam nas colunas de som?

Encolhe os ombros e tira-me as chaves do carro das mãos, contornando o *Aspire* para abrir o porta-bagagens.

– É uma questão de princípios. – Atira com a nossa bagagem para a mala e fecha-a com força.

Pensei que estávamos a brincar, mas agora já não tenho tanta certeza.

– Ei. – Estendo a mão para o seu cotovelo quando ele está a passar por mim. Ele detém-se, levanta as sobrancelhas. Há um nó de orgulho preso na minha garganta, a bloquear as palavras que querem sair. Mas foi o orgulho que destróçou

a nossa amizade da primeira vez, e não vou cometer esse erro novamente. Não vou *não* dizer coisas que precisam de ser ditas, só porque quero que ele as diga primeiro.

– O que foi? – diz o Alex.

Engulo o nó.

– Estou contente que não tenhas mudado demasiado.

Ele fita-me por um instante e depois... será da minha imaginação ou ele também engole em seco?

– Tu também – diz, e toca na ponta da onda que se soltou do meu rabo de cavalo e me caiu sobre o rosto, toca-lhe tão levemente que quase não a sinto no couro cabeludo, e o movimento delicado causa-me um arrepio na nuca. – E gosto do corte de cabelo.

As minhas faces ficam quentes. A minha barriga também. Até as minhas pernas parecem aquecer um par de graus.

– Tu aprendeste a usar uma nova funcionalidade no telemóvel e eu cortei o cabelo – digo. – Põe os olhos em nós agora, mundo.

– Uma transformação radical – concorda o Alex.

– Um verdadeiro melhoramento.

– A questão é: tornaste-te melhor condutora?

Levanto uma sobrancelha e cruzo os braços.

– E tu?

*

– Aspira a ter ar condicionado que funcione – diz o Alex.

– Aspira a *não* cheirar a um rabo e a erva – digo.

Temos estado a jogar a este jogo desde que entrámos na autoestrada a caminho do deserto. Sasha a Ceramista tinha mencionado na sua publicação que o ar condicionado do carro funcionava e deixava de funcionar aleatoriamente, mas omitiu o facto de que anda evidentemente a usar o carro para fumar umas ganzas há uns bons cinco anos.

– Aspira a viver o tempo suficiente para ver o fim de todo o sofrimento

humano – acrescento.

– Este carro – diz o Alex – não vai viver o tempo suficiente para ver o fim da série de filmes da *Guerra das Estrelas*.

– Mas quem entre nós o verá? – digo.

Foi o Alex quem acabou por conduzir, uma vez que quando eu conduzo ele enoja. E fica apavorado. Para dizer a verdade, eu não gosto de conduzir, de qualquer maneira, por isso costumo delegar nele.

O trânsito de Los Angeles revelou-se um desafio para alguém tão cauteloso como ele: ficámos parados num sinal Stop à espera para virar para a direita para uma estrada movimentada durante, tipo, uns dez minutos, até três carros atrás do nosso começarem a buzinar sem parar.

Agora que já saímos da cidade, no entanto, ele está a sair-se muito bem. Nem sequer a falta do ar condicionado parece ser grande problema, com as janelas abertas e o vento docemente perfumado a soprar. O maior problema é a falta de uma entrada para um cabo auxiliar, o que nos leva a recorrer ao rádio.

– Sempre houve assim tanto Billy Joel a percorrer as ondas sonoras? – pergunta o Alex à terceira vez que mudamos de estação a meio de um anúncio só para voltarmos a mergulhar no meio de «Piano Man».

– Desde o dealbar dos tempos, penso eu. Quando os homens das cavernas construíram o primeiro rádio, isto já estava a tocar.

– Não sabia que eras historiadora – diz ele num tom de voz impassível. – Devias vir falar aos meus alunos.

Resfolego.

– Não conseguias arrastar-me para os corredores da secundária de East Linfield nem com a força combinada de todos os tratores num raio de oito quilómetros desse edifício, Alex.

– Sabes – diz ele –, é provável que os teus *bullies* já tenham acabado o secundário.

– Não podemos ter realmente a certeza – digo.

Olha para mim, com o rosto sério, de lábios comprimidos.

– Queres que lhes pregue uns pontapés no rabo?

Suspiro.

– Não, é demasiado tarde. Tipo, já todos têm filhos, com aqueles óculos fofinhos de bebé, demasiado grandes, e a maioria encontrou o Senhor ou começou um daqueles negócios esquisitos em esquema de pirâmide a vender batom de brilho para os lábios.

Olha para mim, e o seu rosto está rosado do sol.

– Se mudares de ideias, é só dizeres.

O Alex está a par dos meus anos tremidos em Linfield, claro, mas na maior parte do tempo tento não os visitar. Sempre preferi a versão de mim que o Alex traz à tona ao que eu era na nossa cidade natal. *Esta* Poppy sente-se segura no mundo, porque o Alex também está nele, e o Alex, lá no fundo onde importa, é como eu.

De qualquer maneira, ele teve uma experiência tremendamente diferente na secundária de West Linfield do que eu tive na escola-irmã. Tenho a certeza de que o facto de ele praticar desportos ajudou – basquetebol, tanto pela escola como na liga intramural na igreja da sua família –, e era bem-parecido, mas sempre insisti que o fator determinante foi ele ser suficientemente calado para passar por misterioso em vez de esquisito.

Se os meus pais não tivessem sido tão completamente encorajadores de todas as facetas do meu individualismo e do individualismo dos meus irmãos, talvez eu tivesse tido melhor sorte. Havia miúdos que lidavam com a desaprovação adaptando-se, tornando-se mais aceitáveis, como o Prince e o Park fizeram na escola, encontrando os pontos comuns entre a sua personalidade e a de todos os outros.

E depois havia pessoas como eu, que laboravam no erro de que As Crianças Minhas Colegas não só acabariam por me tolerar, mas também acabariam por me respeitar por eu ser quem era.

Não há nada que desagrade mais a algumas pessoas do que alguém que pareça não se importar com a aprovação dos outros. Talvez seja ressentimento: *Verguei-me em nome de um valor mais alto, para seguir as regras, por isso porque é que tu*

não o fizeste? Devias importar-te.

É claro que, secretamente, eu me importava. Muito. É provável que tivesse sido melhor se tivesse chorado abertamente na escola em vez de encolher os ombros a insultos e me pôr a chorar com a cabeça debaixo da almofada mais tarde. Teria sido melhor se, depois da primeira vez em que fui gozada por causa do macacão florido em que a minha mãe tinha cosido uns remendos bordados, não tivesse continuado a usá-lo com o queixo bem levantado, como se fosse uma espécie de Joana d’Arc de onze anos disposta a morrer pela causa da ganga.

O facto era que o Alex tinha sabido como jogar aquele jogo, ao passo que eu me tinha sentido muitas vezes como se tivesse lido as páginas do manual de instruções de trás para a frente enquanto a coisa toda estava em chamas.

Quando nós os dois estávamos juntos, no entanto, o jogo nem sequer existia. O resto do mundo dissolvia-se até eu acreditar que era assim que as coisas eram verdadeiramente. Como se nunca tivesse sido aquela rapariga que se sentira completamente só, incompreendida, e sempre tivesse sido esta: conhecida, amada, totalmente aceite pelo Alex Nilsen.

Quando nos conhecemos, eu não quis que ele me visse como a Poppy de Linfield – não sabia bem como isso alteraria a dinâmica do nosso mundo a dois, se deixássemos certos elementos exteriores insinuar-se dentro dele. Ainda me lembro da noite em que finalmente lhe falei sobre isso. Na noite do último dia de aulas do nosso terceiro ano, tínhamos voltado a cambalear de uma festa para a residência dele e vimos que o seu colega de quarto já tinha ido de férias. Por isso, pedi uma *T-shirt* e uns cobertores ao Alex e dormi na cama livre no quarto dele.

Provavelmente, já não ia passar a noite na casa de um colega desde os oito anos: o tipo de situação em que continuas a conversar, com os olhos fechados há muito tempo, até ambos adormecerem a meio de uma frase.

Contámos tudo um ao outro, as coisas que nunca tínhamos abordado. O Alex falou-me de a sua mãe ter falecido, dos meses em que o pai quase não tirava o pijama, das sanduíches de manteiga de amendoim que o Alex fazia para os irmãos e do leite em pó que aprendeu a preparar para o bebé.

Ao longo de dois anos, eu e ele tínhamo-nos divertido tanto juntos, mas aquela noite deu a sensação de que se abriu um compartimento totalmente novo no

meu coração onde antes não havia nenhum.

E de seguida ele perguntou-me o que tinha acontecido em Linfield, por que motivo eu receava tanto regressar para passar o verão, e devia ter-me dado uma sensação de embaraço desabafar os meus pequenos agravos depois de tudo o que ele acabara de me contar, só que o Alex tinha uma maneira de *nunca* me fazer sentir pequena ou mesquinha.

Era tão tarde que era quase de manhã, aquelas horas escorregadias em que te sentes mais segura para revelar os teus segredos. Por isso, contei-lhe tudo, a começar no sétimo ano.

O lastimável aparelho nos dentes, a pastilha elástica que a Kim Leedles me pôs no cabelo e o corte à tigela resultante. O insulto acrescentado ao mal feito quando a Kim disse à minha turma toda que quem falasse comigo não seria convidado para a festa de anos dela. Que era daí a uns bons cinco meses, embora a espera promettesse valer a pena, graças ao escorrega da sua piscina e à sala de cinema na cave da sua casa.

Depois, no nono ano, quando o estigma se tinha finalmente desvanecido e as minhas mamocas tinham chegado praticamente da noite para o dia, houve aquele período de três meses durante o qual eu fui um Produto Altamente Desejável. Até o Jason Stanley me beijar inesperadamente e reagir ao meu desinteresse dizendo a toda a gente que eu lhe tinha feito sexo oral não solicitado no armário do zelador da escola.

Toda a equipa de futebol passou a chamar-me Poppy Porno durante, tipo, um ano desde então. Ninguém queria ser minha amiga. Depois, veio o décimo ano, o pior de todos.

Começou melhor, porque o mais novo dos meus dois irmãos andava no décimo primeiro e estava disposto a partilhar o seu grupo de amigos do teatro comigo. Mas isso só durou até uma dormida em minha casa nos meus anos, quando descobri até que ponto toda a gente achava os meus pais embaraçosos. Apercebi-me rapidamente de que não gostava tanto das minhas amigas como pensava.

Também tinha contado ao Alex que gostava imenso da minha família, como me sentia protetora em relação a eles, mas como, mesmo com eles, me sentia por vezes um pouco só. Todos os outros eram o preferido de alguém. A minha mãe e o

meu pai. O Parker e o Prince. Mesmo os *huskies* faziam parilha, enquanto o nosso arraçado de *terrier* e o gato passavam a maior parte do dia enroscados juntos ao sol. Antes do Alex, a minha família era o único lugar a que eu pertencia, mas, mesmo com eles, eu era uma espécie de peça solta, aquele parafuso extra intrigante dos *packs* das estantes do Ikea, que só te fazem suar. Tudo o que eu fizera desde a secundária tinha sido para escapar àquela sensação, àquela *pessoa*.

E contei-lhe tudo isso, menos a parte sobre sentir que, com ele, pertencia a alguém, porque, mesmo depois de dois anos de amizade, parecia um pouco excessivo. Quando acabei de falar, pensei que ele tinha finalmente adormecido. Mas, daí a uns segundos, ele virou-se de lado para me olhar no escuro e disse em voz baixa:

– Aposto que ficavas adorável com um corte à tigela.

Eu realmente não ficava nada adorável, mas, de alguma forma, aquilo bastou para atenuar a picada forte de todas aquelas recordações. Ele via-me, e gostava de mim.

– Poppy? – diz o Alex, trazendo-me de volta ao carro quente e fedorento e ao deserto. – Onde estás neste momento?

Ponho a mão de fora da janela, a tentar agarrar o vento.

– A vaguear pelos corredores da secundária de East Linfield seguida por um coro de «Poppy Porno! Poppy Porno!».

– Está bem – diz o Alex delicadamente. – Não te obrigo a visitar a minha turma para ensinares História Radiofónica de Billy Joel. Mas só para que saibas... – Olha para mim com o rosto sério, a voz impassível. – Se algum dos meus alunos te chamasse Poppy Porno, eu dava cabo dele.

– Isso é de certeza – disse eu – a coisa mais *sexy* que alguém já me disse.

Ele ri-se, mas desvia os olhos.

– Estou a falar a sério. O *bullying* é a única coisa que não deixo passar. – Inclina a cabeça, pensativo. – Exceto a *mim*. Eles atormentam-me constantemente.

Rio-me, embora não acredite nele. O Alex dá aulas aos alunos mais brilhantes, e é jovem, bem-parecido, discretamente hilariante e incrivelmente esperto. É impossível que não o adorem.

– Mas chamam-te Alex Porno? – pergunto.

Faz uma careta.

– Meu Deus, espero que não.

– Desculpa – digo. – *Mr.* Porno.

– Por favor. Mr. Porno é o meu pai.

– Aposto que imensas alunas têm uma paixoneta por ti.

– Uma rapariga disse-me que sou parecido com o Ryan Gosling...

– Oh, meu Deus.

– ... se ele fosse picado por uma abelha.

– Ui – digo.

– Eu sei – diz o Alex. – É duro, mas justo.

– Talvez o Ryan Gosling seja parecido *contigo* se tivesse sido deixado ao ar a ficar desidratado: já alguma vez pensaste nisso?

– Sim. Toma e embrulha, Jessica McIntosh – diz ele.

– Sua cabra – digo, e depois abano imediatamente a cabeça. – Não. Não me senti bem a chamar cabra a uma miúda. Foi uma má piada.

O Alex volta a fazer uma careta.

– Se te faz sentir melhor, a Jessica... *não* é minha favorita. Mas vai acabar por ultrapassar uma grande parte do problema, acho eu.

– Sim, quero dizer, tanto quanto sabes, ela pode estar a lidar com uma vida inteira de cortes à tigela pós-pastilha elástica. É simpático da tua parte dares-lhe uma hipótese.

– Tu nunca foste uma Jessica – diz ele com convicção.

Arqueio uma sobrancelha.

– Como é que sabes?

– Porque sei. – Os olhos dele mantêm-se pregados na estrada desbotada pelo sol. Tu sempre foste a Poppy.

*

O prédio de apartamentos Desert Rose é um edifício de meados do século xx

pintado de cor-de-rosa em tom de pastilha elástica com o nome gravado em letras encaracoladas. Um jardim cheio de catos rasteiros e suculentas enormes serpenteia à sua volta e, do outro lado de uma vedação de madeira pintada de branco, avistamos uma piscina azul-esverdeada cintilante com corpos bronzeados pelo sol espalhados à sua volta e rodeada por palmeiras e espreguiçadeiras.

O Alex desliga o motor.

– Parece agradável – diz, soando aliviado.

Saio do carro e sinto o asfalto quente, mesmo através das sandálias.

Pensava que, depois dos verões de Nova Iorque, encurralada entre arranha-céus com o sol a ser projetado de um lado para o outro sem parar – e depois de todos aqueles verões anteriores na humidade natural abafada no Ohio River Valley – sabia o que era o calor.

Não sabia.

Sinto um formigueiro na pele sob aquele sol inclemente do deserto e os pés a arder, só por estar parada.

– Merda – diz o Alex, ofegante, afastando o cabelo da testa.

– Suponho que é por este motivo que esta é a época baixa.

– Como é que o David e o Tham vivem aqui? – diz ele, parecendo enojado.

– Da mesma maneira que tu vives no Ohio – digo. – Tristemente e bebendo muito.

Disse aquilo por piada, mas o Alex fica com um ar inexpressivo e dirige-se para a parte de trás do carro sem reagir ao que eu disse.

Pigarreio.

– Estava a brincar. Além disso, eles vivem sobretudo em Los Angeles, certo? Lá não estava assim tão quente.

– Toma. – Ele passa-me o primeiro saco de viagem e eu pego nele, a sentir-me repreendida.

Nota para mim mesma: não voltar a dizer mal do Ohio.

Depois de tirarmos a bagagem do carro – e os dois sacos de compras que fizemos durante uma paragem para meter gasolina – e a carregarmos a custo por

três lanços de escadas até ao nosso apartamento, já estamos encharcados em suor.

– Sinto que estou a derreter – diz o Alex quando insiro o código no painel eletrónico ao lado da porta. – Preciso de um duche.

O painel abre-se, e meto a chave no puxador da porta, agitando-a e desandando-a seguindo as instruções muito específicas que o dono me enviou.

– Assim que voltarmos lá para fora, vamos derreter outra vez – digo. – Talvez queiras guardar o duche para antes de ires para a cama.

A chave finalmente desanda na fechadura, empurro a porta a abri-la, entro e paro quando dois sons de aviso simultâneos começam a guinchar, percorrendo-me o corpo.

O Alex esbarra em mim, um muro sólido de calor humedecido pelo suor.

– O que...

A sua voz desaparece. Não tenho a certeza de qual é o facto horrível que ele está a constatar. Que está um calor abismal aqui dentro ou que...

No meio deste estúdio (a outros títulos perfeito), encontra-se uma cama.

– Não – murmura ele, como se não tivesse intenção de o dizer em voz alta. Tenho a certeza de que não tinha.

– Dizia que tinha duas camas – sai-me, a tentar freneticamente abrir a reserva no telemóvel. – Dizia, decididamente.

Porque de maneira nenhuma eu posso ter feito uma asneira assim tão grossa. Não é possível.

Houve uma altura em que partilhar uma cama poderia não ter parecido um problema assim tão grande para nós, mas *não* nesta viagem. Não quando as coisas entre nós estão tremidas e embaraçadas. Temos *uma hipótese* de consertar o que se estragou entre nós.

– Tens a certeza? – diz o Alex, e detesto a nota de irritação na sua voz ainda mais do que a suspeita que a acompanha. – Viste imagens? Com duas camas?

Levanto os olhos da caixa de entrada do *e-mail*.

– É claro que sim!

Mas será que vi *mesmo*? Aquele apartamento era ridiculamente barato, em

grande medida porque tinha sido cancelada uma reserva à última hora. Eu sabia que era um estúdio, mas vi fotografias da piscina azul-turquesa cintilante e das palmeiras alegres a dançar ao vento, e as críticas diziam que era limpo, e a *kitchenette* parecia pequena, mas chique, e...

Terei, de facto, *visto* duas camas?

– Este tipo é proprietário de uma data de apartamentos aqui – digo, com a cabeça a andar à roda. – Deve ter-nos enviado o número errado do apartamento.

Encontro o *e-mail* e carrego nas fotografias.

– Aqui! – grito. – Olha!

O Alex aproxima-se, olhando por cima do meu ombro para as fotografias – um apartamento soalheiro em branco e cinzento com um par de figueiras em vasos a um canto, uma cama branca enorme no meio do espaço e uma cama ligeiramente mais pequena ao seu lado.

Bem, talvez estas fotografias tenham sido tiradas de uns ângulos todos artísticos, porque a cama maior parece ser extragrande, quando de facto é de casal, o que significa que a outra não poderia ser maior do que de solteiro e meio, mas *decididamente* devia existir.

– Não compreendo. – O Alex olha para a fotografia e, em seguida, para onde a segunda cama devia estar.

– Oh – dizemos em uníssono quando nos cai a ficha.

Ele atravessa o quarto até ao cadeirão largo e sem braços, em napa da cor de coral, retira as almofadas decorativas e estende a mão para a junção das costas com o assento. Desdobra o assento, as costas abatem e aquela coisa toda fica transformada num bloco comprido e fino com costuras frouxas entre as suas três secções. – Um cadeirão... cama.

– Eu fico nele – ofereço-me.

O Alex dispara-me um olhar.

– Não podes, Poppy.

– Porquê, porque sou mulher e tiram-te a tua masculinidade do Midwest se não caíres em cima da espada de todas as normas de género que te são apresentadas?

– Não – diz ele. – Porque se dormires naquilo, vais acordar com uma enxaqueca.

– Isso aconteceu uma vez – digo –, e não *sabemos* se foi de ter dormido no colchão de ar. Podia ter sido do vinho tinto. – Mas, enquanto digo aquilo, já estou à procura do termóstato, porque se alguma coisa me vai fazer latejar a cabeça é dormir neste calor. Encontro o controlo da temperatura na *kitchenette*. – Oh, meu Deus, ele pô-lo nos vinte e sete graus.

– A sério? – O Alex passa a mão pelo cabelo, apanhando as gotas de suor que lhe correm pela testa. – E pensar que não dá a sensação de estar nem um grau acima de trinta e oito.

Baixo o termóstato para vinte e um e a ventoinha começa a funcionar ruidosamente, mas sem qualquer alívio instantâneo.

– Pelo menos, temos a vista da piscina – digo, atravessando o espaço até à porta de vidro. Afasto as cortinas e estaco, com os restos do meu otimismo a desvanecerem-se.

A varanda é muito maior do que a da minha casa, com uma mesa vermelha gira de café e duas cadeiras a condizer. O problema é que três quartos dela estão isolados com uns plásticos e, algures de cima, vem uma mistura horrível de chocalhos e guinchos mecânicos.

O Alex sai para a varanda e põe-se ao meu lado.

– Obras?

– Sinto que estou dentro de um saco de plástico com fecho hermético, *dentro* do corpo de alguém.

– De alguém com febre – diz ele.

– Que também está a arder.

O Alex ri-se um pouco. Um som desolador que ele tenta que pareça ligeiro. Mas o Alex não é uma pessoa ligeira. É o Alex. É stressado e gosta de estar limpo e de ter o seu espaço e mete na mala a sua almofada, porque o seu «pescoço está habituado a esta» – embora isso queira dizer que não pode trazer tanta roupa como gostaria – e a última coisa de que esta viagem precisa é de qualquer pressão desnecessária aplicada sobre os nossos pontos vulneráveis.

De súbito, os seis dias à nossa frente parecem um período impossivelmente longo. Devíamos ter feito uma viagem de três dias. Só o tempo das festas do casamento, em que haveria uma data de refeições volantes e de álcool grátis e de tempo reservado para o Alex estar ocupado com a festa de despedida de solteiro do irmão e outras coisas do género.

– E se fôssemos até à piscina? – digo, um pouco excessivamente alto, porque nesta fase o meu coração está a bater acelerado e tenho de gritar para me ouvir a mim própria.

– Vamos a isso – diz o Alex, e depois vira-se para a porta de vidro e fica paralisado. Descai-lhe o queixo quando se apercebe do que acabou de dizer. – Eu troco de roupa na casa de banho e tu podes avisar-me quando acabares?

Certo. É um estúdio. Uma divisão aberta sem porta, exceto a da casa de banho.

O que não seria embaraçoso se não estivéssemos os dois embaraçados como tudo.

– Hum – digo. – Certo.

6 *Mulherzinha e Maridinho. (N. da T.)*

7 *Equipa de basquetebol da Universidade de Cincinatti. (N. da T.)*

Deambulamos pela cidade de Victoria até nos doerem os pés, até nos doerem as costas e até todo aquele sono que *não* dormimos no avião fazer com que sintamos o corpo pesado e o cérebro leve e a flutuar. De seguida, paramos para comer num restaurante chinês minúsculo com montras de vidros fumados e paredes pintadas de vermelho decoradas com umas pinturas douradas e rebuscadas de paisagens de montanha e de florestas e de rios caudalosos que serpenteiam por entre colinas baixas e arredondadas.

Somos as únicas pessoas ali dentro – são três da tarde, não suficientemente tarde para jantar, mas o ar condicionado é forte e a comida divina, e sentimo-nos tão exaustos que não conseguimos parar de rir de tudo e mais alguma coisa.

Do grito rouco de cana rachada que o Alex soltou esta manhã quando o avião aterrou.

Do homem de fato que passa a correr pelo restaurante a toda a velocidade com os braços colados ao corpo.

Da rapariga na loja do hotel Empress que passou meia hora a tentar vender-nos por vinte e um mil dólares, uma escultura de um urso com quinze centímetros enquanto arrastávamos a nossa bagagem maltrapilha atrás de nós.

– Nós realmente... não temos dinheiro para... isso – disse o Alex, tentando ser diplomático.

A rapariga acenou com a cabeça entusiasticamente.

– Quase ninguém tem. Mas quando a arte te diz alguma coisa, encontras maneira de conseguir.

Não sei porquê, nem um nem o outro conseguimos arranjar coragem para dizer à rapariga que o urso de vinte e um mil dólares *não* estava a dizer-nos nada, mas tínhamos passado o dia inteiro, desde esse momento, a pegar em coisas – num álbum autografado dos Back Street Boys na loja de discos em segunda mão, num exemplar de um romance chamado *What My G-Spot Is Telling You* numa pequena livraria numa transversal de uma rua na zona antiga, num macacão justo de napa

numa loja de produtos eróticos para a qual conduzi o Alex basicamente para o embaraçar – e a perguntar: «Isto diz-te alguma coisa?»

«Sim, Poppy, está a dizer adeusinho.»

«Não, Alex, diz ao teu ponto G que fale mais alto.»

«Sim, compro-o por vinte e um mil dólares e nem menos um cêntimo!»

Perguntávamos e respondíamos à vez, e agora, desabados à mesa lacada de preto do restaurante, não conseguimos parar de, meio delirantes, pegar em colheres e em guardanapos e fazê-los conversar uns com os outros.

A empregada que nos atende é mais ou menos da nossa idade, tem muitos *piercings*, fala à sopinha de massa e tem um bom sentido de humor.

– Se essa soja disser alguma coisa picante, avisem-me – diz ela. – Tem uma certa reputação cá na casa.

O Alex dá-lhe trinta por cento de gorjeta e durante todo o caminho até à paragem de autocarro gozo-o por ter corado sempre que ela olhava para ele e ele goza-me por eu ter feito olhinhos ao empregado da loja de discos, o que é justo, porque decididamente foi o que fiz.

– Nunca vi uma cidade assim tão florida – comento.

– Nunca vi uma cidade assim tão limpa – comenta ele.

– Devíamos mudar-nos para o Canadá? – pergunto.

– Não sei – responde. – O Canadá *diz-te alguma coisa*?

Com os autocarros e o caminho a pé entre as paragens, demoramos duas horas no total a chegar ao carro que aluguei informalmente pela Internet, através do *site* WWT, Women Who Travel.

Sinto-me tão aliviada por o carro existir realmente – e por as chaves estarem debaixo do tapete do chão no assento traseiro, como a proprietária, a Esmeralda, disse que estariam – que começo a bater palmas quando o vejo.

– Uau – diz o Alex –, este carro está realmente a dizer-te alguma coisa.

– Sim – digo –, está a dizer: «Não deixes o Alex conduzir».

Descai-lhe o queixo, com os olhos arregalados e brilhantes a fingir que ficou magoado.

– Para! – grito, afastando-me dele e atirando-me para o lugar do condutor, como se o Alex fosse uma granada.

– Paro o quê? – Baixa-se para me mostrar a sua cara de Cachorrinho Triste.

– *Não!* – guincho, empurrando-o e contorcendo-me de lado para me sentar, como se a tentar escapar a um enxame de formigas que estivesse a jorrar dele. Atiro-me para o lugar do passageiro e ele instala-se calmamente no lugar do condutor.

– Detesto essa cara – digo.

– Não é verdade – diz o Alex.

Tem razão.

Adoro aquela cara ridícula.

E também detesto conduzir.

– Quando descobrires a psicologia invertida, estou lixada – digo.

– O quê? – diz ele, lançando-me um olhar de soslaio enquanto liga o motor.

– Nada.

Viajamos duas horas para norte, para o motel que encontrei no lado leste da ilha. É um país de maravilhas enevoado, com estradas largas sem movimento ladeadas por florestas tão antigas como densas. Não há uma data de coisas para fazer na cidade, mas *há* sequoias e trilhos até cascatas e um restaurante da cadeia Tim Hortons a uns quilómetros do nosso motel, um edifício baixo que parece uma cabana, com um parque de estacionamento de cascalho em frente e um muro de folhagem sob um manto de neblina por trás.

– Pode dizer-se que adoro este sítio – diz o Alex.

– Pode dizer-se que eu também – digo.

E não importa que chova durante toda a semana e que terminemos cada caminhada encharcados até aos ossos, que só consigamos encontrar dois restaurantes com preços razoáveis e tenhamos de comer três vezes em cada um deles ou que comecemos lentamente a dar-nos conta de que quase todas as pessoas com quem nos cruzamos pertencem ao grupo dos maiores de sessenta e muitos anos e de que estamos decididamente a fazer férias numa vila de aposentados. Ou

que o nosso quarto do motel esteja sempre húmido ou que haja tão pouco para fazer que temos de matar o tempo um dia inteiro numa livraria Chapters nas imediações (onde tomamos o pequeno-almoço e o almoço no café da livraria em silêncio enquanto o Alex lê Murakami e eu tomo apontamentos para referência futura de uma pilha de guias de viagens Lonely Planet).

Nada disso importa. Passo toda a semana a pensar: *Isto diz-me alguma coisa.*

Isto é o que quero para o resto da minha vida. Ver novos lugares. Conhecer novas pessoas. Experimentar coisas novas. Não me sinto perdida nem deslocada aqui. Não há uma Linfield de que escapar ou aulas longas e maçadoras para as quais voltar contrariada. Sinto-me ancorada apenas neste momento.

– Não gostavas que estivéssemos sempre a fazer isto? – pergunto ao Alex.

Ele levanta os olhos do livro e fita-me, curvando um canto da boca.

– Não deixaria muito tempo para ler.

– E se eu prometer que te levo a uma livraria em todas as cidades? – pergunto.

– Desistes dos estudos e vens viver numa carrinha comigo?

Inclina a cabeça para o lado enquanto pensa.

– Provavelmente não – diz, o que não é uma surpresa por uma série de razões, incluindo o facto de que o Alex *adora* de tal maneira as suas aulas que já anda a pesquisar programas de pós-graduação em Inglês, enquanto eu vou avançando a custo com notas medianas.

– Bem, eu tinha de tentar – digo com um suspiro.

O Alex pousa o livro.

– Digo-te uma coisa. Podes dispor das minhas férias de verão. Vou mantê-las abertas de par em par para ti, e vamos aonde tu quiseses, desde que tenhamos posses para isso.

– A sério? – digo num tom de dúvida.

– Prometo. – Estende o braço e selamos a promessa com um aperto de mão, e depois ficamos sentados a sorrir durante uns segundos, sentindo-nos como se tivéssemos acabado de assinar um contrato significativo, daqueles que alteram a vida de uma pessoa.

No nosso penúltimo dia, fazemos uma caminhada na calmaria de Cathedral Grove quando o sol está a nascer, derramando uma luz dourada sobre a floresta em pequenas gotas, e quando partimos atravessamos uma cidade chamada Coombs, cujo principal atrativo é um punhado de casinhas com telhados de colmo e um rebanho de cabras a pastarem por ali. Tiramos fotografias às cabras, enfiamos a cabeça em buracos de cartazes com o corpo de cabras pintado grosseiramente e passamos duas horas encantados a vaguear por um mercado cheio de bolachas, doçarias e frascos de compota.

No último dia completo da nossa viagem, atravessamos de carro a ilha de Tofino, a península onde *teríamos* ficado se não estivéssemos a tentar poupar todos os centimos possíveis. Surpreendo o Alex com bilhetes (talvez preocupantemente baratos) para uma travessia de barco para a ilha sobre a qual tinha lido, com o trilho pela floresta para a nascente de água quente.

O piloto do nosso barco chama-se Buck, não é muito mais velho do que nós e tem um tufo de cabelo louro desbotado pelo sol espetado da rede da parte de trás do seu boné. É bem-parecido, de uma maneira absolutamente imunda, com aquele tipo específico de odor corporal de praia misturado com patchuli. Devia ser repelente, mas nele resulta.

A viagem propriamente dita é atroz, com o motor do barco tão ruidoso que tenho de gritar ao ouvido do Alex, com o meu cabelo a esbofetear-lhe o rosto por causa do vento, para lhe dizer:

— ISTO DEVE SER O QUE SENTE UMA PEDRA QUANDO A ATIRAMOS PARA A ÁGUA — com a minha voz martelada ao ritmo de cada batida da pequena embarcação contra o topo das ondas escuras e agitadas.

Durante toda a travessia (demasiado longa), o Buck acena com as mãos como se estivesse a falar connosco, mas não conseguimos ouvi-lo, o que nos deixa, a mim e ao Alex, semi-históricos com o riso depois dos primeiros vinte minutos de monólogo inaudível.

— E SE ELE ESTÁ A CONFESSAR UM CRIME NESTE MOMENTO? — berra o Alex.

— A RECITAR O DICIONÁRIO. DE TRÁS PARA A FRENTE — sugiro.

— A RESOLVER EQUAÇÕES MATEMÁTICAS COMPLEXAS — diz o Alex.

– A COMUNGAR COM OS MORTOS – digo.

– ISTO É PIOR DO QUE...

O Buck desliga o motor e a voz do Alex prolonga-se para além do ruído. Baixa-a e segreda-me ao ouvido:

– Pior do que andar de avião.

– Ele está a parar para nos matar? – segredo em resposta.

– Era isso que ele estava a dizer? – murmura o Alex. – É hora de entrar em pânico?

– Olhem para aquele lado – diz o Buck, virando-se para a esquerda no seu assento e apontando em frente.

– Onde é que ele nos vai matar? – murmura o Alex, e transformo a minha gargalhada numa tossidela.

O Buck vira-se para trás com um sorriso rasgado, torto, mas, tenho de admitir, bonito.

– É uma família de lontras.

Um guincho muito agudo e cem por cento genuíno sai disparado de mim ao mesmo tempo que me ponho de pé a toda a pressa e me debruço para ver os pequenos maços de pelo a flutuar sobre as ondas, com as patas unidas de maneira que parece que vogam como um só corpo, uma rede formada por criaturas marinhas adoráveis. O Alex vem pôr-se atrás de mim, com as mãos pousadas levemente nos meus braços, debruçado sobre mim para ver.

– OK – diz. – É hora de entrar em pânico. Aquilo é adorável como o caraças.

– Podemos levar uma para casa? – pergunto-lhe. – Elas dizem-me qualquer coisa!

Depois daquilo, a caminhada por entre os fetos luxuriantes da floresta até às águas quentes e terrosas da fonte termal – embora incrível – não pode comparar-se com aquela viagem de barco de comprimir a espinha.

Quando nos despimos, ficando em fato de banho, e mergulhamos na piscina de água quente e turva rodeada por rochas, o Alex diz:

– Nós vimos lontras de mãos dadas.

– O Universo gosta de nós – digo. – Este dia foi perfeito.

– Uma viagem perfeita.

– Ainda não acabou – digo. – Mais uma noite.

Depois de o barco do Buck nos trazer sãos e salvos de volta ao porto nessa noite, entramos na pequena barraca que parece saída de outros tempos, que a empresa dos barcos usa como escritório, para pagar a viagem.

– Onde é que vocês estão alojados? – pergunta o Buck quando lhe entrego os cupões que imprimi e ele insere o código manualmente num computador.

– Do outro lado da ilha – diz o Alex. – Nos arredores de Nanoose Bay.

O Buck levanta a cabeça e os seus olhos azuis vão de mim para o Alex, a avaliar-nos.

– Os meus avós vivem em Nanoose Bay.

– Dá a impressão de que todos os avós da Colúmbia Britânica devem viver em Nanoose Bay – digo, e o Buck solta uma gargalhada.

– O que estão a fazer *lá*? – pergunta. – Não é um lugar fantástico para um casal jovem.

– Oh, nós não somos... – O Alex muda o peso do corpo de um pé para o outro, desconfortável.

– Nós somos tipo irmãos não-biológicos, não-legais – digo eu.

– Somos só amigos – traduz o Alex, parecendo embaraçado por minha causa, o que é compreensível, porque consigo *sentir* as bochechas ficarem vermelhas como uma lagosta e o meu estômago dar uma cambalhota quando os olhos do Buck se pousam em mim.

Desvia-os para o Alex e sorri.

– Se não quiserem voltar para o lar da terceira idade esta noite, eu e os meus colegas de casa temos um quintal e uma tenda extra. Podem ficar, se quiserem. Temos sempre pessoas a ficar connosco.

Tenho a certeza de que o Alex *não* quer dormir no chão, mas ele olha para mim e deve ver como esta ideia me agrada – é exatamente o tipo de reviravolta imprevista e vinda de lado nenhum que tenho tido esperança de que esta viagem dê

– porque solta um suspiro quase impercetível e depois vira-se para o Buck com um sorriso fixo.

– Isso seria ótimo. Obrigado.

– Fixe, vocês foram a minha última viagem, por isso deixem-me só fechar e podemos ir.

Quando estamos a sair da doca, o Alex pede a morada para podermos inseri-la no GPS.

– Nã, pá – diz o Buck. – Não precisam de ir de carro.

Final, a casa do Buck fica logo ali, ao cimo de um caminho curto e íngreme a meio quarteirão da doca. Uma casa de dois andares acinzentada e meio descaída, com uma varanda no primeiro andar coberta com toalhas e fatos de banho a secarem e com mobília desdobrável foleira. Há uma fogueira no jardim da frente e, embora ainda sejam seis da tarde, há dúzias de pessoas do género do Buck ali reunidas, com sandálias e botas de caminhada ou pés descalços com uma camada de sujidade, a beber cerveja e a fazer acro-ioga, com música trance a soar no alpendre de um par de colunas inçadas com fita adesiva. Cheira a erva por toda a parte, como se aquilo fosse uma espécie de festival alternativo pobrezinho em miniatura.

– Pessoal – diz o Buck em voz alta enquanto nos conduz pela encosta acima –, estes são a Poppy e o Alex. Eles são de... – Olha para mim por cima do ombro, à espera.

– De Chicago – digo, ao mesmo tempo que o Alex diz:

– Do Ohio.

– Do Ohio e de Chicago – repete o Buck. As pessoas dizem-nos olá e inclinam as suas cervejas na nossa direção, e uma rapariga magra e musculada com um *top* curto traz-nos a mim e ao Alex uma garrafa de cerveja a cada um, e o Alex esforça-se bastante por não olhar para a barriga dela, ao mesmo tempo que o Buck desaparece entre o círculo de pessoas à volta da fogueira, abraçando algumas com uma palmada nas costas.

– Bem-vindos a Tofino – diz ela. – Eu sou a Daisy.

– Outra flor! – digo. – Mas pelo menos não usam a tua para fazer ópio¹⁰.

– Nunca experimentei ópio – diz a Daisy, pensativa. – Limito-me praticamente ao LSD e aos cogumelos. Bem, e à erva, obviamente.

– Já experimentaste aquelas gomas para dormir? – pergunto. – Aquelas coisas são incríveis!

O Alex tosse.

– Obrigado pela cerveja, Daisy.

Ela pisca-lhe o olho.

– Não tens de quê. Sou o comité de boas-vindas. E a guia turística.

– Oh, também vives aqui? – pergunto.

– De vez em quando – diz ela.

– Quem mais vive aqui? – indaga o Alex.

– Hum. – A Daisy vira-se, olhando para a multidão e apontando vagamente. – O Michael, o Chip, a Tara, a Kabir, o Lou. – Junta o cabelo escuro nas costas e puxa-o para um lado do pescoço enquanto continua: – O Mo, o Quincy às vezes; a Lita está aqui há um mês, mas acho que vai embora em breve. Arranjou trabalho como guia de canoagem no Colorado... a que distância fica Chicago? Deviam procurá-la, se alguma vez forem lá.

– Fixe – diz o Alex. – Talvez sim.

O Buck reaparece entre mim e o Alex, com um charro enfiado na boca, e passa um braço casual sobre o ombro de cada um de nós.

– A Daisy já vos fez a visita guiada?

– Ia agora mesmo fazê-la – diz ela.

Mas, não sei como, acabo por não fazer a tal visita guiada àquela casa. Acabo por ficar sentada numa cadeira de jardim de plástico rachado junto à fogueira com o Buck e – penso eu? – o Chip e a Lita que em breve vai ser guia de canoagem, a classificar filmes do Nicolas Cage segundo critérios variados enquanto os azulescuros e os púrpuras do crepúsculo se transformam nos azuis ainda mais escuros e nos pretos da noite, com o céu estrelado a parecer desenrolar-se sobre nós como um enorme manto picado de luzes.

A Lita ri-se com facilidade, o que sempre achei uma qualidade

criminosamente subapreciada, e o Buck é tão descontraído que começo a sentir-me pedrada em segunda mão só de partilhar uma cadeira com ele, e depois fico pedrada em primeira mão e pela primeira vez quando partilho o charro dele.

– Não adoras? – pergunta-me ele ansiosamente quando só dei ainda umas passas.

– Adoro – digo. Para dizer a verdade, acho que é só razoável, e, além disso, se estivesse noutro lugar qualquer, penso que talvez até detestasse, mas nesta noite é perfeito, porque *hoje* está a ser um dia perfeito, esta *viagem* está a ser perfeita.

O Alex vem ver como estou depois da sua «visita guiada» e nesse ponto, sim, estou sentada toda enroscada ao colo do Buck, com a *sweatshirt* dele à volta dos meus ombros frios.

«Estás bem?» O Alex forma as palavras com os lábios do outro lado da fogueira.

Aceno que sim com a cabeça. «E tu?»

Ele acena com a cabeça e depois a Daisy pergunta-lhe qualquer coisa e ele vira-se, pondo-se a conversar com ela. Inclino a cabeça para trás e olho para lá do maxilar por barbear do Buck para as estrelas lá no alto.

Penso que não me importava nada que esta noite durasse mais três dias, mas por fim o céu está a mudar de cor outra vez e a neblina matinal silva da relva húmida enquanto o sol espreita por cima da linha do horizonte algures à distância. A maior parte das pessoas foi desaparecendo, o Alex incluído, e a fogueira está reduzida a brasas quando o Buck me pergunta se quero entrar em casa, e eu digo-lhe que sim, que quero.

Quase lhe digo que *entrar em casa diz-me qualquer coisa*, mas lembro-me de que não é uma piada a nível mundial, é apenas minha e do Alex, e não quero realmente dizê-la ao Buck afinal.

Fico aliviada ao descobrir que ele tem um quarto só seu, mesmo que seja do tamanho de um armário e com um colchão no chão sem mais nada além de dois sacos-cama abertos a fazer as vezes de roupa de cama. Quando ele me beija, é áspero e arranha e sabe a erva e a cerveja, mas ainda só beijei duas pessoas até àquele momento, e uma delas foi o Jason Stanley, portanto isto ainda está a correr

às mil maravilhas, tanto quanto sei. As suas mãos são confiantes, embora um pouco preguiçosas, a condizer com o resto dele, e daí a pouco estamos a subir para o colchão, com as mãos a prenderem-se no cabelo emaranhado pela água do mar um do outro, de ancas coladas.

Ele tem um corpo giro, penso, do tipo que é na maior parte firme devido a um estilo de vida ativo, mas com uma barriguinha por ceder aos seus variados vícios. Não como o do Alex, que tem sido esculpido no ginásio ao longo dos anos com disciplina e determinação. Não que o corpo do Alex não seja fantástico. *É* fantástico.

E não que haja alguma razão para comparar os dois, ou *quaisquer dois* corpos, na realidade. É um bocado marado que a ideia me tenha sequer vindo à cabeça.

Mas é só porque o corpo do Alex é o corpo de homem que estou mais habituada a ter por perto e também é do tipo em que suponho que nunca vou tocar. As pessoas como o Alex – cuidadosas, conscienciosas, em boa forma física, reservadas – tendem a preferir pessoas como a Sarah Torval – a paixoneta da biblioteca, cuidadosa, conscienciosa e fã de ioga.

Ao passo que é mais provável que pessoas como eu acabem a curtir com pessoas como o Buck no seu colchão no chão em cima dos seus sacos-cama abertos.

Ele é todo língua e mãos, mas mesmo assim é *divertido*, beijar este quase estranho, ter permissão fervorosa e apreciadora para tocar nele. É uma espécie de treino. Um treino perfeito e divertido com um tipo que conheci nas férias, que não tem qualquer impacto na minha vida real. Que apenas conhece a Poppy Neste Momento e não precisa de mais do que isso.

Beijamo-nos até eu ficar com a sensação de que tenho os lábios pisados e termos despido a parte de cima da roupa, e depois sento-me no escuro da madrugada, a recuperar o fôlego.

– Não quero fazer sexo, está bem?

– Oh, tudo bem – diz ele num tom ligeiro, sentando-se e encostando-se à parede. – Na boa. Sem pressões.

E não parece sentir-se minimamente embaraçado com isto, mas também não volta a puxar-me para si, a beijar-me de novo. Fica apenas ali sentado por um minuto, como se estivesse à espera de alguma coisa.

– O quê? – digo.

– Oh. – Olha na direção da porta e depois para mim. – Só pensei que, se não queres curtir...

E então compreendo.

– Queres que eu me vá embora?

– Bem... – Faz um sorriso embaraçado (ou embaraçado para ele, de qualquer maneira), solta uma meia-gargalhada que parece uma espécie de latido. – Quero dizer, se não vamos fazer sexo, então eu talvez...

Para de falar, e agora a minha gargalhada apanha-me de surpresa.

– Vais curtir com outra pessoa?

Ele parece genuinamente preocupado quando diz:

– Isso faz-te sentir incomodada?

Fito-o por uns bons três segundos.

– Olha, se tu quisesses fazer sexo, estarias tipo... Eu também queria. Tipo, quero mesmo. Mas como não queres... Estás zangada?

Desatei a rir.

– Não – disse, voltando a vestir a *T-shirt*. – Na verdade, não estou nada, nada zangada. Aprecio a tua sinceridade.

E eu própria estou a ser sincera. Porque isto é só o Buck, um tipo qualquer que conheci em férias, e, bem vistas as coisas, ele foi um verdadeiro cavalheiro.

– OK, fixe – diz ele, e dispara-me aquele seu sorriso descontraído, que quase brilha no escuro. – Ainda bem que estamos na boa.

– Estamos na boa – concordo. – Mas... tu disseste qualquer coisa sobre uma tenda?

– Oh, certo. – Bate com a mão na testa. – A vermelha e preta na frente é toda tua, miúda.

– Obrigada, Buck – digo, e levanto-me. – Por tudo.

– Ei, espera um segundo. – Inclina-se e pega numa revista do chão ao lado do colchão, procura um marcador e depois escreve qualquer coisa na margem branca de uma página e arranca a folha. – Se alguma vez voltares à ilha – diz –, não fiques na terra dos meus avós, está bem? Fica cá. Temos sempre lugar para mais um.

Com isso, esgueiro-me da casa, passando por quartos onde já está – ou ainda está – música a tocar e por portas do outro lado das quais vêm suspiros e gemidos suaves.

Lá fora, desço cuidadosamente os degraus do alpendre molhados pelo orvalho e dirijo-me para a tenda vermelha e preta. Tenho a certeza de que vi o Alex desaparecer para dentro da casa com a Daisy há horas, mas quando abro o fecho da tenda, ele está ferrado no sono dentro dela. Rastejo cuidadosamente para dentro e quando me deito ao seu lado, ele mal abre os olhos inchados com sono e diz numa voz rouca:

– Ei.

– Ei – digo. – Desculpa ter-te acordado.

– Não faz mal – diz ele. – Que tal foi a tua noite?

– Foi boa – digo-lhe. – Curti com o Buck.

Esubalha os olhos por um segundo antes de eles voltarem a encolher e ficarem umas lascas sonolentas de avelã.

– Uau – rouqueja, e depois tenta engolir uma centelha de riso sonolento. – As cortinas condiziam com os reposteiros bastante perturbadores?

A rir-me, dou-lhe um pontapé na perna.

– Não te contei para tu me gozares.

– Ele contou-te o que esteve a dizer durante aquele tempo todo no barco? – pergunta o Alex por entre outra gargalhada chocalhada. – Quantas pessoas estavam na rede contigo?

Começo a rir-me tanto que tenho lágrimas a escorrer-me dos cantos dos olhos.

– Ele... pôs-me... fora... – É difícil fazer sair as palavras da boca por entre acessos ofegantes de riso, mas por fim consigo. – ... pôs-me fora quando eu lhe disse que não queria fazer sexo.

– Oh, meu Deus – diz o Alex, soerguendo-se e apoiando-se num cotovelo, e o saco-cama cai-lhe do peito e o seu cabelo dança com eletricidade estática. – Que parvalhão.

– Não – digo. – Na boa. Ele só queria faturar, e se não fosse comigo, há à vontade mais quatrocentas raparigas neste meio hectare de floresta húmida.

O Alex volta a deixar cair a cabeça sobre a almofada.

– Sim, bem, continuo a achar que foi um bocado foleiro.

– Por falar em raparigas – digo, com um sorrisinho.

– Nós... não estávamos? – diz o Alex.

– Enrolaste-te com a Daisy?

Ele revira os olhos.

– Tu *achas* que me enrolei com a Daisy?

– Até o dizeres dessa maneira, sim.

O Alex põe o braço debaixo da almofada.

– A Daisy não faz o meu tipo.

– É verdade – digo. – Ela não é nada como a Sarah Torval.

O Alex revira os olhos outra vez e depois fecha-os completamente.

– Vai dormir, esquisitoide.

Por entre um bocejo, digo:

– O sono diz-me qualquer coisa.

8 O Que o Meu Ponto G Te Está a Dizer. (*N. da T.*)

9 Mulheres que viajam. (*N. da T.*)

10 Os nomes próprios das duas personagens são também nomes de flores. *Daisy* significa «margarida» e *Poppy*, «papoila». (*N. da T.*)

Há bastantes espreguiçadeiras livres na piscina do complexo turístico Desert Rose – toda a gente está na água –, por isso eu e o Alex levamos as nossas toalhas para as duas a um canto.

Ele estremece quando se baixa e se senta.

– O plástico está quente.

– Tudo está quente. – Atiro-me para a espreguiçadeira ao lado da dele e descolo do corpo a minha saída de praia. – Que percentagem daquela piscina achas que é chichi neste momento? – pergunto, inclinando a cabeça para o bando de bebés com chapéus a chapinhar nos degraus com os pais.

O Alex faz uma careta.

– Não digas isso.

– Porque não?

– Porque está tanto calor que vou meter-me na água, de qualquer maneira, e não quero pensar nisso. – Desvia o olhar ao mesmo tempo que despe a *T-shirt* branca, que dobra e torce para a pousar no chão ao seu lado, e os seus músculos retesam-se no peito e na barriga enquanto faz todos aqueles gestos.

– Como é que ficaste mais musculado? – pergunto.

– Não fiquei. – Tira o protetor solar do meu saco de praia e deita um pouco na mão.

Olho para a minha barriga, que pende sobre a parte de baixo cor de laranja fluorescente do biquíni. Nos últimos anos, o meu estilo de vida de *cocktails* em aviões e *burritos*, bifanas e massa chinesa à noite, a horas tardias, começou a deixar-me mais rechonchuda e mole.

– Está bem – digo ao Alex –, então tu continuas exatamente igual, enquanto o resto de nós começa a ter papos nos olhos e as mamas e o pescoço flácidos e ficamos com cada vez mais estrias e marcas da acne e cicatrizes.

– Queres realmente ter o aspeto que tinhas aos dezoito anos? – pergunta ele, e começa a espalhar grandes quantidades de protetor solar nos braços e no peito.

– Quero – digo, pegando no frasco de *Banana Boat* e aplicando um pouco de protetor solar nos ombros. – Mas já me contentava com vinte e cinco.

O Alex abana a cabeça e depois baixa-a para espalhar mais protetor no pescoço.

– Estás com melhor aspeto agora do que nessa altura, Poppy.

– A sério? Porque a secção de comentários no meu Instagram discordaria de ti – digo.

– Isso são tudo tretas – afirma ele. – Metade das pessoas no Instagram nunca viveu num mundo onde todas as imagens não são manipuladas. Se te vissem na vida real, desmaiavam. As minhas alunas andam todas obcecadas com um «modelo do Instagram» que é totalmente uma imagem gerada por computador. É uma rapariga de desenhos animados. Parece literalmente uma personagem de um videojogo e, de cada vez que aparece uma publicação na conta dela, ficam todas passadas com a sua beleza.

– Oh, sim, eu conheço essa rapariga – digo. – Quero dizer, não a *conheço*. Ela não é real. Mas conheço essa conta. Às vezes, enfio-me em tocas de coelhos até ao fundo, a ler os comentários. Ela tem uma rivalidade com outra modelo gerada por computador... queres que te trate das costas?

– O quê? – O Alex olha para cima, confuso.

Empunho o frasco de protetor solar.

– As tuas costas? Estão de frente para o sol neste momento.

– Oh. Sim. Obrigado. – Vira-se e baixa a cabeça, mas mesmo assim é tão alto que tenho de me ajoelhar para lhe chegar à parte entre as clavículas. – Seja como for. – Pigarreia. – Os alunos sabem que me sinto seriamente repugnado por esse aspeto de robô, por isso andam sempre a tentar enganar-me e fazer-me ver imagens dessa rapariga artificial, só para me verem estremecer de repulsa. Faz-me sentir mal por te ter feito aquela Cara de Cachorrinho Triste estes anos todos.

As minhas mãos imobilizam-se nos seus ombros quentes e sardentos e sinto um nó no estômago.

– Ficava triste se deixasses de fazer isso.

Ele lança-me um olhar por cima do ombro, com o perfil numa sombra azul

fresca porque o sol incide nele do outro lado. Por um milissegundo, sinto-me palpitante por causa da proximidade dele, da sensação dos músculos dos seus ombros sob as minhas mãos, da maneira como a água-de-colónia dele se mistura com a doçura de coco do protetor solar e como os seus olhos cor de avelã me olham fixamente.

É um milissegundo que pertence àqueles outros cinco por cento – os *e se*. Se eu me inclinasse para a frente e o beijasse por cima do seu ombro, se metesse o lábio inferior dele entre os meus dentes, se lhe enfiasse as mãos no cabelo até ele se virar e me puxar contra o peito.

Mas já não há mais espaço para esses outros cinco por cento, e eu sei disso. Creio que ele também sabe, porque pigarreia e desvia os olhos.

– Queres que te trate das costas também?

– Mm... hum – digo a custo, e viramo-nos os dois novamente, de maneira que agora ele está de frente para as minhas costas, e, durante todo o tempo em que tem as mãos pousadas em mim, tento ativamente não as sentir. Tento não sentir alguma coisa mais quente do que o sol de Palm Springs a juntar-se por trás do meu umbigo enquanto as palmas das mãos do Alex me raspam delicadamente a pele.

Não importa que haja bebés a soltar gritinhos e pessoas a rirem-se e pré-adolescentes a atirarem-se de chapa para a água em espaços demasiado pequenos. Como não há estímulos suficientes nesta piscina cheia de movimento para me distrair, avanço para um plano B formado a toda a pressa.

– Alguma vez falas com a Sarah? – sai-me, numa voz uma oitava mais aguda do que o habitual.

– Hum. – As mãos do Alex descolam-se de mim. – De vez em quando. Estás pronta, já agora.

– Fixe. Obrigada. – Viro-me e volto a recostar-me na espreguiçadeira, pondo uns bons trinta centímetros de distância entre nós. – Ela ainda dá aulas em East Linfield? – Com a competitividade das colocações de professores nos dias que correm, parecia um sonho que ambos tivessem encontrado um lugar na mesma escola e voltado para o Ohio. E depois romperam.

– Ainda. – Estende a mão para o meu saco e tira dele as garrafas de água que

enchemos com as *margaritas* com gelo que comprámos na loja de conveniência. Passa-me uma delas. – Ainda lá está.

– Então devem ver-se muito – digo. – É constrangedor?

– Não, nem por isso – responde.

– Não se veem muito ou não é constrangedor?

Ele ganha algum tempo com um longo gole da garrafa de água.

– Hum, nenhum dos dois, acho.

– Ela... anda com alguém? – pergunto.

– Porquê? – diz o Alex. – Pensei que nem sequer gostavas dela.

– Pois – digo, com o embaraço a correr-me pelas veias como uma droga de efeito imediato. – Mas tu gostavas, portanto quero ter a certeza de que estás bem.

– Estou bem – diz ele, mas, como parece pouco à vontade, deixo de fazer perguntas.

Nada de dizer mal do Ohio, nada de falar sobre o corpo ridiculamente esbelto do Alex, nada de o olhar nos olhos a menos de quinze centímetros de distância e nada de falar da Sarah Torval.

Consigo fazer isso. Provavelmente.

– E se fôssemos para a água? – sugiro.

– Está bem.

Porém, enquanto abrimos caminho por entre a manada de bebés para descer os degraus caiados da piscina, torna-se rapidamente claro que *esta* não é a solução para o constrangimento melindroso entre nós. Por um lado, porque a água, com todos os muitos corpos que se encontram nela (e, potencialmente, a fazerem chichi), dá a sensação de estar quase tão quente como o ar e, de alguma maneira, é até mais desagradável.

Por outro lado, está tão cheia de gente que temos de ficar tão perto um do outro que os dois terços superiores dos nossos corpos quase se tocam. Quando um homem corpulento com um chapéu de camuflado passa por mim, colido com o Alex e percorre-me um raio de pânico ao ter a sensação da sua barriga lisa contra a minha. Ele agarra-me pelas ancas, para me equilibrar e ao mesmo tempo me afastar

dele, para o lugar que me compete a cinco centímetros do seu corpo.

– Estás bem? – pergunta.

– Mm-hum – digo, porque a única coisa em que consigo focar-me realmente é na maneira como as mãos dele se estendem sobre os ossos da minha anca. Suponho que vai haver muito disso nesta viagem. De *mm-huns*, não das mãos gigantescas do Alex nas minhas ancas.

Ele solta-me e vira o pescoço, lançando um olhar por cima do ombro para as nossas espreguiçadeiras.

– Talvez devêssemos simplesmente ler até a piscina ficar menos apinhada – sugere.

– Boa ideia. – Sigo-o num caminho aos ziguezagues até aos degraus da piscina, o cimento em brasa, as toalhas demasiado pequenas estendidas em cima das espreguiçadeiras, onde nos recostamos à espera. Ele tira do saco um romance da Sarah Waters, que acaba de ler, e depois passa a um livro do Augustus Everett. Eu pego no número mais recente da *R+R* com a intenção de passar uma vista de olhos por tudo aquilo que *não* escrevi. Talvez encontre uma centelha de inspiração que possa apresentar à Swapna para ela não se sentir furiosa comigo.

Finjo ler durante duas horas acaloradas, e a piscina não chega a esvaziar-se de pessoas.

*

Assim que abrimos a porta do apartamento, sei que as coisas vão piorar.

– Mas que diabo – diz o Alex, seguindo-me para dentro do estúdio. – Ficou mais *quente*?

Corro para o termóstato e leio os números iluminados.

– Vinte e *oito* graus?!

– Talvez estejamos a exigir-lhe demasiado? – sugere o Alex, vindo pôr-se ao meu lado. – Vamos ver se conseguimos que baixe para vinte e seis e meio, pelo menos.

– Eu sei que vinte e seis e meio é, tecnicamente falando, melhor do que vinte e oito, Alex – digo –, mas mesmo assim vamos assassinar-nos um ao outro se tivermos de dormir com uma temperatura de vinte e seis graus e meio.

– Devíamos contactar alguém? – pergunta o Alex.

– Sim! Decididamente, devíamos contactar alguém! Bem pensado! – Vasculho o meu saco de praia à procura do telemóvel e pesquiso nos *e-mails* o número de telefone do dono do apartamento. Ligo, e toca três vezes antes de se ouvir uma voz ríspida e roufenha.

– Sim?

– Nikolai?

Dois segundos de silêncio.

– Quem fala?

– Sou a Poppy Wright. Estou no 4B.

– OK.

– Estamos a ter problemas com a temperatura do ar condicionado.

Três segundos de silêncio desta vez.

– Tentaram pesquisar no Google?

Ignoro a pergunta e continuo.

– Marcava vinte e seis graus quando chegámos. Tentámos baixá-lo para vinte e um, há duas horas, e agora está nos vinte e oito.

– Oh, pois – diz o Nikolai. – Estão a exigir demasiado dele.

Suponho que o Alex consegue ouvir o que o Nikolai está a dizer, porque acena com a cabeça, tipo: *Bem te disse*.

– Então... não consegue aguentar... arrefecer mais do que vinte e cinco e meio? – pergunto. – Porque isso não estava na sua publicação, e as obras lá fora também não...

– Só consegue descer meio grau de cada vez, minha joia – diz o Nikolai com um suspiro de quem se sente sitiado. – Não podem simplesmente regular um termóstato para que a temperatura desça até aos vinte e um graus de uma vez só! E quem é que quer ter uma temperatura de vinte e um graus no apartamento, de qualquer maneira?

O Alex e eu trocamos um olhar.

– Dezanove e meio – segreda ele.

«Dezoito e meio», formo com os lábios, apontando para mim.

– Bem...

– Olhe, olhe, olhe, minha joia. – O Nikolai interrompe-me outra vez. – Desça para vinte e sete. Quando a temperatura chegar aos vinte e sete, desça para vinte e seis e meio. Depois, para vinte e seis, e quando a temperatura chegar aos vinte e seis, desça para vinte e cinco e meio. E quando a temperatura chegar aos vinte e cinco e meio...

– ... avance e corte a sua própria cabeça – segreda o Alex, e afasto o telemóvel de mim antes que o Nikolai consiga ouvir-me rir.

Volto a aproximá-lo da orelha e o Nikolai *ainda* está a explicar como contar de vinte e oito para trás.

– Entendido – digo. – Obrigada.

– Sem problema – diz o Nikolai com mais um suspiro. – Tenham uma boa estadia, minha joia.

Quando desligo, o Alex atravessa a sala até ao termóstato e volta a ligá-lo para vinte e sete graus.

– Aqui vai literalmente nada.

– Se não conseguirmos que funcione... – Paro de falar, com o impacto total da nossa situação a atingir-me. Ia dizer que, se não conseguíssemos que resultasse, eu reservava um quarto de hotel para nós com o cartão de crédito da *R+R*.

Mas é claro que não podemos.

Eu podia pô-lo no *meu* cartão de crédito, mas, a viver em Nova Iorque, num apartamento demasiado bom para mim, não tenho *de facto* uma pipa de massa disponível. Pode dizer-se que as regalias do meu trabalho representam a maior parte do meu rendimento. Podia tentar arranjar-nos um quarto de hotel em troca de publicidade, mas tenho-me desleixado nas redes sociais e no blogue, e não tenho a certeza de ainda ter prestígio suficiente. Além disso, muitas empresas não querem saber de influenciadores. Algumas até fazem uma captura de ecrã dos pedidos e publicam-nos na Internet para nos envergonhar. Eu não sou propriamente o George Clooney. Sou só uma rapariga que tira fotografias bonitas – talvez conseguisse

obter um desconto; um quarto de graça é improvável.

– Nós arranjamos uma solução qualquer – diz o Alex. – Queres ir tomar um duche primeiro ou vou eu?

Vejo pela maneira como tem os braços ligeiramente afastados do corpo que está desesperado por se sentir limpo. E se ele saltar para o chuveiro agora, talvez eu até consiga fazer baixar a temperatura uns graus entretanto.

– Vai tu – digo-lhe, e ele afasta-se.

Durante todo o tempo em que ouço a água correr, estou a andar de um lado para o outro. Da pseudocama desdobrável para a varanda embrulhada em plásticos e daí para o termóstato. Por fim, desce para vinte e sete graus, e marco a temperatura desejada para vinte e seis e meio e continuo a andar de um lado para o outro.

Depois de decidir fazer um registo de tudo para poder apresentar queixa ao Airbnb e tentar que me devolvam algum do dinheiro, tiro fotografias ao cadeirão-cama e ao alpendre – as obras no andar de cima pararam misericordiosamente por hoje; por isso, pelo menos não há ruídos, apenas o zunido das conversas e o rumorejar da água vindo da piscina – e depois volto para o termóstato, que está agora nos vinte e seis e meio, para lhe tirar também uma fotografia.

Quando estou a marcar a temperatura em vinte e seis graus, ouço o duche desligar-se, por isso ponho a minha mala em cima do cadeirão, corro o fecho e remexo à procura de algo leve para vestir para ir jantar.

O Alex sai da casa de banho numa nuvem de vapor, com uma toalha à volta da cintura que segura com uma mão, ao mesmo tempo que passa a outra pelo cabelo molhado, deixando-o espetado e todo despenteado.

– É a tua vez – diz ele, mas demoro um segundo a compreender por entre a névoa do seu tronco comprido e enxuto e a protuberância aguçada do osso esquerdo da sua anca.

Por que motivo é tão diferente ver alguém com uma toalha à volta da cintura de o ver em fato de banho? Há trinta minutos, o Alex estava efetivamente mais nu do que isto, mas agora as linhas suaves do seu corpo parecem mais escandalosas. Sinto que todo o sangue do meu corpo está a vir à superfície, pressionando-me a

pele de tal maneira que cada centímetro de mim está mais alerta.

Dantes não era assim.

Isto é tudo por causa da Croácia.

Maldita sejas, tu e as tuas ilhas maravilhosas, Croácia!

– Poppy? – diz o Alex.

– Mm-hum – digo, e depois lembro-me de pelo menos acrescentar: – Sim. – Viro-me de novo para a mala e pego num vestido, num *soutien* e em roupa interior à toa. – *OK*. O quarto é todo teu.

Apresso-me a entrar na casa de banho cheia de vapor e fecho a porta enquanto estou a desapertar a parte de cima do biquíni, mas imobilizo-me, atordoada quando vejo uma enorme cápsula de vidro azul que ocupa toda uma parede, completa com um assento reclinado *de cada lado*, como se fosse alguma espécie de cabina de duche para grupos da série *Os Jetsons*.

– Oh, meu Deus. – Isto, tenho a certeza, não aparecia nas fotografias. De facto, toda esta divisão é totalmente diferente da que aparece no *site*, transformada dos tons cinzentos subtis de praia da sua anterior encarnação nos azuis brilhantes e nos brancos estéreis da visão hipermoderna diante dos meus olhos.

Pego numa toalha do toalheiro, ponho-a à volta do corpo e abro a porta.

– Alex, porque é que não disseste nada sobre a...

O Alex estende a mão para a sua toalha a toda a pressa e põe-na à volta do corpo, e eu faço os possíveis por retomar a frase onde ela tropeçou e finjo que não aconteceu nada.

– ... a casa de banho tipo nave espacial?

– Calculei que soubesses – diz o Alex numa voz rouca. – Tu é que reservaste este sítio.

– Devem ter remodelado desde que as fotografias foram tiradas – digo. – Como é que descobriste sequer como ligar aquela coisa?

– Sinceramente – diz o Alex –, a coisa mais difícil foi arrancar o controlo ao sistema de inteligência artificial tipo *2001: Odisseia no Espaço*. Depois disso, o maior problema foi só que estava sempre a confundir os manípulos da sexta cabeça

de chuveiro com os do massajador dos pés.

É quanto basta para quebrar a tensão. Desfaço-me em gargalhadas e ele também, e deixa de importar tanto que estejamos aqui os dois com toalhas a cobrir o corpo.

– Este sítio é um purgatório – digo. – Tudo é suficientemente bom para fazer com que os defeitos sejam muito mais evidentes.

– O Nikolai é um sádico – concorda o Alex.

– Sim, mas é um sádico com uma casa de banho tipo nave espacial. – Inclino-me para a casa de banho para examinar a cabina de duche com as suas múltiplas cabeças e os seus múltiplos assentos.

Desato mais uma vez a rir à gargalhada e quando volto a olhar para o quarto, vejo o Alex ali de pé, a sorrir. Pôs uma *T-shirt* por cima do seu tronco húmido, mas não se arriscou a tirar a toalha.

Viro-me para a casa de banho.

– *OK*, vou deixar-te dançar nu pelo apartamento à vontade. Usa o teu tempo com sensatez.

– É o que tu fazes? – diz o Alex. – Dançar nua pelo teu apartamento sempre que eu estou na divisão ao lado? Fazes isso, não fazes?

Rodo nos calcanhares quando estou a fechar a porta.

– Gostavas mesmo de saber, não gostavas, Alex Porno?

Apesar de o Alex ter passado todos os momentos livres no terceiro ano a fazer turnos na biblioteca (e, por conseguinte, eu ter passado todos os meus momentos livres sentada no chão por trás do balcão da secção de livros de consulta a comer *Twizzlers* e a meter-me com ele sempre que a Sarah Torval passava por ali toda tímida), não há dinheiro para uma grande viagem de verão este ano.

O irmão mais novo do Alex vai começar a estudar num instituto de ensino médio no ano que vem, sem grande auxílio financeiro do Estado, e o Alex, um santo entre meros mortais, está a canalizar tudo o que ganha para as propinas do Bryce.

Quando me deu a notícia, o Alex disse:

– Compreendo se quiseses ir a Paris sem mim.

A minha resposta foi instantânea.

– Paris pode esperar. Vamos antes visitar a Paris dos Estados Unidos.

Arqueou uma sobrancelha.

– Que é?

– É evidente – disse eu. – Nashville.

Ele riu-se, encantado. Eu adorava encantá-lo, *vivia* para isso. Ficava extremamente empolgada quando fazia aquele seu rosto estoico abrir-se num sorriso, e ultimamente não tinha havido muitas ocasiões dessas.

Nashville fica apenas a quatro horas de carro de Linfield e, milagrosamente, a carrinha do Alex ainda está aí para as curvas. Portanto, Nashville aí vamos nós.

Quando ele me vem buscar na manhã da nossa partida, ainda estou a fazer a mala, e o meu pai fá-lo sentar-se e responder a uma série de perguntas aleatórias enquanto eu acabo. Entretanto, a minha mãe entra à socapa no meu quarto com qualquer coisa escondida atrás das costas e cantarola:

– Olá olá olá, doçurinha.

Levanto os olhos da explosão de roupas coloridas no meu saco de viagem,

que mais parece uma cena de vômito dos Marretas.

– Olá olá olá?

Empoleira-se na minha cama, com as mãos ainda escondidas.

– O que estás a fazer? – pergunto. – Estás algemada neste momento? Estamos a ser assaltados? Pestaneja duas vezes se não puderes dizer nada.

Ela passa a caixa para a frente. Solto imediatamente um grito e dou uma palmada na caixa, que cai ao chão.

– Poppy! – grita a minha mãe.

– Poppy?! – riposto. – *Poppy não! Mãe!* Porque é que trazes uma embalagem gigante de preservativos atrás das costas?

Ela baixa-se e pega na caixa. Está fechada (felizmente?), portanto não caiu nada dela.

– Só achei que já eram horas de falarmos sobre isto.

– Nã nã. – Abano a cabeça. – São nove e vinte da manhã. *Não* são horas de falar sobre isto.

Ela suspira e pousa a caixa em cima do meu saco de viagem a rebentar pelas costuras.

– Só quero que vocês se mantenham em segurança. Tu ainda tens muita coisa pela frente. Nós queremos que todos os teus sonhos mais incríveis se realizem, minha querida!

O meu coração falha um batimento. Não por a minha mãe estar a insinuar que eu e o Alex vamos fazer sexo – agora que me ocorreu, é claro que é o que ela pensa – mas porque está a defender a importância de acabar o curso, o que ainda não lhe disse que não planeio fazer.

Ainda só contei ao Alex que não planeio voltar para a universidade no ano que vem. Tenho estado à espera até depois da viagem para contar aos meus pais, para que nenhuma grande discussão impeça que ela se realize.

Os meus pais apoiam-me imenso, mas isso é em parte porque ambos queriam ter estudado e nem um nem o outro tiveram apoio para o fazer. Sempre partiram do princípio de que qualquer sonho que eu pudesse ter seria facilitado se eu tivesse um

curso.

Contudo, ao longo do último ano, a maior parte dos meus sonhos e da minha energia tem sido dedicada às viagens: viagens de fim de semana e viagens curtas nas férias intercalares – normalmente sozinha, mas por vezes com o Alex (a acampar, porque é para o que temos posses) ou com a minha colega de quarto, a Clarissa, uma *hippie* rica que conheci num encontro informativo sobre programas de estudo no estrangeiro no fim do ano passado (visitas às casas à beira-lago de cada um dos seus pais). Ela vai começar o próximo ano – *o último ano* – em Viena, obtendo créditos da cadeira de História da Arte, mas quanto mais eu pensava naqueles programas menos interessada me sentia.

Não quero ir para a Austrália só para passar o dia inteiro numa sala de aulas e não quero acumular dívidas de milhares de dólares só para ter uma Experiência Académica em Berlim. Para mim, viajar tem que ver com *vaguear*, conhecer pessoas inesperadas, fazer coisas que nunca fiz. E, além disso, todas aquelas viagens de fim de semana estão a começar a render frutos. Só escrevo um blogue há oito meses e já tenho alguns milhares de seguidores nas redes sociais.

Quando soube que tinha chumbado nos requisitos gerais de Ciências Biológicas e que, por conseguinte, ia precisar de mais um semestre para terminar o curso, foi a última gota de água.

E vou contar tudo isto os meus pais e hei de arranjar alguma maneira de fazê-los compreender que estudar não é adequado para mim como é para pessoas como o Alex. Mas *hoje* não é esse dia. Hoje, vamos para Nashville, e, depois do último semestre, a única coisa que quero é soltar-me.

Mas não da maneira que a minha mãe está a insinuar.

– Mãe – digo. – Eu *não* vou fazer sexo com o Alex.

– Não tens de me contar nada – responde ela com um aceno de cabeça calmo e controlado, embora esses modos desapareçam completamente quando continua a falar: – Só preciso de saber que estás a ser responsável. Oh, meu Deus, não posso crer como estás crescida! Vêm-me as lágrimas aos olhos só de pensar nisso. Mas não deixas de ter de ser responsável! Tenho a certeza de que és, no entanto. És uma rapariga tão esperta! E sempre te conhecestes a ti mesma. Sinto-me tão orgulhosa de ti, minha querida.

Estou a ser mais responsável do que ela imagina. Embora tenha curtido com alguns rapazes ao longo do último ano e tenha feito mais do que isso com um, mesmo assim mantive-me em segurança na faixa mais lenta. Quando, algo toldada, admiti isto à Clarissa durante uma viagem até casa da mãe dela na outra margem do lago Michigan, esbugalhou os olhos como se estivesse a fitar uma bola de cristal para prever o futuro e disse daquela sua maneira ligeira:

– Estás à espera de quê?

Limitei-me a encolher os ombros. A verdade é que não sei bem. Acho que só vou saber quando o vir.

Por vezes, penso que estou a ser demasiado prática, o que não é uma coisa de que alguma vez tenha sido acusada, mas, em relação a isto, por vezes sinto que estou à espera das circunstâncias perfeitas para uma Primeira Vez.

Noutras ocasiões, acho que talvez tenha alguma coisa que ver com a Poppy Porno. Como se, depois daquilo tudo, eu fosse incapaz de me perder num momento, numa pessoa.

Talvez precise apenas de tomar uma decisão, de escolher alguém entre uma série de vagas paixonetas que tenho andado a acalantar por alguns dos rapazes que eu e o Alex encontramos regularmente em festas. Rapazes do departamento de Inglês dele ou do meu departamento de Comunicação ou qualquer uma das outras personagens que figuram regularmente nas nossas vidas.

Por agora, no entanto, mantenho a esperança em suspenso, à espera daquele momento mágico em que me pareça natural com uma pessoa em particular.

Essa pessoa *não* vai ser o Alex.

Na verdade, se eu tivesse simplesmente de escolher alguém, provavelmente seria ele. Seria direta com ele, explicaria o que queria fazer e porquê, e talvez insistisse para que nós os dois assinássemos um documento com sangue a dizer que aconteceria uma única vez e que nunca mais voltaríamos a falar do assunto.

Mas mesmo que chegue a isso, faço um voto silencioso e solene neste momento de que *não* vou usar um preservativo da embalagem de tamanho gigante que a minha mãe acabou de enfiar no meu saco de viagem.

– Juro, juro-te por tudo que não preciso disso – digo.

Ela levanta-se e dá uma palmadinha na caixa.

– Talvez agora não, mas porque não ficares com eles? Pelo sim pelo não. E também, estás com fome? Tenho bolachas no forno e... oh não, esqueci-me de ligar a máquina da louça.

Sai a correr do meu quarto e eu acabo de fazer a mala e depois arrasto o saco de viagem até ao andar de baixo. A minha mãe está na ilha da cozinha, a cortar bananas demasiado maduras para fazer pão de banana enquanto as bolachas arrefecem, e o Alex está sentado daquela sua maneira muito rígida ao lado do meu pai.

– Estás pronto? – pergunto, e ele levanta-se de um salto do banco como se dissesse «Eu nasci pronto para não estar sentado ao lado do teu pai muito intimidativo».

– Estou. – Passa as mãos pela parte da frente das calças. – Sim. – É por volta desse momento que avista a caixa de preservativos que trago entalada debaixo do braço.

– Isto? – digo. – Isto são só quinhentos preservativos que a minha mãe me deu, para o caso de começarmos a coisar.

O Alex cora.

– Poppy! – grita a minha mãe.

O meu pai olha por cima do ombro, horrorizado.

– Desde quando é que vocês os dois têm um envolvimento romântico?

– Eu não... Nós não... fazemos isso, Mr. Wright – diz o Alex.

– Olha, levas-me isto para o carro, pai? – Atiro-lhe a caixa por cima da ilha da cozinha. – Estou a ficar com o braço cansado de a segurar. Esperemos que o nosso hotel tenha daqueles carrinhos de bagagem grandes.

O Alex continua sem conseguir encarar o meu pai.

– Nós realmente não andamos a...

A minha mãe enterra as mãos nas ancas.

– Aquilo era para ser uma coisa em privado. Olha, estás a embaraçá-lo. Não o embaraces, Poppy. Não fiques embaraçado, Alex.

– Nunca ia ficar em privado por muito tempo – digo. – Se essa caixa não couber na mala, vamos ter de a amarrar ao tejadilho da carrinha.

O meu pai pousa a caixa na mesa de apoio e começa a ler a parte lateral da embalagem com uma ruga na testa.

– São *realmente* feitos de pele de ovelha? São reutilizáveis?

O Alex não consegue esconder um estremecimento.

A minha mãe explica:

– Não tinha a certeza se algum deles era alérgico ao látex!

– Bem, temos de nos fazer à estrada – digo. – Venham despedir-se de nós com um abraço. Quando voltarem a ver-nos, talvez já sejam av... – Paro de falar e de esfregar a barriga quando vejo a expressão no rosto do Alex. – Estava a brincar! Somos só amigos. Adeus, mãe. Adeus, pai!

– Oh, vão divertir-se imenso. Não posso esperar para ouvir tudo o que fizeram. – A mãe sai de trás da bancada e puxa-me ao peito para me abraçar. – Porta-te bem – diz. – E não te esqueças de telefonar aos teus irmãos quando chegares lá abaixo! Estão ansiosos por ter notícias tuas!

Por cima do ombro dela, olho para o Alex e formo com os lábios a palavra «ansiosos» e finalmente ele faz um sorriso.

– Adoro-te, miúda. – O meu pai levanta-se do banco para me dar um abraço. – Toma conta da minha bebé, está bem? – diz ao Alex antes de o puxar para si e lhe dar um abraço com uma palmada nas costas que o sobressalta de novo sempre que acontece. – Não a deixes ficar noiva de um cantor de música *country* ou partir o pescoço num touro mecânico.

– É claro – diz o Alex.

– Veremos – digo eu, e depois eles acompanham-nos até lá fora, com a caixa de preservativos deixada na ilha da cozinha, e acenam-nos enquanto saímos de marcha-atrás do caminho de acesso à garagem, e o Alex sorri e retribui o aceno até estarmos finalmente fora do campo de visão deles, momento em que olha para mim e diz num tom terminante:

– Estou muito zangado contigo.

– Como posso compensar-te? – Pestanejo como uma gata sensual dos

desenhos animados.

Ele revira os olhos, mas um sorriso trocista levanta-lhe o canto da boca ao mesmo tempo que volta a olhar para a estrada.

– Para começar, *decididamente* vais montar um touro mecânico.

Ponho os pés em cima do tabliê, exibindo com orgulho as botas de *cowgirl* que encontrei numa loja de segunda mão há umas semanas.

– Já estou muito à frente de ti.

Os olhos dele deslizam para mim, descem pelas minhas pernas para as botas de pele de um vermelho-vivo.

– E essas vão manter-te em cima de um touro mecânico *como?*

Bato com os tacões um contra o outro.

– Não vão. Só se destinam a encantar o cantor de música *country* giro no bar e levá-lo a arrancar-me do tapete para os seus braços enxutos de moço de quinta.

– Enxuto de quinta – bufa o Alex, nada impressionado com a ideia.

– Diz o Enxuto do Ginásio – digo a provocá-lo.

Ele franze a testa.

– Faço exercício físico para controlar a ansiedade.

– Sim, tenho a certeza de que não te importa nada esse corpo maravilhoso. É secundário.

O seu maxilar lateja e os seus olhos fixam-se na estrada novamente.

– Gosto de ter bom aspeto – diz, numa voz que tem implícito um «Isso é crime?»

– Eu também. – Deslizo um dos meus pés ao longo do tabliê até a minha bota vermelha ficar no seu campo de visão. – Obviamente.

O olhar dele dardeja da minha perna para a consola no meio, onde o seu cabo auxiliar está arrumado num rolo bem enrolado.

– Toma. – Passa-mo para as mãos. – E se nos pusesses em marcha?

Ultimamente, escolhemos à vez o som que vamos ouvir na carrinha, mas o Alex deixa-me sempre ser a primeira, porque é o Alex e porque é do melhor que

há.

Insisto numa *playlist* exclusivamente de música *country* para toda a viagem. A minha está cheia de Shania Twain, Reba McEntire, Carrie Underwood e Dolly Parton. A dele é toda Patsy Cline e Willie Nelson, Glen Campbell e Johnny Cash, e uma dose de Tammy Wynette e Hank Williams.

Encontrámos o hotel na Groupon há meses, e é um daqueles lugares que não pertencem a uma cadeia de hotéis, *kitsch* e com uma tabuleta em cor-de-rosa fluorescente (um *cowboy* dos desenhos animados equilibrado em cima da palavra VACANCY¹¹), que torna a alcunha «Nashvegas» finalmente compreensível para mim.

Fazemos o *check-in* e levamos a bagagem para dentro. Cada quarto tem um tema vagamente relacionado com um músico famoso de Nashville. O que significa que há fotografias emolduradas do dito músico por todo o quarto, e as mesmas cobertas com um padrão floral horrendo e lençóis de flanela castanho-claros em todas as camas. Tentei pedir o quarto Kitty Wells, mas, ao que parece, quando reservas através da Groupon não podes escolher.

Ficámos no quarto Billy Ray Cyrus.

– Achas que ele é pago por isto? – pergunto ao Alex, que está a levantar a roupa de cama para ver se há percevejos ao longo da parte de baixo do colchão.

– Duvido – diz ele. – Talvez lhe enviem ocasionalmente uma oferta de gelado de iogurte através da Groupon ou coisa do género. – Abre as cortinas e olha lá para fora, para a tabuleta de néon a piscar. – Arrendam quartos à hora aqui? – diz num tom cético.

– Não importa realmente – digo –, já que deixei o caixote de preservativos em casa.

O Alex estremece e atira-se para cima de uma das camas, já convencido de que não tem percevejos.

– Se eu não tivesse tido de *presenciar* essa cena, seria de facto um gesto bastante querido.

– *Eu* teria tido de a presenciar, de qualquer maneira, Alex. *Eu* não conto?

– Sim, mas tu és filha dela. O mais perto que o meu pai alguma vez esteve de nos fazer uma palestra sobre sexo foi deixar um livro sobre pureza em cima da

cama de cada um de nós na altura em que íamos fazer treze anos. Eu pensava que a masturbação causava cancro até ter, tipo, dezasseis anos.

Sinto um aperto no peito. Por vezes, esqueço-me de como o Alex teve uma vida difícil. A mãe morreu de complicações ao dar à luz o David, e o Mr. Nilsen e os seus quatro rapazes ficaram sem mulher e mãe desde então. O pai dele começou finalmente a namorar com uma senhora da igreja deles no ano passado, mas romperam três meses depois, e, embora tenha sido o Mr. Nilsen a acabar, ficou tão traumatizado que o Alex teve de ir a casa a meio da semana para lhe dar apoio.

Também é ao Alex que os irmãos telefonam quando têm algum problema. O rochedo emocional.

Por vezes, penso que é por essa razão que nos sentimos tão atraídos um pelo outro. Porque ele está habituado a ser o irmão mais velho de confiança e eu estou habituada a ser a irmã mais nova irritante. É uma dinâmica que compreendemos: eu provoco-o afetuosamente; ele faz-me sentir que o mundo é mais seguro.

Nesta semana, no entanto, não vou precisar de nada dele. A minha missão é ajudar o Alex a libertar-se, tirar para fora do Alex Sobrecarregado de Trabalho e Superfocado o Alex Tonto.

– Sabes – digo, sentando-me na cama –, se alguma vez quiseses pedir emprestados uns pais opressivos, os meus estão obcecados contigo. Quero dizer, claramente. A minha mãe quer que tu me tires a virgindade.

Ele encosta-se para trás em cima das mãos, inclinando a cabeça.

– A tua mãe pensa que nunca fizeste sexo?

Hesito.

– Eu *nunca* fiz sexo. Pensei que sabias isso. – Ao que parece, falamos sobre tudo, mas suponho que ainda *há* alguns assuntos que não abordámos.

– Não. – O Alex tosse. – Quero dizer, não sei. Saíste de algumas festas acompanhada.

– Sim, mas nunca acontece nada de sério. Não namorei com nenhum deles.

– Pensei que isso era só porque tu, tipo, não querias namorar.

– Acho que não quero – digo. Ou, pelo menos, até ao momento não tenho querido. – Não sei. Suponho que quero que seja especial. Não quer dizer que tenha

de estar lua cheia e estarmos num roseiral ou coisa parecida.

O Alex estremece.

– O sexo ao ar livre não é tão bom como se diz.

– Seu grande maroto! – grito. – Tens andado a esconder-me coisas.

Ele encolhe os ombros e fica com as orelhas vermelhas.

– Só não falo realmente sobre este assunto. Com ninguém. Tipo, mesmo dizer isso já me fez sentir culpado, como se estivesse a deixá-la ficar mal.

– Nem sequer disseste o nome dela. – Inclino-me para a frente e baixo a voz.

– A Sarah Torval?

Bate com o joelho no meu e sorri ligeiramente.

– Estás obcecada com a Sarah Torval.

– Não, meu – digo. – *Tu* é que estás.

– Não foi ela – diz ele. – Foi outra rapariga da biblioteca. A Lydia.

– Oh... meu... Deus – digo, estonteada. – A que tem os olhos grandes de boneca e um corte de cabelo exatamente igual ao da Sarah Torval?

– Paaaara. – O Alex geme, com o rubor a alastrar-lhe nas faces. Agarra numa almofada e atira-ma. – Para de me embaraçar.

– Mas é tão divertido!

Ele força o seu rosto a assumir a expressão de Cachorrinho à Beira das Lágrimas e eu grito e atiro-me para trás na cama, todo o meu corpo sacudido pelas gargalhadas, e arrasto a almofada para tapar os olhos. O colchão abate sob o peso do Alex quando ele se senta ao meu lado e me arranca a almofada, inclinando-se de seguida sobre mim, com as mãos pousadas dos dois lados da minha cabeça, a tentar insinuar a sua cara de Cachorrinho Triste na minha linha de visão.

– Oh, meu Deus – arquejo por entre um misto de lágrimas e de gargalhadas. – Porque é que isto tem um efeito tão confuso em mim?

– Não sei, Poppy – diz ele, com a expressão de tristeza a acentuar-se.

– Diz-me alguma coisa! – grito por entre gargalhadas, e a sua boca distende-se num sorriso.

E nesse momento. Aquilo.

Aquele é o primeiro momento em que sinto vontade de beijar o Alex Nilsen.

Sinto essa vontade da cabeça à ponta dos pés durante dois segundos de cortar a respiração. Depois, ato esses segundos com um nó bem apertado, enfiando-os no fundo do peito, o lugar onde, prometo a mim mesma, viverão para sempre em segredo.

– Anda daí – diz ele em voz baixa. – Vamos lá pôr-te em cima de um touro mecânico.

11 Vagas. (*N. da T.*)

Conseguimos fazer baixar a temperatura para vinte e seis graus e regulamos o termóstato para vinte e cinco e meio antes de sairmos para ir a um restaurante mexicano chamado Casa de Sam, que tem uma pontuação ótima no TripAdvisor e um único símbolo de dólar a indicar o preço médio.

A comida é ótima, mas o ar condicionado é a grande estrela da noite. O Alex está sempre a inclinar-se para trás, a fechar os olhos e a dar suspiros de contentamento.

– Achas que o Sam nos deixa dormir aqui? – pergunto.

– Podíamos tentar esconder-nos na casa de banho até fecharem – sugere o Alex.

– Tenho medo de beber demasiado e de ficar com exaustão do calor – digo, bebendo mais um gole da *margarita* de *jalapeño* de que mandámos vir um jarro.

– Eu tenho medo de beber tão pouco que não consiga cair para o lado e dormir a noite inteira.

Só de pensar naquilo já sinto o suor rastejar-me pelo pescoço.

– Desculpa lá o Airbnb – digo. – Nenhuma das críticas mencionava a falha no ar condicionado. – Embora agora esteja a perguntar-me quantas pessoas ficaram lá no pino do verão.

– A culpa não é tua – diz o Alex. – Considero o Nikolai totalmente responsável.

Aceno com a cabeça e o silêncio alastra embaraçosamente até eu perguntar:

– Como está o teu pai?

– Sim – diz o Alex. – Está bom. Anda bem. Conte-te do autocolante no carro?

Sorrio.

– Contaste.

Ele solta uma gargalhada constrangida e enfia os dedos no cabelo.

– Meu Deus, envelhecer é uma chatice. A minha melhor história para contar nas festas é que o meu pai tem um novo autocolante no carro.

– É uma história bastante boa – insisto.

– Tens razão. – Inclina a cabeça. – A seguir, queres ouvir a história da minha máquina de lavar louça?

Sustenho a respiração e ponho a mão em garra sobre o coração.

– Tu és proprietário da tua própria máquina de lavar louça? Tipo, está em teu nome?

– Hum. Não costumam registar máquinas de lavar louça no nome da pessoa, mas sim, comprei-a. Logo a seguir a ter comprado a casa.

Uma emoção sem nome apunhala-me o peito.

– Tu... compraste uma casa?

– Não te tinha dito?

Abano a cabeça. É claro que ele não me tinha dito. Quando mo teria dito? Mas não deixa de me magoar. Cada coisa que perdi nestes últimos dois anos me magoa.

– A casa dos meus avós – diz ele. – Depois de a minha avó falecer. Ela deixou-a ao meu pai, que queria vendê-la, mas precisa de obras para as quais ele não tinha nem dinheiro nem tempo, portanto tenho estado a viver nela e a arranjá-la ao mesmo tempo.

– A Betty? – Engulo o emaranhado de emoções que está a subir-me pela garganta. Só estive com a avó do Alex algumas vezes, mas adorava-a. Era mais pequena do que eu e uma fera, amante de policiais e de croché, de comida picante e de arte moderna. Tinha-se apaixonado pelo padre da sua paróquia e ele abandonou o sacerdócio para se casar com ela («E foi assim que nos tornámos protestantes!») e depois («*oito* meses mais tarde», disse-me ela com uma piscadela de olho), a mãe do Alex tinha nascido, com uma cabeleira escura como a dela e um nariz «forte» como o do avô do Alex. Que a sua alma descanse em paz.

A casa dela era uma moradia numa urbanização do início dos anos sessenta. Tinha o papel de parede original com um padrão floral cor de laranja e amarelo na sala de estar, e ela tinha tido de tapar o soalho de madeira (e mesmo o pavimento

cerâmico na casa de banho) com uma alcatifa castanha bastante feia depois de escorregar e partir o osso da anca há alguns anos.

– A Betty foi-se? – segredo.

– Partiu em paz – diz o Alex, sem olhar para mim. – Sabes, ela tinha muita, mas muita idade. – Começou a dobrar os nossos papéis das palhinhas com precisão em pequenos quadrados. Não aparenta sinais de emoção, mas sei que a Betty era praticamente o seu elemento preferido da família, talvez empatada com o David.

– Meu Deus, lamento muito. – Esforço-me por impedir que a voz me trema, mas a emoção está a inundar-me, ao estilo de uma onda de maré alta. – A *Flannery O'Connor* e a Betty. Gostava que me tivesses dito.

Os seus olhos cor de avelã arrastam-se para os meus.

– Não tinha a certeza se querias falar comigo.

Pestanejo várias vezes a conter as lágrimas, desvio o olhar e finjo que estou a afastar o cabelo do rosto e não a limpar os olhos. Quando volto a olhar para ele, os seus olhos ainda estão pregados em mim.

– Queria – digo. Merda, os tremores chegaram.

Mesmo a banda de *mariachis* que está a tocar na sala das traseiras parece reduzir-se a um murmúrio, por isso somos só nós os dois neste recanto com bancos vermelhos e uma mesa pitoresca esculpida à mão.

– Bem – diz o Alex em voz baixa. – Agora já sei.

Quero perguntar-lhe se ele *queria* falar comigo durante aquele tempo todo, se alguma vez escreveu mensagens que ficaram por enviar ou se pensou em telefonar-me durante tanto tempo que até começou a marcar o meu número.

Se também ele sente que perdeu dois bons anos da sua vida quando deixámos de nos falar, e porque deixou que isso acontecesse. Quero que diga que as coisas podem voltar a ser como eram, quando não havia nada que não pudéssemos dizer um ao outro e estarmos juntos era tão fácil e natural como estarmos sós, sem a parte da solidão.

Mas então o empregado vem trazer-nos a conta. Instintivamente, estendo a mão para ela antes do Alex.

– Esse não é o cartão da *R+R* – diz ele, como se fosse uma pergunta.

Sem decidir ativamente fazê-lo, minto.

– Eles agora reembolsam-nos. – Sinto um formigueiro nas mãos, um prurido com o desconforto da mentira, mas é demasiado tarde para voltar atrás.

Quando saímos para a rua, já anoiteceu e o céu está estrelado. O calor do dia diminuiu e, embora ainda devam estar uns vinte e poucos graus, não é nada em comparação com os quarenta e um que tivemos de suportar antes. Até sopra uma brisa. Atravessamos em silêncio o parque de estacionamento até ao *Aspire*. Há um ambiente pesado entre nós, agora que aflorámos o que aconteceu na Croácia.

Tinha-me convencido de que podíamos deixá-lo no passado, mas agora compreendo que, de cada vez que ficar a saber alguma coisa nova dos últimos dois anos, vai pressionar aquele mesmo ponto dorido no meu coração.

Tem de estar a ter alguma espécie de efeito no Alex também, mas ele sempre foi bastante bom a reprimir os seus sentimentos quando não quer partilhá-los.

Durante toda a viagem até casa, sinto vontade de dizer: *Eu retirava o que disse. Se resolvesse isto entre nós, eu retirava o que disse.*

Quando chegamos ao apartamento, está oficialmente mais calor dentro do que fora. Dirigimo-nos os dois para o termóstato.

– Vinte e sete graus? – diz ele. – Voltou a subir?

Esfrego a cana do nariz. Começo a sentir uma dor de cabeça a formar-se por trás dos olhos, por causa do calor, do álcool ou do stresse, ou de tudo isso.

– *OK. OK.* Temos de voltar a regular para vinte e seis e meio, certo? E deixar que a temperatura desça antes de regularmos o termóstato outra vez?

O Alex fita o termóstato como se ele tivesse acabado de lhe deitar ao chão um cone de gelado. Há cambiantes involuntários de Cara de Cachorrinho Triste na sua expressão.

– Meio grau de cada vez. Foi o que o Nikolai disse.

Ele regula a temperatura para vinte e seis e meio e eu abro a porta da varanda.

No entanto, a parede de plástico está a excluir o ar fresco. Na *kitchenette*, vasculho as gavetas até encontrar uma tesoura.

– O que vais fazer? – pergunta o Alex, seguindo-me para a varanda.

– Só o mínimo dos mínimos, caramba! – digo, espetando a tesoura no meio do plástico.

– Oooh, o Nikolai vai ficar furioooooo contigo – atira o Alex, a provocar-me.

– Eu também não estou lá muito contente com ele – riposto, e corto uma tira comprida no plástico, que puxo para o lado e ato num nó frouxo para que haja uma abertura pela qual o ar possa entrar.

– Ele vai processar-nos – comenta ele num tom impassível.

– Venha de lá o processo, Nicky.

O Alex ri-se e, após uns segundos de silêncio, eu digo:

– Estava a pensar que amanhã podíamos ir ver o museu e andar de elétrico. Dizem que a vista é incrível.

O Alex acena com a cabeça.

– Parece-me boa ideia.

Voltamos a cair no silêncio. Ainda só são dez e meia, mas as coisas já estão suficientemente embaraçosas para que me pareça que pararmos por aqui talvez seja o melhor a fazer.

– Precisas de ir à casa de banho antes...

– Não – diz o Alex. – Podes ir tu. Eu vou pôr os *e-mails* em dia.

Ainda não olhei para a minha caixa de correio do trabalho desde que cheguei aqui e também deixei por ler algumas mensagens da Rachel, juntamente com a grande quantidade habitual de mensagens de grupo entre mim e os meus irmãos. Em grande parte, são só eles os dois a trocar ideias que não vão a lado nenhum. Na última vez que verifiquei, estavam a congeminar um jogo de tabuleiro chamado Guerra ao Natal e a exigir que eu desse o meu contributo com trocadilhos.

Por isso, pelo menos terei alguma coisa para fazer enquanto estiver deitada no cadeirão-cama totalmente desperta.

Com a dor de cabeça ainda a aumentar, prendo o cabelo num rabo de cavalo prático e atravesso o soalho riscado para a casa de banho da era espacial. À sua estranha luz azul, lavo a cara, mas, em vez de aplicar qualquer um dos cremes hidratantes ou dos sérums de que a Rachel anda constantemente a livrar-se

oferecendo-mos, refresco o rosto com água fria e passo alguma nas têmporas e no pescoço.

No espelho, o meu reflexo parece tão desgraçadamente stressado como eu me sinto. Preciso de dar a volta a isto e de recordar ao Alex como as coisas costumavam ser, e só tenho cinco dias para o fazer, nos últimos três dos quais vai haver uma série de atividades relacionadas com o casamento.

Amanhã tem de ser um dia incrível. Preciso de ser a Poppy Divertida, não a Poppy Esquisita e Magoada. Assim, o Alex vai descontrair-se e tudo se vai compor. Mudo para um pijama de seda, de calções e *top* sem mangas, escovo os dentes e depois volto a entrar no espaço do estúdio, constatando que o Alex desligou todas as luzes exceto a do candeeiro ao lado da cama e que está deitado no cadeirão-cama vestido com uns calções de ir ao ginásio e uma *T-shirt*, e com o mesmo livro de antes na mão.

Por acaso, sei que o Alex Nilsen *sempre* dormiu em tronco nu, mesmo quando a temperatura *não* é absurdamente alta como esta, mas isso agora não importa, porque a questão é que eu é que devia dormir no cadeirão desdobrável.

– Sai da minha cama! – digo.

– Tu pagaste – diz ele. – Ficas com a cama.

– A *R+R* é que pagou. – Com estas palavras, enterro-me ainda mais na mentira. Não é que seja uma mentira prejudicial, mas mesmo assim.

– Eu quero o cadeirão – diz o Alex. – Com que frequência é que um homem crescido tem oportunidade de dormir num cadeirão desdobrável felpudo, Poppy?

Sento-me ao seu lado e tento empurrá-lo para fora do cadeirão, mas ele é demasiado sólido para eu conseguir movê-lo um centímetro que seja. Viro-me, plantando os pés firmemente no chão, encosto os joelhos à borda da cama e as mãos contra a anca direita dele, e cerro os dentes enquanto tento empurrá-lo para fora do colchão.

– Para com isso, sua esquisitoide.

– A esquisitoide não sou eu. – Viro-me de lado, tento usar a anca e o lado do corpo para o forçar a sair da cama. – És tu que estás a tentar roubar o meu único prazer na vida, esta cama esquisita.

Naquele momento, quando todo o meu peso está praticamente concentrado na minha anca, ele deixa de resistir e afasta-se ligeiramente para o lado, e, não sei como, desabo metade na cama e metade no peito dele, atirando-lhe com o livro para o chão. Ele ri-se, e eu também me rio, mas estou igualmente a sentir uma espécie de formigueiro e de peso e, francamente, de excitação, ali deitada em cima dele.

O pior de tudo é que pareço não ser capaz de me mexer. O braço dele está à minha volta, frouxo na curva do fundo das minhas costas, e quando ele por fim controla o riso, olho-o nos olhos, com o queixo pousado no seu peito.

– Tu enganaste-me – digo a cantarolar. – Aposto que nem sequer *tinhas* de responder a *e-mails*.

– Tanto quanto sabes, posso nem sequer ter uma *conta* de *e-mail* – brinca ele.
– Ficaste zangada?

– Furiosa.

O seu riso faz-me estremecer, com uns arrepios a persegui-lo pela minha espinha abaixo, e o calor do apartamento afunda-se-me na pele, junta-se-me entre as pernas.

– Eu ia acabar por te perdoar – digo. – Sou muito indulgente.

– Pois és – concorda ele. – Sempre gostei disso em ti.

A sua mão roça levemente a pele entre o fundo do meu *top* e a parte de cima dos calções, e eu movo-me contra ele, sentindo-me como se pudéssemos derreter-nos um no outro.

O que estou a fazer?

Sento-me de repente e solto o cabelo, que volto a prender de seguida.

– Tens a certeza de que não te importas de dormir no cadeirão-cama? – A voz sai-me demasiado aguda.

– É claro que não me importo.

Levanto-me e dirijo-me para a cama.

– Está bem, fixe, então... boa noite.

Apago a luz e subo para a cama. Deito-me em cima dos lençóis, não entre

eles, porque está demasiado calor para roupa de cama.

Quando acordo sobressaltada, ainda está escuro lá fora, e tenho a certeza de que estamos a ser assaltados.

– Merda, merda, merda – diz o ladrão por algum motivo, e parece que está com dores.

– A polícia está a caminho! – grito, o que não é nem uma afirmação verdadeira nem premeditada, e arrasto-me para a beira da cama para acender a luz.

– O quê? – pergunta o Alex, piscando os olhos à súbita claridade.

Está de pé no escuro, com os mesmos calções pretos com que se deitou e sem *T-shirt*. Está ligeiramente dobrado pela cintura e a agarrar com ambas as mãos o fundo das costas, e, à medida que o sono se desvanece do meu cérebro, apercebo-me de que *não* está apenas a piscar os olhos por causa da luz.

Está a ofegar como se estivesse com dores.

– O que aconteceu? – grito, meio a cair da cama na direção dele. – Estás bem?

– Espasmo nas costas – responde.

– O quê?

– Estou a ter um espasmo nas costas – diz ele.

Ainda não tenho a certeza do que ele está a falar, mas vejo que tem dores horríveis, por isso não o pressiono para obter mais informações além de perguntar:

– Precisas de te sentar?

Acena com a cabeça, e conduzo-o para a cama. Baixa-se devagar, estremecendo até que finalmente fica sentado, e a dor parece atenuar-se.

– Queres deitar-te? – pergunto.

Abana a cabeça.

– Levantar-me e deitar-me é a parte que me custa mais quando isto acontece.

Quando isto acontece?, penso, mas não digo, e a culpa trespassa-me o peito. Ao que parece, este é outro daqueles desenvolvimentos sem a Poppy dos últimos dois anos.

– Olha – digo. – Deixa-me pôr algumas almofadas atrás de ti.

Ele acena com a cabeça, o que interpreto como confirmação de que a minha sugestão não vai piorar as coisas. Sacudo as almofadas, empilhando-as contra a cabeceira da cama, e ele reclina-se lentamente, com o rosto contorcido de dor.

– Alex, o que aconteceu? – Olho para o despertador na mesinha de cabeceira. São cinco e meia da manhã.

– Estava a levantar-me para ir correr – diz ele. – Mas acho que me senti de uma maneira esquisita? Ou demasiado rápido ou algo parecido, porque fiquei com câibras nas costas e ... – Encosta a cabeça às almofadas e fecha os olhos com força. – Merda, Poppy, desculpa.

– Desculpa? – digo. – Porque é que *tu* havias de pedir desculpa?

– A culpa é minha – diz ele. – Não pensei em como aquele divã é baixo. Devia ter-me lembrado que saltar da cama daquela maneira ia ter este resultado.

– Como é que podias saber isso? – questiono, incrédula.

Massaja a testa.

– Já devia saber – repete. – Isto anda a acontecer há, tipo, um ano. Nem sequer me posso inclinar para pegar nos sapatos até já estar acordado e a movimentar-me há pelo menos meia hora. Simplesmente não me ocorreu. E não queria que ficasses com enxaqueca por dormires no divã, e...

– E é *por isso* que nunca devias ser um herói – digo delicadamente, na brincadeira, mas a sua expressão de desconforto não se desvanece nem um bocadinho.

– Não estava a pensar – diz ele. – Não tinha intenção de te dar cabo da viagem.

– Alex, ei. – Toco-lhe levemente no braço para não lhe afetar o resto do corpo. – Tu não deste cabo desta viagem, está bem? O Nikolai é que deu.

Os cantos da boca reviram-se-lhe num sorriso pouco convicto.

– De que precisas? – pergunto. – Como te posso ajudar?

Suspira. Se há coisa que o Alex Nilsen detesta é sentir-se impotente. O que anda a par com tratarem dele. Na universidade, quando teve uma infeção na

garganta, evitou-me durante uma semana (a primeira vez que fiquei verdadeiramente furiosa com ele). Quando o colega de quarto do Alex me disse que ele estava de cama com febre, fiz uma canja de galinha muito má na cozinha da residência e levei-lha ao quarto.

Ele tinha fechado a porta à chave e não me deixou entrar por receio de me contagiar, e por isso eu desatei a berrar: «Vou ter o bebé, OK?» do outro lado da porta, e ele cedeu.

Deixa-o pouco à vontade que o mimem. Pensar nisso tem um efeito semelhante, embora atenuado, ao de olhar para a Cara de Cachorrinho Triste impressionante. Avassala-me. O amor ergue-se, menos como uma onda e mais como um arranha-céus de aço e vidro erigido instantaneamente, disparando através do centro de mim e derrubando tudo à sua passagem.

– Alex – digo. – *Por favor*, deixa-me ajudar.

Ele suspira, derrotado.

– Tenho relaxantes musculares no bolso da frente da mala do meu portátil.

– Já encontrei. – Pego no frasco, encho um copo de água na *kitchenette* e trago-lhe ambos.

– Obrigado – diz num tom de pedido de desculpa, e depois toma o comprimido.

– De nada – digo. – O que mais?

– Não tens de fazer nada – diz ele.

– Olha. – Respiro fundo. – Quanto mais depressa me disseres como te posso ajudar, mais depressa vais ficar melhor e mais depressa isto vai acabar, *OK*?

Passa os dentes pelo lábio inferior cheio e eu fico fascinada com aquela visão. Sobressalto-me quando o seu olhar se volta de novo para mim.

– Se houvesse um saco de gelo aqui, ajudava – admite. – Costumo alternar compressas de gelo e almofadas térmicas, mas o importante é ficar imóvel. – Diz aquilo com desdém.

– Entendido.

– Enfio as sandálias nos pés e pego na mala de mão.

– O que vais fazer? – pergunta.

– Vou à farmácia. Aquele congelador nem sequer tem uma cuvette de gelo, e também duvido que o Nicky tenha uma almofada térmica.

– Não tens de fazer isso – diz o Alex. – A sério, se eu me mantiver parado, fico bem. Volta a dormir.

– Enquanto tu ficas sentado muito direito no escuro? De maneira nenhuma. Por um lado, porque isso é extremamente sinistro, e por outro, porque já que estou a pé, posso tornar-me útil.

– Mas são as tuas férias.

Dirijo-me para a porta, porque não há nada que ele possa fazer para me impedir.

– Não – digo. – É a nossa viagem de verão. Não te ponhas a dançar por aqui em pelota antes de eu voltar, *OK*?

Solta um suspiro.

– Obrigado, Poppy. A sério.

– Para de me agradecer. Já estou a elaborar mentalmente uma lista absurda de maneiras de me pagares o favor.

Aquilo arranca-lhe finalmente um sorriso ténue.

– Ótimo. Gosto de ser útil.

– Eu sei – digo. – Sempre gostei disso em ti.

Regressamos ao nosso hotel no centro da cidade às duas e meia da manhã, um bocado toldados. Normalmente, não bebemos muito, mas toda esta viagem tem sido uma espécie de celebração.

Estamos a celebrar o facto de o Alex ter acabado o curso e de em breve ir começar o seu mestrado em escrita criativa na Universidade do Indiana.

Digo a mim mesma que não fica assim tão longe como isso. De facto, vamos viver mais perto um do outro do que temos vivido desde que desisti de estudar.

Mas a verdade é que, mesmo com todas as viagens que tenho feito, estou mortinha por sair da casa dos meus pais em Linfield. Comecei a procurar apartamentos noutras cidades, empregos flexíveis em bares e restaurantes, onde possa trabalhar até à exaustão e depois tirar umas semanas para ir viajar.

Passar tempo com os meus pais tem sido ótimo, mas tudo o resto associado a estar de volta a casa me faz sentir claustrofóbica, como se os subúrbios fossem uma rede a apertar-se cada vez mais à minha volta enquanto eu me debato para me soltar.

Encontro por acaso os meus antigos professores, e quando eles me perguntam o que estou a fazer, torcem a boca criticamente quando ouvem a resposta. Vejo colegas de turma que costumavam perseguir-me e outros que eram razoavelmente simpáticos, e escondo-me. Trabalho num bar chique a quarenta minutos para sul, em Cincinnati, e quando o Jason Stanley, o primeiro rapaz que beijei, entrou com o seu sorriso aperfeiçoado pelo ortodontista e o tipo de indumentária que os empregos de colarinho branco requerem, enfiei-me na casa de banho. Disse à minha chefe que tinha vomitado.

Ao longo de várias semanas depois daquele episódio, ela fartou-se de me perguntar como é que eu estava numa voz que deixava perfeitamente claro que pensava que eu estava grávida.

Não estava grávida. Eu e o Julian temos sempre cuidado em relação a isso. Ou pelo menos eu tenho. O Julian, no geral, não é cuidadoso por natureza. É uma pessoa que diz sim ao mundo, quase independentemente do que ele lhe peça.

Quando me visita no trabalho, acaba bebidas que foram deixadas no balcão, e já experimentou a maior parte das drogas (excluindo a heroína) uma vez. Está sempre disposto a fazer viagens de fim de semana ao desfiladeiro do Red River ou às colinas de Hocking – ou viagens ligeiramente mais longas a Nova Iorque, no autocarro da noite, que só custa sessenta dólares ida e volta, mas muitas vezes não dispõe de casa de banho. Ele tem o mesmo tipo de horário flexível que eu – também desistiu dos estudos, mas deixou a Universidade de Cincinnati ao fim de apenas um ano.

Estava a estudar *design* de arquitetura, mas, na realidade, quer ser artista. Expõe as suas pinturas em galerias *pop-up* pela cidade e vive com três outros pintores numa casa velha pintada de branco que me faz pensar no Buck e nos seus colegas de casa temporários em Tofino. Por vezes, depois de umas cervejas a mais, sentada no alpendre enquanto eles todos fumam erva ou cigarros de cravinho e falam sobre os seus sonhos, sinto-me tão nostálgica que seria capaz de chorar com uma espécie de mistura entre tristeza e felicidade cujas proporções nunca consigo bem avaliar.

O Julian é magro como um espeto, com faces encovadas e olhos vivos que podem dar a impressão de que te está a tirar uma radiografia. Depois do nosso primeiro beijo, à porta do bar favorito dele, um lugar alternativo na baixa que tem uma loja de reparação de bicicletas nas traseiras, disse-me que não se quer casar nem ter filhos.

– Não é problema – disse-lhe eu. – Eu também não quero casar contigo.

Ele soltou uma gargalhada rouca e voltou a beijar-me. Sabe sempre a cigarros ou a cerveja, e quando passa os dias de folga – trabalha num armazém da UPS à saída da cidade – a pintar em casa, fica tão embrenhado no trabalho que se esquece de comer e beber. Quando nos encontramos depois, costuma estar de muito mau humor, mas só por uns minutos, até comer qualquer coisa, voltando de seguida a ficar o namorado doce e sensível que me beija e me acaricia sempre de uma maneira tão sensual que dou comigo a pensar regularmente: *Aposto que isto ficava lindo num filme.*

Penso em dizer-lho, em perguntar-lhe se não devíamos instalar uma máquina fotográfica e tirar umas fotografias, mas sinto-me imediatamente embaraçada por

ter sequer pensado nisso.

É a segunda pessoa com quem dormi, mas não o sabe. Não me perguntou. O primeiro ainda vem de vez em quando ao bar onde trabalho e namoriska um pouco comigo, mas ambos vemos bem que a ligeira atração que pudesse haver quando ele começou a frequentar o bar se dissipou depois daquelas duas rapidinhas. Foi um bocado constrangedor, mas tudo bem, e, ao fim e ao cabo, sinto-me contente por ter despachado o assunto, porque tenho a sensação de que o Julian se teria sentido demasiado assustado para se aproximar de mim se soubesse como eu era inexperiente. Teria tido medo de que eu ficasse demasiado ligada a ele, e provavelmente fiquei, mas acho que ele também, por isso, por agora, não faz mal que passemos juntos todos os nossos minutos livres.

O Julian esteve com o Alex uma vez no *meu* bar quando veio a Linfield passar o Natal, uma segunda vez durante as férias da primavera no bar alternativo com a oficina de bicicletas que o Julian frequenta e uma terceira vez a tomar o pequeno-almoço na Waffle House antes de eu e o Alex partirmos nesta viagem.

Vejo que o Julian não tem grande opinião sobre o Alex, o que é ligeiramente dececionante, e também tenho consciência de que o Alex despreza o Julian, o que, provavelmente, não devia ter sido surpresa.

Ele acha o Julian imprudente, descuidado. Não lhe agrada que chegue sempre tarde ou que por vezes eu não tenha notícias dele durante dias e que depois passe semanas com ele quase constantemente, ou que ele não tenha ainda conhecido os meus pais, embora vivam na mesma cidade.

– Está tudo bem – insisti quando o Alex partilhou estas opiniões comigo no voo para São Francisco há uns dias. – Funciona bem connosco. – Nem sequer *quero* que ele conheça a minha família.

– Consigo mesmo ver que ele não tem noção – disse o Alex.

– Não tem noção de quê? – perguntei.

– De quem tu és – disse ele. – Não faz ideia da sorte que tem.

Foi ao mesmo tempo uma coisa amorosa e ofensiva de se dizer. A visão do Alex da minha relação com o Julian fez-me sentir constrangida, mesmo que eu não tivesse a certeza de que ele tinha razão.

– Eu também tenho sorte – disse eu. – Ele é realmente especial, Alex.

Suspirou.

– Talvez só precise de o conhecer melhor. – Adivinhei pelo seu tom de voz que não acreditava que isso pudesse resolver o problema.

Nos meus devaneios, tinha imaginado os dois a tornarem-se os melhores amigos, tão íntimos que faria sentido que a nossa viagem de verão se expandisse para incluir o Julian, mas, depois de ver como eles interagiam, achei que era melhor nem sequer sugerir essa ideia.

Por isso, eu e o Alex dirigimo-nos para São Francisco só os dois. Tinha pontos suficientes no meu cartão de crédito para um dos bilhetes de avião de ida e volta, e eu e o Alex pagámos a meias o outro.

Começámos com quatro dias na zona vinícola, ficando numa pensão nova em Sonoma que ofereceu duas noites em troca da publicidade que obteriam junto dos meus vinte e cinco mil seguidores. O Alex aceitou de bom grado a tirar-me fotografias enquanto eu fazia todo o tipo de coisas pitorescas:

Montada numa das bicicletas vermelhas antigas que a pensão tem para os hóspedes, com um chapéu de palha gigante na cabeça e flores frescas no cesto de verga fixado ao guiador.

A caminhar nos trilhos que atravessam prados com matagal e árvores esgalgadas.

A beber um café no pátio, e um *cocktail* de *whiskey* gelado na sala de estar.

Também tivemos sorte com as provas de vinhos. A primeira adega que visitámos oferecia as provas a quem comprasse uma garrafa e eu pesquisei na Internet a mais barata antes de irmos. O Alex tirou-me uma fotografia a posar entre renques de videiras, com um copo cintilante de *rosé* na mão e uma perna levantada de lado para exibir o meu macacão *vintage* ridículo às riscas roxas e amarelas.

Nessa altura já estava um bocado toldada, e, quando ele se ajoelhou na terra seca com as suas calças cinzento-claras para tirar a fotografia, quase caí de tanto rir do ângulo bizarro que ele tinha escolhido para a imagem.

– Muito demasiado vinho – disse eu, sem fôlego.

– Muito. Demasiado. Vinho? – repetiu, encantado e incrédulo, e, quando

desabei no meio do corredor entre as vinhas, a rir-me descontroladamente, ele tirou mais algumas fotografias de muito baixo, imagens que me fariam parecer um triângulo de pele vestido de modo ousado.

Estava a ser um fotógrafo horrível de propósito, não em sinal de protesto mas para me fazer rir.

Era a outra cara da moeda do Cachorrinho Triste, uma atuação para mim e só para mim.

Quando chegámos à segunda adega, já nos sentíamos sonolentos por causa do álcool e do sol e eu deixei cair a cabeça no ombro dele. Estávamos no interior, teoricamente: toda a parte de trás do edifício era uma porta de garagem com vidro que se levantava para podermos circular livremente do pátio, com a sua treliça invadida por buganvílias, para o bar soalheiro e arejado com o pé-direito de seis metros e ventoinhas gigantescas a girarem acima das nossas cabeças num ritmo de canção de embalar.

– Há quanto tempo é que vocês os dois estão juntos? – perguntou a senhora de meia-idade amorosa que estava encarregada da prova de vinhos, quando voltou com o nosso vinho seguinte, um Chardonnay leve e seco.

– Oh – disse o Alex.

A meio de um bocejo, apertei-lhe o bíceps e disse:

– Somos recém-casados.

A senhora ficou encantada.

– Nesse caso – disse com uma piscadela de olho –, esta é por minha conta.

Chamava-se Mathilde e era de França, mas tinha-se mudado para os Estados Unidos depois de conhecer a sua mulher na Internet. Viviam em Sonoma, mas tinham passado a lua de mel nos arredores de São Francisco.

– A estalagem chama-se Blue Heron Inn – disse-me. – É o lugar mais idílico que já vi. Romântico e acolhedor, com uma lareira enorme e um jardim encantador, e a poucos minutos da praia, Muir Beach. Vocês os dois *têm* de a ver. É perfeita para recém-casados. Digam-lhes que foi a Mathilde que recomendou.

Antes de irmos embora, demos uma gorjeta à Mathilde que cobriu amplamente o preço da prova grátis.

Nos dois dias seguintes, usei a cartada dos recém-casados regularmente. Por vezes, obtínhamos um desconto ou um copo de graça; outra vez, nada a não ser um sorriso, mas mesmo esses pareciam genuínos e carregados de sentido.

– Sinto-me um bocado culpado – disse-me o Alex quando estávamos a caminhar num vinhedo para desanuviar do álcool.

– Se queres que nos vamos casar – disse eu –, podemos.

– Não sei porquê, acho que o Julian não ia aceitar isso muito bem.

– O Julian não se vai importar – disse eu. – Ele não se quer casar.

O Alex parou e olhou para mim, e depois, totalmente por causa do vinho, comecei a chorar. Ele segurou-me o rosto nas mãos em concha e levantou-o para o dele.

– Ei – disse. – Está tudo bem, Poppy. Tu não queres realmente casar-te com o Julian, pois não? És demasiado boa para aquele tipo. Ele não te merece.

Funguei a conter as lágrimas, mas o resultado foi que se soltaram ainda mais. A voz saiu-me como um gemido.

– As únicas pessoas que gostam de mim são os meus pais – disse. – Vou morrer sozinha. – Sabia como aquilo soava estúpido e melodramático, mas com ele era sempre muito difícil conter-me, dizer o que não fosse a verdade absoluta de como me sentia. E o pior de tudo é que nem sequer sabia que era como me sentia até àquele momento. A presença do Alex tinha o efeito de trazer a verdade à tona.

Ele sacudiu a cabeça e puxou-me contra o peito, apertando-me e levantando-me como se tencionasse absorver-me.

– Eu adoro-te – disse, e beijou-me na cabeça. – E se quiseres podemos morrer sozinhos juntos.

– Nem sequer sei se quero casar-me – disse eu, limpando as lágrimas e soltando uma pequena gargalhada. – Acho que deve estar para me vir o período ou algo do género.

Ele fitou-me, com uma expressão inescrutável por mais um segundo. Não me fez sentir radiografada, como os olhos do Julian. Só me fez sentir vista.

– Muito demasiado vinho – disse eu, e ele deixou por fim que uma fração de sorriso lhe deslizasse sobre os lábios, e continuámos a caminhar para desanuviar a

cabeça toldada pelo álcool.

Fizemos o *check-out* na pensão de manhã cedo e telefonámos para a estalagem Blue Heron Inn em alta-voz enquanto nos dirigíamos para São Francisco. Era o meio da semana e eles tinham bastantes quartos livres.

– Por acaso serás a Poppy que a minha querida Mathilde disse que ia telefonar? – perguntou a senhora ao telefone.

O Alex disparou-me um olhar carregado de sentido e eu suspirei pesadamente.

– Sim, mas a questão é que nós lhe dissemos que éramos recém-casados, mas foi uma piada. Portanto, não queremos, tipo, nada grátis.

A senhora do outro lado da linha começou a tossir, mas afinal era uma gargalhada.

– Oh, minha querida. A Mathilde não nasceu ontem. As pessoas andam sempre a usar esse truque. Ela simplesmente gostou de vocês os dois.

– Nós também gostámos dela – disse eu, fazendo um enorme sorriso ao Alex. Ele retribuiu com um sorriso rasgado.

– Não tenho autorização para oferecer estadia grátis a ninguém – continuou a senhora –, mas tenho um par de passes anuais que podem usar para visitar o parque natural, Muir Woods, se quiserem.

– Isso seria o máximo – disse eu.

E assim, sem mais, poupámos trinta dólares.

A estalagem era encantadora, uma casa branca de estilo Tudor escondida ao fundo de uma estrada estreita. Tinha um telhado inclinado, janelas empenadas com floreiras e uma chaminé cujo fumo se encaracolava romanticamente por entre o nevoeiro, e as janelas estavam iluminadas com uma luz suave quando entrámos no parque de estacionamento.

Ao longo de dois dias, andámos entre a praia, os bosques de sequoias, a biblioteca acolhedora da estalagem e a sala de jantar com as suas mesas de madeira escura e a sua lareira acesa. Jogámos UNO e às cartas e a um jogo chamado Quiddler. Bebemos cerveja com muita espuma e comemos grandes pequenos-almoços à inglesa.

Tirámos fotografias juntos, mas não publiquei nenhuma. Talvez fosse egoísta, mas não queria que vinte e cinco mil pessoas invadissem este lugar. Queria que se mantivesse exatamente como estava.

Na nossa última noite, reservámos um quarto num hotel moderno que pertencia ao pai de uma das minhas seguidoras. Quando anunciei a viagem no meu blogue e pedi sugestões, ela enviou-me uma mensagem a oferecer o quarto de graça.

«Adoro o teu blogue», escreveu, «e *adoro* ler sobre o Amigo Particular», que é o que chamo ao Alex nas raras vezes em que o menciono. Na maior parte das vezes, tento deixá-lo de fora, porque ele, tal como a estalagem Blue Heron Inn, não é algo que queira partilhar com milhares de pessoas, mas por vezes as coisas que ele diz são demasiado divertidas para eu as deixar de fora. Ao que parece, tem chamado mais a atenção do que eu julgava.

Decidi esforçar-me mais por o deixar de fora, mas aceitei o quarto grátis, porque o Dinheiro fala mais alto. E também porque o hotel tem estacionamento gratuito para os hóspedes, o que, em São Francisco, é o equivalente de um hotel oferecer transplantes de rins de graça.

Fomos deixar a bagagem ao hotel mal entrámos na cidade e saímos logo para aproveitar ao máximo o nosso único dia no centro de São Francisco. Deixámos o carro e apanhámos táxis.

Primeiro, percorremos a ponte Golden Gate, o que foi incrível, mas também mais frio do que eu esperava e tão ventoso que não conseguíamos ouvir-nos um ao outro. Durante cerca de dez minutos, fingimos que estávamos a ter uma conversa, acenando com os braços exageradamente e berrando coisas sem nexo um ao outro enquanto marchávamos pelo passadiço apinhado de pessoas.

Fez-me pensar naquela viagem de barco em Vancouver, em como o Buck estava sempre a apontar vagamente e a falar disto e daquilo, como um daqueles dentistas que não conseguem parar de te fazer perguntas que requerem resposta enquanto têm as mãos dentro da tua boca.

Por sorte, o tempo decidiu estar soalheiro; caso contrário, talvez tivéssemos ficado com hipotermia na ponte. Parámos a meio e eu fiz de conta que trepava por cima do gradeamento. O Alex fez o seu esgar típico e abanou a cabeça. Agarrou-

me as mãos e puxou-me do gradeamento, aproximando-se de mim para que eu pudesse ouvi-lo, apesar do vento, quando me disse ao ouvido:

– Isso faz-me sentir que vou ter diarreia.

Desatei a rir e continuámos a andar, ele do lado de dentro, eu mais perto do gradeamento, resistindo a um impulso forte de continuar a meter-me com ele. É provável que eu caísse acidentalmente da ponte abaixo *de facto* e não só morresse, mas também traumatizasse o pobre do Alex Nilsen, e isso era a última coisa que queria.

No outro extremo da ponte, havia um restaurante, o Round House Cafe, um edifício redondo com janelas. Entrámos para tomar um café enquanto dávamos aos nossos ouvidos uma oportunidade de pararem de tinir por causa do vento.

Havia dúzias de livrarias e de lojas *vintage* em São Francisco, mas decidimos que duas de cada devia ser suficiente.

Apanhámos primeiro um táxi para a City Lights, uma livraria e editora combinadas que já existia desde o auge da era *beatnik*. Nem eu nem o Alex éramos grandes fãs desse movimento, mas a livraria era exatamente o tipo de espaço antigo e cheio de recantos que o Alex adorava. Daí, fomos a uma loja chamada Second Chance Vintage, onde encontrei uma mala de mão com lantejoulas, dos anos quarenta, por dezoito dólares.

Depois disso, tínhamos planeado ir à livraria Booksmith, para os lados de Haight-Ashbury, mas nessa altura o efeito daquele grande pequeno-almoço à inglesa do Blue Heron Inn já tinha passado e o café do Round House tinha-nos posto aos dois um bocado nervosos.

– Acho que vamos ter de voltar cá – disse eu ao Alex quando saímos da loja à procura de um lugar para jantar.

– Acho que sim – concordou ele. – Talvez nas nossas bodas de ouro.

Sorriu-me, e o meu coração inchou até me dar a sensação de que estava tão grande e leve que o meu corpo poderia flutuar.

– Só para que saibas – disse eu –, casava-me outra vez contigo, Alex Nilsen.

Virou a cabeça de lado. Afivelou a Cara de Cachorrinho Triste.

– Isso é só porque queres mais vinho de graça?

Foi difícil escolher um restaurante numa cidade com tanta variedade, mas estávamos demasiado famintos para analisarmos a lista que eu tinha compilado, portanto optámos por um clássico.

O Farallon *não* é um restaurante barato, mas no segundo dia da prova de vinhos, quando já estávamos os dois um bocado alegres, o Alex tinha mandado vir mais um copo, gritando: «Em Roma, sê romano!» e desde então, sempre que um de nós hesitava em comprar alguma coisa, o outro insistia: «Em Roma, sê romano!»

Até àquele momento, tinha-se limitado a enormes cones de gelado, a livros de bolso e a muito vinho.

Mas o Farallon é maravilhoso, e um marco de São Francisco, e, se íamos gastar demasiado dinheiro, mais valia que fosse ali. Logo que entrámos no edifício, com os seus tetos arredondados opulentos e candeeiros dourados e recantos com mesas debruados a folha de ouro, eu disse:

– Nada de arrependimentos – e forcei o Alex a fazer um «choca aí».

– Fazer «choca aí» faz-me sentir como se as minhas entranhas tivessem hera venenosa – murmurou.

– É melhor livrares-te disso, para o caso de estares prestes a descobrir que és alérgico a marisco.

Sentia-me tão fascinada pela decoração rebuscada que tropecei três vezes a caminho da nossa mesa. Era como estar no castelo de *A Pequena Sereia*, só que não era animação e todas as pessoas estavam vestidas.

Quando o empregado nos deixou a ementa, o Alex fez aquela coisa à velhote, abrindo-a e recuando dos preços com os olhos arregalados, como um cavalo sobressaltado.

– A sério? – disse eu. – É assim tão mau?

– Depende. Queres mais do que catorze gramas de caviar?

Não era o tipo de restaurante caro que a classe média-alta de Linfield evitasse, mas para nós, sim, era caro.

Partilhámos um prato para dois de ostras, caranguejo e camarões com um *cocktail*.

O empregado detestou-nos.

Quando íamos a sair, passámos por ele, e pareceu-me ouvir o Alex dizer entre dentes:

– O senhor desculpe.

Fomos direitos a uma pizaria barata e despachámos uma grande *pizza* de queijo inteirinha.

– Comi demais – disse o Alex quando íamos a andar pela rua depois da *pizza*.
– Foi como se uma espécie de demónio do Midwest me tivesse possuído quando estava sentado naquele restaurante e apareceu aquele pratinho minúsculo. Ouvia mentalmente o meu pai dizer: «Ora, *isso* não é económico».

– Eu sei – concordei. – A meio eu já estava, tipo, tirem-me daqui, preciso de ir a um supermercado comprar uma embalagem de massa por cinco dólares que podia alimentar uma família durante semanas.

– Acho que não sou grande coisa a gozar férias – disse o Alex. – Toda esta vida à grande me faz sentir culpado.

– Não és mau a gozar férias – argumentei. – E praticamente tudo te faz sentir culpado, portanto não atribuas essa sensação a viver à larga.

– Bem visto – concordou ele. – Mas mesmo assim. Provavelmente, tu tinhas-te divertido mais se tivesses feito esta viagem com o Julian. – Não o formulou como uma pergunta, mas, pela maneira como me dardejou um olhar e depois voltou a pousar os olhos no passeio à nossa frente, vi que era de facto uma pergunta.

– Pensei em convidá-lo – admiti.

– Sim? – O Alex tirou a mão do bolso e acamou o cabelo. Por alguma razão, as luzes dos candeeiros de iluminação pública que passavam por cima dele no passeio escuro faziam-no parecer mais alto. Mesmo encurvado, era uma torre ao meu lado. Suponho que sempre foi. Simplesmente, eu nem sempre reparava, porque acontecia muitas vezes ele baixar-se ao meu nível ou puxar-me para o dele.

– Sim. – Passei o braço pelo dele. – Mas sinto-me contente por não o ter convidado. Sinto-me contente por sermos só nós.

Lançou-me um olhar por cima do ombro e abrandou o passo. Eu também abrandei o passo.

– Vais romper com ele?

A pergunta apanhou-me desprevenida. A maneira como ele estava a olhar para mim, com as sobrancelhas franzidas e a boca espremida, também me apanhou desprevenida. O meu coração tropeçou no seu batimento seguinte.

Sim, pensei imediatamente, sem refletir mais.

– Não sei – disse. – Talvez.

Continuámos a andar. Mais adiante, demos com um bar com o tema de Hemingway. Pode parecer bastante ambíguo como tema, mas faziam com que resultasse, com as suas madeiras escuras polidas e luzes amareladas e redes (não meias de rede, mas redes de pesca a sério) suspensas do teto. As bebidas eram todas *cocktails* de rum, com nomes tirados dos títulos dos livros e dos contos de Hemingway, e ao longo das duas horas seguintes eu e o Alex bebemos três cada um, além de um *shot*. Eu fartei-me de repetir:

– Estamos a celebrar! Vá lá, Alex! – mas, na realidade, sentia que havia alguma coisa que eu estava a tentar esquecer.

E agora, enquanto nos encaminhamos cambaleantes para o nosso quarto de hotel, ocorre-me a ideia de que não me lembro do que estava a tentar esquecer, portanto suponho que resultou.

Tiro os ténis e desabo em cima da cama mais perto de mim enquanto o Alex desaparece para dentro da casa de banho e volta com dois copos de água.

– Bebe isto – diz ele. Eu grunho e tento enxotar-lhe a mão. – Poppy – diz com mais firmeza, e eu sento-me na cama e aceito o copo de água. O Alex senta-se ao meu lado e fica ali até eu beber a água toda, e de seguida vai encher de novo os dois copos.

Não sei bem quantas vezes faz aquilo – estou cada vez mais sonolenta. A única coisa que sei é que ele acaba por pousar os copos e começa a levantar-se, e do meu estado semissonhador, totalmente bêbedo, estendo a mão para o braço dele e digo:

– Não vás.

Volta a sentar-se na cama e deita-se ao meu lado. Adormeço enroscada contra o flanco do corpo dele e quando acordo na manhã seguinte com o despertador a

tocar, ele já está no duche.

A humilhação por o ter feito dormir ao meu lado é instantânea e abrasadora. Sei nesse momento que não posso romper com o Julian quando voltar para casa. Tenho de esperar, o tempo suficiente para ter a certeza de que não estou confusa. O tempo suficiente para que o Alex não pense que os dois acontecimentos estão relacionados.

Não estão, penso. Tenho quase a certeza de que não estão.

Encontro uma farmácia aberta vinte e quatro horas em Palm Springs e vou de carro até lá por entre os primeiros raios suaves do nascer do sol. De seguida, volto para o apartamento antes de a maior parte das outras lojas ter aberto. Nessa altura, o parque de estacionamento do Desert Rose já começou a ficar uma brasa e as horas frescas da madrugada começam a parecer uma recordação distante quando subo os degraus, carregada com sacos de compras.

– Que tal vai isso? – pergunto ao Alex, fechando a porta atrás de mim.

– Melhor. – Força-se a sorrir. – Obrigado.

Mentiroso. Tem a dor estampada por todo o rosto. É pior a esconder isso do que as suas emoções. Ponho no congelador as duas compressas de gelo que comprei e depois vou até junto da cama e ligo a almofada térmica à tomada.

– Inclina-te para a frente – digo, e o Alex afasta-se o suficiente para eu enfiar a almofada térmica contra a pilha de almofadas, de maneira a que fique encostada no meio das costas dele. Toco-lhe no ombro, ajudando-o a reclinar-se lentamente. A sua pele está muito quente. Tenho a certeza de que a almofada térmica não vai ser *confortável*, mas espero que resulte, aquecendo o músculo até ele relaxar.

Daqui a meia hora, passaremos para a compressa de gelo para tentar reduzir a inflamação.

Posso ter-me informado sobre espasmos das costas nos corredores tranquilos e iluminados por lâmpadas fluorescentes da farmácia.

– Também trouxe uma pomada anti-inflamatória – digo. – Isso alguma vez ajuda?

– Talvez – responde.

– Bem, vale a pena tentar. Acho que devia ter pensado nisso antes de te teres encostado outra vez para ficares mais confortável.

– Não faz mal – diz ele, estremeando. – Eu nunca fico realmente confortável quando isto acontece. Limito-me simplesmente a esperar que o medicamento me ponha a dormir, e, quando acordo, costumo sentir-me muito melhor.

Levanto-me da beira da cama e vou buscar o resto dos sacos, que trago até junto dele.

– Quanto tempo leva a passar?

– Habitualmente, só um dia, se ficar imóvel – diz ele. – Vou ter de ter cuidado amanhã, mas vou conseguir andar. Tu devias ir fazer alguma coisa que saibas que detesto. – Força-se a sorrir mais uma vez.

Ignoro o seu comentário e procuro no saco até encontrar a pomada anti-inflamatória.

– Precisas de ajuda para te inclinares para a frente outra vez?

– Não, estou bem. – Mas, como a sua expressão sugere outra coisa, ponho-me ao lado dele, agarro-lhe os ombros e ajudo-o a sentar-se direito lentamente.

– Até parece que és a minha enfermeira neste momento – diz ele num tom azedo.

– Tipo, de uma maneira excitante e *sexy*? – pergunto, tentando aligeirar-lhe o estado de espírito.

– Não, triste, de velhote que já não consegue olhar por si mesmo – diz ele.

– Tu és proprietário de uma casa – digo. – Aposto que até arrancaste a alcatifa da casa de banho.

– Arranquei – confirma ele.

– Claramente, és capaz de olhar por ti mesmo – digo. – Eu nem sequer consigo manter viva uma planta de interior.

– Isso é porque nunca estás em casa – diz ele.

Desenrosco a tampa da pomada anti-inflamatória e deito uma porção nos dedos.

– Acho que não é por isso. Comprei umas resistentes, hera-do-diabo e zamioculcas e espadas-de-são-jorge... elas são, tipo, o género de plantas que põem em centros comerciais sem luz natural durante meses a fio e mesmo assim elas não morrem. Mas quando se mudam para o meu apartamento, desistem imediatamente da vida. – Amparo-lhe o tronco com uma mão para não o sacudir demasiado e, com a outra, começo a massajar-lhe cuidadosamente a pomada nas costas.

– É o sítio certo? – pergunto.

– Um pouco mais acima e à esquerda. A minha esquerda.

– Aqui? – Levanto os olhos para o Alex e ele acena com a cabeça. Desvio o olhar a custo e concentro-me nas suas costas, com os dedos a traçarem círculos delicados sobre aquele ponto.

– Detesto que tenhas de fazer isto – diz ele, e os meus olhos desviam-se de novo para os seus, que estão baixos e sérios sob as sobrancelhas franzidas.

Sinto como se o coração me caísse pelo peito abaixo e voltasse para cima a toda a velocidade.

– Alex, alguma vez te passou pela cabeça que é possível que eu goste de cuidar de ti? – pergunto. – Quero dizer, obviamente não adoro que estejas com dores e detesto que te tenha deixado dormir naquele cadeirão abominável, mas se alguém vai ser a tua enfermeira, sinto-me honrada que seja eu.

Comprime os lábios e nem um nem o outro dizemos seja o que for por uns momentos.

Afasto as mãos do seu corpo.

– Estás com fome?

– Estou bem – diz ele.

– Bom, tanto pior. – Vou à cozinha lavar as mãos da pomada, pego num par de copos e encho-os com gelo e depois volto para junto da cama e disponho os restantes sacos do supermercado numa fila. – Porque... – Tiro de um saco com um floreado uma caixa com *donuts*, como um mágico a sacar um coelho da cartola. O Alex parece hesitante.

Não é muito de doces. Penso que é parte da razão por que cheira tão bem, por que, mesmo pondo de lado a mania obsessiva da higiene, o seu hálito e o seu odor corporal são sempre bons, e penso que talvez seja porque *não* come como um miúdo de dez anos. Ou como um Wright.

– E para ti – digo, e tiro os iogurtes, a embalagem de granola e a mistura de frutos vermelhos, juntamente com uma garrafa de refresco de café. O apartamento está demasiado quente para café normal.

– Uau – diz ele, sorrindo. – És uma verdadeira heroína.

– Eu sei – digo. – Quero dizer, obrigada.

Sentamo-nos e banqueteamo-nos, ao estilo de um piquenique, em cima da cama. Eu como principalmente *donuts* e umas colheres do iogurte do Alex. Ele come principalmente iogurte, mas também devora metade de um *donut* com geleia de morango.

– Nunca como estas coisas – diz.

– Eu sei – digo eu.

– É bastante bom – afirma ele.

– Diz-me alguma coisa – acrescento, mas, se ele reconhece a referência àquela primeira viagem que fizemos juntos, ignora-a, e fico desolada.

É possível que todos aqueles pequenos momentos que significaram tanto para mim nunca tenham significado a mesma coisa para ele. É possível que ele não me tenha contactado durante dois anos inteiros porque, quando deixámos de falar, não perdeu uma coisa preciosa como eu perdi.

Temos mais cinco dias desta viagem, contando com o de hoje – embora hoje e amanhã sejam os nossos últimos dias livres de eventos relacionados com o casamento – e neste momento receio algo maior do que o embaraço.

Penso em desgosto de amor. Na versão integral desta coisa que estou a sentir neste momento, mas alastrando dias seguidos sem alívio nem escape. Cinco dias a fingir que me sinto ótima, enquanto no meu interior algo está a rasgar-se em pedaços cada vez mais pequenos até não serem mais do que farrapos.

O Alex pousa o seu refrigerante de café na mesa de cabeceira e olha para mim.

– Devias realmente sair.

– Não me apetece – digo.

– É claro que te apetece – contrapõe. – Esta é a tua viagem, Poppy. E sei que não tens tudo aquilo de que precisas para o artigo.

– O artigo pode esperar.

Inclina a cabeça, duvidoso.

– Por favor, Poppy – diz. – Vou sentir-me pessimamente se ficares enfiada

aqui dentro comigo todo o dia.

Quero dizer-lhe que vou sentir-me pessimamente se sair. Quero dizer: *A única coisa que queria desta viagem era estar fosse onde fosse contigo todo o dia ou Quem quer saber de ir ver Palm Springs quando estão trinta e oito graus lá fora ou Amo-te tanto que por vezes até dói.* Em vez disso, digo:

– OK.

De seguida, levanto-me e vou para a casa de banho arranjar-me. Antes de sair, levo uma compressa de gelo ao Alex e troco-a pela almofada térmica.

– Vais conseguir fazer isto sozinho? – pergunto.

– Vou só dormir quando tu estiveres fora – diz ele. – Fico bem sem ti, Poppy.

É a última coisa que quero ouvir.

*

Sem ofensa para o Museu de Arte de Palm Springs, mas simplesmente não me interessa. Talvez pudesse interessar-me em circunstâncias diferentes, mas nestas torna-se claro para mim e para todas as pessoas que aqui trabalham que estou apenas a matar tempo. Nunca soube realmente *como* olhar para a arte sem outra pessoa ao meu lado a ser meu guia.

O meu primeiro namorado, o Julian, costumava dizer: «Ou sentes alguma coisa ou não sentes», mas nunca me levava ao MoMA ou ao Met (quando apanhávamos o autocarro da noite para Nova Iorque, nunca íamos a esses museus) ou até ao Museu de Arte de Cincinnati; levava-me a galerias de arte *pop-up* onde havia artistas deitados nus no chão com a entreperna coberta de alcatrão e penas enquanto se ouviam gravações da cadeia de restaurantes chineses P.F. Chang no volume máximo.

Era mais fácil «sentir alguma coisa» nesses contextos. Embaraço, repulsa, ansiedade, divertimento. Havia tanta coisa que se podia sentir a partir de algo tão exagerado, e os mais pequenos pormenores podiam fazer pender o prato da balança para um lado ou para o outro.

Mas a maior parte das obras de arte visual não me desencadeia uma reação visceral e nunca tenho a certeza de quanto tempo devo ficar em frente a uma pintura, que expressão devo afivelar ou como saber se escolhi a mais

desinteressante da série e se todos os guias do museu estão a julgar-me silenciosamente.

Tenho quase a certeza de que não estou a passar a quantidade apropriada de tempo a fitar com um olhar de entendida as obras de arte aqui expostas, porque acabo de percorrer o museu inteiro em menos de uma hora. A única coisa que quero fazer é voltar para o apartamento, mas não se o Alex especificamente não quer que eu volte.

Portanto, dou uma segunda volta ao museu. E depois uma terceira. Dessa vez, leio toda a informação. Pego num folheto na zona da receção e levo-o comigo para ter mais alguma coisa que estudar intensivamente. Um guia meio careca e com pele fina como papel lança-me um olhar de maldição.

Provavelmente, pensa que estou a preparar algum assalto. Para todo o tempo que passei aqui, bem podia estar. Dois coelhos, uma cajadada, etc., etc., etc.

Por fim, aceito o facto de que excedi o limite de tempo e dirijo-me para Palm Canyon Drive, onde supostamente há alguns antiquários incríveis.

E há mesmo. Galerias e salões de exposição e lojas de antiguidades, muito bem perfiladas umas a seguir às outras, salpicadas com apontamentos brilhantes de cores modernistas de meados do século xx – azuis de ovo de melro, laranjas brilhantes e verdes azedos, candeeiros de um amarelo-mostarda vibrante que parecem quase ilustrações e sofás com padrões de Sputniks e candeeiros de teto complicados com eixos de metal espetados em todas as direções.

É como se estivesse de férias na imagem do futuro dos anos sessenta.

É o suficiente para me sustentar o interesse durante uns vinte minutos.

Por fim, aceito o inevitável e telefono à Rachel.

– Olááááááá – grita ela ao segundo toque.

– Estás bêbeda? – pergunto, surpreendida.

– Não – diz ela. – Tu estás?

– Quem me dera.

– Uh-oh – diz ela. – Pensei que não respondias às minhas mensagens porque estavas a divertir-te imenso!

– Não tenho respondido às tuas mensagens porque estamos alojados numa caixa de sapatos de um metro e vinte com uma temperatura de um trilião de graus e eu não tenho espaço nem força mental para te enviar uma mensagem pormenorizada sobre como está a correr tão mal.

– Oh, minha querida. – A Rachel suspira. – Queres voltar para casa?

– Não posso. – digo. – Há um casamento no fim disto, não te lembras?

– Tu *podias* – diz ela. – Eu podia ter uma «emergência».

– Não, tudo bem – digo. Não quero ir para casa, só quero que as coisas corram melhor.

– Aposto que estás a desejar estar em Santorini neste momento – diz ela.

– O que principalmente desejo é que o Alex não estivesse de cama no quarto com *espasmos nas costas*.

– *O quê?! –* exclama a Rachel. – O Alex jovem, em forma, com um corpo espetacular?

– Esse mesmo. E não me deixa fazer nada para o ajudar, realmente. Pôs-me fora e já visitei o museu de arte, tipo, umas quatro vezes hoje.

– Quatro... vezes? – pergunta.

– Quero dizer – explico –, tipo, não saí e voltei a entrar. Só me sinto como se tivesse feito quatro visitas de estudo do sétimo ano quatro vezes de seguida. Pergunta-me o que quiseses sobre o Edward Ruscha.

– Oh! – exclama a Rachel. – Qual era o pseudónimo dele quando trabalhava na revista *Artforum* na paginação?

– OK, não me perguntes nada – respondo. – Afinal, parece que de facto não li o folheto em que tive os olhos pregados aquele tempo todo.

– Eddie Russia – sai à Rachel das Belas-Artes. – Não me lembro porquê. Quero dizer, obviamente soa como o nome dele, mas porque não usar o verdadeiro nome, nesse caso, não achas?

– Totalmente – concordo, começando a dirigir-me para o carro. O suor está a juntar-se nas minhas axilas e na parte de trás dos joelhos e sinto que estou a ficar queimada pelo sol mesmo debaixo do toldo deste café. – Será que eu devia

começar a escrever sob o pseudónimo Pop Right, sem o W?

– Ou tornares-te DJ nos anos noventa – diz a Rachel num tom inexpressivo. – A DJ Pop Right.

– Seja como for – digo. – Como estás? Como está Nova Iorque? Como estão os béu-béus?

– Bem – responde ela –, está calor e estão *OK*. O Otis fez uma pequena operação hoje de manhã. Removeram-lhe um tumor, benigno, graças a Deus. Estou agora a ir buscá-lo.

– Dá-lhe beijinhos meus.

– Obviamente – diz ela. – Estou quase a chegar ao veterinário, portanto é melhor desligar, mas diz-me se precisares que eu fique doente ou o que seja para poderes voltar para casa mais cedo.

Suspiro.

– Obrigada. E tu diz-me se precisares de alguma peça de mobiliário modernista caro.

– Hum. Com certeza.

Desligamos e eu vejo as horas. Consegui chegar às quatro e meia da tarde. Penso que isso significa que é apropriadamente tarde para ir comprar umas sanduíches e voltar para o Desert Rose.

Quando entro, a porta da varanda está fechada para evitar o calor do dia, mas o apartamento continua horivelmente quente. O Alex voltou a vestir uma *T-shirt* cinzenta e está sentado onde o deixei com o seu livro aberto e outros dois pousados no colchão ao seu lado.

– Ei – diz. – Divertiste-te?

– Sim – minto. Inclino o queixo na direção da porta da varanda. – Levantaste-te e andaste por aqui.

A sua boca torce-se num esgar de culpa.

– Só um bocadinho. Tinha de fazer chichi, de qualquer maneira, e de tomar mais um comprimido.

Subo para a cama e ponho o saco com sanduíches entre nós, sentando-me em

cima das pernas.

– Como te sentes?

– Muito melhor – diz ele. – Quero dizer, ainda estou preso aqui, mas dói-me menos.

– Ainda bem. Trouxe-te uma sanduíche. – Viro o saco de plástico ao contrário e a sanduíche embrulhada em papel desliza para fora.

O Alex pega na dele e faz um ligeiro sorriso enquanto a desembulha.

– Uma sanduíche de salada de atum?

– Sei que não é a mesma coisa que roubá-la à Delallo – digo. – Mas, se quiseres, ponho-a no frigorífico e fico na casa de banho o tempo suficiente para tu ires a coxear pegar nela.

– Não vale a pena – diz ele. – Sinto no meu coração que foi roubada à Delallo, e há quem diga que é isso que realmente importa.

– Estamos a aprender tantas lições importantes nesta viagem – digo. – P.S.: a caminho daqui, deixei uma mensagem de voz ao Nikolai sobre a situação do ar condicionado. Tenho quase a certeza de que está a evitar as minhas chamadas.

– Oh! – exclama o Alex, ficando todo animado. – Esqueci-me de te dizer! Consegui fazê-lo baixar para vinte e cinco e meio.

– A sério? – Salto da cama e vou verificar. – Isso é incrível, Alex!

Ri-se.

– É uma coisa patética para se celebrar.

– O tema desta viagem é Aceitar o que Conseguirmos Obter – digo, voltando a sentar-me ao lado dele.

– Pensei que era Aspirar – comenta o Alex.

– Aspirar a chegar aos vinte e cinco graus e meio.

– Aspirar a caber dentro da piscina a dado momento.

– Aspirar a assassinar o Nikolai sem sermos apanhados.

– Aspirar a sair da cama.

– Pobreziinho! – gemo. – Preso na cama com um livro... o teu inferno

peçoal!... enquanto te esfrego mentol nas costas e te trago o teu pequeno-almoço e o almoço ideais.

O Alex faz a cara de cachorrinho.

– É injusto! – exclamo. – Tu sabes que não posso usar autodefesa contra ti neste momento!

– OK – diz ele. – Eu paro até tu te sentires à vontade para me causar danos corporais de novo.

– Quando é que isto começou a acontecer-te? – pergunto.

– Não sei – diz ele. – Suponho que uns dois meses depois da Croácia?

A palavra aterra como um foguete no meio do meu peito. Tento manter uma expressão plácida, mas não faço ideia se estou a conseguir. Ele, pela sua parte, não ostenta nenhum sinal de desconforto.

– Sabes porquê? – pergunto, recuperando o sangue-frio.

– Porque me curvo muito? – diz ele. – Especialmente quando estou a ler ou ao computador. Um fisioterapeuta disse-me que, provavelmente, os músculos da anca estão a encurtar e puxam-me as costas. Não sei. O médico só me receitou relaxantes musculares e saiu do consultório antes de eu poder pensar em quaisquer perguntas.

– E acontece com frequência? – pergunto.

– Nem por isso – responde. – Esta é a quarta ou quinta vez. Acontece menos quando faço exercício físico regular. Suponho que vir sentado no avião e no carro e isso tudo... e depois o cadeirão-cama.

– Faz sentido.

Daí a um momento, ele pergunta:

– E tu, estás bem?

– Acho que só... – Paro de falar, sem saber bem quanto quero dizer. – Sinto que perdi muita coisa.

O Alex inclina a cabeça contra as almofadas e os seus olhos vagueiam pelo meu rosto.

– Eu também.

Sai-me uma gargalhada fraca.

– Não, não perdeste. A minha vida é exatamente a mesma.

– Isso não é verdade – diz ele. – Cortaste o cabelo.

Desta vez, a gargalhada é mais genuína, e um sorriso contido curva os lábios do Alex.

– Sim, bem – digo, tentando não corar enquanto sinto o olhar dele deslizar por cima do meu ombro nu e pelo meu braço abaixo até onde a minha mão está pousada na cama perto do joelho dele. – Não comprei uma casa nem a minha própria máquina de lavar louça nem nada. Duvido que alguma vez consiga fazê-lo.

Arqueia as sobrancelhas e os seus olhos voltam a fixar-se no meu rosto.

– Tu não queres – diz em voz baixa.

– Sim, provavelmente tens razão – digo, mas, sinceramente, não tenho a certeza. Esse é o problema. Não tenho querido as coisas que costumava querer, as coisas que queria quando tomei praticamente todas as grandes decisões na vida que tomei. Ainda estou a pagar o empréstimo que contraí para fazer um curso que não terminei, e, mesmo que tenha poupado as propinas de um ano e meio de aulas, ultimamente dou comigo a perguntar-me se *essa* terá sido a escolha acertada.

Fugi de Linfield. Fugi da Universidade de Chicago, e, se quiser ser sincera, de certa maneira fugi do Alex quando tudo aconteceu. Ele também fugiu de mim, mas não posso deitar a culpa toda em cima dele.

Sentia-me apavorada. Desatei a fugir. E deixei-lhe a ele a responsabilidade de resolver o problema.

– Lembras-te de quando fomos a São Francisco e andávamos sempre a dizer «Em Roma sê romano» quando queríamos comprar alguma coisa? – pergunto.

– Talvez – diz ele, não parecendo ter a certeza. Suponho que a minha expressão deve ser algo do tipo *destroçada*, porque ele acrescenta em jeito de desculpa: – A minha memória não é grande coisa.

– Sim – digo. – Faz sentido.

Ele tosse.

– Queres ver qualquer coisa na televisão ou ainda vais sair?

– Não – respondo –, vamos ver qualquer coisa. Se eu voltar ao Museu de Arte de Palm Springs, acho que o FBI vai estar à minha espera.

– Porquê, roubaste alguma coisa de valor incalculável? – pergunta o Alex.

– Não vou saber até a mandar avaliar – digo na brincadeira. – Espero que este tal Clôde Mouné seja mesmo um tipo importante.

O Alex ri-se e abana a cabeça, e mesmo aquele pequeno gesto parece provocar-lhe um choque de dor.

– Merda – diz. – Tens de parar de me fazer rir.

– E tu tens de parar de partir do princípio de que estou a brincar quando falo de assaltar museus de arte.

Fecha os olhos e comprime a boca numa linha direita, sufocando mais qualquer riso. Daí a um segundo, abre os olhos.

– *OK*, vou fazer chichi, espero que pela última vez hoje, e tomar outro comprimido. Podes tirar o meu portátil da mala e abrir a Netflix, se quiseres. – Vira-se cuidadosamente, pousa os pés no chão e levanta-se.

– Entendido – digo. – E queres que deixe as revistas de nus dentro da mala ou também as tiro?

– Poppy – geme ele, sem olhar para trás. – Nada de piadas.

Levanto-me da cama e puxo a mala do portátil do Alex para cima da cadeira para tirar o computador, que levo para a cama, abrindo-o entretanto.

Ele não encerrou a sessão e, quando passo o dedo no rato, o ecrã ganha vida, exigindo que eu faça *log-in*.

– A palavra-passe? – digo alto na direção da casa de banho.

– *Flannery O'Connor* – responde ele, e depois puxa o autoclismo e abre a torneira do lavatório.

Não pergunto se tem espaços, letras maiúsculas ou sinais de pontuação. O Alex é um purista. Escrevo o nome e o ecrã inicial desaparece, substituído por uma janela de navegação aberta. Sem me aperceber do que faço, estou a bisbilhotar inadvertidamente.

O meu coração bate acelerado.

A torneira fecha-se. A porta abre-se. O Alex sai da casa de banho e, embora pudesse ser melhor fingir que não vi o anúncio de emprego que o Alex tinha aberto, algo se apodera de mim e me arranca a parte do cérebro que – pelo menos *ocasionalmente* – filtra coisas que eu não devia dizer.

– Vais concorrer para dar aulas na Berkeley Carroll?

A confusão no seu rosto transforma-se rapidamente em algo parecido com uma expressão de culpa.

– Oh, isso.

– É em Nova Iorque – afirmo.

– Foi o que o *site* deu a entender – diz o Alex.

– Na cidade de Nova Iorque – clarifico.

– Espera lá, *nessa* Nova Iorque? – diz ele num tom impassível.

– Vais mudar-te para Nova Iorque? – pergunto, e tenho a certeza de que estou a falar alto, mas a adrenalina faz-me sentir que o mundo inteiro está envolvido em algodão em rama, amortecendo todos os sons e transformando-os num zumbido abafado.

– Provavelmente não – diz ele. – Só vi o anúncio.

– Mas tu ias adorar Nova Iorque – digo. – Quero dizer, pensa nas livrarias.

Agora ele faz-me um sorriso que parece ao mesmo tempo divertido e triste. Volta para a cama e senta-se lentamente ao meu lado.

– Não sei – diz. – Só estava a dar uma vista de olhos.

– Não te vou incomodar – digo. – Se te preocupa que eu, tipo, apareça à tua porta sempre que tenho uma crise, prometo que não o faço.

Levanta as sobrancelhas ceticamente.

– E se descobrires que estou com um espasmo nas costas, invades-me o apartamento com *donuts* e pomada anti-inflamatória?

– Não? – respondo, com uma entoação de culpa. O seu sorriso torna-se mais rasgado, mas continua a haver algo vagamente triste nele. – O que se passa?

Aguenta o olhar fixo no meu por uns momentos, como se estivéssemos presos num jogo para ver quem desiste primeiro. De seguida, suspira e passa a mão pelo

rosto.

– Não sei – diz. – Há algumas coisas que ainda estou a tentar decidir. Em Linfield. Antes de tomar uma decisão como essa.

– A casa – digo, deitando-me a adivinhar.

– É parte da questão – diz. – Eu adoro aquela casa. Não sei se conseguiria suportar a ideia de a vender.

– Podias arrendá-la! – sugiro, e o Alex lança-me um olhar. – Certo. Tu és demasiado nervoso para seres senhorio.

– Creio que queres dizer que todas as pessoas são *demasiado descuidadas* para serem inquilinas.

– Podias arrendá-la a um dos teus irmãos – digo. – Ou podes simplesmente deixá-la ficar vazia. Quero dizer, a tua avó era proprietária dela, certo? Tu deves alguma coisa?

– Só os impostos imobiliários. – Tira-me o computador e fecha a janela do anúncio de emprego. – Mas não é só a casa. E também não é só por causa do meu pai e dos meus irmãos – acrescenta quando vê a minha boca abrir-se. – Quero dizer, obviamente ia sentir muitas saudades das minhas sobrinhas e do meu sobrinho. Mas há outras coisas que me mantêm lá. Ou, não sei, pode haver. Só estou, tipo... à espera de ver o que acontece.

– Oh – digo, começando a compreender. – Então, tipo... uma mulher.

Mais uma vez, aguenta o meu olhar como se a desafiar-me a que insista no assunto. Mas eu nem pestanejo, e ele vai-se abaixo primeiro.

– Não temos de falar sobre isto.

– Oh. – E agora toda aquela energia vibrante e empolgada parece estar a gelar, a afundar-se no meu estômago. – Então é a Sarah. Vocês *vão* voltar a ficar juntos.

Ele baixa a cabeça, esfrega a testa.

– Não sei.

– Ela quer? – pergunto. – Ou tu?

– Não sei – repete.

– Alex.

– Não faças isso. – Levanta a cabeça. – Não me ralhes. Está mesmo deprimente, em termos de encontros, e eu e a Sarah temos muita história comum.

– Sim, uma história sórdida – digo. – Há uma razão para terem acabado. Duas vezes.

– E uma razão para termos namorado – dispara ele em resposta. – Nem toda a gente pode *não olhar para trás* como tu.

– O que queres dizer com isso? – exijo saber.

– Nada – apressa-se a responder. – Somos diferentes.

– Eu sei que somos diferentes – digo, na defensiva. – Também sei que é deprimente. Eu também sou solteira, Alex. Tenho cartão de sócia do Grupo de Apoio às Vítimas das Fotos Não Solicitadas de Pilas. Mas isso não significa que vá voltar a correr para um dos meus ex-namorados.

– É diferente – insiste.

– Como? – riposto.

– Porque tu não queres as mesmas coisas que eu quero – diz ele, quase a berrar, possivelmente a falar mais alto do que alguma vez o ouvi falar, e, embora a sua voz não seja zangada, é decididamente frustrada.

Quando me afasto dele, vejo-o acalmar-se um pouco, embaraçado.

Prossegue, falando de novo mais baixo e de maneira mais controlada.

– Eu quero todas as coisas que os meus irmãos têm – diz. – Quero casar-me e ter filhos e netos e ficar mesmo velho como o caraças com a minha mulher e viver na nossa casa tantos anos que ela até passa a cheirar a nós. Tipo, quero escolher a merda da mobília e as cores das tintas e fazer aquelas coisas todas de Linfield que tu achas tão insuportáveis, *OK*? É o que eu quero. E não quero esperar. Ninguém sabe quanto tempo tem, e eu não quero que passem mais dez anos só para descobrir que tenho a merda de um cancro na pila ou coisa assim e que é demasiado tarde. *Essas coisas são o que é importante para mim.*

Todo o fogo que restava nele apaga-se, mas eu ainda estou a tremer com os nervos e a mágoa e a vergonha e, acima de tudo, com a fúria contra mim própria por não compreender o que se estava a passar sempre que ele defendia a nossa

cidade natal desinteressante, mudava de assunto quando se falava da Sarah ou qualquer outra coisa.

– Alex – digo, à beira das lágrimas. Abano a cabeça, tentando afastar as nuvens de tempestade da emoção que começa a acumular-se. – Eu não acho essas coisas insuportáveis. Não acho nenhuma delas insuportável.

Os seus olhos levantam-se pesadamente para os meus, dardejando a desviar-se de novo. Com cuidado para não esbarrar nele, aproximo-me e ponho a mão na sua, entrelaçando os dedos nos dele.

– Alex?

Ele olha para mim.

– Desculpa – murmura. – Desculpa, Poppy.

Abano a cabeça.

– Eu adoro a casa da Betty – digo. – E adoro pensar que é tua, e, por muito que detestasse a escola, adoro pensar em ti a dar aulas lá e em como aqueles miúdos são uns sortudos. E adoro que sejas tão bom irmão e filho e... – As palavras ficam-me presas na garganta e tenho de gaguejar lacrimemente o resto da frase. – E não quero que te cases com a Sarah, porque ela te toma como certo. Ela nunca teria acabado contigo, para começar, se não te tomasse como certo. E, francamente, além disso, não quero que cases com ela porque ela nunca gostou de mim, e se tu casares com ela... – paro de falar antes de começar a soluçar.

Se te casares com ela, penso, vou perder-te para todo o sempre.

E depois: *Provavelmente, cases tu com quem casares, vou ter de te perder para sempre.*

– Sei que é muito egoísta – digo. – Mas não é só isso. Eu penso realmente que consegues arranjar melhor. A Sarah vai ser ótima para alguém, mas não para ti. Ela não gosta de *karaoke*, Alex.

Esta última parte sai-me pateticamente chorosa e, enquanto ele olha para mim, faz os possíveis por esconder o sorriso que lhe distende os lábios. Solta a mão da minha e põe os braços à minha volta, apertando-me levemente ao peito, mas não me deixa afundar nele como sinto vontade, por receio de o magoar.

Este problema das costas, embora um horror para ele, está de facto a revelar-

se um bom para-choques, porque todas as partes em que o meu corpo toca no dele estão a começar a zunir, como se os meus nervos estivessem a competir por mais dele. O Alex deposita um beijo no cimo da minha cabeça, e dá-me a sensação de que alguém partiu um ovo ali, algo quente e sensual a escorrer por mim abaixo.

Reprimo as recordações esfumadas de tudo o que aquela boca fez na Croácia.

– Não tenho a certeza de que possa de facto arranjar melhor – diz o Alex, puxando-me para fora de uma cena digna de corar até à raiz dos cabelos. – Quando abro o Tinder, só me mostra o dedo médio espetado.

– A sério? – Sento-me direita. – Tens conta no Tinder?

Revira os olhos.

– Sim, Poppy. O avozinho está no Tinder.

– Deixa-me ver.

Fica com as orelhas vermelhas.

– Não, obrigado. Não estou com disposição para ser gozado brutalmente.

– Eu posso ajudar-te, Alex – digo. – Sou uma mulher heterossexual. Sei como são recebidos os perfis dos homens no Tinder. Posso descobrir o que estás a fazer de errado.

– O que estou a fazer de errado é tentar encontrar uma ligação significativa numa aplicação de encontros.

– Bem, obviamente – digo. – Mas vejamos o que mais estás a fazer mal.

Suspira.

– Está bem. – Tira o telemóvel do bolso e passa-mo para as mãos. – Mas poupa-me, Poppy. Neste momento estou frágil.

E depois faz aquela cara.

Nova Orleães.

O Alex sente curiosidade pela arquitetura – todos aqueles edifícios com as suas varandas de ferro forjado coloridos com lápis de cor e árvores centenárias a contorcem-se para furar os passeios, cujas raízes se estendem metros e metros em todas as direcções, quebrando o cimento como se não fosse nada com elas. As árvores estavam lá antes da cidade e estarão depois de ela desaparecer.

Sinto-me empolgada com a ideia de bebidas alcoólicas em forma de granizado e de lojas esotéricas *kitsch*.

Por sorte, não há falta de nada disso.

Fico encantada por encontrar um estúdio grande não muito longe da Bourbon Street. O soalho é escuro e a mobília de madeira pesada, e há pinturas cheias de cor de músicos de *jazz* penduradas nas paredes de tijolo à mostra. As camas têm um ar baratucho, assim como a roupa de cama, mas são grandes, e o apartamento é limpo e o ar condicionado é tão forte que temos de o baixar para, sempre que regressamos depois de um dia no calor, não batermos o dente.

Tudo o que há realmente para fazer em Nova Orleães, ao que parece, é andar, comer, beber, olhar e ouvir. É basicamente o que fazemos em todas as viagens, mas esse facto é sublinhado aqui pelas centenas de restaurantes e de bares uns a seguir aos outros em todas as ruas estreitas. E pelos milhares de pessoas que percorrem a cidade com copos grandes de cores fluorescentes e palhinhas que não condizem. Em quase todos os bairros, os cheiros da cidade mudam de frito e delicioso para fedorento e podre, porque a humidade absorve o pivete dos esgotos e revela-o.

Em comparação com a maior parte das cidades americanas, tudo parece tão antigo que imagino que estamos a sentir o cheiro de detritos do século XVIII, facto que, milagrosamente, o torna mais suportável.

– Dá a impressão de que estamos a andar dentro da boca de alguém – diz o Alex mais do que uma vez sobre a humidade, e, daí para a frente, sempre que o cheiro se faz sentir, penso em comida presa entre molares.

Mas o interessante é que nunca perdura. Sopra uma brisa que o dissipa, passamos por outro restaurante com todas as suas portas abertas ou dobramos a esquina e damos com uma transversal linda em que todas as varandas estão ajougadas com flores roxas.

Além disso, vivo há cinco meses em Nova Iorque e, durante os últimos dois meses de verão, a minha paragem do metro não tem propriamente cheirado a rosas. Já vi três pessoas em três ocasiões diferentes fazerem chichi nos degraus dentro da estação e vi *uma* dessas pessoas fazer chichi uma segunda vez daí a uma semana.

Adoro Nova Iorque, mas, enquanto passeamos por Nova Orleães, pergunto-me se poderia ser igualmente feliz aqui. Se poderia até ser mais feliz. Se o Alex me visitaria com mais frequência.

Até agora, ele veio a Nova Iorque uma vez, algumas semanas depois de terminarem as aulas do seu curso de pós-graduação. Trouxe o carro cheio com coisas minhas da casa dos meus pais para o meu apartamento em Brooklyn, e no último dia da sua estadia comparámos os nossos calendários e falámos sobre quando voltaríamos a ver-nos.

A Viagem de Verão, obviamente. Possivelmente (mas provavelmente não) o dia de Ação de Graças. O Natal, se eu conseguisse umas folgas no restaurante onde trabalho. Mas toda a gente quer ter férias no Natal, por isso sugeri a ideia da Passagem de Ano e concordámos que combinaríamos os pormenores mais tarde.

Até agora, ainda não falámos sobre nada disso nesta viagem. Não tenho querido pensar em sentir *saudades* do Alex enquanto estou com ele. Parece um desperdício.

– Pelo menos – disse ele na brincadeira –, teremos sempre a Viagem de Verão.

Tive de decidir ativamente ver aquilo como reconfortante.

Desde manhã até várias horas depois de anoitecer, deambulamos pela cidade. Por Bourbon Street e Frenchmen e Canal e Esplanade (o Alex está especialmente enamorado das casas senhoriais antigas nesta rua, com os seus canteiros a transbordar de flores e as palmeiras desbotadas pelo sol que se erguem ao lado de carvalhos nodosos).

Comemos *beignets* fofos polvilhados com açúcar numa esplanada de um café e passamos horas a avançar por entre as quinquilharias que são vendidas no exterior do French Market (chaveiros de cabeça de aligátor e anéis de prata com selenitas engastadas), e pão acabado de cozer, produtos frescos locais, bolos pequenos rematados por quivis e morangos, cerejas embebidas em *whiskey* e pralinés (de todas as maneiras imagináveis) nas bancas no interior.

Bebemos *Sazeracs* e *furacões* e *daiquiris* em todos os lugares aonde vamos, porque «Manter o tema é importante» como diz o Alex teatralmente quando tento pedir um gin tónico, e, a partir desse momento, temos simultaneamente o nosso tema e os nossos alter egos para toda a semana.

A Gladys e o Keith Vivant são um casal poderoso da Broadway, decidimos. Verdadeiros atores, de alma e coração, e como se pode ler nas suas tatuagens iguais, *Todo o mundo é um palco!*

Começam cada dia com alguns exercícios de representação, limitam-se a uma deixa durante uma semana inteira de cada vez, deixando até que conduza a interação entre os dois para melhor poderem encarnar a Personagem.

E o tema, claro, é vital.

Ou, poderia dizer-se, é importante.

«O tema é importante!» gritamos um ao outro, batendo com os pés sempre que um quer fazer algo com que o outro não ficaria encantado.

Há uma grande quantidade de lojas *vintage* que parecem nunca ter sido limpas, e o Alex não fica encantado com a ideia de experimentar as calças de camurça que escolho para ele numa dessas lojas, assim como não fico encantada quando ele quer passar seis horas num museu.

– O tema é importante! – grita quando eu digo que não quero comprar umas *T-shirts* com os dizeres *Drunk Bitch 1* e *Drunk Bitch 2* como aquelas *T-shirts* com *Thing 1* e *Thing 2*¹² que vendem em parques de diversões, e saímos da loja com elas vestidas por cima da roupa que trazíamos.

– Adoro quando te pões todo esquisito – digo-lhe.

Fita-me já meio toldado e com os olhos semicerrados enquanto andamos.

– Tu é que me fazes ser esquisito. Eu não sou assim com mais ninguém.

– Tu também me fazes ser esquisita – digo; e de seguida: – Devíamos fazer umas tatuagens a sério com «Todo o mundo é um palco»?

– A Gladys e o Keith fá-las-iam – diz o Alex, bebendo um longo gole da sua garrafa de água. Passa-ma em seguida e eu emborco metade da água, sedenta.

– Então é sim?

– Por favor, não me faças fazer isso – diz ele.

– Mas, Alex – grito. – O tema é impor...

Mete-me a garrafa de água na boca.

– Quando ficares sóbria, garanto-te que já não vais achar que tem piada.

– Vou *sempre* achar que *todas* as piadas que digo são hilariantes – digo –, mas entendido.

Aproveitamos *happy hour* atrás de *happy hour*, com resultados variados. Por vezes, as bebidas são fracas e não prestam, outras vezes são bastante alcoólicas e boas, com frequência são bastante alcoólicas e não prestam. Vamos ao bar de um hotel que está montado num carrossel e cada um pede um *cocktail* de quinze dólares. Vamos ao que, alegadamente, é o segundo bar mais antigo continuamente em funcionamento no Louisiana. É uma velha loja de ferreiro com o chão pegajoso, que parece uma espécie de museu vivo, excetuando a máquina de jogo gigantesca montada a um canto.

Eu e o Alex bebemos lentamente a nossa bebida partilhada enquanto esperamos pela nossa vez de jogar. Não batemos o recorde, mas passamos a figurar no quadro das pontuações.

Na quinta noite, acabamos por ir dar a um bar de *karaoke* frequentado por estudantes, com um palco muito ornamentado e um espetáculo de luzes *laser*. Depois de dois *shots* de Fireball, *whiskey* com canela e açúcar, o Alex concorda que cantemos no palco «I Got You Babe» do Sonny e da Cher, encarnando as personagens dos Vivants.

A meio da canção, envolvemo-nos numa briga ao microfone sobre o facto de que eu *sei* que ele anda a dormir com a Shelly da caracterização.

– Não demora uma hora a pôr o raio de uma barba postiça, Keith! – berro.

O aplauso no fim é contido e desconfortável. Bebemos mais um *shot* e

dirigimo-nos para um sítio de que o Guillermo me falou, onde servem um *cocktail* de café gelado.

Metade dos lugares que já visitámos foram recomendados pelo Guillermo, e adorei todos, especialmente a loja minúscula de sanduíches *po'boy*. Ter um namorado que é chef tem as suas vantagens.

Quando lhe disse aonde eu e o Alex íamos, pegou num papel e começou a escrever tudo aquilo de que se lembrava da sua última visita a Nova Orleães, juntamente com informações sobre preços e o que mandar vir nos restaurantes. Atribuiu estrelas a todos os restaurantes imperdíveis, mas de maneira nenhuma vamos conseguir ir a todos.

Conheci o Guillermo um par de meses depois de me mudar para Nova Iorque. A minha nova (e primeira em Nova Iorque) amiga Rachel recebeu um convite para ter refeições de graça no novo restaurante do Guillermo em troca de publicar algumas imagens nas suas redes sociais. Ela faz muito esse tipo de coisa e, como eu também sou uma Pessoa da Internet, fazemos esse género de coisa juntas.

– É menos embaraçoso – insiste ela. – Além de ser promoção cruzada.

De cada vez que publica uma fotografia comigo, a minha conta de subscritores aumenta em centenas. Andei pelos trinta e seis mil durante seis meses, mas *inchou* para cinquenta e cinco mil através da mera associação com a Sua Marca.

Portanto, lá fui com ela ao tal restaurante, e, depois da refeição, o chef veio à sala falar connosco, e era lindo de morrer e um doce, com olhos castanhos meigos e cabelo escuro afastado da testa. Ria-se baixo e de uma forma modesta, e nessa noite enviou-me uma mensagem no Instagram ainda antes de eu ter tempo de publicar na minha conta as fotografias que tinha tirado.

Encontrou-me através da Rachel, e agradou-me a maneira como me disse isso de imediato, sem embaraço. Como trabalha na maior parte das noites, na nossa primeira saída fomos tomar o pequeno-almoço, e ele beijou-me quando me foi buscar em vez de esperar até me deixar em casa depois.

No princípio, eu saía com outras pessoas e ele também, mas depois de várias semanas decidimos que nem um nem o outro queríamos estar com mais ninguém.

Ele riu-se quando mo disse, e eu também me ri, apenas porque tinha adquirido o hábito de me rir de uma maneira encorajadora quando estava com ele.

Não é como foi com o Julian, totalmente absorvente e imprevisível. Vemos duas ou três vezes por semana, e é agradável a maneira como isso deixa espaço na minha vida para outras coisas.

Aulas de *spinning* com a Rachel e longas caminhadas ao longo da avenida do Central Park com um cone de gelado a pingar na mão, aberturas de exposições e noites especiais de cinema em bares de bairro. As pessoas em Nova Iorque são mais amistosas do que o resto do mundo me tinha avisado que seriam.

Quando digo isso à Rachel, ela responde:

– A maioria das pessoas aqui não é parvalhona. Simplesmente, andam muito atarefadas.

Mas quando digo a mesma coisa ao Guillermo, ele segura-me o queixo na sua mão em concha, ri-se e diz:

– És uma doçura. Espero que não deixes que esta cidade te mude.

É querido, mas também me preocupa. Como se a coisa de que o Gui mais gosta em mim talvez não seja uma parte essencial, mas alguma coisa mutável, alguma coisa que poderia ser perdida ao fim de alguns anos passados no ambiente certo.

Enquanto deambulamos pela ruas de Nova Orleães, penso uma série de vezes em contar ao Alex o que o Guillermo disse, mas acabo sempre por me conter. Quero que goste do meu namorado, e preocupa-me que possa sentir-se ofendido por mim.

Por isso, conto-lhe outras coisas. Como o Guillermo é calmo, que se ri facilmente, como é apaixonado pelo trabalho e por comida em geral.

– Vais gostar dele – digo, e acredito realmente nisso.

– Tenho a certeza de que sim – concorda o Alex. – Se tu gostas dele, eu vou gostar dele.

– Ótimo – digo.

E depois ele fala-me da Sarah, a sua paixoneta não correspondida dos tempos da faculdade. Encontrou-a por acaso quando estava de visita a uns amigos em

Chicago há umas semanas. Foram beber um copo.

– E?

– E nada – diz ele. – Ela vive em Chicago.

– Não é Marte – digo. – Nem sequer é assim tão longe da Universidade do Indiana.

– Ela tem-me mandado mensagens – admite ele.

– É claro que tem – digo. – Tu és um bom partido.

O seu sorriso é tímido e adorável.

– Não sei – diz ele. – Talvez na próxima vez que eu vá a Chicago nos encontremos outra vez.

– Devias – insisto.

Estou feliz com o Guillermo, e o Alex também merece ser feliz. A tensão que os cinco por cento do nosso relacionamento – o *e se* – deixou entrar parece ter sido resolvida.

Embora ficarmos no French Quarter tenha parecido ideal quando reservei o Airbnb, afinal as noites são bastante ruidosas. A música continua até às três ou quatro da madrugada e recomeça surpreendentemente cedo de manhã. Damos connosco a aventurar-nos a ir para a piscina no último andar do hotel Ace, que é grátis aos dias de semana, para dormir uma sesta ao sol deitados nas espreguiçadeiras.

Como, provavelmente, é o melhor sono que tenho em toda a semana, quando fazemos a visita ao cemitério no último dia da viagem estou semidelirante de cansaço. Eu e o Alex estávamos à espera de histórias assombrosas de fantasmas. Em vez disso, obtemos informações sobre como a Igreja Católica cuida de algumas das sepulturas – aquelas para as quais as pessoas compraram «cuidados perpétuos» há gerações – e deixa as outras desfazerem-se em pó.

Decididamente, é um tédio, e estamos a assar ao sol, doem-me as costas por ter andado de sandálias toda a semana e sinto-me exausta por quase não dormir, e a meio da visita, quando o Alex se apercebe de como me estou a sentir, começa a levantar a mão de cada vez que paramos em mais uma sepultura para ouvir factoides desinteressantes e a perguntar:

– Então, *esta* sepultura é assombrada?

No princípio, o nosso guia limita-se a rir e não responde, mas mostra-se cada vez menos divertido a cada repetição da pergunta. Por fim, o Alex faz a mesma pergunta sobre uma pirâmide de mármore grande e branca que destoa do resto das sepulturas retangulares de estilo francês e espanhol, e o guia bufa e diz:

– Espero bem que não! Essa pertence ao Nicolas Cage!

Eu e o Alex desmanchamo-nos a rir.

Mas afinal o guia não está a brincar.

Devia ser a grande revelação, provavelmente com uma piada a rematá-la, e demos cabo da surpresa.

– Desculpe – diz o Alex, e dá-lhe uma gorjeta quando vamos embora. Sou eu que trabalho num bar, mas é ele que tem sempre dinheiro no bolso.

– Fazes *striptease* secretamente? – pergunto-lhe. – É por isso que tens sempre dinheiro no bolso?

– Sou dançarino exótico – corrige.

– Tu és dançarino exótico? – pergunto.

– Não – responde ele. – É prático andar com dinheiro.

O sol está a pôr-se e sentimo-nos cansados até aos ossos, mas, como é a nossa última noite, decidimos arranjar-nos e ir sair. Enquanto estou a maquilhar-me, sentada no chão em frente ao espelho de corpo inteiro, passo os olhos pela lista do Guillermo e vou gritando sugestões ao Alex.

– Eh – diz ele depois de cada uma. Depois de um punhado de sugestões, vem pôr-se atrás de mim e olha-me nos olhos ao espelho. – Podemos só deambular pela cidade?

– Adorava – admito.

Vamos a um par de *pubs* foleiros antes de chegarmos ao Dungeon, um pequeno bar gótico ao fundo de um beco estreito. Somos informados de que é expressamente proibido tirar fotografias, antes de o porteiro nos deixar entrar na sala da frente, iluminada com luzes vermelhas. Está tão apinhada que tenho de me agarrar ao cotovelo do Alex enquanto nos dirigimos para o andar de cima. Há

esqueletos de plástico pendurados na parede e um caixão forrado a cetim vermelho mesmo a pedir uma fotografia, que não se tem autorização para tirar.

Apesar do nosso mantra para esta viagem e de todo o serviço de *personal shopper* que prestei ao Alex, ele continua, genericamente falando, a detestar festas, eventos e, ao que parece, também bares temáticos.

– Este lugar é horrível – diz. – Tu adora-lo, não adoras?

Aceno que sim com a cabeça e ele sorri. Temos de estar tão juntinhos que me vejo obrigada a inclinar a cabeça para trás o mais possível para o ver. Ele afasta-me o cabelo dos olhos e põe a mão em concha na minha nuca, como se para a estabilizar.

– Lamento ser tão alto – diz, sobrepondo a voz ao *heavy metal* que atroa o bar.

– Lamento ser tão baixa – digo.

– Gosto que sejas baixa – diz ele. – Nunca peças desculpa por seres baixa.

Encosto-me a ele, um abraço sem braços.

– Ei – digo.

– Ei o quê? – pergunta ele.

– Podemos ir àquele bar de música *country* por onde passámos?

Tenho a certeza de que ele não quer ir. Tenho a certeza de que acha aquela coisa toda humilhante. Mas o que ele diz é:

– Temos de ir. O tema é importante, Poppy.

E por isso é aonde vamos a seguir, e é diametralmente oposto ao Dungeon, um bar grande e aberto com selas para nos sentarmos e o Kenny Chesney a cantar a plenos pulmões só para nós.

O Alex fica incomodado com a ideia de se sentar nas selas, mas eu salto para cima de uma e tento fazer-lhe a sua Cara de Cachorrinho Triste.

– O que foi? – diz ele. – Estás bem?

– Estou a ser patética – digo. – Para que tu faças o favor de me tornar a mulher mais feliz no estado do Louisiana sentando-te numa destas selas.

– Não consigo decidir se é demasiado fácil ou demasiado difícil agradar-te –

diz ele, e passa uma perna por cima da sela, içando-se para a que está ao meu lado.
– Desculpe – diz a um empregado do balcão, um sujeito corpulento com um colete de couro preto. – Dê-me qualquer coisa que me faça esquecer que isto alguma vez aconteceu.

Ainda a polir um copo, ele vira-se e fulmina-o com o olhar.

– Não leio pensamentos, miúdo. O que queres?

O Alex fica com as faces coradas. Pigarreia.

– Pode ser cerveja. A que tiver.

– Podem ser duas – digo. – Duas bebidas com álcool, por favor.

Quando o empregado do balcão se vira para pegar nas nossas bebidas, inclino-me para o Alex e quase caio da sela com esse movimento. Ele apanha-me e endireita-me enquanto eu segredo:

– *Ele está tão no tema!*

Ainda são só onze e meia quando saímos, mas estou arrasada e tão sem sede como alguma vez estive na minha vida. Por isso, limitamo-nos a andar pelo meio da rua com todos os outros foliões: famílias com *T-shirts* iguais de reunião familiar; noivas vestidas de branco com faixas de seda cor-de-rosa a dizer SOLTEIRA e sapatos de saltos altíssimos; homens bêbedos de meia-idade a atirarem-se às raparigas com as faixas cor-de-rosa, enfiando-lhes notas de um dólar nas alças dos vestidos quando elas passam por eles.

Lá em cima, há pessoas nas varandas dos andares superiores dos bares e dos restaurantes a acenarem com contas roxas, douradas e verdes, e quando um homem assobia e sacode um punhado de colares à minha frente, estendo os braços para os apanhar. Ele abana a cabeça e faz o gesto de levantar a sua *T-shirt*.

– Detesto-o – digo ao Alex.

– Eu também – concorda o Alex.

– Mas tenho de admitir que *está* no tema.

O Alex ri-se e continuamos a andar, sem nenhum destino em mente. Gradualmente, o movimento de peões abranda quando nos aproximamos de uma banda (sem saxofone e outros instrumentos de sopro) que se instalou no meio da rua, com cornetas a atroar o ar e tambores a rufar. Paramos para ver, e uns pares

começam a dançar. Numa reviravolta inacreditável, o Alex estende-me a mão e quando pego nela faz-me rodopiar num círculo lento e puxa-me para si, com uma das mãos nas minhas costas e a outra entrelaçada na minha. Balouça-me para trás e para a frente e ambos rimos, sonolentos. Não estamos sincronizados com o ritmo, mas não importa. Somos só nós.

Talvez seja por isso que ele consegue suportar a demonstração pública de afeto. Talvez, como eu, quando estamos juntos, ele sinta que mais ninguém está ali, como se as pessoas fossem fantasmas que nós sonhámos como adereços de cena.

Mesmo que o Jason Stanley e todos os outros *bullies* do meu passado estivessem aqui, a gozar-me a um megafone, acho que não pararia de dançar desajeitadamente com o Alex na rua. Ele afasta-me de si a rodopiar e volta a aproximar-me, tenta dobrar-me para trás, quase me deixa cair. Solto um gritinho quando isso acontece e rio-me com tanta força que até resfolego quando me apanha e me volta a pôr direita, balouçando-me um bocado mais.

Quando a canção chega ao fim, soltamo-nos e juntamo-nos à multidão nos aplausos. O Alex baixa-se por um momento e quando volta a pôr-se de pé traz nas mãos uma fieira de contas roxas do Carnaval de Nova Orleães, o *Mardi Gras*.

– Essas estavam no chão – digo.

– Não as queres?

– Não, quero-as – digo. – Mas estavam no chão.

– Pois estavam – diz ele.

– Onde há sujidade – digo. – E bebidas entornadas. Possivelmente vomitado.

Estremece, começa a baixar o braço com a fieira de contas. Agarro-lhe o pulso, a imobilizá-lo.

– Obrigada – digo. – Obrigada por tocares nessas contas imundas para mim, Alex. Adoro-as.

Ele revira os olhos, sorri, e baixo a cabeça para ele me pôr a fieira de contas ao pescoço.

Quando volto a erguer os olhos para ele, está a sorrir-me, e penso: *Gosto mais de ti agora do que alguma vez gostei*. Como é possível que isto continue a acontecer com ele?

– Podemos tirar uma fotografia juntos? – pergunto, mas no que estou a pensar é: *Quem me dera poder meter este momento num frasco e usá-lo como perfume.* Estaria sempre comigo. Para onde eu fosse, o Alex estaria lá também, e assim eu sentir-me-ia sempre eu própria.

Pega no telemóvel e pomo-nos muito juntinhos para ele tirar a fotografia. Quando olhamos para ela, o Alex faz um som de surpresa estrangulada. Provavelmente numa tentativa de não parecer tão sonolento, abriu muito os olhos no último segundo possível.

– Parece que viste alguma coisa horrível exatamente quando o *flash* disparou – digo.

Tenta tirar-me o telemóvel das mãos, mas dou meia-volta e corro para fora do seu alcance enquanto envio a fotografia para o meu telemóvel. Ele segue-me, a tentar conter um sorriso, e quando lhe devolvo o telemóvel, digo:

– Toma, agora que tenho uma cópia, podes apagá-la.

– Nunca a apagaria – diz o Alex. – Mas só vou olhar para ela quando estiver sozinho, fechado no meu apartamento, para que mais ninguém alguma vez veja a minha cara nesta fotografia.

– Eu vou vê-la – digo.

– Tu não contas – diz ele.

– Eu sei – concordo. Adoro isso, ser a que não conta. A que tem autorização para ver o Alex por inteiro. A que o torna esquisito.

Quando voltamos para o apartamento, pergunto-lhe quando me vai deixar ler os contos que tem andado a escrever.

Ele diz que não pode – que, se eu não gostar deles, vai ficar muito embaraçado.

– Tu entraste num programa incrível de mestrado em escrita criativa – digo. – És obviamente bom. Se eu pensar que os contos não são bons, estarei obviamente enganada.

Ele diz que se eu pensar que eles não são bons, então a Universidade do Indiana está enganada.

– Por favor – digo.

– OK – diz ele, e tira o computador da mala. – Espera só até eu estar no duche, está bem? Não quero ter de te ver lê-los.

– Está bem – digo. – Se tiveres um romance, podia lê-lo em vez dos contos, já que tenho toda a duração de um duche do Alex Nilsen.

Atira-me uma almofada e vai para a casa de banho.

O conto é realmente curto. Nove páginas sobre um rapaz que nasceu com um par de asas. Ao longo de toda a sua vida, as pessoas dizem-lhe que isso significa que devia tentar voar. Mas ele tem medo. Quando finalmente tenta, salta de um telhado de uma casa de dois andares e cai. Parte as pernas e as asas. Nunca mais as manda compor. Quando recupera, os ossos sararam de uma maneira deformada. Por fim, as pessoas param de lhe dizer que ele devia ter nascido para voar. Por fim, ele é feliz.

Quando o Alex sai da casa de banho, encontra-me a chorar.

Pergunta-me o que se passa. Respondo:

– Não sei. Simplesmente diz-me alguma coisa.

Pensa que estou a dizer uma piada e ri-se, mas, por uma vez, eu não estava a referir-me à rapariga da galeria que tentou vender-nos uma escultura de um urso por vinte e um mil dólares.

Estava a pensar no que o Julian costumava dizer sobre arte. Como ou te faz sentir alguma coisa ou não faz.

Quando li o conto do Alex, comecei a chorar por uma razão que não consigo explicar totalmente, nem sequer ao Alex.

Quando era pequena, costumava ter ataques de pânico sempre que pensava em como nunca poderia *ser* qualquer outra pessoa. Não podia ser a minha mãe ou o meu pai, e durante toda a vida, teria de ficar dentro de um corpo que me impedia de alguma vez conhecer verdadeiramente qualquer outra pessoa.

Fazia-me sentir só, desolada, quase sem esperança. Quando falei disso aos meus pais, estava a contar que conhecessem o sentimento de que eu estava a falar, mas eles não o conheciam.

– Mas isso não significa que haja alguma coisa de errado por te sentires assim, minha querida! – insisti à minha mãe.

– Quem mais pensas que poderias ser? – perguntou o meu pai com a sua particular curiosidade brusca.

O medo atenuou-se, mas o sentimento nunca se dissipou completamente. De vez em quando, voltava a tirá-lo para fora, examinava-o. Perguntava-me como poderia deixar de me sentir só, se ninguém poderia alguma vez conhecer-me completamente. Se eu nunca poderia espreitar para dentro do cérebro de outra pessoa e vê-lo todo.

E agora estou a chorar porque ler esta história fez-me sentir pela primeira vez que não estou no meu corpo. Como se houvesse uma qualquer bolha que me envolve a mim e ao Alex e que nos faz ser apenas dois globos de cores diferentes num candeeiro, misturando-nos livremente, dançando à volta um do outro, sem entraves.

Estou a chorar porque me sinto aliviada. Porque nunca mais voltarei a sentir-me tão só como me senti durante aquelas longas noites em criança. Desde que tenha o Alex, nunca mais voltarei a sentir-me só.

12 *Drunk Bitch* significa «cadela bêbeda» e *Thing* é «coisa». Thing 1 e Thing 2 são personagens com aspeto de seres humanos do famoso livro infantil *The Cat in the Hat*, da autoria do Dr. Seuss. (*N. da T.*)

— **A**lex! – guincho ao ver o perfil dele no Tinder. – Não!

– O quê? O quê? – diz ele. – De maneira nenhuma podes ter já lido tudo!

– Hum, em primeiro lugar – digo, acenando com o telemóvel dele à nossa frente –, não te parece que isso é um problema? A tua biografia parece a carta que acompanha um currículo. Nem sequer sabia que as biografias no Tinder podiam *ser* assim tão longas! Não há um limite de caracteres? Ninguém vai ler esta coisa toda.

– Se estiverem realmente interessadas, leem – diz ele, tirando-me o telemóvel da mão.

– Se estiverem interessadas em recolher os teus órgãos para um transplante, talvez leiam por alto só para ver se não mencionas o teu grupo sanguíneo... *menciona-lo?*

– Não – diz ele, parecendo magoado, e de seguida acrescenta: – Só o meu peso, altura, índice de massa corporal e número da segurança social. O que eu escrevi é bom, pelo menos?

– Oh, não vamos falar sobre isso ainda. – Volto a arrancar-lhe o telemóvel da mão, inclino o ecrã na direção dele e amplio a fotografia de perfil. – Primeiro, temos de falar sobre isto.

Franze a testa.

– Eu gosto dessa fotografia.

– Alex... – digo calmamente. – Há quatro pessoas nesta foto.

– E então?

– Então, encontrámos o primeiro e o maior problema.

– Que eu tenho *amigos*? Pensei que isso ajudaria.

– Seu pobre bebé inocente, acabado de chegar ao planeta terra – arrulho.

– As mulheres não querem namorar com homens que tenham amigos? – diz ele secamente, incrédulo.

– É claro que querem – digo. – Só não querem jogar à Roleta da Aplicação de

Encontros. Como é que hão de saber qual destes sujeitos és tu? Aquele sujeito à esquerda tem, tipo, oitenta anos.

– É professor de Biologia – diz ele. Franze ainda mais a testa. – Eu não costumo tirar fotografias só de mim.

– Enviaste-me aquelas *selfies* de Cachorrinho Triste – lembro-lhe.

– Isso era diferente – diz ele. – Isso era para ti... Achas que devia usar uma dessas?

– Meu Deus, não – digo. – Podias tirar uma nova fotografia em que não estás a fazer aquela cara ou podias recortar uma em que estejas tu e três professores de Biologia de uma certa idade para que sejas *só* tu.

– Estou a fazer uma cara esquisita nessa fotografia – diz ele. – Faço sempre uma cara esquisita nas fotografias.

Rio-me, mas na realidade sinto crescer na barriga uma sensação quente de afeto.

– Tens cara para filmes, não para fotografias – afirmo.

– O que queres dizer com isso?

– Quero dizer que és extremamente bonito na vida real, quando a tua cara se move como de costume, mas quando um milissegundo é captado, sim, por vezes fazes uma cara esquisita.

– Então, basicamente, devia apagar o Tinder e atirar o telemóvel ao mar.

– Espera! – Salto da cama, pego no telemóvel que deixei na bancada e depois volto a ajoelhar-me ao lado do Alex na cama, sentando-me em cima das pernas. – Sei o que devias usar.

Com ar desconfiado, fica a ver-me percorrer as minhas fotografias. Estou à procura de uma foto da nossa viagem à Toscana, a última antes da Croácia. Estávamos sentados no pátio, a jantar já tarde, e ele esgueirou-se sem dizer uma palavra. Pensei que tinha ido à casa de banho, mas, quando entrei para ir buscar a sobremesa, o Alex estava na cozinha, a morder o lábio e a ler um *e-mail* no telemóvel.

Tinha um ar preocupado e não pareceu reparar na minha presença até eu lhe tocar no braço e dizer o nome dele. Quando olhou para cima, ficou com o rosto

flácido.

– O que foi? – perguntei, e a primeira coisa que me veio à mente foi avó *Betty*! Ela estava a ficar velha. Na verdade, desde que eu a conhecia que era velha, mas, da última vez que tínhamos ido juntos a casa dela, quase não se levantou do cadeirão onde se sentava para tricotar. Até àquele momento, tinha sido sempre muito *despachada*. Despachava-se a ir à cozinha buscar-nos limonada. Despachava-se a sacudir as almofadas do sofá antes de nos sentarmos.

Mas aquele pensamento não teve tempo de se desenvolver, porque o sorriso minúsculo do Alex, sempre contido, apareceu.

– A Tin House – disse. – Vão publicar um dos meus contos.

Soltou uma gargalhada de surpresa depois de dizer aquilo e eu lancei os braços à volta do seu corpo e deixei que me levantasse do chão e que me apertasse com força contra si. Beije-i-lhe a cara sem pensar, e, se lhe pareceu menos natural do que a mim, não o mostrou. Fez-me rodar um meio círculo e pousou-me no chão com um sorriso, voltando a fitar o telemóvel. Tinha-se esquecido de esconder as suas emoções. Estava a deixar que lhe passassem descontroladas pelo rosto. Tirei o telemóvel do bolso, carreguei no símbolo da câmara e disse:

– Alex.

Quando olhou para cima, tirei a minha fotografia favorita do Alex Nilsen.

Felicidade sem filtros. O Alex Nu.

– Olha – digo, e mostro-lhe a fotografia. Ele, de pé numa cozinha quente e dourada na Toscana, com o cabelo espetado como sempre, o telemóvel na mão e os olhos presos na câmara, sorrindo com a boca entreaberta. – Devias usar esta.

Vira-se do telefone para mim, os nossos rostos perto, embora, como sempre, o dele paire acima do meu, a sua boca suave com um vestígio de sorriso.

– Tinha-me esquecido dessa – diz.

– É a minha preferida. – Durante algum tempo, nem eu nem ele fazemos qualquer movimento. Demoramo-nos neste momento de silêncio íntimo. – Eu envio-ta – digo com voz fraca, e desvio os olhos, abrindo as nossas mensagens e anexando a fotografia.

O telemóvel do Alex zune no seu regaço, para onde devo tê-lo atirado. Pega

nele, faz o seu tique da meia tossidela.

– Obrigado.

– Então – digo. – Quanto àquela biografia.

– Devíamos imprimi-la e procurar uma esferográfica vermelha? – diz ele na brincadeira.

– De maneira nenhuma, meu. Este planeta está a morrer. De maneira nenhuma vou desperdiçar assim tanto papel.

– Ah ah ah – diz ele. – Eu estava a tentar ser exaustivo.

– Tão exaustivo como o Dostoiévski.

– Dizes isso como se fosse uma coisa negativa.

– Chiu – digo. – Estou a ler.

Já conhecendo o Alex, de facto acho a biografia de certa maneira encantadora. Principalmente porque salienta aquele seu lado de avozinho adorável. Mas, se *não* o conhecesse e uma das minhas amigas me lesse esta biografia, sugeriria que talvez aquele homem fosse um assassino em série.

Injusto? Provavelmente.

Mas não altera as coisas. Ele indica onde andou na escola, quando se licenciou, fala de modo aprofundado sobre o que estudou, refere os empregos mais recentes que teve, os seus pontos fortes nos ditos empregos, aborda o facto de que espera casar-se e ter filhos e de que é «próximo dos [seus] três irmãos e das mulheres e filhos deles» e diz que «gosta de ensinar literatura a alunos dotados do secundário».

Devo estar a fazer uma careta, porque ele suspira e diz:

– Está assim tão mau?

– Não? – digo.

– Isso é uma pergunta? – diz ele.

– Não! – exclamo. – Quero dizer, não, não está mau. Até é fofinho, mas, Alex, do que vais falar quando saíres com uma rapariga que já leu isto tudo?

Encolhe os ombros.

– Não sei. Provavelmente, fazia-lhe perguntas sobre ela.

– Isto parece uma entrevista de emprego – afirmo. – Quero dizer, sim, é uma coisa rara e maravilhosa quando a pessoa que encontraste no Tinder te faz uma só pergunta que seja sobre ti, mas não podes simplesmente não falar sobre ti próprio.

Esfrega a ruga na testa.

– Meu Deus, odeio mesmo ter de fazer isto. Porque é tão difícil conhecer pessoas na vida real?

– Talvez fosse mais fácil... noutra cidade – digo num tom carregado de sentido.

Lança-me um olhar de lado e revira os olhos, mas está a sorrir.

– OK, o que é que *tu* escreverias, se fosses um homem, para tentar atrair-te?

– Bem, eu sou diferente – digo. – O que tens aqui resultaria totalmente comigo.

Ri-se.

– Não sejas mazinha.

– Não estou a ser mazinha – digo. – Pareces um robô *sexy* que toma conta de crianças. Como a criada d’*Os Jetsons*, mas com abdominais.

– Poppyyyyyy – geme e ri-se, tapando o rosto com o braço.

– Está bem, está bem. Vou tentar. – Pego mais uma vez no telemóvel dele e apago o que escreveu, memorizando-o tanto quanto possível, para o caso de ele querer voltar a usá-lo. Penso por um minuto, de seguida escrevo e por fim passo-lhe o telemóvel para as mãos.

Ele fica a olhar para o ecrã durante *muito* tempo e de seguida lê em voz alta:

– «Tenho um emprego a tempo inteiro e uma cama a sério. A minha casa não está cheia de cartazes de filmes do Quentin Tarantino e respondo às mensagens dentro de um par de horas. E também detesto o saxofone?»

– Ah, pus um ponto de interrogação? – pergunto, debruçando-me por cima do ombro dele para ver. – Devia ser um ponto final.

– É um ponto final – diz ele. – Só não tinha a certeza se estavas a falar a sério.

– É claro que estou a falar a sério!

– Eu tenho uma cama a sério? – insiste ele.

- Mostra que és responsável – digo – e que és engraçado.
 - O que mostra, de facto, é que *tu* és engraçada – diz o Alex.
 - Mas tu também és engraçado – digo. – Só estás a pensar demasiado.
 - Achas realmente que as mulheres vão querer sair comigo com base numa fotografia e no facto de que tenho uma cama a sério.
 - Oh, Alex – digo. – Pensei que tinhas dito que sabias como é deprimente a cena dos encontros neste momento.
 - A única coisa que estou a dizer é que ando por aí todos os dias com esta cara e um emprego e uma cama a sério e nada disso me levou muito longe até ao momento.
 - Sim, isso é porque és intimidante – digo, guardando a biografia e voltando às fotografias das contas das mulheres.
 - Pois é, é isso – diz o Alex, e eu levanto os olhos para ele.
 - Sim, Alex – insisto. – É *mesmo* isso.
 - De que estás a falar?
 - Lembras-te da Clarissa? Da minha colega de quarto na Universidade de Chicago?
 - Da *hippie* que era uma herdeira milionária? – pergunta.
 - E da Isabel, a minha colega de quarto no segundo ano? Ou da minha amiga Jaclyn do departamento de Comunicação?
 - Sim, Poppy, lembro-me das tuas amigas. Não foi há vinte anos.
 - Sabes o que essas três pessoas tinham em comum? – pergunto. – Todas tinham uma paixoneta por ti. Todas.
- Ele cora.
- Estás a gozar comigo.
 - Não – digo. – Não estou. A Clarissa e a Isabel andavam ambas constantemente a tentar namoriscar contigo e as «capacidades de comunicação» da Jaclyn falhavam redondamente sempre que tu estavas por perto.
 - Bem, como é que eu havia de saber isso? – pergunta ele.

– Linguagem corporal, contacto visual prolongado – digo –, arranjar qualquer desculpa para te tocar, fazer insinuações sexuais bastante óbvias, pedir-te ajuda nos trabalhos.

– Fazíamos sempre isso por *e-mail* – diz o Alex, como se tivesse encontrado uma falha na minha lógica.

– Alex – digo calmamente. – De quem foi *essa* ideia?

O ar de vitória esvai-se do seu rosto.

– Espera. A sério?

– A sério – respondo. – Portanto, com isso em mente, gostarias de levar a tua nova fotografia e a tua nova biografia a dar uma volta?

Parece consternado.

– Não vou a um encontro durante a nossa viagem, Poppy.

– Podes ter a certeza de que não vais! – digo. – Mas podes pelo menos fazer a experiência. Além disso, quero ver que tipo de raparigas escolhes.

– Freiras – diz ele – e trabalhadoras humanitárias.

– Uau, és uma pessoa tão boa – digo numa voz sussurrada a imitar a Marilyn Monroe. – Por favor, permite-me mostrar o meu apreço com um...

– *OK, OK* – diz ele. – Não provoques a ti mesma um ataque de asma. Eu escolho, mas poupa-me, Poppy.

Dou-lhe um encontrão leve.

– Sempre.

– Nunca – diz ele.

Franzo a testa.

– Por favor, chama-me a atenção se alguma vez te fizer sentires-te mal.

– Não fazes – diz ele. – Sem problema.

– Eu sei que às vezes brinco à bruta. Mas nunca tenho intenção de te magoar. Nunca mesmo.

O Alex não sorri, limitando-se a fitar-me como se estivesse a levar o seu tempo para se compenetrar das minhas palavras.

– Eu sei isso.

– *OK*, ainda bem. – Aceno com a cabeça, desvio os olhos para o ecrã do telemóvel dele. – Ooh, que me dizes a esta?

A rapariga no ecrã é bronzeadada e bonita, tem o joelho fletido e está a soprar um beijo para a objetiva.

– Nada de caras a beijocar – diz ele, e desliza o dedo a afastá-la do ecrã.

– Está bem.

Uma rapariga com um *piercing* no lábio e maquilhagem escura nos olhos aparece no lugar da outra. Na sua biografia pode ler-se: «Toda metal, o tempo todo.»

– Isso é muito metal – diz o Alex, e rejeita-a também.

A seguir, uma rapariga com um chapéu de gnomos e um *top* verde sem mangas sorri com uma cerveja verde na mão. Tem mamas grandes e um sorriso ainda maior.

– Oh, uma rapariga irlandesa simpática – digo na brincadeira.

O Alex faz desaparecer aquela sem comentar.

– Ei, o que há de errado nela? – pergunto. – Era deslumbrante.

– Não é o meu tipo – diz ele.

– Está bem, está... Avancemos.

Rejeita uma alpinista, uma empregada de bar em *topless*, uma pintora e uma dançarina de *hip-hop* com um corpo que rivaliza com o dele.

– Alex – digo –, estou a começar a achar que o problema não está na biografia, mas no biógrafo.

– Elas simplesmente não são o meu tipo – diz ele. – E, decididamente, eu não sou o delas.

– Como é que sabes isso?

– Olha – diz ele. – Esta. É gira.

– Oh, *meu Deus*, tens de estar a brincar comigo!

– O que foi? – diz ele. – Não achas que é bonita?

A loura arruivada sorri-me por trás de uma secretária de mogno brilhante. Tem o cabelo preso num meio rabo de cavalo e veste um *blazer* azul-marinho. Segundo a sua biografia, é *designer* gráfica e adora ioga, a luz do sol e *cupcakes*.

– Alex – digo –, esta é a Sarah.

Abespinha-se.

– Esta rapariga não é nada parecida com a Sarah.

Resfolego.

– Eu não disse que era parecida com a Sarah... embora seja. Disse que *é* a Sarah.

– A Sarah é professora, não é *designer* gráfica – diz o Alex. – É mais alta do que esta rapariga e tem o cabelo mais escuro e o doce preferido dela é *cheesecake*, não *cupcakes*.

– Vestem-se exatamente da mesma maneira. Sorriem exatamente da mesma maneira. Porque é que todos os homens querem raparigas que parece que foram esculpidas de um bloco de sabão?

– Mas de que é que tu estás a *falar*? – pergunta o Alex.

– Quero dizer que não mostraste interesse por nenhuma daquelas raparigas fixes e *sexy*, e depois vês esta aspirante a educadora de infância e ela é a primeira pessoa que sequer consideras. É só... típico.

– Ela não é educadora de infância – diz ele. – O que tens contra esta rapariga?

– Nada! – digo, mas não soa verdadeiro, nem mesmo a mim. Soa irritado. Abro a boca, esperando atenuar um pouco a minha reação, mas não é o que acontece. – Não é a rapariga. É... são os *homens*. Vocês todos *pensam* que querem uma dançarina de *hip-hop sexy* e independente, mas, quando essa pessoa vos aparece à frente, quando é uma pessoa real, é demasiado, e vocês não estão interessados e optam sempre pela educadora de infância fofinha com a camisola de gola alta.

– Porque é que insistes em dizer que ela é educadora de infância? – grita o Alex.

– Porque ela é a Sarah – sai-me.

– Eu não quero namorar com a Sarah, *OK?* – diz ele. – E, também, a Sarah dá aulas ao nono ano, não num infantário. E *também* – continua ele, ganhando fôlego – tu bem falas, mas garanto que quando estás no Tinder escolhes bombeiros e cirurgiões das urgências e *skaters* profissionais, por isso não, não me sinto culpado por me focar em mulheres que parecem ser uma doçura, e para *ti*, sim, talvez um pouco desinteressantes, porque não parece ter-te ocorrido que talvez as mulheres como tu achem que *eu sou* desinteressante.

– Isso que se *lixe* – digo.

– O quê? – diz ele.

– Eu disse «isso que se *lixe*»! – repito. – Não acho que tu sejas desinteressante, portanto esse argumento cai por terra.

– Nós somos amigos – diz ele. – Tu não me escolherias no Tinder.

– Escolhia sim – digo.

– Não escolhias nada – argumenta ele.

E aqui está a minha oportunidade de deixar cair o assunto, mas continuo demasiado empenhada nele, demasiado irritada para deixar que ele pense que tem razão quanto a isto.

– Eu. Escolhia.

– Bem, eu também te escolhia a ti – riposta ele, como se, de alguma maneira isto fosse uma espécie de discussão.

– Não digas uma coisa em que não acreditas – aviso-o. – Eu não estaria de *blazer* ou sentada a uma secretária a sorrir.

Os lábios dele comprimem-se. Os músculos dos maxilares saltam-lhe quando engole em seco.

– *OK*, mostra-me.

Abro a minha página do Tinder e passo-lhe o telemóvel para ele poder ver a fotografia. Estou a sorrir sonolenta, vestida de extraterrestre com um vestido prateado e o rosto pintado, com umas antenas de alumínio coladas à bandolete. Halloween, obviamente. Ou, espera, seria a festa de anos da Rachel com o tema dos *Ficheiros Secretos*?

O Alex examina seriamente a fotografia e depois passa para baixo para ler a minha biografia. Daí a um minuto, devolve-me o telemóvel e olha-me nos olhos.

– Eu escolhia-te.

Todo o meu corpo é percorrido por um formigueiro.

– Oh – exclamo, e depois consigo dizer um «OK» em voz baixa.

– Então – diz ele –, já não estás furiosa comigo?

Tento dizer alguma coisa, mas tenho a sensação de que a minha língua está demasiado pesada. Todo o corpo me dá a sensação de estar demasiado pesado, especialmente onde a minha anca toca na dele. Por isso, limito-me a acenar com a cabeça.

Graças a Deus pelo espasmo nas costas dele, penso. Caso contrário, não sei bem o que aconteceria a seguir.

O Alex olha-me atentamente durante uns segundos e depois estende a mão para o portátil esquecido. A voz sai-lhe roufenha.

– O que é que queres ver?

Eu e o Alex estávamos bastante apertados de dinheiro quando o *resort* em Vail, no Colorado, me contactou a oferecer-me uma estadia grátis.

Nesse momento, se a viagem aconteceria ou não, ainda estava por decidir.

Para começar porque, quando o Guillermo acabou comigo para andar com uma nova rececionista do seu restaurante (uma rapariga franzina de olhos azuis, mal acabada de sair do avião do Nebraska) – seis semanas depois de eu me atirar de cabeça e ter mudado para o apartamento dele –, tive de procurar a toda a pressa um sítio onde morar.

Tive de arrendar um apartamento na faixa mais alta da minha gama de preços.

Tive de pagar as mudanças pela segunda vez em dois meses.

Tive de comprar mobília nova para substituir as coisas que se tinham tornado redundantes e de que, por conseguinte, me tinha livrado – o Gui já tinha versões melhores das minhas coisas: sofá, colchão, mesa da cozinha com ar de *design* dinamarquês. Tínhamos ficado com a minha cómoda, porque a perna da dele estava partida, e com a minha mesa de cabeceira, porque ele só tinha uma, mas, exceto isso, praticamente todas as coisas eram dele.

O rompimento aconteceu logo depois de termos ido a Linfield, aos anos da minha mãe.

Ao longo de várias semanas, eu tinha ponderado se devia avisar o Gui do que esperar.

Por exemplo, a sucateira ao estilo da série *Beverly Hillbillies* que era o nosso jardim da frente. Ou o Museu da Nossa Infância da minha mãe, como eu e os meus irmãos chamávamos à casa propriamente dita. Os bolos que a minha mãe empilharia por toda a cozinha durante todo o tempo em que estivéssemos lá, frequentemente com uma cobertura tão espessa e doce que provocava tosse a quem não fosse da família, ou o facto de a nossa garagem estar pejada de coisas como fita isoladora usada uma vez, que o meu pai tinha a certeza de que poderia voltar a ser utilizada. Ou que se esperava de nós que, ao longo de vários dias, jogássemos

um jogo de tabuleiro que tínhamos inventado em crianças com base no filme *O Ataque dos Tomates Assassinos*.

Ou que os meus pais tinham adotado recentemente três gatos idosos, um dos quais era incontinente ao ponto de ter de usar fralda.

Ou que havia boas hipóteses de ele ouvir os meus pais fazerem sexo, porque a nossa casa tem paredes finas e, como anteriormente declarado, os Wright são um clã ruidoso.

Ou que haveria um Espetáculo de Novos Talentos a rematar o fim de semana, em que se esperava que todos realizassem algum novo feito que apenas tinham começado a aprender no início da visita.

(Da última vez que eu tinha ido a casa, o talento do Prince consistiu em mandar-nos dizer o título de qualquer filme à nossa escolha para ele tentar relacioná-lo com o Keanu Reeves em seis passos.)

Portanto, decididamente, devia ter avisado o Guillermo sobre aquilo em que se estava a meter, mas fazê-lo ter-me-ia parecido uma traição. Como se estivesse a dizer que havia algo de errado neles. É claro que eram barulhentos e desorganizados, mas também eram espantosos e bondosos e divertidos, e detestava-me por sequer *considerar* a possibilidade de me causarem embaraço.

O Gui ia adorá-los, disse a mim mesma. O Gui gostava de mim, e aquelas eram as pessoas que me tinham concebido.

No fim da nossa primeira noite lá em casa, fechámo-nos no meu quarto da infância e ele disse:

– Acho que agora te compreendo melhor do que nunca. – A sua voz era tão terna e calorosa como sempre, mas em vez de amor, soava a compreensão. – Compreendo porque tiveste de fugir para Nova Iorque – disse-me ele. – Deve ter sido muito duro para ti viver aqui.

Senti um nó no estômago e o meu coração contraiu-se dolorosamente, mas não o corrigi. Mais uma vez, só me detestei por me sentir embaraçada.

Porque eu *tinha* fugido para Nova Iorque, mas não tinha fugido da minha família, e, se a tinha mantido separada do resto da minha vida, era apenas para a proteger de críticas e me proteger a mim daquela sensação familiar de rejeição.

O resto da estadia foi desconfortável. O Gui mostrou-se bondoso para com a minha família – ele era sempre bondoso –, mas, depois daquilo, passei a ver todas as interações deles através de uma lente de condescendência e de pena.

Tentei esquecer que a viagem tinha acontecido. Éramos felizes juntos, na nossa *vida real*, em Nova Iorque. Que mal tinha se ele não compreendia a minha família? Amava-me.

Algumas semanas mais tarde, fomos a um jantar na casa de um amigo do Guillermo, alguém que ele conhecia do colégio interno, um tipo com meios de fortuna e um quadro do Damien Hirst pendurado em frente da mesa da sala de jantar. Fiquei a saber isso – e nunca o esqueceria – porque, quando alguém disse o nome, não o relacionando com a pintura, eu perguntei: «Quem?» e seguiram-se umas gargalhadas.

Não estavam a rir-se de mim; pensaram genuinamente que eu estava a tentar ter piada.

Quatro dias depois, o Guillermo pôs fim à nossa relação.

– Somos simplesmente demasiado diferentes – disse-me. – Deixámo-nos levar pela química entre nós, mas queremos coisas diferentes a longo prazo.

Não estou a dizer que ele me deixou por eu não saber quem era o Damien Hirst. Mas também não estou a *negá-lo*.

Quando me mudei do apartamento dele, roubei-lhe uma das suas facas de cozinha especiais.

Podia tê-las levado todas, mas a minha forma ligeira de vingança foi imaginá-la a procurá-la por toda a parte, a tentar lembrar-se se a tinha levado para algum jantar de festa ou se teria caído no espaço entre o seu frigorífico enorme e a ilha da cozinha.

Francamente, queria que a faca o assombrasse.

Não numa de A Minha Ex Vai Transformar-se na Glenn Close de *Atração Fatal*, mas numa de Algo Nesta Faca Que Desapareceu Parece Estar a Sugerir Uma Metáfora Forte e Eu Não Consigo Perceber o Que Está a Dizer.

Comecei a sentir-me culpada ao fim de uma semana no meu novo apartamento – quando as lágrimas começaram a secar – e pus a hipótese de lhe

enviar a faca por correio, mas pensei que poderia transmitir a mensagem errada. Imaginei o Gui a ir a uma esquadra da polícia com a embalagem, e decidi que simplesmente o deixaria comprar uma faca nova.

Pensei em vender na Internet a que tinha roubado, mas preocupava-me que o comprador anónimo viesse a ser ele, por isso limitei-me a ficar com ela e retomei o choro até ultrapassar completamente a situação, daí a cerca de três semanas.

O facto é que os rompimentos são do pior. Os rompimentos entre parceiros que co-habitam em cidades com preços excessivamente altos são ainda piores, e eu não sabia bem se teria posses para fazer uma viagem de verão este ano.

E depois havia a questão da Sarah Torval.

Da adorável Sarah Torval, delgada mas atlética, de cara lavada e *eyeliner* castanho.

Com quem o Alex namora a sério há nove meses. Depois do seu primeiro encontro por acaso, quando o Alex estava de visita a uns amigos em Chicago, a troca de mensagens evoluiu rapidamente para chamadas de voz, e depois para outra visita. Depois disso, as coisas entre eles tinham ficado sérias bem depressa e, após seis meses à distância, ela tinha arranjado uma colocação para dar aulas no Indiana para estar com o Alex enquanto ele acabava o mestrado. Não se importa de ficar lá enquanto ele faz estudos de doutoramento, e provavelmente, segui-lo-á para onde quer que ele aterre a seguir.

O que me deixaria muito feliz, se não fosse a minha suspeita crescente de que ela me odeia.

Sempre que publica fotografias com a sobrinha novinha em folha do Alex nos braços, com a legenda *tempo em família* ou *esta fofinha amorosa*, eu ponho um «gosto» e comento, mas a Sarah recusa-se a seguir-me. Até deixei de a seguir e voltei a segui-la, para o caso de ela não ter reparado em mim da primeira vez.

– Acho que ela estranha um bocado esta coisa da viagem – admite o Alex numa das nossas conversas ao telefone (agora menos frequentes e mais espaçadas). Tenho quase a certeza de que ele só me telefona do carro, quando vai a caminho do ginásio ou no regresso a casa. Sinto vontade de lhe dizer que, provavelmente, telefonar-me apenas quando ela não está por perto não está a ajudar nada.

Mas a verdade é que também não quero falar com ele enquanto está alguém por perto, portanto foi nisto que se tornou a nossa amizade. Telefonemas de quinze minutos a cada par de semanas, nada de sms ou mensagens nas redes sociais, quase nenhuns *e-mails* exceto ocasionalmente, com uma linha apenas e uma imagem do gatinho preto que ele encontrou junto aos contentores por trás da urbanização onde mora.

Parece uma gatinha bebé, mas, segundo o veterinário, já é adulta, só que é pequena. Envia-me imagens dela sentada em sapatos e em chapéus e em taças, escrevendo sempre, *para dar uma ideia da escala*, mas realmente sei que ele simplesmente acha adorável tudo o que ela faz. E sim, é fofinho que os gatos gostem de se sentar em coisas... mas talvez seja ainda mais fofinho que o Alex não consiga parar de lhe tirar fotografias.

Ainda não lhe deu um nome; está a pensar no assunto. Diz que não lhe parece correto dar nome a um ser crescido sem o conhecer, por isso, por agora, chama-lhe *gata* ou *docinha* ou *amiguinha*.

A Sarah quer chamar-lhe *Sadie*, mas o Alex não acha que se adegue, por isso está a demorar o tempo que for necessário. A gata é a única coisa de que falamos ultimamente. Sinto-me surpreendida por o Alex ser direto ao ponto de me dizer que a Sarah acha esquisita a ideia da Viagem de Verão.

– É claro que acha – digo-lhe. – Eu também acharia. – Não a censuro. Se o meu namorado tivesse uma amizade com uma rapariga como o Alex tem comigo, eu acabaria como a narradora do conto *The Yellow Wallpaper*¹³.

De maneira nenhuma poderia acreditar que era uma amizade totalmente platónica. Especialmente estando como estou nesta amizade há tempo suficiente para aceitar aqueles cinco (até quinze) por cento do *e se* como parte do acordo.

– Então, o que fazemos? – pergunta ele.

– Não sei – digo, tentando não parecer desolada. – Queres convidá-la?

Fica em silêncio por um minuto.

– Não me parece que seja boa ideia.

– OK... – E depois da pausa mais longa de sempre, digo: – Devíamos simplesmente... cancelar?

O Alex suspira. Deve estar em alta-voz, porque ouço o clique quando ele dá sinal de que vai mudar de direção.

– Não sei, Poppy. Não tenho a certeza.

– Sim. Eu também não.

Ficámos ao telefone, mas nem um nem o outro diz mais nada durante o resto da viagem de carro dele.

– Acabei de chegar a casa – diz ele, por fim. – Falamos sobre isto outra vez daqui a umas semanas. As coisas podem ter mudado até lá.

Que coisas? É o que quero perguntar, mas não o faço, porque a partir do momento em que o teu melhor amigo é o namorado de outra pessoa, as fronteiras entre o que podes e o que não podes dizer tornam-se bastante mais bem definidas.

Passo a noite toda depois da nossa conversa ao telefone a pensar: *Ele irá acabar com ela? Ela irá acabar com ele?*

Ele irá tentar fazer-lhe ver a razão?

Ele irá romper comigo?

Quando recebo a oferta de uma estadia grátis no *resort* em Vail, mando-lhe a primeira mensagem desde há meses: Ei! Telefona-me quando tiveres um minuto!

Às cinco e meia da manhã seguinte, acordo com o toque do telemóvel. No escuro, fito o nome dele no ecrã, e quando aceito a chamada, ouço o sinal de mudança de direção do carro do Alex a marcar o ritmo. Vai a caminho do ginásio.

– O que me contas? – diz ele.

– Estou morta – gemo.

– E que mais?

– Colorado – digo. – Vail.

13 Conto de Charlotte Perkins Gilman publicado em 1892 no qual, sob a forma de diário, a narradora e protagonista descreve o declínio progressivo da sua sanidade mental, causado em parte pelo isolamento a que o marido a condena, alegadamente para seu bem. (*N. da T.*)

Acordo ao lado do Alex. Ele insistiu que a cama no Airbnb do Nikolai era suficientemente grande, que nenhum dos dois devia arriscar-se a passar outra noite no cadeirão desdobrável, mas estamos no meio do colchão quando chega a manhã.

Eu estou deitada sobre o meu lado direito, de frente para ele. Ele está deitado sobre o seu lado esquerdo, de frente para mim. Há uns quinze centímetros entre nós, mas tenho a perna estendida por cima dele, a coxa enclavinhada na sua anca e a mão dele pousada na parte de cima.

Está um calor infernal no apartamento e nós estamos os dois encharcados em suor.

Tenho de me soltar do Alex antes que ele acorde, mas a parte ridícula do meu cérebro quer ficar aqui, a reviver o olhar que ele me lançou, a maneira como a voz dele soou na noite passada quando avaliou o meu perfil no Tinder e disse que me escolheria.

Como um desafio.

Por outro lado, ele estava sob o efeito de relaxantes musculares.

Hoje, se se lembrar do que disse, quase de certeza vai sentir-se arrependido e constrangido.

Ou talvez se recorde de estar sentado ao meu lado durante todo um documentário incrivelmente desinteressante sobre os Kinks e a sentir os nervos à flor da pele de cada vez que os nossos braços roçavam um no outro.

– Costumas adormecer durante estes programas – lembrou-me com um sorriso ameno, batendo com a perna na minha, mas, quando olhou para mim, os seus olhos cor de avelã pareciam ter uma expressão totalmente diferente, aguçada e até algo faminta.

Encolhi os ombros, disse qualquer coisa como «Não estou cansada» e tentei concentrar-me no filme. O tempo avançava a passo de caracol, comigo a sentir cada segundo ao lado dele com uma nova intensidade, como se tivéssemos começado a tocar um no outro repetidamente durante quase duas horas.

Como ainda era cedo quando o documentário chegou ao fim, começámos a ver outro, um tédio sem nexo nenhum, apenas ruído de fundo para fazer com que aquela nossa situação parecesse aceitável.

Pelo menos, eu tinha quase a certeza de que era o que tínhamos estado a fazer.

A maneira como a mão dele está aberta sobre a minha coxa agora dispara-me outro formigueiro de desejo pelo corpo. Uma parte muito tonta de mim quer aconchegar-se a ele, até estarmos colados um ao outro, e esperar para ver o que acontece quando ele acordar.

Todas aquelas recordações da Croácia vêm à tona na minha cabeça, disparando-me clarões desesperados pelo corpo.

Tiro a perna de cima do Alex e a sua mão aperta-se reflexivamente, afrouxando quando me arrasto para fora do seu alcance. Viro-me para o outro lado e sento-me no momento em que o Alex começa a despertar, entreabrindo os olhos sonolentos e com o cabelo desgrenhado por estar deitado.

– Ei – diz numa voz rouca.

A voz sai-me pastosa.

– Que tal dormiste?

– Bem, acho eu – responde. – E tu?

– Bem. Que tal estão as costas?

– Deixa-me ver. – Soergue-se lentamente, virando-se para passar as pernas pelo lado da cama. Põe-se de pé com cautela. – Muito melhor.

Está com uma ereção enorme e parece reparar ao mesmo tempo que eu. Une as mãos à sua frente e olha à volta do apartamento com os olhos semicerrados.

– De maneira nenhuma estava assim tanto calor quando adormecemos.

Provavelmente, tem razão, mas não me recordo da temperatura que fazia ontem à noite.

Não estava a pensar com suficiente clareza para processar esse tipo de informação.

Hoje não pode ser como ontem.

Nada de ficar no apartamento. Nada de nos sentarmos juntos na cama. Nada

de falarmos sobre o Tinder. Nada de adormecermos juntos e de eu alçar a perna para cima dele enquanto me encontro num estado de inconsciência.

Amanhã, vão começar as festividades do casamento para o David e o Tham (festas de despedida de solteiro, jantar de ensaio, casamento propriamente dito). Hoje, eu e o Alex precisamos de diversão suficientemente descomplicada e nada confusa para que, quando ele voltar para casa, não precise de mais um afastamento de dois anos de mim.

– Eu volto a ligar ao Nikolai sobre o ar condicionado – digo. – Mas devíamos pôr-nos em marcha. Temos muito que fazer.

O Alex passa a mão pela testa e pelo cabelo.

– Tenho tempo de tomar um duche?

O meu coração palpita forte e, sem mais, imagino-me a tomar um duche com ele.

– Se quiseres – digo a custo. – Mas *vais* ficar encharcado em suor outra vez numa questão de segundos.

Encolhe os ombros.

– Acho que não consigo sair do apartamento a sentir-me assim sujo.

– Já estiveste mais sujo – digo na brincadeira, porque não sei onde pus o meu filtro, já de si defeituoso.

– Só à tua frente – diz ele, e despenteia-me quando passa por mim a caminho da casa de banho.

Sinto as pernas como gelatina enquanto fico ali à espera de ouvir o chuveiro a ligar-se. Só depois disso me sinto capaz de voltar a mexer-me, e o meu primeiro ponto de paragem é o termóstato.

Vinte e nove e meio?!

Uns horrendos vinte e nove graus e meio neste apartamento, e o termóstato foi regulado para vinte e seis ontem à noite. Portanto, podemos considerar oficialmente que o ar condicionado está avariado.

Saio para a varanda e ligo ao Nikolai, mas a chamada vai para o *voice mail* ao terceiro toque. Deixo mais uma mensagem de voz, desta vez um pouco mais

zangada, a que se segue um *e-mail* e também um sms, antes de voltar a entrar para procurar a peça de roupa mais leve que trouxe.

Um vestido aos quadrados que é tão tipo saco que me fica como um verdadeiro saco.

A água é fechada e, desta vez, o Alex *não* comete o erro de sair da casa de banho com a toalha à volta da cintura. Sai completamente vestido, com o cabelo acamado para trás e gotinhas de água ainda agarradas (sensualmente, poderia acrescentar) à testa e ao pescoço.

– Então – diz –, o que tinhas em mente para hoje?

– Surpresas – digo. – Uma data delas. – Tento atirar-lhe teatralmente as chaves do carro. Caem ao chão a dois passos dele. O Alex olha para o sítio onde elas aterraram.

– Uau – diz. – Essa era... uma das surpresas?

– Sim – digo. – Sim, era. Mas as outras são melhores, por isso pega nas chaves e vamos a isso.

Torce a boca.

– Provavelmente, eu...

– Oh, certo! As tuas costas! – Corro a pegar nas chaves e entrego-lhas na mão como um ser humano adulto normal faria.

Quando saímos para o átrio exterior do Desert Rose, o Alex diz:

– Pelo menos não é *só* o nosso apartamento que dá a mesma sensação que as glândulas anais de Satanás.

– Sim, é muito melhor que toda a cidade esteja com este calor infernal – digo.

– Seria de pensar que, com todas as pessoas ricas a passarem férias aqui, haveria dinheiro suficiente para pôr ar condicionado na cidade inteira.

– Primeira paragem: a câmara municipal, para propor essa ideia bombástica.

– Já considerou a hipótese de construir uma *cúpula*, senhora vereadora? – diz ele sarcasticamente quando descemos os degraus.

– Ei, aquele tipo fez isso naquele romance do Stephen King – digo.

– Provavelmente, não vou incluir isso na proposta.

– Eu tenho boas ideias. – Tento novamente fazer-lhe a cara de cachorrinho enquanto estamos a atravessar o parque de estacionamento e ele ri-se e afasta-me a cara.

– Não és boa a fazer essa cara – diz.

– A tua reação severa sugere outra coisa.

– Parece mesmo que estás a fazer cocó.

– Essa não é a minha cara de fazer cocó – digo. – Esta é que é. – Assumo uma pose à Marilyn Monroe, pernas abertas, uma mão encostada à coxa, a outra a cobrir a boca aberta.

– Que bonito! – diz ele. – Devias pôr isso no teu blogue. – Rapidamente, à socapa, saca do telemóvel e tira-me uma foto.

– Ei!

– Talvez arranjes um patrocínio de uma empresa de papel higiénico – sugere ele.

– Não é má ideia – digo. – Agrada-me a maneira como pensas.

– Eu tenho boas ideias – diz ele, a imitar-me, e abre-me a porta do carro, contornando-o de seguida até ao lado do condutor enquanto eu entro e aspiro profundamente o cheiro a erva.

– Obrigada por nunca me obrigares a conduzir – digo quando ele entra, assobiando quando sente o calor do assento, e aperta o cinto de segurança.

– Obrigado por detestares conduzir e me permitires ter um pouco de controlo sobre a minha vida neste universo vasto e imprevisível.

Pisco-lhe o olho.

– Sem problema.

Ri-se.

Estranhamente, parece mais relaxado do que até agora em toda esta viagem. Ou talvez eu esteja apenas a ser mais insistentemente normal e tagarela, e esta fosse realmente a chave para uma viagem de verão à moda antiga bem-sucedida da Poppy e do Alex.

– Então, vais dizer-me aonde vamos ou eu devia simplesmente apontar na

direção do sol e arrancar?

– Nem uma coisa nem outra – digo. – Eu indico-te o caminho.

Mesmo a toda a velocidade e com as janelas abertas, dá a sensação de que estamos em frente de uma fornalha aberta, com as suas baforadas abrasadoras no cabelo e na roupa. O calor de hoje faz o de ontem parecer o primeiro dia de primavera.

Vamos passar *muito* tempo ao ar livre hoje, e aponto mentalmente a necessidade de comprar garrafas de água enormes assim que pudermos.

– Na seguinte, à esquerda – digo, e quando aparece a tabuleta mais adiante, grito: – Tcharan!

– The Living Desert Zoo and Gardens¹⁴ – lê o Alex.

– Um dos dez melhores jardins zoológicos do mundo – digo.

– Bem, *nós* é que diremos se é ou não – responde ele.

– Sim, e se julgam que vamos ser brandos com eles só porque estamos desvairados por causa da exaustão do calor, podem contar com uma surpresa.

– Mas se venderem batidos, sinto-me inclinado a deixar-lhes uma crítica genericamente positiva – apressa-se a dizer o Alex entre dentes, e desliga o motor.

– Bem, nós não somos monstros.

Não somos propriamente aficionados de jardins zoológicos, mas este lugar especializa-se em animais nativos do deserto e faz muita reabilitação com o objetivo de voltar a soltar os animais no seu *habitat* natural.

E também deixam dar de comer às girafas.

Não digo isto ao Alex, porque quero que seja surpresa. Embora ele, no fundo do seu coração, seja uma velhinha que adora gatos, também gosta de animais em geral, portanto conto que isto lhe caia bastante bem.

O período para alimentar as girafas vai até às onze e meia, por isso calculo que temos tempo para deambular à vontade pelo jardim zoológico antes de eu ter de descobrir onde se encontram as girafas, e se dermos com elas por acaso antes disso, tanto melhor.

Como o Alex continua a precisar de ter cuidado com as costas, andamos

devagar, indo de um espetáculo informativo sobre répteis para outro sobre aves, durante o qual o Alex se inclina para mim e segreda:

– Acho que acabei de decidir ter medo das aves.

– É bom encontrar novos passatempos! – respondo num sussurro. – Significa que não estás a estagnar.

A sua gargalhada é baixa, mas não contida, e chocalha pelo meu braço abaixo de uma maneira que me faz sentir estonteada. É claro que também podia ser do calor.

Depois do espetáculo das aves, dirigimo-nos para a zona em que se pode contactar diretamente com os animais, onde ficamos entre um grupo de miúdos de cinco anos e usamos escovas especiais para pentear umas cabras anãs nigerianas.

– Li mal a tabuleta e pareceu-me que *goats* era *ghosts*¹⁵, e agora estou dececionado – diz o Alex baixinho. Sublinha-o com a cara de cachorrinho.

– É difícil como tudo encontrar uma boa amostra de fantasmas nos dias que correm – comento.

– É bem verdade – concorda ele.

– Lembras-te do nosso guia na visita ao cemitério em Nova Orleães? Ele detestou-nos.

– Hum – diz o Alex, de uma maneira que sugere que *não* se lembra, e o meu estômago, que tem andado aos pinotes todo o dia, embrulha-se todo e dá um nó cego. Quero que ele se lembre. Quero que todos os momentos sejam tão importantes para ele como são para mim. Mas se os antigos não têm importância, talvez esta viagem possa ser importante. Estou decidida a que o seja.

Na zona de contacto com os animais, vemos alguns outros exemplares de animais africanos, incluindo alguns burros anões sicilianos.

– Não há dúvida de que há uma data de coisas pequeninas no deserto – digo.

– Talvez devesse mudar-te para cá – diz o Alex, a provocar-me.

– Só estás a querer tirar-me de Nova Iorque para poderes ficar com o meu apartamento.

– Não sejas ridícula – diz ele. – Eu nunca teria posses para aquele

apartamento.

Depois da zona de contacto com os animais, encontramos um ponto de venda com batidos; o Alex pede um batido de baunilha, apesar das minhas súplicas desesperadas.

– A baunilha não é um sabor.

– É, sim – diz o Alex. – É o sabor da vagem de baunilha, Poppy.

– É o mesmo que beber natas batidas geladas.

Ele pensa por um segundo.

– Era capaz de provar isso.

– Pelo menos pede de chocolate – digo.

– Pede tu de chocolate – diz ele.

– Não posso. Vou pedir de morango.

– Estás a ver? – comenta o Alex. – Como eu disse ontem à noite, tu achas que sou desinteressante.

– Acho que os batidos de baunilha são desinteressantes – digo. – Acho que *tu* és insensato.

– Toma. – O Alex estende-me o seu copo de cartão. – Queres provar?

Solto um suspiro.

– Está bem. – Inclino-me para a frente e bebo um gole. Ele arqueia uma sobancelha, à espera da minha reação. – Não é *mau*.

Ri-se.

– Sim, sinceramente, não é lá muito bom. Mas isso não é culpa da baunilha enquanto sabor.

Depois de bebermos os nossos batidos e de deitarmos os copos ao lixo, decido que devíamos andar no Carrossel das Espécies em Perigo.

Quando chegamos lá, porém, descobrimos que está fechado devido ao calor.

– O aquecimento global está realmente a atingir as espécies em perigo quando elas já estão na mó de baixo – reflete o Alex. Limpa a testa com o antebraço, apanhando o suor que se juntou.

– Precisas de água? – pergunto. – Não pareces lá muito bem.

– Sim – diz ele. – Talvez.

Vamos comprar duas garrafas de água e sentamo-nos num banco à sombra. Depois de uns goles, no entanto, o Alex parece ainda pior.

– Merda – diz ele. – Sinto-me bastante atordoado. – Dobra-se pela cintura e deixa pender a cabeça entre os joelhos.

– Posso ir buscar-te alguma coisa? – pergunto. – Talvez precisas de comida a sério?

– Talvez – concorda ele.

– Olha, fica aqui e eu vou-te buscar, tipo, uma sanduíche, *OK*?

Sei que deve estar a sentir-se muito mal, porque não se opõe. Volto para o último café por que passámos. Há uma fila grande agora – é quase hora de almoço.

Olho para o telemóvel. Onze e três. Restam menos de trinta minutos para dar de comer às girafas.

Fico na fila durante dez minutos para comprar a sanduíche de carne de peru pré-preparada e depois volto a correr para dar com o Alex sentado onde o deixei, com a cabeça pousada nas mãos.

– Ei – digo, e os seus olhos vítreos levantam-se. – Estás a sentir-te melhor?

– Não tenho a certeza – responde, e aceita a sanduíche, que começa a desembulhar. – Queres um bocado?

Dá-me metade, e dou duas dentadas, fazendo os possíveis por não o cronometrar enquanto mastiga lentamente a sua metade. Às onze e vinte e dois, pergunto:

– Está a ajudar?

– Penso que sim. Sinto-me menos atordoado, pelo menos.

– Achas que já estás suficientemente bem para andar?

– Estamos... com pressa? – pergunta ele.

– Não, claro que não – digo. – É que há uma coisa. A tua surpresa. Vai acabar daqui a pouco.

Ele acena com a cabeça, mas parece nauseado, por isso sinto-me indecisa

entre animá-lo a pôr-se em marcha ou insistir para que fique onde está.

– Estou bem – diz ele, pondo-se de pé. – Só preciso de me lembrar de beber mais água.

Chegamos às girafas às onze e trinta e cinco.

– Lamento – diz-me uma funcionária adolescente. – A alimentação das girafas terminou por hoje.

Quando ela se afasta, o Alex olha para mim com um ar estonteado.

– Desculpa, Pop. Espero que não tenhas ficado muito dececionada.

– É claro que não – insisto. Não quero saber de alimentar girafas (pelo menos, não muito). Do que quero saber é de tornar esta viagem *boa*. De provar que devíamos continuar a fazê-las. Que podemos recuperar a nossa amizade.

É por isso que estou dececionada. Porque é a primeira falha do dia.

O meu telemóvel zune com um sms, e pelo menos é uma boa notícia.

O Nikolai escreve: Recebi todas as vós [sic] mensagens. Vou ver o que posso fazer.

OK, respondo. Mantenha-nos informados.

– Anda daí – digo –, vamos para um lugar qualquer com ar condicionado até à nossa próxima paragem.

14 O Zoo e Jardins do Deserto Vivo. (*N. da T.*)

15 Cabras e fantasmas. (*N. da T.*)

Não sei como é que o Alex conseguiu fazer a Sarah aceitar a viagem a Vail, mas conseguiu.

Perguntar-lhe parece-me perigoso. Ultimamente, há coisas de que evitamos falar, para não fazer ondas, e o Alex tem o cuidado de não me contar nada que pudesse embaraçar a Sarah.

Não há menção de ciúmes. Talvez não *haja* ciúmes. Talvez haja uma qualquer outra razão pela qual inicialmente a ideia da viagem não agradou à Sarah. Mas mudou de ideias, a viagem vai acontecer e, depois de eu e o Alex estarmos juntos, deixo de me preocupar com o assunto. As coisas dão a sensação de estarem outra vez normais entre nós, aqueles quinze por cento de *e se* reduzidos para uns dois por cento controláveis.

Alugamos bicicletas e percorremos aos solavancos as ruas empedradas, subimos a montanha num teleférico e posamos para fotografias com o vasto céu azul por trás e o vento a lançar-nos o cabelo para o rosto a meio de uma gargalhada. Sentamo-nos em esplanadas a beber chá verde gelado ou café durante a manhã, antes de o calor começar a apertar, fazemos longas caminhadas em trilhos na montanha durante o dia, com as nossas *sweatshirts* despidas e atadas à cintura, acabando em esplanadas diferentes a beber vinho tinto e a partilhar três doses de batatas fritas com alho e parmesão acabado de ralar. Sentamo-nos ao ar livre até ficarmos com pele de galinha e a tremer, e depois vestimos a *sweatshirt* e eu encolho os joelhos contra o peito dentro da minha. De cada vez que faço isto, o Alex inclina-se para mim e põe-me o capuz, de seguida puxa os fios e aperta bem até ficar visível apenas o centro do meu rosto, com a maior parte bloqueada por tufo de cabelo louro emaranhado pelo vento.

– Fofinha – diz, sorrindo, da primeira vez que faz isto, mas dá a sensação de ser quase fraternal.

Numa noite, há uma banda ao vivo a tocar canções do Van Morrison enquanto estamos a jantar ao ar livre sob feiras de luzes que me recordam a noite em que nos conhecemos, quando éramos caloiros. Seguimos uns casais mais

velhos até à pista de dança, de mãos dadas. Dançamos como em Nova Orleães – desajeitados e sem ritmo, mas a rir, felizes.

Agora que já pertence ao passado, posso admitir que as coisas estavam diferentes nessa noite.

Na magia da cidade e da sua música, dos cheiros e das luzes cintilantes, senti uma coisa que nunca tinha sentido com ele. Mais assustador do que isso, soube pela maneira como o Alex me olhou nos olhos, como passou a mão pelo meu braço abaixo e encostou a cara à minha, que ele também a sentia.

Mas agora, a dançar ao som de «Brown Eyed Girl», o calor desapareceu do seu toque. E sinto-me contente, porque não quero perder isto nunca.

Prefiro ter uma parte minúscula dele para sempre do que tê-lo todo por um momento apenas e saber que teria de renunciar a tudo quando acabássemos. Não posso perder o Alex. Não posso. E, portanto, isto é bom, esta dança tranquila e sem faísca. Esta viagem sem faísca.

O Alex telefona à Sarah duas vezes por dia, de manhã e à noite, mas nunca à minha frente. De manhã, falam enquanto ele vai correr, ainda antes de eu sair da cama, e, quando regressa, acorda-me com café e um bolo do bar no edifício central do *resort*. À noite, sai para a varanda para lhe telefonar e fecha a porta.

– Não quero que gozes com a minha voz ao telefone – diz.

– Meu Deus, sou mesmo parvalhona – digo, e, embora ele se ria, sinto-me um bocado mal. Gozar e provocar sempre foi uma boa parte da nossa dinâmica, e tem dado a sensação de que é uma coisa nossa. Mas agora há coisas que ele não faz à minha frente, partes dele que não me confia, e a sensação que isso dá não me agrada.

Na manhã seguinte, quando ele volta da sua corrida e do telefonema, sento-me na cama ensonada para aceitar o café e o *croissant* que me traz e digo:

– Alex Nilsen, vale o que vale, mas tenho a certeza de que a tua voz ao telefone é espantosa.

Ele cora, esfrega a nuca.

– Não é.

– Aposto que és todo amanteigado e quente e doce e perfeito.

– Estás a falar para mim ou para o *croissant*? – pergunta ele.

– Adoro-te, *croissant* – digo, e arranco um pedaço, que meto à boca. O Alex deixa-se ficar ali de pé, de mãos nos bolsos, a sorrir, e o meu coração incha, ao estilo do Grinch, só de olhar para ele. – Mas estou a falar de ti.

– Tu és um doce, Poppy – diz ele. – E amanteigada e quente e o resto. Mas, mesmo assim, prefiro falar ao telefone sozinho.

– Entendido – digo, acenando com a cabeça, e estendo-lhe o *croissant*. Ele arranca um pedacinho minúsculo e mete-o entre os lábios.

Mais tarde, quando estamos sentados a almoçar, ocorre-me algo brilhante.

– A Lita! – grito de repente.

– Santinho – diz o Alex.

– Lembras-te da Lita? – digo. – Vivia naquela casa degradada em Tofino. Com o Buck?

O Alex semicerra os olhos.

– Foi a que tentou meter a mão pelas minhas calças abaixo enquanto me estava a fazer uma «visita guiada»?

– Hum, em primeiro lugar, não me contaste que isso aconteceu e em segundo, não. Ela estava comigo e com o Buck. Ia-se embora daí a pouco tempo, não te lembras? Ia mudar-se para Vail para ser guia de canoagem!

– Oh – diz o Alex. – Sim. Certo.

– Achas que ela ainda está aqui?

Pisca os olhos.

– Neste plano terrestre? Não tenho a certeza de que alguma dessas pessoas ainda esteja.

– Tenho o número do Buck – digo.

– Tens? – O Alex lança-me um olhar crítico.

– Não o *usei* – digo. – Mas tenho-o. Vou mandar-lhe uma mensagem para ver se tem o número da Lita.

Ei, Buck!, escrevo. Não sei se te lembras de mim, mas levaste-nos de barco, a mim e ao meu amigo Alex, até às fontes termais há, tipo, uns cinco

anos, mesmo antes de a tua amiga Lita se mudar para o Colorado? Seja como for, estou em Vail e ia ver se ela ainda está cá! Espero que estejas bem e que Tofino continue a ser o lugar mais bonito em todo o planeta.

Quando acabamos de comer, o Buck já respondeu.

Com um raio, miúda, diz. És a sexy Poppy? Demoraste muito tempo a usar estes dígitos. Acho que não te devia ter posto fora do meu quarto.

Fungo uma gargalhada e o Alex debruça-se sobre a mesa para ler a mensagem de pernas para o ar. Revira os olhos.

– Achas mesmo, pá?

Não, não, sem problema, digo-lhe. Foi uma noite fantástica. Divertimo-nos imenso.

Ainda bem, diz ele. Já não falo com a Lita há anos, mas mando-te o contacto dela, se quiseres.

Isso seria o máximo, digo-lhe.

Se alguma vez voltares à ilha, dizes-me alguma coisa?, pergunta ele.

Obviamente, respondo. Não faço ideia de como pilotar um barco. Vais ser imprescindível.

Lol, diz ele, és mesmo marada, adoro.

Nessa noite, já tínhamos conseguido marcar um passeio de canoa com a Lita, que *não* se lembra de nós, mas insiste ao telefone que tem a certeza de que nos divertimos imenso juntos.

– Para ser franca, eu andava com uma *pedra* de todo o tamanho nessa altura – diz ela. – Divertia-me *sempre* imenso, mas não me lembro de quase nada.

Ao ouvir isto, o Alex faz uma cara que interpreto como ansiedade com uma dose de perguntas por responder a acompanhar. Sei exatamente o que ele quer que eu descubra.

– Então – digo, tão casualmente quanto posso –, ainda... metes... drogas?

– Estou sóbria há três anos, minha – responde ela. – Mas se queres comprar alguma coisa, posso mandar-te o contacto do meu antigo *dealer*.

– Não, não – digo. – Não é preciso. Nós... remediamo-nos... com... o que

trouxemos... de casa.

Parecendo acossado, o Alex abana a cabeça.

– Está bem, então. Vejo-vos aos dois de manhã cedo.

Quando desligo, o Alex diz:

– Achas que o Buck estava drogado quando nos levou de barco?

Encolho os ombros.

– Nunca chegámos a descobrir sobre o que ele estava a arengar para o ar. Talvez julgasse que o Jim Morrison estava a pairar na água mesmo em frente dele.

– Sinto-me tão contente por ainda estarmos vivos – diz o Alex.

Na manhã seguinte, encontramos-nos com a Lita no sítio do aluguer de canoas e ela está quase exatamente como eu a recordava, mas tem uma tatuagem de uma aliança de casamento e uma barriguinha de grávida.

– Estou de quatro meses – diz, pondo as mãos na barriga.

– E é... seguro? Fazer isto? – pergunta o Alex.

– O bebé número um saiu perfeito – assegura-nos a Lita. – Sabem, na Noruega põem os bebés ao ar livre a dormir a sesta.

– Está... bem – diz o Alex.

– Adorava ir à Noruega – digo.

– Oh, tens *mesmo* de ir! – diz ela. – A irmã gémea da minha mulher vive lá... casou com um norueguês. Às vezes, a Gail fala de se divorciar legalmente de mim e de pagar a um par de norueguesas simpáticas para casarem connosco e assim podermos obter a cidadania e mudar-nos para lá. Podem chamar-me antiquada, mas simplesmente não me parece correto *pagar* por um casamento falso.

– Bem, suponho que vais ter de te contentar com férias na Noruega, então – digo.

– Suponho que sim.

Para sermos supercautelosos, optamos pela rota de principiante, o que, não tardamos a descobrir, significa que o nosso «passeio de canoa» consiste em larga medida em apanhar banhos de sol e flutuar com a corrente, espetando os remos para evitar as rochas quando nos aproximamos demasiado e remando com mais

força sempre que aparece um rápido.

Afinal, a Lita recorda-se de muito mais do que deu a entender sobre o Buck e as outras pessoas com quem viveu na casa de Tofino, e diverte-nos com histórias de pessoas a saltarem do telhado para um trampolim e de, já bêbedos, fazerem uns aos outros tatuagens caseiras com esferográficas vermelhas.

– Afinal, parece que algumas pessoas são alérgicas a tinta vermelha – diz ela.
– Quem diria?

Cada história que conta é mais absurda do que a anterior, e quando por fim arrastamos a canoa para a margem do rio no fim do nosso passeio, doem-me os músculos da barriga de tanto me rir.

Ela limpa lágrimas de riso dos cantos dos olhos, que começam a ter rugas, e solta um suspiro de contentamento.

– Posso rir, porque sobrevivi àquilo. Fico muito feliz por saber que o Buck também sobreviveu. – Esfrega a barriga. – Fico tão feliz sempre que descubro como o mundo é pequeno, sabem? Tipo, nós estivemos naquele lugar ao mesmo tempo e agora aqui estamos nós. Em diferentes pontos das nossas vidas, mas ainda ligados. Como um entrelaçar cósmico ou coisa do género.

– Penso nisso de cada vez que estou num aeroporto – digo-lhe. – É uma das razões pelas quais adoro viajar. – Hesito, à procura da maneira de despejar este pensamento lamechas que anda a fermentar há tanto tempo em palavras concretas. – Em criança, sentia-me muito só – explico –, e sempre achei que, quando fosse grande, ia sair da minha cidade e descobrir outras pessoas como eu num outro lugar qualquer. O que consegui, sabes? Mas todas as pessoas se sentem sós de vez em quando, e, sempre que isso acontece, compro um bilhete de avião e vou para o aeroporto e... não sei. Deixo de me sentir só. Porque, independentemente do que torna todas aquelas pessoas diferentes, todas elas estão a tentar chegar a algum lugar, à espera de ir ter com alguém.

O Alex lança-me um olhar estranho cujo significado não consigo interpretar.

– Ah, merda – diz a Lita. – Vais fazer-me chorar. O raio destas hormonas da gravidez. Reajo pior a elas do que reagia à ayahuasca.

Antes de nos despedirmos, a Lita cinge-nos ao peito a cada um para um longo

abraço.

– Se alguma vez fores a Nova Iorque... – digo.

– Se alguma vez tiveres vontade de fazer um passeio de canoa *a sério* – diz ela com uma piscadela de olho.

Depois de vários minutos de silêncio na nossa viagem de carro de regresso ao *resort*, o Alex diz, com rugas de preocupação a dispararem-lhe das sobrelanceiras:

– Detesto pensar que te sentes só.

Devo parecer perplexa, porque ele clarifica o que disse:

– Aquilo de ires para o aeroporto. Quando sentes que estás só.

– Já não me sinto assim tão só como isso – digo.

Tenho o grupo de mensagens com o Parker e o Prince – temos andado a planear ir ver o musical *Jaws* sem gastar dinheiro. E há os telefonemas semanais com os meus pais em alta-voz. Além de que há também a Rachel, que me tem realmente apoiado no período pós-Guillermo, com convites para aulas no ginásio e bares de vinhos e dias de voluntariado em abrigos de cães.

Embora eu e o Alex não falemos tanto como dantes, há também os contos que ele me tem enviado com mensagens breves escritas em *Post-its*. Podia enviá-los por *e-mail*, mas não o faz, e, depois de eu ler cada um dos contos em papel, meto-o numa caixa de sapatos onde comecei a guardar as coisas que são importantes para mim. (Só uma caixa de sapatos, para não acabar com enormes bidões de plástico cheios de desenhos de dragões dos meus futuros filhos, como os meus pais.)

Não me sinto só quando leio as palavras dele. Não me sinto só quando tenho na mão aqueles *Post-its* dele e penso na pessoa que os escreveu.

– Desculpa se não tenho estado lá para ti – diz o Alex em voz baixa. Abre a boca como se fosse continuar a falar, mas abana a cabeça e fecha novamente a boca. Já chegámos ao *resort*, entrámos no parque de estacionamento, e, quando me viro no lugar para o olhar de frente, ele também se inclina para mim.

– Alex... – Demoro uns segundos a continuar. – Nunca mais me senti realmente só desde que te conheci. Não penso que alguma vez voltarei a sentir-me sozinha neste mundo desde que tu estejas nele.

O seu olhar suaviza-se, mantém-se fixo por um instante.

– Posso contar-te uma coisa embaraçosa?

Por uma vez, não me passa pela cabeça dizer uma piada, ser sarcástica.

– O que quiseses.

Passa a mão pelo volante num movimento lento para a frente e para trás.

– Acho que não sabia que me sentia sozinho até te conhecer. – Volta a abanar a cabeça. – Em casa, depois de a minha mãe morrer e de o meu pai se ir abaixo, só queria que todos estivessem bem. Queria ser exatamente como o meu pai necessitava que eu fosse e exatamente como os meus irmãos necessitavam que eu fosse, e na escola queria ser quem todos queriam, portanto tentei ser calmo e responsável e estável, e penso que já tinha dezanove anos na primeira vez que me ocorreu a ideia de que talvez não fosse assim que algumas pessoas viviam. Que talvez eu simplesmente *fosse* alguém, além de quem *tentava* ser.

»Conheci-te e, francamente... no princípio pensei que era tudo teatro. As roupas berrantes, as piadas chocantes.

– O que queres dizer com isso? – digo na brincadeira em voz baixa, e um sorriso pisca-lhe nos cantos da boca, breve como o adejar das asas de um beija-flor.

– Naquela primeira viagem para Linfield, fizeste-me todas aquelas perguntas sobre o que eu gostava e o que detestava, e não sei. Simplesmente deu a impressão de que querias realmente saber.

– É claro que queria – digo.

Ele acena com a cabeça.

– Eu sei. Perguntaste-me quem eu era e... foi como se a resposta me ocorresse do nada. Por vezes, dá-me a sensação de que nem sequer existia antes disso. Como se tu me tivesses inventado.

Vem-me um calor às faces e ajusto a minha posição no assento, encolhendo os joelhos contra o peito.

– Não sou suficientemente esperta para te ter inventado. Ninguém é assim tão esperto.

Os músculos do maxilar dele movem-se enquanto considera as suas palavras seguintes. Nunca foi de se sair com alguma coisa sem primeiro a sopesar.

– O que quero dizer é que ninguém me conhecia realmente antes de ti, Poppy. E, mesmo se... as coisas mudarem entre nós, tu nunca vais ficar sozinha, *OK*? Eu vou sempre adorar-te.

As lágrimas toldam-me a visão, mas, milagrosamente, pisco os olhos e contenho-as. Não sei como, a voz sai-me firme e ligeira e não como se alguém tivesse entrado na minha caixa torácica e me tivesse segurado o coração na mão o tempo suficiente para passar o polegar por uma ferida secreta.

– Eu sei – digo-lhe, e: – Eu também te adoro.

É verdade, mas não toda a verdade. Não há palavras suficientemente vastas ou específicas para captar o êxtase e a dor e o amor e o medo que sinto só de olhar para ele agora.

O momento passa e a viagem prossegue e nada está diferente entre nós, exceto o facto de uma parte de mim ter despertado, como um urso a sair da hibernação com uma fome que conseguiu enganar com o sono durante meses, mas que não pode ignorar nem por mais um segundo.

No dia seguinte, o penúltimo da viagem, fazemos uma caminhada por um desfiladeiro. Perto do cume, paro na berma do caminho para tirar uma fotografia por entre uma clareira nas árvores do lago de um azul-escuro lá em baixo e desequilibro-me. O meu tornozelo torce-se, com força e depressa. Dá a sensação de que o osso trespassa o pé e bate no chão, e dou comigo estendida na lama e nas folhas, a dizer palavrões num tom sibilante.

– Não te mexas – diz o Alex, acorrendo-se ao meu lado.

Ao princípio, quase não consigo respirar, por isso não estou a chorar, só sufocada.

– Tenho um osso espetado da pele?

O Alex lança um olhar para baixo, examina-me a perna.

– Não, acho que é só uma entorse.

– Merda – arquejo, por entre uma vaga de dor.

– Aperta a minha mão, se precisares – diz ele, o que faço, com tanta força quanto posso. Na palma da sua mão masculina gigante, a minha parece minúscula, os nós dos meus dedos redondos e bulbosos.

A dor atenua-se o suficiente para a tolice se apressar a ocupar o seu lugar. Com lágrimas a caírem-me pela cara, pergunto:

– Tenho mãos de lóris lento?

– O quê? – pergunta o Alex, compreensivelmente baralhado. A sua expressão preocupada vacila. Transforma uma gargalhada numa tossidela. – Mãos de lóris lento? – repete com ar sério.

– Não te rias de mim! – guincho, regredindo completamente para uma irmãzinha de oito anos.

– Desculpa – diz ele. – Não, não tens mãos de lóris lento. Não que eu saiba o que é um lóris lento.

– É mais ou menos como um lémure – digo entre lágrimas.

– Tens umas mãos lindas, Poppy. – Esforça-se muito, mas mesmo muito, talvez o máximo que alguma vez se esforçou, por não sorrir, mas lentamente acontece, de qualquer maneira, e eu desato a rir por entre as lágrimas. – Queres tentar pôr-te de pé? – pergunta.

– Não podes só empurrar-me para eu rebolar pela montanha abaixo?

– Preferia não o fazer – diz ele. – Pode haver heras venenosas quando sairmos do trilho.

Suspiro.

– Está bem, então. – Ele ajuda-me a levantar-me, mas não consigo apoiar o pé direito sem uma dor súbita me estralejar como um raio pela perna acima. Paro de tentar andar, começo a chorar outra vez e enterro a cara nas mãos para esconder o caos cheio de baba e ranho em que estou a desmoronar-me.

O Alex passa as mãos lentamente para cima e para baixo nos meus braços durante uns segundos, o que só me faz chorar ainda mais. As demonstrações de simpatia quando estou mal têm sempre este efeito. Ele puxa-me contra o peito e prende os braços nas minhas costas.

– Vou ter de, tipo, pagar um helicóptero para ir até lá abaixo? – digo a custo.

– Não estamos assim tão longe – diz ele.

– Não estou a brincar, não consigo pôr nenhum peso em cima do pé.

– Eis o que vai acontecer – diz ele. – Vou pegar em ti e vou levar-te ao colo, muito devagar, pelo trilho abaixo. E, provavelmente, vou ter de parar muitas vezes e de te pousar, e tu não tens autorização para me chamar *Seabiscuit*¹⁶ nem para me gritares «Mais depressa! Mais depressa!» ao ouvido.

Rio-me de encontro ao peito dele e aceno com a cabeça, deixando-lhe marcas de lágrimas na *T-shirt*.

– E se descubro que fingiste esta coisa toda só para ver se eu te levava ao colo um quilómetro pela montanha abaixo – diz ele –, vou ficar realmente zangado.

– Numa escala de um a dez – digo, inclinando-me para trás para lhe fitar o rosto.

– Sete, *pelo menos* – diz ele.

– Tu és tão, tão bom – digo eu.

– Queres dizer amanteigado e quente e perfeito – diz ele na brincadeira, pondo-se em posição. – Estás pronta?

– Estou – digo, e o Alex Nilsen toma-me nos braços e leva-me ao colo pelo raio de uma montanha abaixo.

Não. Eu realmente não podia tê-lo inventado.

16 Nome do cavalo do filme *Nascido para Ganhar*. (*N. da T.*)

Com as baterias completamente recarregadas depois de duas garrafas de água e de quarenta minutos numa loja do jardim zoológico cheia de camelos de peluche, dirigimo-nos para o nosso destino seguinte.

Os Dinossauros Cabazon são basicamente o que o nome indica: duas enormes esculturas de dinossauros ao lado da autoestrada no meio de nenhures, na Califórnia.

Um escultor de parques temáticos construiu aqueles monstros de aço na esperança de canalizar clientes para o seu restaurante à beira da estrada. Depois da sua morte, a propriedade foi vendida a um grupo que montou um museu criacionista com uma loja dentro da cauda de um dos dinossauros.

É o tipo de lugar onde se para apenas porque se está a passar por ele. É também o tipo de lugar a que uma pessoa vai, desviando-se do seu caminho, quando está a tentar preencher cada segundo do seu dia.

– Bem – diz o Alex quando saímos do carro. O T-rex e o brontossauro poeirentos e grandes como torres erguem-se em frente a nós, com algumas palmeiras e arbustos esgalgados à sua volta na areia. O tempo e a luz do sol tiraram quase toda a cor aos dinossauros. Parecem sedentos, como se andassem a vaguear por este lugar com o seu sol inclemente há milénios.

– Bem mesmo – concordo.

– Suponho que devíamos tirar umas fotografias? – diz o Alex.

– Decididamente.

Pega no telemóvel e espera que eu faça umas poses em frente dos dinossauros. Depois de um par de imagens discretas, apropriadas para o Instagram, começo a saltar e a esbracejar, na esperança de o fazer rir.

Ele sorri, mas continua a parecer um pouco pálido, e decido que é melhor irmos para a sombra. Deambulamos pela propriedade, tiramos mais umas fotografias de mais perto e com os dinossauros mais pequenos que foram acrescentados dentro do espaço com arbustos à volta dos dois principais. De

seguida, subimos os degraus para dar uma vista de olhos à loja.

– Quase não se diria que estamos dentro de um dinossauro – queixa-se o Alex na brincadeira.

– Não é? Onde estão as vértebras gigantes? Onde estão os vasos sanguíneos e os músculos da cauda?

– *Isto* não vai ter uma crítica favorável no Yelp – murmura o Alex, e rio-me, mas ele não me acompanha. De súbito, tomo consciência de como o ar condicionado nesta loja é patético. Não se compara com o da loja do jardim zoológico. É como se estivéssemos de volta ao buraco infernal do Nikolai.

– E se saíssemos daqui? – sugiro.

– Por Deus, sim – diz o Alex, e pousa a estatueta de dinossauro em que tinha pegado.

Vejo as horas no telemóvel. Ainda só são quatro, e já fizemos tudo o que eu tinha planeado para hoje. Abro a aplicação das notas e passo os olhos pela lista à procura de outras coisas a fazer.

– OK – digo, tentando disfarçar a ansiedade. – Já sei. Anda daí.

O Jardim Botânico Moorten. É ao ar livre, mas deve ter um sistema de ar condicionado melhor do que o da loja dentro do dinossauro de aço.

Mas não me lembrei de verificar as horas, e fazemos a viagem até lá só para darmos com o jardim botânico fechado.

– Fecha à *uma hora* durante o verão? – leio na tabuleta, incrédula.

– Achas que tem alguma coisa que ver com a temperatura perigosamente alta? – diz o Alex.

– OK – digo. – OK.

– Talvez devêssemos simplesmente ir para o apartamento – diz o Alex. – Ver se o Nikolai já consertou o ar condicionado.

– Ainda não – peço, desesperada. – Há outra coisa que queria fazer.

– Está bem – diz o Alex. Junto ao carro, afasto-o da porta do lado do condutor e ele pergunta: – O que estás a fazer?

– Tenho de conduzir nesta parte – digo.

Arqueia uma sobranceira, mas senta-se no lugar do passageiro. Abro o GPS e carrego no primeiro endereço na lista da «visita autónoma à arquitetura de Palm Springs».

– É... um hotel – diz o Alex, perplexo, quando viramos para o edifício angular cheio de estilo, com o seu revestimento de lajes e tabuleta debruada a cor de laranja.

– O Hotel del Marcos – digo.

– Tem... um dinossauro de aço lá dentro? – pergunta.

Franzo a testa.

– Acho que não. Mas todo este bairro, o bairro do Clube de Ténis, está supostamente cheio destes edifícios ridiculamente espantosos.

– Ah – diz ele. É tudo o que consegue arranjar para exprimir entusiasmo.

Sinto um nó no estômago quando carrego no endereço seguinte. Andamos às voltas durante duas horas, paramos para um jantar barato (que arrastamos por mais uma hora por causa do Ar Frio) e, quando regressamos ao carro, o Alex interceta-me à porta do lado do condutor.

– Poppy – diz, num tom de súplica.

– Alex – digo eu.

– Podes conduzir, se quiseres – diz ele –, mas eu estou a ficar um bocado enjoado, e não sei se consigo aguentar ver mais mansões de desconhecidos hoje.

– Mas tu adoras arquitetura – digo pateticamente.

Franze a testa e semicerra os olhos.

– Eu... o quê?

– Em Nova Orleães – explico –, andavas pelas ruas a apontar para, tipo, janelas o tempo todo. Julguei que adoravas este tipo de coisa.

– Apontar para janelas?

Abro os braços.

– Não sei! Tu só, tipo... *adoraste* olhar para os edifícios, caramba!

Solta uma gargalhada de fadiga.

– Acredito em ti – afirma. – Talvez adore arquitetura. Não sei. Só que estou... realmente cansado e cheio de calor.

Tiro o telemóvel da mala de mão a toda a pressa. Continua a não haver notícias do Nikolai. Não podemos voltar para aquele apartamento.

– E o museu do ar?

Quando levanto os olhos, vejo que está a fitar-me, de cabeça inclinada e olhos ainda semicerrados. Passa a mão pelo cabelo num gesto de desânimo e desvia os olhos por um segundo, pondo a mão na anca.

– São, tipo, sete horas, Poppy – diz. – Não me parece que vá estar aberto.

Suspiro, desistindo.

– Tens razão. – Vou para o lado do passageiro e sento-me, sentindo-me derrotada quando o Alex liga o motor.

Daí a uns vinte e cinco quilómetros, temos um furo.

– Oh, meu Deus – gemo quando o Alex encosta à berma.

– Deve haver um pneu sobressalente – diz ele.

– E sabes como o colocar? – pergunto.

– Sim. Sei como o colocar.

– O Senhor Proprietário de Habitação Própria – digo, tentando soar brincalhona. Mas afinal também eu estou profundamente irritada e é assim que a minha voz me retrata. O Alex ignora o comentário e sai do carro.

– Precisas de ajuda? – pergunto.

– Talvez precise que me dê luz – diz ele. – Está a começar a escurecer.

Sigo-o até às traseiras do carro. Ele abre a porta da mala, afasta alguns dos tapetes e pragueja.

– Não há pneu sobressalente.

– Este carro aspira a destruir as nossas vidas – digo, e dou um pontapé no lado do carro. – Merda, vou ter de comprar um pneu novo a esta rapariga, não vou?

O Alex suspira e esfrega a cana do nariz.

– Dividimos a despesa.

– Não, não era o que eu... Eu não estava a dizer isso.

– Eu sei – diz o Alex, irritado. – Mas não vou deixar que pagues a despesa toda.

– O que é que fazemos agora?

– Chamamos uma empresa de reboques – diz ele. – Vamos de Uber para casa e tratamos do assunto amanhã.

Por isso, é o que fazemos: telefonamos a uma empresa de reboques. Sentamo-nos em silêncio na traseira do carro enquanto esperamos que chegue. Vamos até à oficina na cabina do camião do reboque com um homem chamado Stan que tem uma senhora nua tatuada em cada braço. Assinamos uns papéis, chamamos um Uber. Ficamos à porta da oficina enquanto esperamos que o Uber chegue.

Entramos num carro com uma senhora chamada Marla, que, o Alex segreda entre dentes, «parece exatamente a Delallo» e, pelo menos, é alguma coisa sobre que rir.

E depois a aplicação da Marla faz asneira e ela perde-se.

E a nossa viagem de dezassete minutos torna-se uma viagem de vinte e nove perante os nossos olhos. E nem um nem o outro estamos a rir. Nenhum de nós diz alguma coisa, faz algum som.

Por fim, estamos quase a chegar ao Desert Rose. Está escuro como breu cá fora, e tenho a certeza de que as estrelas no céu seriam espantosas se não estivéssemos presos no banco de trás do *Kia Rio* da Marla a inalar golfada atrás de golfada do aroma a bolachas da Bath & Body Works com que ela parece ter encharcado o carro todo.

Quando o trânsito para de repente a menos de um quilómetro do Desert Rose, quase grito.

– Deve ser um acidente a bloquear a estrada – diz a Marla. – Não há nenhuma razão no céu ou na terra para o trânsito estar *assim* parado.

– Queres ir a pé? – pergunta-me o Alex.

– Porque não? – digo, e saímos do carro da Marla, ficamos a vê-la inverter a marcha com dificuldade, e encaminhamo-nos para o apartamento pela berma da estrada às escuras.

– Vou meter-me naquela piscina esta noite – diz o Alex.

– Deve estar fechada – resmungo.

– Salto o muro – diz o Alex.

Uma gargalhada efervescente e cansada atravessa-me o peito.

– Está bem, alinho.

Na nossa última noite na ilha de Sanibel, deitada na cama, acordada, ouço a chuva tamborilar no telhado e passo em revista a semana como se estivesse a vê-la através de um filtro que é espesso e enevoadado e sempre ondulante, tentando captar uma fração de segundo que parece piscar e desaparecer de vista de cada vez que tento trazê-la à mente.

Vejo as praias com a tempestade. A maratona de *A Quinta Dimensão* que eu e o Alex fizemos entre sonecas no sofá. A marisqueira onde finalmente ele me contou os pormenores horrendos do fim da relação dele e da Sarah – que ela lhe tinha dito que a relação deles era tão excitante como a biblioteca onde se tinham conhecido, antes de acabar com ele e partir para um retiro de ioga de três semanas. «Se ela quer excitação», disse eu, «não me importo nada de lhe riscar o carro com uma chave». A minha memória salta para a frente, para o bar chamado BAR, com o seu chão pegajoso e as ventoinhas de palha, para o momento em que saio da casa de banho e o vejo ao balcão, a ler um livro, e sinto tanto amor que é dilacerante, e como tentei sacudi-lo da sua tristeza pós-Sarah com um «Ei, tigre!» despropositado.

De seguida, vem o momento em que corremos à chuva do BAR para o nosso carro, os momentos passados a ouvir o limpa-para-brisas chiar ao raspar no vidro enquanto abríamos caminho por entre a chuva torrencial para o nosso *bungalow* encharcado de chuva.

Estou a aproximar-me daquele momento, do momento que tento trazer à mente, mas do qual regresso sempre de mãos vazias, como se não fosse nada mais do que um pouco de luz refletida, dançando no chão.

Vejo o Alex a pedir para tirarmos uma fotografia juntos, surpreendendo-me com o *flash* ao contar até dois, sem esperar pelo três. Nós os dois sufocados de riso, gemendo ao ver a nossa imagem hedionda, discutindo se a apagar, o Alex a jurar que não pareço nada assim, eu a dizer-lhe o mesmo a ele.

Depois, ele diz:

– No próximo ano, vamos a um lugar frio.

Eu digo que está bem, que iremos.

E aqui vem ele, o momento que está sempre a escapar-me por entre os dedos, como se fosse o pormenor que altera tudo numa gravação que não pareço ser capaz de pôr em pausa ou de passar mais lentamente.

Estamos apenas a olhar um para o outro. Não há arestas definidas a que me agarrar, quaisquer marcas distintivas no princípio ou no fim deste momento, nada para o separar de milhões iguais a ele.

Mas este, este é o momento em que penso naquilo pela primeira vez.

Estou apaixonada por ti.

A ideia é aterradora, provavelmente nem sequer é verdade. Uma ideia perigosa de ter. Solto-a, vejo-a afastar-se.

Mas há pontos no centro das palmas das minhas mãos que ardem, chamuscados, prova de que a segurei ali.

O apartamento tornou-se o sétimo círculo do inferno e não há sinal de que o Nikolai tenha estado aqui. Na casa de banho, visto o biquíni e uma *T-shirt* grande e depois disparo mais uma sms furiosa a exigir o ponto de situação.

O Alex bate à porta quando acaba de mudar de roupa na sala e vamos pé ante pé até à piscina, de toalhas na mão. Verificamos a cancela primeiro à socapa.

– Fechada – confirma o Alex, mas já reparei num problema maior.

– Mas. Que. Diabo.

Ele levanta os olhos e vê: o cimento vazio da piscina.

Atrás de nós, alguém diz num arquejo:

– Oh, querido, eu bem te disse que eram eles!

Eu e o Alex rodamos nos calcanhares ao mesmo tempo que um casal de meia-idade com a pele curtida do sol se aproxima a toda a velocidade. Uma mulher ruiva, de sandálias com saltos de cortiça cheios de brilhos e corsários brancos, ao lado de um homem com um pescoço grosso, cabeça rapada e óculos de sol equilibrados no cimo da cabeça.

– Tinhas razão, *baby* – diz o homem.

– Os recéééem-casados! – cantarola a mulher, e agarra-me num abraço. – Porque é que não nos disseram que vinham a Palm Springs?

É então que me cai a ficha. O Hubby e a Wifey do táxi no aeroporto.

– Uau – diz o Alex. – Olá. Que tal vai isso?

As unhas cor de laranja fluorescente da mulher soltam-me, e ela acena com a mão.

– Oh, sabem como é. Estava a correr bem até esta tolice. Com a piscina.

O Hubby grunhe a concordar.

– O que aconteceu? – pergunto.

– Um miúdo qualquer teve uma diarreia dentro dela! *Muito*, acho eu, porque tiveram de esvaziar a água toda. Dizem que deve voltar a funcionar amanhã! –

Franze a testa. – É claro, *nós* amanhã vamos a Joshua Tree.

– Oh, que fixe! – digo. É um esforço tentar soar bem-disposta e animada quando, na realidade, a minha alma está a murchar dentro do invólucro vazio do meu corpo.

– Ganhámos uma estadia grátis lá. – Pisca-me o olho. – Eu dou sorte.

– Não há dúvida de que dá – confirma o Hubby.

– Não digo isso por dizer! – continua ela. – Ganhámos a lotaria há uns anos, não uma daquelas de triliões de dólares, mas uma bela maquia, e juro que, desde então, tipo, ganho as rifas, as apostas e os concursos todos para que lanço um olhar que seja!

– Espantoso – diz o Alex. A alma dele, ao que parece, também murchou.

– Seja como for! Vamos deixar-vos a sós, seus pombinhos, para fazerem o que manda a lei. – Volta a piscar o olho. Ou talvez as suas pestanas postigas estejam simplesmente a colar-se umas às outras. É difícil de dizer. – Não queria acreditar na sorte incrível que foi estarmos alojados no mesmo lugar!

– Sorte – diz o Alex. Dá a impressão de que está num transe induzido pelo azar. – Pois é.

– O mundo é mesmo pequeno, não é? – comenta a Wifey.

– É – concordo.

– Seja como for, divirtam-se no resto da vossa viagem! – Aperta-nos um ombro a cada um e o Hubby acena com a cabeça, e depois afastam-se e nós ficamos parados em frente da piscina vazia.

Ao fim de três segundos de silêncio, digo:

– Vou tentar telefonar outra vez ao Nikolai.

O Alex não diz nada. Voltamos para cima. Estão trinta e dois graus. Não metaforicamente. Estão literalmente trinta e dois graus. Não acendemos nenhuma luz exceto a da casa de banho, como se mais uma lâmpada acesa pudesse fazer chegar a temperatura aos trinta e cinco.

O Alex fica parado no meio do quarto, com um ar desanimado. Está demasiado calor para nos sentarmos seja onde for, para tocarmos seja no que for. O

ar dá uma sensação diferente, hirto como uma tábua. Ligo repetidamente para o Nikolai, a andar de um lado para o outro.

Na quarta vez em que rejeita a chamada, solto um grito e marcho para a *kitchenette* para ir buscar a tesoura.

– O que vais fazer? – pergunta o Alex. – Limito-me a marchar para a varanda e apunhalo o plástico. – Isso não vai ajudar – diz ele. – Está tanto calor lá fora como aqui dentro esta noite.

Mas ninguém pode fazer-me ver a razão. Estou a cortar o plástico à bruta, tira gigante atrás de tira gigante toda esfarrapada, e a atirá-las para o chão. Finalmente, metade da varanda está aberta ao ar da noite, mas o Alex tinha razão. Não faz diferença.

Está tanto calor que sinto que poderia derreter. Volto a marchar para dentro e atiro água fria para a cara.

– Poppy – diz o Alex –, acho que devíamos ir para um hotel.

Abano a cabeça, demasiado frustrada para falar.

– Tem de ser – diz ele.

– Não era assim que devia estar a correr – riposto, sentindo um latejo súbito no olho.

– De que estás a falar? – diz ele.

– Era para fazermos isto como dantes! – digo. – Era para ser barato e... irmos ao sabor da maré.

– Já fomos ao sabor de *muitas* marés – insiste o Alex.

– Os hotéis custam dinheiro! – digo. – E nós já vamos ter de gastar duzentos dólares para pôr um pneu novo naquele carro horrível.

– Sabes o que custa dinheiro? – diz ele. – Hospitais! Vamos *morrer*, se ficarmos aqui.

– Não era assim que devia estar a correr! – quase grito, um disco riscado.

– Mas é assim que está a correr! – dispara ele.

– Eu só queria que fosse como dantes! – digo.

– Nunca vai ser assim! – resmunga ele. – Não podemos voltar para isso, *OK?*

As coisas são diferentes e não podemos alterar esse facto, portanto simplesmente *para!* *Para* de tentar forçar esta amizade a ser o que era... não vai acontecer! Nós agora somos *diferentes*, e tens de parar de fazer de conta que não somos!

Para de falar, e os olhos dele estão escuros, o maxilar contraído.

Há lágrimas a toldarem-me a visão e tenho a sensação de que o meu peito está a ser serrado a meio, com nós os dois ali na penumbra, a defrontar-nos em silêncio, respirando a custo.

Algo perturba o silêncio. Um ribombo baixo, distante, e depois, um *tape-tape-tape* discreto.

– Estás a ouvir? – A voz do Alex é um som áspero e ténue.

Aceno com a cabeça, indecisa, e depois soa outro ribombo. Olhamos um para o outro, com os olhos arregalados e desesperados. Corremos para o gradeamento da varanda.

– Ena pá! – Lanço os braços para a frente para apanhar a chuva que cai. Começo a rir-me. O Alex acompanha-me.

– Olha. – Agarra no resto do plástico e começa a arrancá-lo. Vou buscar a tesoura à mesa e rasgamos o que sobra do plástico, atirando-o por cima do ombro, com a chuva a jorrar livremente, até por fim nos livrarmos dele por completo. Recuamos, com o rosto virado para cima, e deixamos a chuva ensopar-nos. Começa a borbulhar outra gargalhada dentro de mim e, quando olho para o Alex, vejo que está a observar-me, com um sorriso rasgado por dois segundos antes de se desintegrar e de se transformar numa expressão de preocupação.

– Desculpa – diz ele, numa voz abafada pela chuva. – Eu só queria dizer...

– Eu sei o que querias dizer – digo. – Tinhas razão. Não podemos voltar atrás.

Passa os dentes pelo lábio inferior.

– Quero dizer... tu quererias, realmente?

– Eu só quero... – Encolho os ombros.

Só te quero a ti, penso.

A ti.

A ti.

A ti. Di-lo.

Abano a cabeça.

– Não quero voltar a perder-te.

O Alex estende-me os braços e aproximo-me, deixo que me agarre as ancas e me puxe contra si. Encosto-me à sua *T-shirt* molhada e ele envolve-me com os braços e levanta-me contra si. Ponho-me em pontas dos pés e ele abraça-me, com o rosto enterrado no meu pescoço, e a minha *T-shirt* largueirona encharcada. Passo os braços à volta da cintura dele e estremeço quando as suas mãos deslizam pelas minhas costas acima, prendendo-se no chumaço onde as fitas do meu biquíni estão atadas por baixo da *T-shirt*.

Mesmo depois de um dia inteiro a transpirar, ele cheira tão bem, dá uma sensação tão boa, encostado a mim e sob as minhas mãos. Combinado com o alívio intenso da chuva do deserto, isto faz-me sentir estonteada, com a cabeça a andar à roda, desinibida. As minhas mãos deslizam-lhe pelo pescoço e enfiam-se no seu cabelo, e ele afasta-se o suficiente para me olhar nos olhos, mas nem um nem o outro nos soltamos, e todo o stresse e todas as preocupações se desvaneceram da sua testa e do seu maxilar assim como se dissiparam do meu corpo como vapor.

– Tu não me vais perder – diz-me, com a voz abafada pela chuva. – Enquanto me quiseres, estarei aqui.

Engulo o nó que sinto na garganta, mas ele continua a formar-se. A tentar manter as palavras dentro de mim. Seria um erro dizê-las, certo? Dizemos tudo um ao outro, mas há algumas coisas que, uma vez ditas, não podem ser retiradas, assim como há coisas que, uma vez feitas, não podem ser desfeitas.

A mão dele ergue-se para me afastar um caracol húmido dos olhos, que me prende atrás da orelha. O nó parece desfazer-se, e a verdade escapa-me como uma respiração que tenho estado a conter durante todo este tempo.

– Eu quero-te sempre, Alex – segredo. – Sempre.

A esta luz fraca, os olhos dele parecem quase cintilantes e a sua boca fica frouxa. Quando se inclina para colar a testa à minha, todo o meu corpo dá a sensação de estar pesado, como se o meu desejo fosse um cobertor grosso a empurrar-me de todos os lados, enquanto as mãos dele roçam a minha pele tão

suavemente como a luz do sol. O seu nariz desliza pelo lado do meu, a distância mínima entre as nossas bocas indecisas a pulsar.

Continua a haver uma hipótese plausível de negação nisto, uma possibilidade de deixar passar este momento sem cobrir aquela distância final. Mas, escutando a sua respiração entrecortada, sinto a maneira como ela me puxa quando os seus lábios se abrem, se aproximam, hesitam, e esqueço todas as razões pelas quais estava a tentar evitar isto.

Somos ímanes, tentando juntar-se mesmo enquanto mantemos a distância cuidadosa entre nós. A mão dele passa leve sobre o meu maxilar, inclina-o a medo de maneira que os nossos narizes roçam um no outro, a pôr à prova este pequeno espaço entre nós, com as bocas abertas a saborearem o ar entre ambos.

Cada respiração dele segreda agora contra o meu lábio inferior. Cada uma das minhas inalações trémulas de ar tenta aproximá-lo mais. *Isto não devia acontecer*, penso turvamente.

Depois, e mais alto: *Isto tinha de acontecer.*

Isto tem de acontecer.

Isto está a acontecer.

Este ano, vai ser diferente. Trabalho na revista *Rest + Relaxation* há seis meses. Durante esse período já fui a:

Marraquexe e Casablanca.

Martinborough e Queenstown.

Santiago do Chile e Ilha da Páscoa.

Já para não mencionar todas as cidades nos Estados Unidos a que me enviaram.

Estas viagens não são nada como as que eu e o Alex costumávamos fazer, mas talvez não o tenha salientado quando lhe propus combinar a nossa viagem de verão com uma viagem de trabalho, porque quero ver a reação dele quando aparecermos no nosso primeiro *resort* com a bagagem foleira da TJ. Maxx e formos recebidos com champanhe.

Quatro dias na Suécia. Quatro na Noruega.

Não frio, exatamente, mas *fresco*, pelo menos, e desde que contactei a cunhada expatriada da Lita Guia de Canoagem Fluvial, ela tem-me enviado *e-mails* semanais com sugestões de coisas a fazer em Oslo. Ao contrário da Lita, a Dani tem uma memória de armadilha de aço: parece lembrar-se de todos os restaurantes fabulosos onde estive e sabe precisamente o que sugerir que peçamos. Num *e-mail*, classifica variados fiordes com uma série de critérios (beleza, risco de excesso de visitantes, tamanho, conveniência da localização, beleza da viagem *para* a localização conveniente/ não conveniente).

Quando a Lita me deu o contacto da cunhada, eu contava receber uma lista com um parque nacional específico e um par de bares, talvez. E a Dani fez isso, de facto – no primeiro *e-mail*. Mas as mensagens não paravam de chegar, sempre que ela se lembrava de mais alguma coisa que «não podíamos absolutamente deixar de experimentar!».

Usa muitos pontos de exclamação, e, embora normalmente eu pense que as pessoas recorrem a isso numa tentativa de parecerem amistosas e decididamente

nada zangadas, cada uma das suas frases parece uma ordem.

«Têm de beber Aquavit!»

«Bebam-na à temperatura ambiente, talvez juntamente com uma cerveja!»

«Bebam a vossa Aquavit à temperatura ambiente a caminho do Museu dos Navios Viquingues! NÃO PERCAM ISTO!»

Cada novo *e-mail* marca a ferro e fogo os seus pontos de exclamação na minha mente, e eu *teria* medo de conhecer pessoalmente a Dani, se não fosse o facto de ela se despedir em cada *e-mail* com *beijinhos*, o que acho tão querido que estou confiante de que vamos gostar muito dela. Ou de que eu vou gostar muito dela e o Alex se vai sentir apavorado.

Seja como for, nunca na minha vida me senti mais empolgada com uma viagem.

Na Suécia, há um hotel feito inteiramente de gelo, chamado (por alguma misteriosa razão) Icehotel. É o tipo de lugar para que eu e o Alex nunca teríamos tido posses, e, durante toda a manhã que antecedeu a reunião com a Swapna para lhe fazer a proposta, transpirei profusamente à minha secretária – não um suor normal, mas do tipo que acompanha a ansiedade e fede horrivelmente. Não é que o Alex não tivesse alinhado em mais umas férias quentes de praia, mas logo que descobri a existência do Icehotel, soube que seria a surpresa absolutamente perfeita para ele.

Proponho o artigo como uma peça sobre «Arrefecer no Verão», e os olhos da Swapna iluminam-se em aprovação.

– Inspirado – diz ela, e vejo alguns dos outros colaboradores mais antigos na revista formarem a palavra com a boca uns aos outros. Não estou na revista há tempo suficiente para ter reparado nela a usar a palavra, mas sei como se sente em relação a «tendência», por isso calculo que «inspirado» seja diametralmente oposto a «tendência» na sua mente.

Ela aceita a ideia sem restrições. Assim, sem mais, tenho autorização para gastar imenso dinheiro. Oficialmente, não posso pagar refeições ou bilhetes de avião ao Alex, ou mesmo a entrada no museu viquingue, mas quando viajas com a *R+R*, as portas abrem-se para ti, garrafas de champanhe que não mandaste vir

aparecem-te na mesa, os *chefs* passam com uma «coisinha extra» e a vida ganha um pouco mais de brilho.

Há também a questão do fotógrafo que vai viajar connosco, mas até este momento todos aqueles com quem trabalhei têm sido agradáveis, se não divertidos, e tão independentes como eu. Encontramo-nos, planeamos as sessões fotográficas, vai cada um para seu lado e, embora eu ainda não tenha trabalhado com o novo fotógrafo com que fui emparelhada – temos tido horários opostos nos dias em que vou ao escritório – o Garrett, o outro novo colaborador, diz que o fotógrafo Trey é fantástico, por isso não estou preocupada.

Eu e o Alex trocamos mensagens incessantemente nas semanas que antecedem a partida, mas nunca sobre a viagem em si. Digo-lhe que estou a encarregar-me de tudo, que é tudo uma surpresa, e, mesmo que a falta de controlo esteja a dar cabo dele, não se queixa.

Em vez disso, manda-me mensagens sobre a sua gatinha preta, a *Flannery O'Connor*. Fotografias dela dentro de sapatos e armários e escarrapachada em cima de prateleiras.

Faz-me pensar em ti, diz ele por vezes.

Por causa das garras?, pergunto. Ou por causa dos dentes ou por causa das pulgas, e de cada vez, seja qual for a comparação que tento fazer, ele responde simplesmente: lutadora minúscula.

Faz-me sentir palpitante e quentinha por dentro. Faz-me pensar nele a puxar-me o capuz da *sweatshirt* bem apertado à volta da cara e a sorrir-me no escuro frio, murmurando entre dentes: «fofinha».

Na última semana antes da partida, fico com uma constipação horrível ou então com o pior acesso de alergias de verão de que tenho memória. Tenho o nariz constantemente entupido e/ou a pingar; a garganta arranhada e com um sabor amargo; uma pressão na cabeça; e todas as manhãs me sinto arrasada ainda antes de o dia começar. Mas não tenho febre, e uma ida rápida às urgências informa-me de que não tenho uma infeção na garganta, por isso faço os possíveis por não abrandar o ritmo. Há muito que fazer antes da viagem, e faço tudo enquanto tusso profusamente.

Três dias antes da partida, tenho um sonho em que o Alex me conta que voltou a namorar com a Sarah e que já não pode fazer a viagem.

Acordo a sentir-me enjoada. Ao longo de todo o dia, tento tirar o sonho da cabeça. Às duas e meia, ele envia-me uma imagem da *Flannery*.

Alguma vez sentes falta da Sarah?, escrevo.

Às vezes, diz ele. Mas não muito.

Por favor, não canceles a nossa viagem, digo, porque este sonho está mesmo, mesmo a mexer comigo.

Por que razão cancelaria a viagem?, pergunta ele.

Não sei, digo. Ando a ficar nervosa com a ideia de que vais fazê-lo.

A Viagem de Verão é o ponto alto do meu ano, diz ele.

Do meu também, digo-lhe.

Mesmo agora, que andas sempre a viajar? Não estás farta?

Nunca poderia sentir-me farta, digo. Não canceles.

Envia-me outra fotografia da *Flannery O'Connor* sentada na sua mala já feita.

Lutadora minúscula, escrevo eu.

Adoro-a, escreve ele, e sei que está a referir-se à gata, obviamente, mas mesmo isso faz com que aquela sensação palpitante e quente ganhe vida sob a minha pele.

Mal posso esperar para te ver, escrevo, sentindo de repente que dizer esta coisa muito normal é audaz, arriscado até.

Eu sei, responde ele, não penso noutra coisa.

Demoro horas a adormecer nessa noite. Deixo-me ficar deitada na cama, com aquelas palavras a passarem-me pela mente vezes sem conta, fazendo-me sentir como se tivesse febre.

Quando acordo, dou-me conta de que de facto tive febre. De que ainda tenho febre. De que sinto a garganta mais inchada e dorida do que antes, a cabeça está a latejar, tenho um peso no peito e doem-me as pernas e não consigo aquecer, por mais cobertores que ponha em cima de mim.

Telefone para a revista a dizer que estou doente, esperando que passe com um

sono antes do voo no dia seguinte, mas ainda nessa noite sei que de maneira nenhuma vou conseguir embarcar naquele avião. Estou com trinta e nove de febre.

O prazo de cancelamento já passou para a maior parte das coisas que reservámos. Envolvida em cobertores e a tremer na cama, escrevo um *e-mail* à Swapna no telemóvel a explicar a situação.

Não sei bem o que fazer. Não sei bem se isto, de alguma maneira, vai fazer-me ser despedida.

Se não me sentisse tão horrivelmente mal, provavelmente estaria a chorar.

Vai ao médico logo de manhã cedo, diz o Alex.

Talvez esteja no pico, escrevo. Talvez possas ir tu amanhã e eu vou ter contigo daqui a um par de dias.

Não devias estar a sentir-te assim tão mal nesta fase tardia de uma constipação, diz ele. Por favor, vai ao médico, Poppy.

Eu vou, escrevo. Lamento muito.

E depois choro. Porque, se não conseguir fazer esta viagem, há boas probabilidade de não ver o Alex por mais um ano. Ele anda tão ocupado com o mestrado e as aulas, e eu raramente estou em casa, agora que trabalho para a *R+R*, e em Linfield ainda menos. Neste Natal, disse-me a minha mãe toda empolgada, convenceu o meu pai a vir à cidade. Os meus irmãos até concordaram que viriam um ou dois dias, algo que insistiram que nunca mais fariam depois de se mudarem para a Califórnia (o Parker para se dedicar à escrita para televisão em Los Angeles e o Prince para trabalhar para um produtor de videojogos em São Francisco), como se, depois de assinarem o contrato de arrendamento, também se tivessem comprometido a respeitar uma rivalidade sem tréguas entre os dois estados.

Sempre que estou doente, só queria estar em Linfield. Deitada no meu quarto de infância, com as suas paredes forradas de cartazes *vintage* de viagens, com a manta de retalhos que a minha mãe fez quando estava grávida de mim apertada à volta do queixo. Queria que ela me viesse trazer sopa e um termómetro e assegurar-se de que estou a beber água e a tomar o Brufen para baixar a febre.

Naquele momento, detesto o meu apartamento minimalista. Detesto os sons da cidade que fazem ricochete nas janelas a toda a hora. Detesto a roupa de cama

cinzenta macia que escolhi e a mobília de linhas simples, uma imitação do *design* dinamarquês que comecei a acumular desde que consegui o meu Emprego de Miúda Crescida, como lhe chama o meu pai.

Quero estar rodeada de bricabraque. Quero quebra-luzes com padrões floridos estampados e almofadas desirmanadas num sofá de xadrez com as suas costas cobertas por uma manta afegã áspera. Quero arrastar-me até um velho frigorífico bege coberto de ímanes horrendos de Gatlinburg e da Ilha de Kings e de um Parque Aquático, com desenhos que fiz em pequena e fotografias de família embranquecidas pelo *flash*, e ver um gato de fralda passar à socapa, só para esbarrar numa parede que não viu.

Quero não estar sozinha, e que cada respiração não seja um esforço imenso.

Às cinco da manhã, a Swapna responde ao meu *e-mail*.

Este tipo de coisa acontece. Não te recrimines por isso. Mas tens razão quanto ao reembolso – se queres que o teu amigo use o alojamento que reservaste, podes estar à vontade. Envia-me de novo o que tinhas em termos de itinerário e nós avançamos e mandamos o Trey para fazer as fotografias. Podes ir quando estiveres melhor.

E, Poppy, quando isto acontecer outra vez (o que é inevitável), não exageres nas desculpas. Tu não controlas o teu sistema imunitário e posso garantir-te que quando os teus colegas homens têm de cancelar uma viagem, não dão qualquer tipo de indicação de que sentem que me pregaram uma partida pessoal. Não encorajes as pessoas a culparem-te por uma coisa que escapa ao teu controlo. És uma redatora fantástica, e temos sorte por poder contar contigo.

Agora, vai ao médico e desfruta de algum verdadeiro R+R. Falaremos sobre os passos seguintes quando estiveres melhor.

Provavelmente, sentir-me-ia mais aliviada se não fosse a neblina sobreposta a

todo o meu apartamento e o desconforto extremo de simplesmente existir.

Faço uma captura de ecrã do *e-mail* e envio-o ao Alex. Vai divertir-te!, escrevo. Vou tentar ir ter contigo para a segunda metade!

Nessa altura, a mera ideia de sair da cama faz-me sentir atordoada. Ponho o telemóvel de lado e fecho os olhos, deixando o sono engolir-me como a água de um poço a subir, a subir à minha volta enquanto caio por ele abaixo.

Não é um sono tranquilo, mas do tipo gélido e cheio de interrupções, em que os sonhos e as frases começam e recomeçam vezes sem conta, interrompendo-se antes de poderem descolar. Dou voltas na cama, acordando o tempo suficiente para me aperceber de que estou cheia de frio, de como tanto a minha cama como o meu corpo se tornaram desconfortáveis, só para voltar a cair em sonhos agitados.

Sonho com um gato preto gigante de olhos famintos. Persegue-me em círculos até ser demasiado difícil respirar, demasiado difícil continuar a fugir-lhe, e depois salta-me em cima, fazendo-me acordar sobressaltada durante uns segundos agitados, e começa de novo mal fecho os olhos.

Devia ir ao médico, penso ocasionalmente, mas tenho a certeza de que não consigo sentar-me na cama.

Não como. Não bebo. Nem sequer me levanto para fazer chichi.

O dia passa a girar até que abro os olhos para a luz amarelo-dourada do pôr do sol a refletir-se na janela do meu quarto, e, quando pestanejo, mudou para um azul-violeta escuro e há um martelar na minha cabeça tão real que provoca um som surdo que me envia ondas de choque pelo corpo.

Viro-me para o lado e ponho uma almofada em cima da cara, mas o martelar não cessa.

Está a ficar mais alto. Começa a soar como o meu nome, daquela maneira como os sons por vezes se transformam em música quando o cansaço é tanto que parece que estamos meio a sonhar.

«Poppy! Poppy! Poppy, estás em casa?»

O meu telemóvel chocalha na mesa de cabeceira, a vibrar. Ignoro-o, deixo-o tocar até parar. Começa de novo e depois uma terceira vez, por isso viro-me e tento ler o que aparece no ecrã, apesar da forma como o mundo parece estar a derreter,

como uma espiral de gelados de dois tons enroscados à volta um do outro.

Há dúzias de mensagens de ALEXANDER O MAIOR, mas a última diz: Estou aqui! Abre-me a porta!

As palavras não têm qualquer significado. Estou demasiado confusa para elaborar um contexto para elas, sinto demasiado frio para me preocupar com isso. Ele está a telefonar-me outra vez, mas não sei se consigo falar. Sinto a garganta demasiado apertada.

O martelar recomeça, com a voz a chamar o meu nome, e o nevoeiro dissipa-se o suficiente para todas as peças se encaixarem com perfeita claridade.

– Alex – murmuro.

– Poppy! Estás aí dentro? – berra ele do outro lado da porta.

Estou novamente a sonhar, que é a única razão pela qual penso que consigo chegar até à porta. Estou novamente a sonhar, o que significa que, provavelmente, quando chego à porta e a abro, aquele enorme gato preto vai estar ali à espera, com a Sarah Torval montada nele como num cavalo.

Mas talvez não. Talvez seja apenas o Alex e eu possa puxá-lo para dentro e...

– Poppy, por favor diz-me que estás bem! – diz ele do outro lado da porta, e eu escorrego da cama, levando o edredão com a capa de linho comigo. Ponho-o à volta dos ombros e arrasto-me até à porta com as pernas fracas como gelatina.

Tento destravar o fecho, consigo finalmente e a porta abre-se como por magia, porque é assim que os sonhos funcionam.

Só quando o vejo de pé à porta, com a mão ainda pousada no puxador, mala velha atrás de si, deixo de ter tanta certeza de que é um sonho.

– Oh, meu Deus, Poppy! – diz ele, entrando e olhando-me com atenção, com as costas frias da mão encostadas à minha testa húmida e pegajosa. – Estás a arder.

– Tu estás na Noruega – consigo dizer num murmúrio rouco.

– Decididamente, não estou. – Arrasta a mala para dentro e fecha a porta. – Quando foi a última vez que tomaste Brufen?

Abano a cabeça.

– Nada? – diz ele. – Merda, Poppy, devias ter ido ao médico.

– Não sabia como. – Soa muito patético. Tenho vinte e seis anos, um emprego a tempo inteiro e seguro de saúde, e um apartamento e um empréstimo dos estudos para pagar, e vivo sozinha na cidade de Nova Iorque, mas há algumas coisas que simplesmente não queres ter de fazer sem outra pessoa ao teu lado.

– Está tudo bem – diz o Alex, puxando-me delicadamente para junto dele. – Vamos lá meter-te outra vez na cama e ver se podemos livrar-te da febre.

– Tenho de ir fazer chichi – digo em voz de choro, e depois admito: – Talvez já tenha feito chichi na cama.

– OK – diz ele. – Vai fazer chichi. Eu procuro roupas limpas.

– Devia tomar um duche? – pergunto, porque, ao que parece, estou incapaz de tomar decisões. Preciso que alguém me diga exatamente o que fazer, como a minha mãe costumava fazer quando eu ficava em casa a ver o canal dos desenhos animados todo o dia, sem fazer nada até ela me mandar.

– Não tenho a certeza – diz ele. – Eu pesquiso no Google. Por agora, vai só fazer chichi.

Requer demasiado esforço entrar na casa de banho. Atiro o edredão para o chão e faço chichi com a porta aberta, a tremer o tempo inteiro, mas reconfortada com o som do Alex a andar pelo meu apartamento. A abrir gavetas tentando não fazer barulho. A ligar o fogão a gás, a pôr a chaleira ao lume.

Vem ver como estou depois de acabar de fazer o que quer que fosse que estava a fazer, e eu ainda estou sentada na sanita com os calções do pijama à volta dos tornozelos.

– Acho que não faz mal tomares um duche, se quiseres – diz ele, e abre a torneira. – Mas talvez não devas lavar o cabelo. Não sei se é verdade, mas a vovó Betty jura que o cabelo molhado põe uma pessoa doente. Tens a certeza de que não caís?

– Se for rápido, vou conseguir – digo, de súbito consciente de como me sinto pegajosa. Tenho quase a certeza de que fiz chichi pelas pernas abaixo. Mais tarde, é provável que isso seja humilhante, mas neste momento não me parece que haja *alguma coisa* que possa embaraçar-me. Sinto-me simplesmente tão aliviada por o ter aqui.

Ele parece indeciso por um segundo.

– Vá lá, entra no duche. Eu fico por perto, e se sentires que está a ser demais, diz-me, *OK?* – Vira-se de costas enquanto me ponho de pé a custo e dispo o pijama. Entro para a banheira e fecho a cortina, estremecendo quando a água me atinge.

– Estás bem? – pergunta ele imediatamente.

– Mm-hum.

– Eu vou ficar aqui, *OK?* – diz ele. – Se precisares de alguma coisa, basta que me digas.

– Mm-hum.

Depois de uns dois minutos, já não aguento mais. Fecho a água e o Alex passa-me uma toalha. Sinto mais frio do que nunca, agora que estou toda molhada, e saio do banho a bater o dente.

– Toma. – Envolva-me com outra toalha, como uma capa, e tenta esfregar-me os ombros para os aquecer. – Anda sentar-te no quarto enquanto mudo a roupa de cama, está bem?

Aceno com a cabeça e ele conduz-me para o cadeirão antigo de vime no canto do meu quarto.

– Onde está a roupa de cama? – pergunta ele.

Aponto para o armário.

– Na prateleira de cima.

Tira os lençóis e passa-me para as mãos umas calças de fato de treino e uma *T-shirt* dobradas. Como não tenho o hábito de dobrar as minhas roupas, suponho que ele as deve ter instintivamente dobrado quando as tirou da cómoda. Quando pego na roupa, ele vira-se intencionalmente de costas para fazer a cama e eu deixo cair a toalha no chão e visto-me.

Quando o Alex acaba de fazer a cama, afasta um canto dos lençóis e eu enfio-me entre eles, deixando que me aconchegue a roupa. Na cozinha, a chaleira começa a apitar. Ele vira-se para ir à cozinha, mas eu agarro-lhe o braço, meio inebriada com a sensação de estar quente e limpa.

– Não quero que vás.

– Volto já, Poppy – diz ele. – Preciso de te ir buscar os remédios.

Aceno com a cabeça e solto-o. Quando regressa, traz um copo de água e a sua mala do portátil. Senta-se na beira da cama e tira frascos de comprimidos e embalagens de expectorante, pondo-as em fila em cima da mesa de cabeceira.

– Não sabia bem quais eram os teus sintomas – declara.

Toco no peito, tentando explicar como sinto um aperto horrível.

– Entendido – diz ele, e escolhe uma embalagem, tira dois comprimidos e passa-mos para a mão com o copo de água.

– Comeste? – pergunta depois de eu os tomar.

– Acho que não.

Esboça um sorriso.

– Comprei umas coisas a caminho daqui para não ter de voltar a sair. Uma sopa parece-te bem?

– Porque é que és tão bom? – segredo.

Observa-me por um momento e depois debruça-se e deposita um beijo na minha testa.

– Acho que o chá já deve estar pronto.

O Alex traz-me canja de galinha e água e chá. Define alertas para quando posso tomar mais medicamentos, mede-me a temperatura a cada duas horas ao longo da noite.

Quando durmo, é sem sonhos, e, de cada vez que desperto, ele está ali, a dormir na cama ao meu lado. Boceja a acordar, olha para mim.

– Que tal estás?

– Melhor – respondo, e não tenho a certeza se é verdade num sentido físico, mas pelo menos mentalmente, emocionalmente, sinto-me de facto melhor por o ter aqui ao meu lado, e, como só sou capaz de dizer uma ou duas palavras de cada vez, não consigo explicar-lhe isso.

De manhã, ajuda-me a descer as escadas e a entrar num táxi e vamos ao médico.

Pneumonia. Tenho pneumonia. No entanto, não do tipo que é tão grave que tenha de ser hospitalizada.

– Desde que a mantenha debaixo de olho e que ela tome os antibióticos, vai ficar melhor – diz o médico ao Alex, mais do que a mim, suponho que seja porque não pareço realmente o tipo de pessoa capaz de compreender o que lhe dizem neste momento.

Quando o Alex me leva para casa, diz-me que vai ter de voltar a sair, e sinto uma imensa vontade de lhe implorar que fique, mas estou simplesmente demasiado cansada. Além disso, tenho a certeza de que precisa de uma pausa do meu apartamento e de mim depois de uma noite inteira a fazer de enfermeiro.

Regressa daí a meia hora com gelatina e gelado e ovos e mais sopa, e todo o tipo de vitaminas e de especiarias que nunca me passou pela cabeça ter em casa.

– A Betty tem muita fé no zinco – diz-me quando me traz uma mancheia de vitaminas com uma gelatina vermelha e outro copo de água. – Também me disse para pôr canela na sopa, portanto, se sabia mal, podes culpá-la a ela.

– Como é que tu estás aqui? – sai-me a custo.

– A primeira etapa do meu voo para a Noruega era Nova Iorque – diz ele.

– E então, o quê? – digo. – Entraste em pânico e saíste do aeroporto em vez de embarcares no avião seguinte?

– Não, Poppy – diz ele. – Vim cá para estar contigo.

Vêm-me imediatamente as lágrimas aos olhos.

– Eu ia levar-te a um hotel feito de gelo.

Um sorriso rápido perpassa na sua boca.

– Francamente, não sei se é a febre a falar.

– Não. – Fecho os olhos com força, sentindo as lágrimas abrirem trilhos nas minhas bochechas. – É real. Lamento tanto.

– Ei. – Afasta-me o cabelo do rosto. – Tu sabes que isso não me importa, certo? Só me importa poder passar tempo contigo. – O polegar dele traça levemente o risco molhado que me escorre pelo lado do nariz, detendo-o antes que chegue ao meu lábio superior. – Lamento que não estejas a sentir-te bem e que

estejas a perder a estadia no hotel de gelo, mas eu estou bem aqui mesmo.

Com toda a dignidade arrasada por ter tido este homem a mudar-me a roupa de cama encharcada em chichi, estendo a mão para o seu pescoço e puxo-o para mim, e ele move-se na cama ao meu lado, aproximando-se a obedecer às minhas mãos. Passa um braço à volta das minhas costas e encosta-me ao seu peito e eu passo um braço à volta da cintura dele também, e ficamos deitados ali emaranhados um no outro.

– Consigo sentir os batimentos do teu coração – digo-lhe.

– Consigo sentir os teus – diz ele.

– Desculpa ter feito chichi na cama.

Ele ri-se, aperta-me contra o peito e, nesse preciso momento, dói-me o peito com todo o amor que sinto por ele. Suponho que devo ter dito algo do género em voz alta, porque ele murmura:

– Isso deve ser a febre a falar.

Abano a cabeça e aconchego-me mais a ele até já não haver espaços entre nós. A mão dele sobe levemente para o meu cabelo e um arrepio percorre-me a espinha desde o ponto de onde os dedos começam a deslizar ao longo do meu pescoço. Dá uma sensação tão boa, num mar de sensações más, que me faz arquear um pouco as costas e apertar-lhe mais a cintura, e sinto a maneira como o ritmo dos batimentos do seu coração acelera, o que só faz com que o meu dispare para o acompanhar. A mão dele desliza para a minha coxa, e ele põe-na à volta da sua anca, e os meus dedos torcem-se contra ele, ao mesmo tempo que colo a boca ao lado do seu pescoço, onde sinto a pulsação dele bater acelerada por baixo da pele.

– Estás confortável? – pergunta numa voz pastosa, como se estarmos deitados juntos desta maneira apenas pudesse ser uma questão de alinhamento, como se estivéssemos a construir uma narrativa que nos proteja da verdade do que está a acontecer. Que, mesmo através do nevoeiro de estar doente, consigo sentir que ele me deseja como eu o desejo a ele.

– Mm-hum – murmuro. – Tu estás?

Aperta-me a coxa com mais força e acena com a cabeça.

– Estou – responde, e ficamos os dois imóveis.

Não sei quanto tempo ficamos ali deitados, mas por fim o medicamento derrota as terminações nervosas faiscantes e os alertas do meu corpo e adormeço, só para dar com ele no outro lado da cama, a uma distância de segurança, quando volto a acordar.

– Estavas a chamar pela tua mãe – diz-me.

– Sempre que estou doente, sinto falta dela – confesso.

Acena com a cabeça, prende-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

– Por vezes, também sinto.

– Falas-me sobre ela? – peço.

Ele muda de posição, soerguendo-se e encostando-se à cabeceira da cama.

– O que queres saber?

– Qualquer coisa – murmuro. – No que pensas quando pensas nela.

– Bem, eu só tinha seis anos quando ela morreu – conta, ajeitando-me o cabelo outra vez. Não argumento nem insisto para que diga mais nada, mas por fim ele continua: – Ela costumava cantar-nos quando vinha aconchegar-nos na cama à noite. E eu achava que ela tinha uma voz linda. Quero dizer, tipo, dizia aos meus coleguinhas de turma que ela era cantora. Ou que teria sido, se não tivesse ficado em casa a tomar conta dos filhos. E, sabes... – A mão dele ainda está no meu cabelo. – O meu pai não conseguia falar sobre ela. Tipo, de todo. Quero dizer, continua a não conseguir realmente sem se ir abaixo. Por isso, eu e os meus irmãos também não falávamos sobre ela. E quando eu tinha uns catorze, quinze anos, ia à casa da vovó Betty para limpar as caleiras e cortar o relvado e coisas do género, e ela via aqueles vídeos caseiros antigos da minha mãe.

Examino-lhe o rosto, a maneira como os lábios cheios se torcem e os olhos refletem os raios da luz que vêm da rua, de tal forma que quase parece iluminado por dentro.

– Nós nunca fazíamos isso em minha casa – conta. – Eu nem sequer conseguia lembrar-me de como era a voz dela. Mas vimos um vídeo dela comigo ao colo em bebé. A cantar uma canção antiga da Amy Grant. – Vira os olhos para mim e o sorriso acentua-se num canto da boca. – E a voz dela era horrível.

– Até que ponto era horrível, dirias? – pergunto.

– Suficientemente má para a vovó Betty tirar o som para não ter um ataque cardíaco de tanto rir – diz ele. – E via-se que a minha mãe sabia que cantava mal. Quero dizer, ouvia-se a vovó Betty rir-se enquanto filmava, e a minha mãe lançava uns olhares por cima do ombro com um sorriso, mas não parou de cantar. Acho que penso muito nisso.

– Parece o meu tipo de pessoa – digo.

– Ao longo da maior parte da minha vida – diz ele –, ela tem parecido uma espécie de papão, sabes? Como se o papel mais importante que desempenhou na minha vida tivesse sido o de como o meu pai ficou desfeito por a ter perdido. Como ficou assustado por ter de nos criar sozinho.

Aceno com a cabeça; faz sentido.

– Muitas vezes, quando penso nela, é tipo... – Faz uma pausa. – Ela é mais uma espécie de aviso do que uma pessoa. Mas quando penso naquele vídeo, penso nas razões pelas quais o meu pai a amava tanto. E isso dá uma sensação melhor. Pensar nela como pessoa.

Ficamos em silêncio durante algum tempo. Estendo a mão e envolvo a do Alex.

– Ela devia ser uma pessoa espantosa – digo –, para fazer uma pessoa como tu.

Aperta-me a mão, mas não diz nem mais uma palavra, e acabo por voltar a adormecer.

Os dois dias seguintes passam numa névoa, e depois começo a recuperar. Não voltei ao normal, mas sinto-me mais desperta, mais leve, com a cabeça mais desanuviada.

Não há mais abraços intensos; limitamo-nos a ver uma grande quantidade de desenhos animados antigos, juntos na cama, sentar-nos nas escadas de incêndio de manhã enquanto tomamos o pequeno-almoço, tomar comprimidos quando soa o alarme no telemóvel do Alex e beber chá no sofá à noite com uma *playlist* de «música folclórica tradicional norueguesa» a tocar em pano de fundo.

Passam quatro dias. Depois cinco. E depois já estou suficientemente recuperada para, em teoria, poder viajar, mas é demasiado tarde, e não se fala mais

disso. Também não voltamos a tocar um no outro, exceto o ocasional roçar de um braço ou de uma perna ou uma mão estendida instintivamente do outro lado da mesa para me impedir de deixar escorrer no queixo o que estou a beber. À noite, porém, quando o Alex está deitado do outro lado da minha cama, fico acordada durante horas a ouvir a sua respiração entrecortada, sentindo que somos dois ímanes a tentar desesperadamente juntar-se.

Lá no fundo, sei que não é boa ideia. A febre baixou-me as defesas, e as dele também, mas, bem vistas as coisas, eu e o Alex não fomos feitos um para o outro. Pode haver amor e atração e história entre nós, mas isso só significa que há mais a perder se tentarmos levar esta amizade para um lugar onde ela não pertence.

O Alex quer casar e ter filhos e uma casa num lugar, e quer tudo isso com alguém como a Sarah. Alguém que possa ajudá-lo a construir a vida que perdeu quando tinha seis anos.

E eu quero uma vida sem amarras, de viagens espontâneas e novos relacionamentos empolgantes, estações diferentes com pessoas diferentes, e, muito possivelmente, sem nunca assentar. A nossa única esperança de mantermos esta relação é através da amizade platónica que sempre tivemos. Aqueles cinco por cento têm vindo a aumentar insidiosamente ao longo dos anos, mas chegou o momento de os empurrar para baixo. De esmagar o *e se*.

No fim da semana, quando o levo ao aeroporto, dou-lhe o abraço mais casto que consigo, apesar de a maneira como ele me levanta e me aperta contra o peito me fazer sentir aquele mesmo arrepio de arquear as costas e de se acumular um calorzinho em todos os lugares do meu corpo que ele nunca tocou.

– Vou sentir a tua falta – diz ele num murmúrio rouco junto à minha orelha, e forço-me a recuar até uma distância sensata.

– Eu também.

Penso nele durante toda a noite, e, quando sonho, ele está a puxar-me a coxa por cima da perna dele, a roçar as ancas contra as minhas. De cada vez que está quase a beijar-me, acordo.

Não falamos nos quatro dias seguintes, e quando ele finalmente me envia um sms, é apenas uma fotografia da sua minúscula gata preta sentada num exemplar

aberto de *Sangue Sábio*, de Flannery O'Connor.

Destino, escreve ele.

De pé na varanda, com os nossos corpos encharcados pela chuva quente, o seu olhar suave, sinto que o último vestígio de autocontrolo se esvai de mim, levado juntamente com o calor do deserto e a sujidade do dia. Não resta mais nada a não ser eu e o Alex.

Os seus lábios fecham-se e voltam a abrir-se, os meus imitam os dele, e sinto o seu hálito quente contra a minha boca. Cada respiração entrecortada minha nos aproxima um pouco mais até que a minha língua roça o seu lábio inferior humedecido pela chuva e depois ele posiciona-se para apanhar a minha boca um bocadinho mais com a sua.

Uma fração de um beijo. E depois outro, um pouco mais cheio. Torço as mãos no cabelo dele, há um silvo de respiração entre os seus dentes e depois outro roçar de lábios, mais profundo, mais lento, cuidadoso e atento, e sinto que estou a derreter contra o seu corpo. Trémula e apavorada e extasiada e todos os cambiantes entre essas sensações enquanto as nossas bocas se afundam uma na outra e se afastam, com a língua dele a deslizar sobre a minha por um segundo, depois um pouco mais fundo, os meus dentes prendendo-se na parte mais cheia do seu lábio inferior, as mãos dele a descenderem sobre as minhas ancas, o meu peito a arquear-se para o dele enquanto as minhas mãos deslizam sobre o seu pescoço molhado.

Aproximamo-nos e afastamo-nos, os pequenos espaços e as respirações breves e entrecortadas quase tão inebriantes como cada sabor, prova, raspão da boca escorregadia da chuva a mover-se sobre a minha. Recua, deixa a boca a pairar sobre a minha, onde posso ainda sentir-lhe o hálito.

– Está bem assim? – pergunta-me num murmúrio.

Se eu conseguisse falar, dir-lhe-ia que é o melhor beijo de toda a minha vida. Que não sabia que simplesmente beijar podia ser assim tão bom. Que podia ficar *simplesmente* a curtir com ele durante horas e que seria melhor do que o melhor sexo que alguma vez fiz.

Mas não consigo pensar com a clareza suficiente para dizer nada disto. A minha cabeça está demasiado ocupada com as mãos dele a agarrarem-me o rabo e

com a sensação do peito a espalmar o meu, da sua pele molhada e das roupas finas e encharcadas entre nós, por isso limito-me a acenar com a cabeça e a prender-lhe o lábio inferior entre os meus dentes mais uma vez, e ele vira-me para a parede de estuque, encosta-me a ela e começa a beijar-me com mais ímpeto.

Uma das suas mãos agarra-me a bainha da *T-shirt* e torce-a, e a outra desliza pela minha barriga acima.

– E isto? – pergunta.

– Sim – suspiro.

A mão sobe mais, enfia-se por baixo do *top* do biquíni, fazendo-me estremecer.

– Isto? – diz ele.

Sustenho a respiração e o meu coração tropeça num batimento quando os dedos começam a traçar círculos levemente. Aceno com a cabeça e puxo-lhe as ancas contra as minhas. Está duro entre as minhas pernas e fico instantaneamente um pouco atordoada.

– Penso em ti a toda a hora – diz ele, e beija-me lentamente, arrasta a boca pelo meu pescoço abaixo, deixando no seu rasto pele de galinha. – Penso nisto.

– Eu também – confesso num murmúrio. A boca avança para o meu peito, beijando-me através da *T-shirt* molhada ao mesmo tempo que as suas mãos levantam o algodão acima das minhas ancas, das costelas e depois dos meus ombros. Ele afasta-se apenas o suficiente para me puxar a *T-shirt* pela cabeça e a atirar para o meio do plástico cortado.

– A tua também – digo, com o coração aos saltos. Estendo a mão para a bainha da *T-shirt*, dispo-lha pela cabeça. Quando a atiro para o lado, ele tenta aproximar-se de mim, mas detenho-o por um segundo.

– Queres parar? – pergunta, e os seus olhos estão escuros.

Abano a cabeça.

– Eu só... nunca tenho oportunidade de olhar para ti assim.

O canto da sua boca estremece num sorriso.

– Podias ter olhado sempre – diz ele em voz baixa. – Só para que saibas.

– Bem, tu também podias – diz ele.

– Confia em mim – diz ele. – Olhei.

E depois puxo-o contra mim e ele levanta-me a coxa contra a sua anca e entrego os dedos nas suas costas largas, os dentes no pescoço dele, e as suas mãos acariciam-me o peito, o rabo. A boca desce pelas minhas clavículas, deslizando por baixo do biquíni, os dentes cuidadosos no meu mamilo, e sinto-o através dos calções, e depois meto a mão dentro deles, adorando como fica tenso e se move. Puxo-lhe os calções para baixo e fico com a boca seca quando o sinto de encontro a mim.

– Merda – digo, com um pensamento que me atinge como um balde de água fria –, deixei de tomar a pílula.

– Se serve de alguma coisa – diz ele –, fiz uma vasectomia.

Recuo, chocada, já fora do momento.

– Tu o *quê*?

– São reversíveis – diz ele, corando pela primeira vez desde que começámos isto. – E tomei... precauções, para o caso de querer ter filhos e a reversão não resultar. Normalmente, resultam, mas... de qualquer maneira, eu só... não queria engravidar alguém acidentalmente. Mas continuo a tomar todas as precauções... não é como se eu... Porque é que estás a olhar assim para mim?

Sabia que o Alex era uma pessoa providente. Sabia que era extremamente cauteloso e a pessoa mais atenciosa e cortês à face da Terra. Mas, mesmo assim, surpreende-me que tudo isso culminasse *nesta* decisão importante. Faz com que sinta o coração como um músculo dorido, todo ele calor e ternura dolorosa, porque é tão típico *dele*. Aperto os braços à volta da sua cintura, esmago-o contra mim.

– É só que... é claro que fizeste isso – digo. – Para além dos limites da cautela e da consideração pelos outros. És um príncipe, Alex Nilsen.

– Mm-hum – diz ele, com uma expressão ao mesmo tempo divertida e nada convencida.

– Estou a falar a sério – digo, apertando-o mais. – És incrível.

– Podemos arranjar um preservativo, se quiseres – diz ele. – Mas eu não estou... não há mais ninguém.

Tenho a certeza de que estou a corar agora e talvez a sorrir ridiculamente.

– Não é preciso – digo. – Somos só nós.

O que quero dizer é que se há alguém com quem eu faria isto, é com ele. Se há uma pessoa em quem confie verdadeiramente, de quem queira tudo desta maneira, é ele.

Mas é como o digo: *Somos só nós*. E ele repete as minhas palavras, como se soubesse exatamente o que quero dizer, e depois estamos no chão, num mar de plástico descartado, e ele está a arrancar-me a parte de cima do biquíni, a despir-me a parte de baixo também, a colar a boca entre as minhas pernas, a agarrar-me o rabo nas mãos, a fazer-me arquejar e erguer-me contra ele quando a sua língua me provoca.

– Alex – imploro, entrelaçando as mãos no seu cabelo –, para de me fazer esperar por ti.

– Deixa de ser impaciente – diz ele na brincadeira. – Eu esperei doze anos. Quero que isto dure.

Um arrepio percorre-me a espinha e arqueio as costas. Finalmente, ele rasteja por mim acima, as mãos emaranhadas no meu cabelo, percorrendo-me a pele com os lábios, e entra em mim devagar. Encontramos o nosso ritmo juntos, e a sensação é tão boa, tão elétrica, tão certa que não quero acreditar no tempo que desperdiçámos a não fazer isto. Doze anos de amor de segunda quando, durante todo esse tempo, era assim que devia ser.

– Céus, como é que és tão bom nisto? – digo, e a sua gargalhada raspa-me a orelha ao mesmo tempo que me beija por trás dela.

– Porque te conheço – diz ternamente –, e lembro-me de como soas quando gostas de alguma coisa.

Tudo em mim se retesa em ondas. Cada movimento das mãos dele, cada impulso ameaça desmanchar-me.

– Podia fazer sexo contigo até morrer – digo ofegante.

– Ótimo – diz ele, e move-se um pouco mais rapidamente, com mais força, e o prazer intenso faz-me contrair-me e praguejar e mexer-me para acompanhar o seu ritmo.

– Amo-te – sussurro sem querer. Penso que queria dizer *Amo fazer sexo contigo* ou *Amo o teu corpo espantoso*, ou talvez quisesse mesmo dizer *Amo-te*, da mesma maneira que lho digo sempre quando ele tem um gesto atencioso, mas isto é um pouco diferente, porque estamos a fazer sexo, e fico com o rosto quente e não sei como remediar a situação, mas depois o Alex senta-se e puxa-me para o seu colo, apertando-me a si enquanto entra em mim de novo, devagar, fundo, com força, e diz:

– Eu também te amo.

E, de repente, sai-me o peso de cima do peito, o nó no estômago desfaz-se e qualquer embaraço ou receio se evapora. Não resta mais nada a não ser o Alex.

As mãos ásperas do Alex a enfiarem-se delicadamente pelo meu cabelo.

As costas largas do Alex a ondularem sob os meus dedos.

As ancas aguçadas do Alex a moverem-se lentamente, intencionalmente contra as minhas.

O suor e a pele e as gotas de chuva do Alex na minha língua.

Os seus braços perfeitos a agarrarem-me, a manterem-me ali, contra ele, enquanto nos balouçamos e nos agarramos.

Os seus lábios sensuais a puxarem-me a boca, a abri-la para me saborear enquanto nos aproximamos e nos afastamos, encontrando novas maneiras de nos tocarmos e de nos beijarmos de cada vez que voltamos a juntar-nos.

Beija-me o queixo, o pescoço, o ombro, com a língua quente e cuidadosa contra a minha pele. Toco e saboreio cada linha dura e cada curva suave dele a que consigo chegar, e ele estremece sob as minhas mãos, a minha boca.

Deita-se para trás e puxa-me para cima de si, e é a parte melhor, porque vejo tanto dele, vou a todos os lugares que quero.

– Alex Nilsen – digo, ofegante. – És o homem mais *sexy* de todo o mundo.

Ele ri-se, igualmente ofegante, e beija-me um lado do pescoço.

– E tu amas-me.

O meu estômago estremece.

– Amo-te – murmuro, desta vez de propósito.

– Eu amo-te tanto, Poppy – diz ele, e, de alguma maneira, por si só, o som da sua voz faz-me perder o controlo e fico à mercê dos meus sentimentos. Nós estamos juntos.

E não sei o que fizemos, que reação em cadeia poderemos ter desencadeado, em que resultará tudo isto, mas naquele momento não consigo pensar em mais nada a não ser no amor esmagador que há entre nós.

dedos estão a percorrer.

– Isto teria acontecido mesmo que o Nikolai nunca tivesse nascido. Talvez só não tivesse acontecido nesta varanda.

Sento-me e passo um joelho por cima da cintura dele, instalando-me no seu colo.

– Sinto-me contente por ter acontecido.

Passa as mãos pelas minhas coxas acima e forma-se um calor novamente entre as minhas pernas.

É quando ouvimos umas pancadas fortes na porta.

– ESTÁ ALGUÉM EM CASA? – berra um homem. – É O NIKOLAI. VOU ENTRAR.

– Espere um segundo! – grito e saio de cima do Alex, pegando na *T-shirt* molhada.

– Merda – diz o Alex, procurando os calções de banho na confusão dos plásticos.

Encontro o maço de tecido preto e atiro-lho, e de seguida puxo a *T-shirt* para baixo a tapar as coxas no momento em que a porta começa a abrir-se.

– Eiiiiii, Nikolai! – digo, demasiado alto, desviando-o da varanda antes que possa ver o Alex Literalmente Nu ou o plástico rasgado.

O Nikolai é baixo e careca e está vestido com uma indumentária castanha da cabeça aos pés – camisa de golfe ao estilo dos anos setenta, calças com pregas, *mocassins*. Estende-me uma mão gorducha.

– Deve ser a Poppy.

– Sim, olá. – Aperto-lhe a mão e aguento um contacto visual intenso, na esperança de dar ao Alex uma oportunidade de se vestir discretamente na varanda quase às escuras.

– Olhe, receio bem que sejam más notícias – diz ele. – O ar condicionado está avariado.

Não me diga, contendo-me a custo para não dizer.

– Não só neste apartamento, mas em toda esta ala – diz ele. – Virá cá alguém logo de manhã cedo, mas sinto muito pelo atraso.

O Alex aparece ao meu lado. Neste momento, o Nikolai parece dar-se conta de que estamos os dois encharcados e desalinhados, mas, por sorte, não faz nenhum comentário.

– Seja como for, sinto *mesmo*, mesmo muito – repete. – Pensei que vocês os dois só estavam a ser difíceis, para ser franco, mas quando cheguei aqui... – Puxa o colarinho da camisa e estremece.

– Seja como for, vou reembolsar-vos pelos últimos três dias e... bem, hesito em dizer-vos que voltem amanhã, para o caso de o problema não se resolver.

– Está bem! – digo. – Se reembolsar toda a estadia, encontramos outro lugar onde ficar.

– Têm a certeza? – diz ele. – O alojamento pode ficar bastante caro quando se reserva à última hora.

– Nós cá nos arranjamos – insisto.

O Alex bate-me com o braço nas costas.

– A Poppy é especialista em viajar barato.

– Ai é? – O Nikolai parece muito pouco interessado. Tira o telemóvel do bolso e começa a escrever com um dedo. – O reembolso está feito. Não sei quanto tempo demorará, por isso informem-me se houver algum problema.

Vira-se para ir embora, mas gira nos calcanhares.

– Quase me tinha esquecido... Encontrei isto no capacho à entrada. – Entregamos um papel dobrado a meio. Numa letra cursiva floreada, diz na frente «PARA OS RECÉM-CASADOS» com uns vinte e cinco coraçõezinhos desenhados à volta.

– Parabéns pelas núpcias – diz o Nikolai, e sai.

– O que é? – pergunta o Alex.

Desdobro o papel. É um vale da Groupon impresso em tinta preta de má qualidade. No cimo, escrito na margem com a mesma letra da frente, há uma mensagem.

Esperamos que não achem sinistro que tenhamos adivinhado em que apartamento estavam! Pensámos que talvez tivéssemos ouvido os sons de paixão virem deste. ;) E o Bob também disse

que vos viu sair esta manhã (estamos três portas abaixo). De qualquer maneira! Temos de partir cedo para a próxima etapa das nossas férias (Joshua Tree! Uau! Sinto-me como uma celebridade só de escrever isso!) e, infelizmente, não chegámos a ter oportunidade para usar isto. (Mal saímos do quarto – vocês os dois devem saber como é, LOL). Espero que tenham um resto de viagem fantástico!

Beijinhos dos vossos fada-padrinhos, Stacey & Bob

Pisco os olhos a olhar para o vale, atordoada.

– É um passe de cem dólares – digo. – Para um *spa*. Acho que li qualquer coisa sobre este sítio. Parece que é incrível.

– Uau – diz o Alex. – Estou a sentir-me um bocado culpado por nem sequer me ter lembrado do nome deles.

– Não se dirigiram a nós diretamente – lembro-lhe. – Duvido que soubessem o nosso.

– E, no entanto, deram-nos isto, mesmo assim – diz o Alex.

– Pergunto-me se haverá uma maneira de criarmos uma amizade duradoura com eles, de ficarmos incrivelmente íntimos, fazermos viagens com eles, tudo isso, e mesmo assim evitarmos que alguma vez descubram como nos chamamos. Só por diversão.

– Podíamos, sem dúvida – diz o Alex. – Só tens de prolongar a situação o suficiente para ser demasiado embaraçoso perguntar. Tive muitos «amigos» assim na faculdade.

– Oh, meu Deus, sim, e depois tens de usar aquele truque em que perguntas a duas pessoas se foram apresentadas e esperas que elas digam o nome.

– Só que, por vezes, elas simplesmente dizem que sim – comenta o Alex. – Ou dizem que não, mas ficam à espera de que *tu* as apresentes.

– Talvez eles estejam a fazer exatamente a mesma coisa – digo. – Talvez aquelas pessoas nem sequer se lembrem dos seus próprios nomes.

– Bem, duvido que alguma vez venha a esquecer a Stacey e o Bob – diz o Alex.

– Eu duvido que venha a esquecer muita coisa sobre esta viagem – digo. – Exceto a loja dentro do dinossauro. Essa posso esquecer, se precisar de espaço para coisas mais importantes.

O Alex sorri-me.

– Concordo.

Depois de um momento embaraçoso de silêncio, digo:

– Então? Devíamos procurar um hotel?

O hotel Larrea Palm Springs custa setenta dólares por noite no verão, e, mesmo no escuro, parece um desenho feito por uma criança com marcadores. Digo-o como elogio.

O exterior é uma explosão de cores – cabanas da piscina em amarelo-banana, espreguiçadeiras vermelho-molho de piri-piri à volta da água, cada bloco de três andares pintado num tom diferente de cor-de-rosa, vermelho, roxo, amarelo, verde.

O quarto em que entramos é igualmente berrante: paredes, cortinas e mobília cor de laranja, alcatifa verde, roupa de cama às riscas a condizer com o exterior do edifício. O mais importante é que está muito frio.

– Queres tomar banho primeiro? – pergunta o Alex mal entramos. Compreendo nesse momento que durante toda a viagem até aqui, e antes ainda, quando estávamos a fazer as malas e a arrumar o apartamento do Nikolai, o Alex estava à espera de se lavar, contendo o impulso de dizer uma e outra vez «meu Deus, preciso mesmo de um duche», enquanto tudo o que me passava pela cabeça era o que tinha acontecido na varanda, a sentir um calor por todo o corpo.

Não quero que o Alex vá tomar um duche neste momento. Quero entrar no chuveiro com ele e curtir mais um bocado.

Mas também me lembro de que me confidenciou em tempos que detestava sexo no duche (pior do que sexo ao ar livre), porque, quando estava no chuveiro, a única coisa que queria era sentir-se limpo, o que era difícil com o cabelo e a sujidade de outra pessoa a escorrer por ele abaixo, enquanto a parte do sexo era igualmente problemática, porque havia constantemente sabonete nos olhos ou roçava na parede e pensava quando teria sido a última vez que os azulejos tinham sido limpos, etc., etc., etc.

Por isso, limito-me a dizer: «Vai lá!» e o Alex acena com a cabeça, mas hesita, como se talvez fosse dizer alguma coisa, mas acaba por decidir não dizer e desaparece para dentro da casa de banho para tomar um duche quente prolongado.

Tanto a minha *T-shirt* como o meu cabelo secaram e, quando me sento na varanda (não envolta em plástico) do nosso novo quarto, apercebo-me de que

também já está quase seca.

Qualquer sinal da chuva que abrandou o calor desapareceu, como se nunca tivesse acontecido.

Só que sinto os lábios pisados e o corpo mais relaxado do que em toda a semana. E o ar também está mais leve, fresco até com uma brisa.

– Todo teu – diz o Alex atrás de mim.

Quando me viro, ele está ali de pé com a tolha à volta da cintura, brilhante de limpo e perfeito. A minha pulsação fica acelerada quando o vejo, mas, como tenho noção de como estou imunda, contenho o meu desejo, levanto-me e digo:

– Fixe! – demasiado alto.

Para ser franca, não gosto de tomar banho.

De me sentir limpa, sim. De estar no duche, também. Mas tudo o que implica, ter de escovar o cabelo cheio de riças antes, sair para um tapete foleiro ou ladrilhos, secar-me, voltar a pentear o cabelo – detesto tudo isso, o que quer dizer que sou de três duches por semana, enquanto o Alex é de um a dois por dia.

Mas tomar este duche, depois da semana que tivemos até este momento, é um luxo absoluto.

Estar debaixo de água quente, quente, numa casa de banho fria, fria, a ver sujidade e imundície legítimas escorrerem de mim e rodopiarem à volta do ralo em espirais cinzentas cintilantes dá vida. Massajar champô com aroma de coco no couro cabeludo e um produto de limpeza com aroma de chá verde no rosto e passar uma lâmina baratucha nas pernas dá uma sensação *divinal*.

É o duche mais demorado que tomo há meses, e quando finalmente saio da casa de banho a sentir-me uma mulher nova, o Alex está ferrado no sono numa das camas, em cima da roupa, com todas as luzes ainda acesas.

Por um segundo, debato em que cama me deitar. Em geral, adoro poder estender-me numa cama grande nestas viagens, mas uma grande porção de mim sente vontade de se enroscar ao lado do Alex, de adormecer com a cabeça no ombro dele, onde posso cheirar o seu cheiro limpo a bergamota, talvez até sonhar com ele.

Por fim, no entanto, decido que seria demasiado abusivo partir do princípio de

que ele quer partilhar uma cama comigo só porque curtimos.

Na última vez que aconteceu alguma coisa entre nós, não houve cá partilha de cama depois. Houve apenas caos.

Estou decidida a que isto não termine dessa maneira. Independentemente do que aconteceu ou do que aconteça entre nós nesta viagem, não vou deixar que dê cabo da nossa amizade. Não vou fazer deduções sobre o que isto significa ou impor quaisquer expectativas ao Alex.

Cubro-o com a manta às riscas, apago as luzes e subo para a cama vazia ao lado da dele.

Olá, escreve-me o Alex na noite antes de partirmos para a Toscana. Olá para ti também, respondo.

Podemos falar por um minuto? Só queria finalizar umas coisas.

Penso imediatamente que vai telefonar para cancelar. O que não faz sentido.

Pela primeira vez em anos, estão reunidas as condições para fazermos uma viagem livre de tensões. Estamos ambos em relacionamentos sérios, a nossa amizade está melhor do que nunca e eu nunca me senti tão feliz na minha vida.

Três semanas após o desastre da pneumonia, conheci o Trey. Um mês depois disso, o Alex e a Sarah reataram o namoro – ele diz que desta vez é melhor, que agora estão em sintonia. E, o que é quase tão importante como isso, desta vez ela parece ter começado finalmente a gostar de mim, e, nas poucas vezes em que o Alex e o Trey se viram, também se deram bem. Por isso, e mais uma vez, como sempre, sinto-me absolutamente extasiada por eu e o Alex nunca termos deixado que acontecesse alguma coisa entre nós.

Começo a responder-lhe de imediato, mas decido simplesmente telefonar-lhe da cadeira desdobrável na minha varanda, já que estou sozinha em casa. O Trey ainda está no Good Boy Bar, que fica mais acima na rua do meu novo apartamento, mas eu vim mais cedo para casa depois de um acesso de náusea, um sinal de aviso de uma enxaqueca iminente que preciso de combater antes do nosso voo.

O Alex atende ao segundo toque, e eu digo:

– Está tudo bem?

Ouço o som do sinal de mudança de direção. *OK*, então talvez estejamos de volta a ele ter de me telefonar do carro, a caminho de casa depois de ter ido ao ginásio, mas as coisas parecem realmente estar melhor. Para começar, enviaram-me um postal de aniversário assinado pelos dois. E um postal de Natal. Ela não só começou a seguir-me no Instagram, como também põe «gosto» nas minhas fotografias – até comenta com coraçõezinhos e emojis sorridentes em algumas.

Por isso, pensei que as coisas estavam bem, mas agora o Alex salta

diretamente por cima do *olá* e vai direto a:

– Não estamos a cometer um erro, pois não?

– Hum – digo –, o quê?

– Quero dizer, uma viagem de casais. É um bocado intenso.

Suspiro.

– Em que sentido?

– Não sei. – Deteto a ansiedade na voz dele, imagino-o a fazer um esgar, a puxar o cabelo. – O Trey e a Sarah só se viram uma vez.

Na primavera, eu e o Trey fomos a Linfield para ele conhecer os meus pais. O meu pai não ficou bem impressionado com as tatuagens e os buracos nas orelhas do Trey, causados pelos alargadores que pôs aos dezassete anos, nem com a maneira como dá a volta às perguntas do meu pai ou com o facto de não ter uma licenciatura.

Mas a minha mãe ficou bem impressionada com os modos dele, que são realmente impecáveis. Embora eu pense que, para ela, teve mais que ver com a justaposição do aspeto do Trey com a sua maneira simples e calorosa de dizer coisas como «Excelente bolo de gomas, Mrs. Wright!» e «Posso ajudá-la a lavar a louça?»

No fim daquele fim de semana, ela já tinha decidido que ele era um jovem muito simpático, e quando me escapuli para o *deck* para saber a opinião do meu pai enquanto o Trey e a minha mãe estavam dentro de casa a cortar fatias do bolo com bolinhas de açúcar coloridas na massa, o meu pai olhou-me nos olhos, acenou solenemente com a cabeça e disse:

– Suponho que a ti te pareça adequado. E é óbvio que te faz feliz, Pop. É tudo o que me importa.

Ele faz-me feliz, de facto. Muito feliz. E é adequado a mim. Assustadoramente. Quer dizer, trabalhamos juntos. Passamos praticamente todo o dia juntos, no escritório ou à volta do mundo, mas também somos os dois independentes, tipo, temos cada um o seu apartamento, os seus amigos. O Trey e a Rachel dão-se bem, mas, quando não estamos os dois em viagem, convive na maior parte do tempo com os seus amigos do *skate* enquanto eu e a Rachel vamos

experimental um novo lugar para um *brunch*, lemos no parque ou nos esfregam o corpo inteiro até quase o esfolar no nosso *spa* coreano favorito.

Depois de dois dias em Linfield, já nos sentíamos os dois um pouco nervosos, mas ele não se importou com a confusão e *gostou* do zoo de animais moribundos, e aderiu imediatamente quando fizemos um Espetáculo de Novos Talentos por Skype com o Parker e o Prince.

Mesmo assim, depois de tudo o que tinha acontecido com o Guillermo – e praticamente todas as outras pessoas no mundo inteiro –, sentia-me nervosa e cheia de vontade de ir embora de Linfield antes que alguma coisa assustasse e desmotivasse o Trey, e por isso provavelmente teríamos regressado mais cedo, se não fosse o facto de que o Mr. Nilsen fazia sessenta anos e o Alex e a Sarah vinham visitá-lo de surpresa. Tínhamos combinado que nós os quatro iríamos jantar fora antes da festa.

– Estou tão empolgado com a ideia de conhecer este tipo – estava sempre a dizer o Trey de cada vez que eu recebia um novo sms do Alex e, de cada vez, aquilo punha-me os nervos um bocadinho mais em franja. Sentia-me ferozmente protetora... só não sabia bem de qual dos dois.

– Dá-lhe só uma oportunidade – fartava-me de dizer. – Ele demora um bocado a abrir-se.

– Eu sei, eu sei – insistia o Trey. – Mas sei quanto ele significa para ti, por isso vou gostar dele, P. Prometo.

O jantar foi razoável. Quero dizer, a comida estava ótima (mediterrânica), mas a conversa podia ter sido melhor. Não pude deixar de pensar que o Trey aparentou ser um pouco gabarola quando o Alex lhe perguntou o que tinha estudado, mas eu sabia que o facto de não ter um curso lhe causava um certo complexo de inferioridade e desejei que houvesse uma maneira fácil de o dar a entender ao Alex quando o Trey se lançou na história de como tudo tinha acontecido.

De como tinha pertencido a uma banda de *heavy metal* durante todo o secundário em Pittsburgh. De como tinham partido em digressão quando ele tinha dezoito anos, com a proposta de serem o número de abertura na digressão de uma banda *muito* mais importante. O Trey era um baterista espantoso, mas o que

realmente adorava era fotografia. Quando a sua banda se desfez, depois de quatro anos de digressões quase constantes, arranjou emprego a tirar fotografias na digressão de uma outra banda. Adorava viajar, conhecer pessoas, ver novas cidades. E à medida que esses contactos aumentavam, outras propostas de trabalho iam aparecendo. Passou a trabalhar por conta própria, a dado momento começou a trabalhar para a *R+R* e por fim a revista integrou-o no quadro.

Terminou o seu monólogo pondo um braço à volta do meu ombro e dizendo:

– E depois conheci a P.

A expressão momentânea no rosto do Alex foi tão subtil que tive a certeza de que o Trey não reparou nela. Talvez a Sarah também não tivesse reparado, mas, para mim, foi como a sensação de um canivete espetado no meu umbigo e arrastado para cima uns doze ou quinze centímetros.

– Que fofiiinho – diz a Sarah na sua voz melosa, e, provavelmente, a expressão do meu rosto alterou-se *muito* mais.

– O mais engraçado – disse o Trey – é que estava previsto que nos conhecêssemos antes. Eu estava destacado para aquela viagem à Noruega com vocês os dois. Antes de ela adoecer.

– Uau. – Os olhos do Alex viraram-se por um instante para os meus e de seguida baixaram-se para o copo de água à sua frente. O copo estava a transpirar tanto como eu. O Alex pegou nele, bebeu devagar, pousou-o. – Isso *é* engraçado.

– Seja como for – diz o Trey, embaraçado. – E tu? O que estudaste?

O Trey sabia exatamente o que o Alex tinha estudado (ainda andava a estudar), mas calculei que, formulando-o como uma pergunta, estava a dar ao Alex uma oportunidade de falar mais sobre si mesmo.

Em vez de o fazer, o Alex bebeu mais um gole de água e disse apenas:

– Escrita criativa e depois literatura.

Tive de ficar sentada a ver o meu namorado esforçar-se por encontrar uma pergunta de seguimento apropriada, desistir e voltar a estudar a ementa.

– Ele é um escritor espantoso – disse eu, embaraçada, e a Sarah mexeu-se no lugar.

– Pois é – disse ela, num tom tão ácido que seria de pensar que eu tinha

acabado de dizer: «O Alex Nilsen tem um corpo incrivelmente *sexy*!»

Depois do jantar, fomos à festa na casa da vovó Betty e as coisas melhoraram um pouco. Os irmãos brincalhões do Alex estavam ansiosos por conhecer o Trey e bombardearam-no com todo o tipo de perguntas sobre a banda e a *R+R* e se eu ressonava.

– O Alex sempre se recusou a contar-nos – disse o mais novo, o David –, mas suponho que a Poppy soa como uma metralhadora quando dorme.

O Trey riu-se e levou tudo numa boa. Nunca é ciumento. Nenhum de nós pode sê-lo: temos os dois uma forte tendência para namoriscar. Parece estranho, mas adoro isso nele. Adoro vê-lo ir ao balcão de um bar buscar-me uma bebida e ver como as empregadas sorriem e riem, se debruçam no balcão para lhe fazer olhinhos. Adoro vê-lo usar o seu encanto em todas as cidades aonde vamos e também adoro que, quando está ao meu lado, esteja sempre a tocar-me: um braço à volta dos meus ombros, uma mão no fundo das minhas costas ou a puxar-me para o seu colo quando estamos em casa sozinhos em vez de a jantar num restaurante de cinco estrelas.

Nunca me senti tão segura e com tanta certeza de que estou em sintonia com alguém.

Na festa, ele estava sempre a tocar-me, e o David pôs-se a gozar-nos por causa disso.

– Não pensas que ela vai fugir se a largares, pois não? – disse ele na brincadeira.

– Oh, decididamente vai fugir – disse o Trey. – Esta rapariga não consegue ficar quieta mais do que cinco minutos. É uma das coisas que adoro nela.

A festa era a primeira vez, desde há muito tempo, em que todos os irmãos do Alex se encontravam no mesmo lugar, e eram tão animados e amorosos como os recordava de quando eu e o Alex tínhamos dezanove anos, regressados da universidade e encarregados de os levar aos sítios no carro do seu irmão mais velho, porque nenhum deles tinha ainda carro e o pai deles era uma doçura de um senhor, mas também esquecido e pouco fiável, incapaz de se lembrar de quem precisava de estar onde e quando.

Enquanto o estado normal do Alex era de calma e moderação, os seus irmãos eram o tipo de rapazes que nunca paravam de guerrear ou de pregar partidas uns aos outros. Embora alguns já tenham filhos, continuavam a comportar-se dessa maneira na festa.

Os pais tinham-lhes dado o nome por ordem alfabética. O Alex primeiro, depois o Bryce, o Cameron, o David, e, estranhamente, também o tamanho é ascendente. O Alex é o mais alto e mais espadaúdo, o Bryce igualmente alto, mas delgado e com os ombros estreitos, o Cameron uns bons centímetros mais baixo e entroncado. E depois o David, que mede mais dois centímetros e meio do que o Alex e tem a constituição de um atleta profissional.

São todos bonitos, com tonalidades variadas de cabelo louro e olhos cor de avelã parecidos, mas o David parece uma estrela de cinema (e ultimamente, disse o Alex ao jantar, tem andado a falar em mudar-se para Los Angeles para se *tornar* numa), com o seu cabelo ondulado e os seus olhos grandes e pensativos, e a sua animação, a maneira como se ilumina quando começa a falar. Começa cinquenta por cento das frases com o nome da pessoa a quem estiver a dirigir-se ou que pensa que terá mais interesse no que ele vai dizer.

– Poppy, o Alex trouxe uma série de números da *R+R* para casa para eu poder ler os teus artigos – disse ele a certa altura em casa da Betty, e essa foi a primeira vez que eu soube que o Alex *lia* sequer os meus artigos. – São realmente bons. Fazem-me sentir como se estivesse lá.

– Quem me dera que estivesse – disse-lhe eu. – Devíamos fazer todos uma viagem juntos.

– Que diabo, porque não? – disse o David, e depois olhou por cima do ombro, sorrindo encabulado enquanto verificava se o seu pai o tinha ouvido praguejar. É um bebé de vinte e um anos, e adoro-o.

A certa altura, a Betty pediu-me ajuda na cozinha e segui-a para pôr velas no bolo de chocolate alemão que ela tinha feito para o seu genro.

– O teu jovem, o Trey, parece simpático – disse-me, sem levantar os olhos do que estava a fazer.

– É ótimo – disse eu.

– E gosto das tatuagens dele – acrescentou. – São simplesmente lindas!

Não estava a ser mazinha. A Betty conseguia ser sarcástica, mas também era capaz de surpreender com as suas opiniões sobre certas coisas. Era imprevisível. Agradava-me isso nela. Mesmo na sua idade, fazia perguntas em conversas como se não tivesse já todas as respostas.

– Também gosto delas – disse-lhe.

Senti-me atraída pela energia do Trey mais do que pelo seu aspeto durante a nossa primeira viagem de trabalho juntos (Hong Kong), e agradou-me que tivesse esperado até voltarmos para Nova Iorque para me convidar para sair, porque não queria tornar o ambiente constrangedor se eu recusasse.

Estaria a mentir, no entanto, se dissesse que o Alex não tinha desempenhado algum papel na minha decisão de aceitar o convite.

Tinha acabado de me contar que andava a falar muito mais com a Sarah no trabalho, que as coisas pareciam estar bem entre os dois. Naquela fase, eu ainda acordava regularmente de sonhos em que ele aparecia à minha porta, parecendo sonolento e preocupado e muito reconfortante, enquanto eu estava com febre.

Não importava que ele não tivesse dito nada sobre reatar com a Sarah.

Reataria ou não, mas acabaria sempre por haver *alguém*, e eu pensava que o meu coração não aguentaria. Portanto, disse que sim ao Trey naquela noite e fomos a um bar onde havia uma máquina de minibasquetebol grátis e cachorros-quentes, e no fim da noite eu já *sabia* que podia apaixonar-me por ele.

O Trey era para mim o que a Sarah Torval era para o Alex. Alguém que se adequava.

Por isso, continuei a dizer que sim.

– Tu ama-lo? – perguntou-me a Betty, ainda sem levantar os olhos da tarefa que tinha entre mãos.

Tive a impressão de que estava a dar-me algum grau de privacidade. A opção de mentir, sem a olhar nos olhos, se fosse do que eu necessitava. Mas eu não precisava de mentir.

– Amo.

– Ainda bem, minha querida. Isso é ótimo. – Imobilizou as mãos, segurando

duas velas prateadas finas na cobertura do bolo como se elas pudessem tentar saltar para fora. – Ama-lo como amas o Alex?

Lembro-me com uma nitidez muito vívida da sensação do meu coração a tropeçar nos seus vários batimentos seguintes. Aquela pergunta era mais complicada, mas eu não podia mentir-lhe.

– Penso que nunca virei a amar ninguém como amo o Alex – disse, e depois pensei: *Mas se calhar também nunca virei a amar ninguém como amo o Trey.*

Devia tê-lo dito, mas não o disse. A Betty abanou a cabeça e olhou-me nos olhos.

– Gostava que ele soubesse disso.

Depois, saiu da cozinha, deixando-me ali. O Alex e a Sarah tinham trazido a *Flannery O'Connor*, e a gata escolheu esse momento para fazer a sua entrada teatral, aproximando-se de mim com a espinha arqueada e os olhos arregalados, fitando-me e miando alto, com uma expressão de todo o corpo a que eu e o Alex chamávamos *Halloween Kitty*.

– Olá – disse eu, e, como ela começou a roçar as minhas pernas, baixei-me para pegar nela, mas bufou e lançou as garras na minha direção no momento em que a Sarah entrou na cozinha com uma pilha de pratos sujos. Ela riu-se e disse naquela sua voz doce:

– Uau! Ela *não* gosta mesmo de ti!

Portanto, sim, posso ver de onde vêm os nervos do Alex quanto a esta viagem de casais, mas estamos a fazer progressos. Com os «gostos» do Instagram e os momentos perfeitamente agradáveis que eu, o Trey e o Alex passámos num bar de videojogos na última vez que o Alex veio de visita. E, além disso, estar no campo da Toscana com um fornecimento constante de vinho incrível não vai ser o mesmo que um jantar pouco à vontade no Ohio seguido pela festa de anos de um sexagenário abstémio.

– Vão dar-se muito bem – digo-lhe agora, pousando as pernas em cima do gradeamento da varanda e entalando o telemóvel entre o rosto e o ombro.

Ouçó desligar-se o pisca, e ele suspira.

– Como é que podes ter a certeza?

– Porque nós gostamos deles – digo. – E nós gostamos um do outro. Por isso, eles também vão gostar um do outro. E vamos todos gostar uns dos outros. Tu e o Trey. Eu e a Sarah.

O Alex ri-se.

– Gostava que pudesses ouvir como a tua voz mudou ao dizeres aquela última parte. Soou como se estivesse a inalar hélio.

– Olha, eu ainda ando a tentar perdoar à Sarah por te ter deixado da última vez – digo. – Mas parece que ela descobriu que tinha sido o maior erro da sua vida, por isso estou a dar-lhe uma oportunidade.

– Poppy – diz ele. – Não foi assim. As coisas estavam complicadas, mas estão melhor agora.

– Eu sei, eu sei – digo, embora na realidade não saiba. Ele insiste que não há ressentimentos entre eles em relação ao seu último rompimento, mas sempre que penso no que ela disse, que a relação deles era tão excitante como a biblioteca da escola onde se conheceram, continuo a ver vermelho por um segundo.

Atinge-me mais uma onda de náusea, e gemo.

– Desculpa – digo. – Preciso mesmo de ir para a cama para estar pronta para o voo amanhã, mas digo-te já. Esta viagem vai ser incrível.

– Pois – diz ele num tom rígido. – Tenho a certeza de que me estou a preocupar por nada.

Genericamente falando, confirmar-se-á.

Ficamos alojados numa *villa*. É difícil estar de mau humor quando se está instalado numa *villa* com uma piscina brilhante e um pátio de lajes antigas, uma cozinha no exterior com buganvílias a escorrer sobre tudo em tons pálidos de cor-de-rosa e roxo.

– Uau, *OK* – diz a Sarah quando entramos. – Nunca mais vou perder uma destas viagens.

Disparo um olhar ao Alex que é o equivalente facial de um sinal com o polegar e ele faz-me um sorriso ténue em resposta.

– Eu sei, tens razão – diz o Trey. – Devíamos ter pensado há mais tempo em fazer uma viagem de grupo.

– Decididamente – diz a Sarah, embora seja óbvio que, com o horário dela na escola secundária e as aulas do Alex na universidade, não têm propriamente muito tempo para viagens de longo curso, mesmo para ficar em *villas* a preço de saldo na Toscana.

– Há, tipo, dez restaurantes com estrelas Michelin num raio de trinta quilómetros, e pensei que o Alex era capaz de querer cozinhar numa das noites, pelo menos.

– Isso seria incrível – concorda o Alex.

Sem dúvida, o ambiente é um pouco formal e embaraçoso naquele primeiro dia na *villa*, enquanto nós os quatro andamos por ali entre sextas nos nossos quartos para recuperar do *jetlag* e uns mergulhos rápidos na piscina. O Trey faz umas fotografias de ensaio e eu vou à cidade comprar mantimentos: queijos curados e enchidos, pão fresco e uma variedade de compotas em frascos pequeninos. E vinho, bastante vinho.

No fim da primeira noite, sentados no pátio e depois de termos bebido as primeiras duas garrafas de vinho, todos estamos mais amolecidos, mais descontraídos. A Sarah ficou uma verdadeira tagarela, contando-nos histórias sobre os seus alunos, sobre a *Flannery O'Connor* e a vida no Indiana, e o Alex contribui com apartes secos em voz baixa que me fazem rir tanto que espirro vinho pelo nariz, duas vezes.

Dá a sensação de que nós os quatro somos amigos, verdadeiros amigos.

Quando o Trey me puxa para o seu colo e pousa o queixo no meu ombro, a Sarah toca no peito e faz um «Oh!»

– Vocês os dois são um doce – diz, olhando para o Alex. – Não são um doce?

– E amanteigados – diz o Alex, olhando de relance na minha direção.

– O quê? – diz a Sarah. – O que queres dizer com isso? – Ele encolhe os ombros e ela continua: – Quem me dera que o Alex gostasse de demonstrações públicas de afeto. Nós quase nem nos *abraçamos* sequer em público.

– Não sou de abraços – diz o Alex, embaraçado. – Não cresci com abraços.

– Sim, mas sou *eu* – diz a Sarah. – Não sou uma rapariga qualquer que conheceste num bar, *baby*.

Agora que penso nisso, não tenho a certeza se alguma vez vi o Alex e a Sarah tocarem-se. Mas ele também não me toca lá muito em público, a não ser que se conte dançar nas ruas de Nova Orleães ou aquela vez em Vail (e esteve envolvida uma boa quantidade de álcool nas duas ocasiões).

– Simplesmente parece... indelicado ou algo do género – tenta explicar o Alex.

– Indelicado? – O Trey acende um cigarro. – Somos todos adultos, meu. Agarra a tua miúda, se te apetece.

A Sarah resfolega.

– Não te incomodes. Esta conversa já se arrasta há anos. Eu já aceitei o meu destino. Vou casar com um homem que detesta andar de mãos dadas.

Sinto um sobressalto no peito ao ouvi a palavra *casar*. É realmente assim tão séria a relação deles? Quer dizer, obviamente é sério, mas não reataram há muito tempo. Eu e o Trey falamos ocasionalmente sobre casamento, mas de uma maneira vaga, distante, *talvez, quem sabe, não vamos pôr pressão nisto*.

– Bom, *isso* posso compreender – diz o Trey, soprando o fumo do cigarro para longe de nós. – Andar de mãos dadas é uma seca. Não é confortável e limita os movimentos e com muita gente à volta não dá jeito nenhum. Tipo, é o mesmo que algemar o tornozelo de um ao do outro.

– Já para não mencionar que as mãos ficam todas transpiradas – diz o Alex. – É desconfortável a todos os títulos.

– Eu adoro andar de mãos dadas! – digo, arrumando a palavra *casar* bem fundo dentro do cérebro para tentar deslindá-la mais tarde. – *Especialmente* no meio de muita gente. Faz-me sentir segura.

– Bem, parece que se formos a Florença antes do fim desta viagem – diz a Sarah –, vamos ser eu e a Poppy a andar de mãos dadas e vocês os dois lobos solitários a perderem-se completamente na multidão.

A Sarah estende-me o seu copo de vinho e eu bato nele com o meu, e rimos as duas, e talvez esse seja o primeiro momento em que gosto dela. Em que me apercebo de que talvez pudesse ter gostado dela desde o princípio, se não me tivesse agarrado tanto ao Alex que não havia espaço para ela.

Tenho de deixar de fazer isso. Decido que vou deixar de o fazer, e, daí em diante, o vinho domina a situação e os quatro pomo-nos a conversar, dizendo piadas e rindo, e esta noite determina o tom do resto da viagem.

Dias compridos e soalheiros a deambular por todas as vilas antigas espalhadas à nossa volta. Visitas a adegas onde fazemos girar o vinho no copo, com a boca entreaberta para inalar o aroma forte e frutado. Almoços tardios em edifícios antigos de pedra com *chefs* de renome mundial. O Alex a sair de casa bem cedo todas as manhãs para ir correr, o Trey pouco depois para investigar locais ou tirar fotografias que já tinha planeado. Eu e a Sarah a dormirmos até mais tarde na maior parte dos dias e depois a encontrarmo-nos para nadar (ou para flutuar em colchões com copos de plástico cheios de *limoncello* e vodka), conversando sobre nada de importante, mas muito mais à vontade do que naquele restaurante de comida mediterrânica em Linfield.

À noite, saímos para jantares tardios – e vinho – e depois voltamos para o pátio da nossa *villa* e conversamos e bebemos até quase de manhã.

Jogamos todos os jogos que reconhecemos do armário cheio deles. Jogos de relvado como *bocce* e *badminton*, e jogos de tabuleiro como Clue e Scrabble e Monopólio (que por acaso sei que o Alex detesta, embora não o admita quando o Trey sugere que joguemos).

Ficamos a pé até cada vez mais tarde a cada noite. Escrevemos nomes de celebridades em pedaços de papel, misturamo-los e colamo-los à testa para fazer um jogo de vinte perguntas em que tentamos adivinhar quem está na nossa cabeça, com o obstáculo adicional de cada pergunta feita requerer outra bebida.

Rapidamente se torna óbvio que nenhum de nós tem as mesmas referências em termos de celebridades, o que torna o jogo duzentas vezes mais difícil, mas também mais divertido. Quando pergunto se a minha celebridade é uma estrela de um *reality show*, a Sarah finge que vai vomitar.

– A sério? – digo. – Eu adoro *reality shows*.

Não é que não esteja habituada a esta reação. Mas parte de mim sente que a reprovação dela é igual à do Alex, e aparece um ponto sensível juntamente com o impulso de o pressionar.

– Não sei como podes ver essas coisas – diz a Sarah.

– Pois é – diz o Trey num tom ligeiro. – Também nunca compreendi o interesse dela. Contradiz tudo o resto nela, mas a P é fã incondicional do *The Bachelor*.

– Não sou *fã incondicional* – digo, na defensiva. Comecei a ver há duas temporadas com a Rachel, quando uma rapariga do curso de arte dela era concorrente, e, ao fim de três ou quatro episódios, fiquei viciada. – Só acho que é, tipo, uma experiência incrível – explico. – E podemos ver *horas* das gravações que são compiladas. Aprende-se imenso sobre as pessoas.

A Sarah ergue as sobrancelhas.

– Como o que é que os narcisistas estão dispostos a fazer pela fama?

O Trey ri-se.

– Exatamente.

Forço uma gargalhada, bebo mais um gole de vinho.

– Não era a isso que me referia. – Mexo-me na cadeira, desconfortável, tentando decidir como me explicar. – Quero dizer, há muita coisa de que gosto. Mas uma coisa... Gosto da maneira como, no fim, parece que é de facto uma decisão difícil para algumas pessoas. Há dois ou três concorrentes com quem sentes uma ligação forte, mas não tem apenas que ver com escolher a mais forte. Em vez disso, é tipo... estás a vê-los escolher uma vida.

E é assim também na vida real. Podes amar alguém e mesmo assim saber que o futuro que terias com essa pessoa não resultaria para ti, ou para ela, ou talvez até para os dois.

– Mas alguma dessas relações resulta realmente? – pergunta a Sarah.

– A maior parte não – admito. – Mas a questão não é essa. Vês alguém ter encontros com aquelas pessoas todas, e vêes como é diferente com cada uma delas, e depois vê-la escolher. Algumas pessoas escolhem aquela com quem têm melhor química ou com quem se divertem mais, e outras escolhem a que acham que vai ser um pai espantoso ou com quem se sentiram mais seguras para se abrirem. É fascinante. Como tanto do amor tem que ver com quem *tu* és quando estás com alguém.

Adoro quem sou com o Trey. Sou autoconfiante e independente, flexível e calma. Estou à vontade. Sou a pessoa que sempre sonhei que seria.

– Faz sentido – concorda a Sarah. – É a parte de curtir com, tipo, trinta sujeitos e depois ficares noiva de alguém que só viste cinco vezes que me custa mais engolir.

O Trey atira com a cabeça para trás, a rir.

– Tu concorrias a esse programa, se nós acabássemos. Não concorrias, P?

– Bom, *esse* eu via – diz a Sarah, com uma risadinha.

Sei que ele está a brincar, mas irrita-me, sinto que estão a unir-se contra mim.

Penso em dizer: *Porque é que achas isso? Porque sou uma narcisista que está disposta a fazer tudo para ser famosa?*

O Alex bate com a perna na minha por baixo da mesa, mas, quando olho para ele, nem sequer está a olhar na minha direção. Está só a recordar-me que está aqui, que nada pode realmente magoar-me.

Mordo a língua e deixo passar.

– Mais vinho?

Na noite seguinte, fazemos um jantar tardio e prolongado no pátio. Quando entro em casa para servir o gelado da sobremesa, dou com o Alex de pé na cozinha a ler um *e-mail*.

Acabou de receber a notícia de que a Tin House aceitou um dos seus contos. Parece tão feliz, tão brilhantemente ele mesmo, que lhe tiro uma fotografia à socapa. Gosto tanto da fotografia que era capaz de a usar como imagem de fundo do telemóvel, se nenhum dos dois namorasse e isso não fosse extremamente esquisito tanto para a Sarah como para o Trey.

Decidimos que temos de comemorar (como se não fosse nisso que toda esta viagem consistiu) e o Trey prepara uns *mojitos* e sentamo-nos nas espreguiçadeiras, com vista para o vale, a escutar os sons suaves e tilintantes da noite no campo.

Quase não bebo o meu *mojito*. Tenho-me sentido nauseada todo o serão, e, pela primeira vez, vou dormir muito antes dos outros. O Trey mete-se na cama daí a várias horas, meio toldado, beija-me o pescoço, puxa-me para si e, depois de

fazermos sexo, adormece imediatamente, e eu volto a sentir náuseas.

É nesse momento que me ocorre o pensamento.

O meu período devia ter vindo durante esta viagem.

Provavelmente, é uma coincidência. Há muitas razões para sentir náuseas em viagens internacionais. E eu e o Trey somos bastante cautelosos.

Mesmo assim, levanto-me, com o estômago às voltas, e vou em bicos de pés ao andar de baixo, onde abro a aplicação das notas para ver quando deveria ter o período. A Rachel anda sempre a dizer-me que instale uma aplicação para monitorizar o período, mas até este momento não vi realmente interesse nisso.

Sinto um martelar nos ouvidos. O coração bate-me acelerado. A língua dá-me a sensação de ser demasiado grande para a minha boca.

Devia ter começado ontem. Um atraso de dois dias não é de estranhar. A náusea depois de beber baldes de vinho tinto também não. Especialmente para alguém com tendência para enxaquecas. Mesmo assim, estou a ficar em pânico.

Tiro o casaco do bengaleiro, enfiio os pés em sandálias e pego nas chaves do carro alugado. A loja de conveniência mais próxima fica a trinta e oito minutos. Regresso à *villa* com três testes de gravidez diferentes, ainda antes de o sol começar a nascer.

Nessa altura, já estou em pânico total. A única coisa que consigo fazer é pôr-me a andar de um lado para o outro no pátio, com o teste de gravidez mais caro numa mão e a recordar a mim mesma que tenho de inspirar, expirar, inspirar. A sensação nos pulmões é pior do que quando tive pneumonia.

– Não conseguias dormir? – Uma voz baixa sobressalta-me. O Alex está encostado à porta aberta, com uns calções pretos e ténis de corrida, e o seu corpo pálido parece azulado à luz da madrugada.

Uma gargalhada morre-me na garganta. Não sei bem porquê.

– Levantaste-te para ires correr?

– É mais fresco antes de nascer o sol.

Aceno com a cabeça, ponho os braços à volta do corpo e viro-me para olhar para o vale. O Alex vem pôr-se ao meu lado e, sem olhar para ele, desato a chorar. Estende a mão para pegar na minha e abre-a, vendo o teste de gravidez.

Durante uns dez segundos, fica em silêncio. Ficamos ambos em silêncio.

– Já fizeste um teste? – pergunta baixinho.

Abano a cabeça e começo a chorar com mais força. Puxa-me para si, passa os braços à minha volta enquanto solto mais uns soluços baixos. Alivia alguma da pressão, e recuo um passo, limpando os olhos com a base das mãos.

– O que vou fazer, Alex? – pergunto-lhe. – Se eu estiver... Que diabo hei de fazer?

Ele olha-me por muito tempo.

– O que queres fazer?

Limpo os olhos outra vez.

– Não me parece que o Trey queira ter filhos.

– Não foi isso que perguntei – murmura o Alex.

– Não faço ideia do que quero – admito. – Quero dizer, eu quero ficar com o Trey. E talvez um dia... não sei. Não sei. – Enterro o rosto nas mãos, enquanto deixo escapar mais alguns soluços feios e sem som. – Não sou suficientemente forte para fazer isso sozinha. Não consigo. Nem sequer fui capaz de lidar com o facto de estar doente sozinha, Alex. Como é que hei de...

Ele pega-me nos pulsos delicadamente e afasta-mos da cara, baixando a cabeça para me perscrutar os olhos.

– Poppy – diz. – Tu não vais ficar sozinha, *OK*? Eu estou aqui.

– E depois? – digo. – Eu, tipo, mudava-me para o Indiana? Arranjava um apartamento ao lado do teu e da Sarah? Como é que *isso* ia funcionar, Alex?

– Não sei – admite. – Não importa como. Eu estou aqui. Vai só fazer o teste e depois decidimos o que fazer, *OK*? Tu vais decidir o que queres fazer, e é o que faremos.

Inspiro fundo, aceno com a cabeça, vou para dentro de casa com o saco de testes que pousei no chão e com o que agarro ainda como se fosse um bote salva-vidas.

Faço chichi em três ao mesmo tempo e depois levo-os para fora para esperar pelo resultado. Colocamo-los em fila no muro baixo de pedra à volta do pátio. O

Alex liga o cronómetro no relógio dele e ficamos ali juntos, sem falar até ouvir o bipe.

Um a um, os resultados aparecem.

Negativo.

Negativo.

Negativo.

Começo a chorar outra vez. Não sei bem se é de alívio ou de algo mais complicado do que isso. O Alex puxa-me para si, embala-me a sossegar-me de um lado para o outro enquanto eu me recomponho.

– Não posso continuar a fazer-te isto – digo quando por fim se esgotam as lágrimas.

– A fazer o quê? – pergunta ele num murmúrio.

– Não sei. A *precisar* de ti.

Ele abana a cabeça contra o lado da minha.

– Eu também preciso de ti, Poppy. – É então que me dou conta de como a voz dele está pastosa e húmida e trémula. Quando me afasto dele, dou-me conta de que está a chorar. Toco-lhe no rosto, de lado. – Desculpa – diz ele, fechando os olhos. – Eu só... Não sei o que faria se te acontecesse alguma coisa.

E então compreendo.

Para alguém como o Alex, que perdeu a mãe daquela maneira, a gravidez não é apenas uma possibilidade que pode alterar a vida. É uma potencial sentença de morte.

– Desculpa – diz ele outra vez. – Meu Deus, não sei porque estou a chorar.

Puxo-lhe a cara para o meu ombro, e ele chora um pouco mais, com os ombros enormes a sacudirem-se. Ao longo de todos os anos da nossa amizade, ele deve ter-me visto chorar centenas de vezes, mas esta é a primeira vez que chora diante de mim.

– Está tudo bem – segredo-lhe, e depois, tantas vezes quantas as necessárias:
– Está tudo bem. Tu estás bem. Nós estamos bem, Alex.

Enterra o rosto húmido no lado do meu pescoço e as suas mãos fecham-se

com força no fundo das minhas costas enquanto passo os dedos pelo cabelo dele, sentindo os seus lábios quentes contra a minha pele.

Sei que a sensação vai passar, mas nesse momento gostava tanto que estivéssemos ali sozinhos. Que ainda não tivéssemos conhecido a Sarah e o Trey. Que pudéssemos ficar num abraço apertado por tanto tempo quanto penso que talvez precisemos.

Sempre existimos numa espécie de mundo de dois, mas a situação já não é essa.

– Desculpa – diz ele uma última vez quando se solta de mim, endireitando-se e olhando para o vale quando os primeiros raios de luz se derramam nele. – Eu não devia ter...

Toco-lhe no ombro.

– Por favor, não digas isso.

Acena com a cabeça, recua, deixando mais distância entre nós, e sei, com todas as fibras do meu ser, que é o mais acertado, mas não deixa de me magoar.

– O Trey parece um tipo porreiro – diz ele.

– É – confirmo.

O Alex acena com a cabeça mais algumas vezes.

– Ainda bem. – E é tudo. Ele vai dar a sua corrida matinal e eu fico novamente sozinha no pátio, a ver a manhã enxotar as sombras pelo vale.

Vem-me o período daí a vinte e cinco minutos, enquanto estou a fazer ovos mexidos para o pequeno-almoço, e o resto da nossa viagem é uma viagem de casais fantasticamente normal.

Só que, lá no fundo, estou completamente destruída.

Magoa muito querer tudo, tantas coisas que não podem coexistir dentro da mesma vida.

Acima de tudo, no entanto, quero que o Alex seja feliz. Que tenha tudo o que sempre quis. Tenho de deixar de me atravessar no caminho, tenho de lhe dar oportunidade de ter tudo isso.

Nem sequer roçamos um no outro até nos abraçarmos a despedir-nos. Nunca

mais voltamos a falar sobre o que aconteceu.

Eu continuo a amá-lo.

Então, suponho que não vamos falar sobre o que aconteceu na varanda do Nikolai, e isso tem de se aceitar. Quando acordo no nosso quarto de hotel Technicolor do Larrea Palm Springs, a cama do Alex está vazia e feita, e numa mensagem manuscrita em cima da secretária leio: FUI CORRER – VOLTO JÁ. P.S. JÁ FUI BUSCAR O CARRO À OFICINA.

Não é que eu estivesse a contar com uma data de beijos e abraços e juras de amor, mas ele podia ter-me dispensado um «Ontem à noite foi fantástico». Ou talvez um ponto de exclamação todo animado.

E também, com este calor, a que propósito foi correr? Há muito naquela mensagem tão breve, e, prestavelmente, a minha paranoia sugere que ele foi correr para desanuviar a mente depois do que aconteceu.

Na Croácia, ficou desatinado. Ambos ficámos desatinados. Mas isso tinha acontecido na parte final da viagem, quando podíamos retirar-nos para os nossos respetivos cantos do país. Desta vez, temos uma festa de despedida de solteiro, um jantar de ensaio e um casamento pela frente.

De qualquer maneira, prometi que não deixaria que isto nos afetasse, e falava a sério.

Preciso de manter o ambiente leve, de fazer a minha parte na prevenção de um desatino pós-coito.

Penso em enviar uma mensagem à Rachel a pedir-lhe conselhos ou só para ter alguém com quem soltar uns gritinhos, mas a verdade é que não quero falar com ninguém sobre isto. Quero que seja algo apenas entre mim e o Alex, como é tanto do que se passa no mundo quando estamos juntos. Volto a atirar com o telemóvel para cima da cama, tiro uma esferográfica da mala de mão e acrescento no fundo da mensagem do Alex: «Na piscina – encontramos-nos lá?»

Quando ele aparece, ainda está com a roupa de corrida e traz um pequeno saco de papel e um copo de cartão com café, e a visão de tudo isto combinado faz-me sentir um formigueiro e ânsias.

– Pãozinho de canela – diz ele, passando-me o saco para as mãos e de seguida o copo. – Um galão. E o *Aspire* está no parque de estacionamento com o seu pneu novo e vistoso.

Aceno com o copo de café num círculo vago em frente dele.

– És um anjo. Quanto custou o pneu?

– Não me lembro – responde. – Vou tomar um duche.

– Antes de... vires transpirar junto à piscina?

– Antes de me vir sentar nessa piscina o dia todo.

Não é um grande exagero. Refastelamo-nos todos satisfeitos. Relaxamos. Alternamos entre o sol e a sombra. Pedimos bebidas e *nachos* no bar da piscina e voltamos a aplicar protetor solar a cada hora, e mesmo assim voltamos para o quarto com bastante tempo para nos arranjarmos para a festa de despedida de solteiro do David. Ele e o Tham decidiram fazer festas separadas (embora ambas sejam mistas) e o Alex diz na brincadeira que o David escolheu este plano para forçar um concurso de popularidade.

– Ninguém é mais popular do que o teu irmão – digo.

– Ainda não conhecestes o Tham – diz ele, e depois vai para a casa de banho e abre a torneira.

– A sério, vais voltar a tomar um duche?

– Vou só passar-me por água – diz ele.

– Lembras-te na escola primária de como os miúdos costumavam pôr-se atrás do colega na fila para o bebedouro e dizer «Deixa alguma para as baleias»?

– Lembro – diz ele.

– Bem, deixa alguma para as baleias, pá!

– Tens de ser simpática comigo – diz ele. – Eu trouxe-te um pãozinho de canela.

– Amanteigado e quente e perfeito – digo, e ele cora ao mesmo tempo que fecha a porta da casa de banho.

Não faço realmente ideia do que se está a passar. Por exemplo: porque é que não ficamos simplesmente no quarto na marmelada todo o dia?

Enfio um macacão verde-lima de cava americana à moda dos anos setenta e começo a tratar do cabelo ao espelho ao lado da porta da casa de banho, e daí a uns minutos o Alex aparece, já vestido e quase pronto para sair.

– De quanto tempo precisas? – pergunta, espreitando por cima do meu ombro para me olhar nos olhos no espelho, com o seu cabelo molhado espetado em todas as direções.

Encolho os ombros.

– Só o tempo suficiente para me cobrir toda com um *spray* adesivo e me rebolar num tonel de purpurinas.

– Então, uns dez minutos? – sugere.

Aceno com a cabeça e pouso o modelador de cabelo.

– Tens a certeza de que queres que eu vá?

– Porque não quereria?

– Porque é a festa de despedida de solteiro do teu irmão – digo.

– E?

– E tu não o vês há meses e talvez não queiras levar-me a reboque.

– Não te levo a reboque – diz ele. – Foste convidada. E também é provável que haja *striptease* masculino, e sei como adoras homens fardados.

– Eu fui convidada pelo *David* – digo. – Se *tu* quiseses um tempo a sós com ele...

– Vêm, tipo, umas cinquenta pessoas esta noite – diz ele. – Vou ter sorte se estabelecer *contacto visual* com o David.

– Mas os teus outros irmãos também vão estar lá, certo?

– Não vêm – diz ele. – Nem sequer chegam até amanhã.

– *OK*, mas e todas as miúdas giras do deserto? – digo.

– Miúdas giras do deserto – repete ele.

– Vais ser o príncipe heterossexual do baile.

Inclina a cabeça.

– Então tu queres que eu vá curtir com umas miúdas giras do deserto.

– Não especialmente, mas acho que devias saber que ainda tens essa opção.
Quero dizer, só porque nós...

Enruga a testa.

– O que estás a fazer, Poppy?

Toco distraidamente no cabelo.

– Estava a tentar conseguir o efeito colmeia, mas acho que vou ter de me contentar com uma poupa.

– Não, quero dizer... – Para de falar. – Arrependes-te da noite passada?

– Não! – digo, ficando com o rosto vermelho e quente. – E tu?

– Mesmo nada – diz ele.

Viro-me para o encarar frontalmente, não apenas no espelho.

– Tens a certeza? Porque mal olhaste para mim.

Ele ri-se, toca-me na cintura.

– Porque olhar para ti faz-me pensar na noite de ontem, e podes chamar-me antiquado, mas não queria ficar deitado à beira da piscina com uma ereção descomunal o dia todo.

– A sério? – Pelo som da minha voz, seria de pensar que acabou de me recitar um poema de amor.

Encosta-me à beira do lavatório enquanto me beija uma vez, um beijo lento e forte, com as mãos à volta do meu pescoço à procura do fecho do macacão. Ele solta-se, e arqueio as costas enquanto me baixa o tecido até à cintura. Põe a mão em concha no meu queixo e puxa-me de novo a boca para a sua, e eu ponho as pernas à volta dele enquanto os nossos beijos se tornam mais profundos e a mão que ele tem livre desliza pelo meu peito nu.

– Lembras-te de quando estive doente? – segredo-lhe junto à orelha.

Move as ancas contra as minhas, e a voz sai-lhe baixa e rouca.

– É claro.

– Queria-te tanto naquela noite – confesso, soltando-lhe a camisa das calças.

– Naquela semana toda – diz ele –, eu estive permanentemente a acordar à beira do orgasmo. Se não estivesses doente...

Levanto-me de encontro a ele e a sua boca afunda-se de lado no meu pescoço enquanto lhe desaperto os botões da camisa.

– Em Vail, quando me levaste ao colo por aquela montanha abaixo...

– Meu Deus, Poppy – diz ele. – Passei tanto tempo a tentar não te desejar. – Levanta-me do lavatório e leva-me para a cama.

– E não tempo suficiente a beijar-me – digo, e o seu riso chocalha contra a minha orelha quando nos deitamos na cama. – Quanto tempo temos?

Ele beija-me o centro do peito.

– Podemos chegar atrasados.

– Quão atrasados?

– O tempo que for preciso.

*

– Oh. Meu. Deus! – exclamo quando saímos para o caminho da mansão de meados do século xx, com o seu telhado inclinado de estilo futurista. – Isto é espantoso. Ele arrendou esta casa toda?

– Esqueci-me de mencionar que o Tham é Muito Chique?

– Talvez sim – digo. – É demasiado tarde para *eu* casar com ele?

– Bem, faltam dois dias para o casamento e ele é *gay* – diz o Alex. – Por isso, não vejo realmente porque não.

Rio-me, e ele pega-me na mão e mete-a na sua. De alguma maneira, entrar numa festa de despedida de solteiro de mãos dadas com o Alex Nilsen é mais surreal do que todas as coisas surreais que acabaram de acontecer no hotel. Faz-me sentir excitada e estonteada e inebriada da melhor maneira possível.

Seguimos a música pelo caminho acima, cada um com uma das garrafas de vinho que comprámos a caminho daqui, e entramos na escuridão fresca do átrio.

O Alex tinha dito que haveria cinquenta pessoas. Enquanto avançamos pela casa, calculo que há pelo menos umas cem, encostadas às paredes e sentadas nas costas de peças de mobiliário fabulosamente dourado. A parede traseira da casa é inteiramente de vidro e dá para uma piscina gigantesca, iluminada de roxo e verde, com uma cascata a jorrar para ela de um dos lados. Há pessoas em flamingos e

cisnes insufláveis em indumentárias variadas, com mais ou menos roupa: mulheres e travestis com vestidos até aos pés cheios de lantejoulas; homens em calções de banho ou fio dental; pessoas com asas de anjo e disfarces de sereia ao lado de Pessoas Presumivelmente de Linfield com fatos e vestidos com folhos.

– Uau – diz o Alex. – Já não vinha a uma festa assim tão descontrolada desde, tipo, o secundário.

– Eu e tu tivemos experiências *muito* diferentes no secundário – digo.

Nesse momento, um verdadeiro Adónis com um sorriso encantadoramente juvenil e uma trunfa de ondas douradas avista-nos e salta da cadeira em forma de ovo onde estava sentado.

– Alex! Poppy! – O David dirige-se para nós de braços abertos e um brilho ligeiramente embriagado nos olhos cor de avelã. Abraça primeiro o Alex e depois agarra-me a cara de ambos os lados e planta-me uns beijos molhados nas bochechas. – Estou tão contente que vocês... – Os seus olhos baixam-se para as nossas mãos dadas e bate palmas. – ...estejam de mãos dadas!

– Não tens de quê – digo, e ele solta uma risada e crava uma mão no meu ombro e outra no do Alex.

– Precisas de beber água? – pergunta-lhe o Alex, em modo ativado de irmão mais velho.

– Não, pai – diz ele. – Precisam de uns copos?

– Sim! – exclamo, e o David acena com a mão a uma empregada a um canto, em que eu *não* tinha reparado, em grande medida porque está pintada de dourado da cabeça aos pés.

– Uau – diz o Alex, aceitando duas taças de champanhe da bandeja da falsa estátua. – Obrigado por... Uau.

Ela retira-se e volta a ficar imóvel como uma pedra.

– Então o que é que o Tham está a fazer esta noite? – pergunto. – Uma fogueira de notas de um dólar num iate de ouro maciço?

– Detesto ter de te dizer isto, Pop – diz o David –, mas um iate de ouro afundava-se. Confia em mim. Nós tentámos. Vocês os dois querem *shots*?

– Sim – digo, ao mesmo tempo que o Alex diz: – Não.

Como se por magia, os *shots* já nos estão a ser passados para as mãos, vodka e licor *Goldschläger*, com as suas pequenas aparas de ouro a flutuarem nos copos. Nós os três brindamos e de seguida emborcamos a bebida doce e aromatizada de um só gole.

O Alex tosse.

– Detesto aquilo.

O David dá-lhe uma palmada nas costas.

– Sinto-me tão contente por estares aqui, pá.

– É claro que estou. Os irmãos mais novos de uma pessoa só se casam... três vezes.

– E o teu *favorito* só se casa uma vez – disse o David. – Façamos figas.

– Ouvi dizer que tu e o Tham são incríveis juntos – digo. – E que ele é Muito Chique.

– Chiquérrimo – concorda o David. – É realizador. Conhecemo-nos numas filmagens.

– Numas filmagens! – grito. – Tu ouves o que estás a dizer?

– Eu sei – diz ele. – Sou um tipo de Los Angeles insuportável.

– Não, não, decididamente não.

Alguém na piscina chama o David nesse momento e ele faz-lhe o sinal de *um minuto* e volta a olhar para nós.

– Façam de conta que estão em vossa casa... não em *nossa* casa, obviamente – acrescenta, virando-se para o Alex –, mas, tipo, numa casa muito barulhenta, muito divertida, muito *gay*, com uma pista de dança nas traseiras... onde espero ver os dois em breve.

– Para de tentar fazer com que a Poppy se apaixone por ti – diz o Alex.

– Sim, tu realmente não precisas de desperdiçar o teu tempo – digo. – Já me convenceste.

O David agarra-me a cabeça e volta a beijar-me na parte lateral, e de seguida faz o mesmo ao Alex e vai a dançar ter com a rapariga na piscina, que se põe a fingir que está a pescá-lo com uma cana de pesca invisível.

– Por vezes, preocupa-me que ele se leve demasiado a sério – diz o Alex num tom inexpressivo, e quando uma gargalhada sai disparada de mim, o canto da boca estremece-lhe num sorriso fugidio. Ficamos ali a sorrir durante mais uns segundos, a balouçar as nossas mãos dadas para trás e para a frente.

– Pensei que não gostavas de estar de mãos dadas – digo.

– E tu disseste que gostavas – diz ele.

– Então, como é? Eu agora tenho tudo o quiser, seja o que for? – digo, na brincadeira.

O seu sorriso lampeja de novo, calmo e contido.

– Sim, Poppy – responde. – Tu agora tens tudo o que quiseses. Isso é problema?

– E se eu quiser que *tu* tenhas o que *tu* queres?

Arqueia uma sobrancelha.

– Só estás a dizer isso porque sabes o que vou dizer, e queres fazer pouco de mim?

– Não – respondo. – Porquê? O que é que vais dizer?

As nossas mãos imobilizam-se entre nós.

– Eu tenho o que quero, Poppy.

O meu coração estremece, e tiro a mão da dele, ponho-a à volta da sua cintura e inclino a cabeça para trás para olhar para o seu rosto.

– Estou a resistir ao impulso de fazer uma demonstração pública de afeto neste preciso momento, Alex Nilsen.

Ele baixa o pescoço e beija-me durante tanto tempo que algumas pessoas começam a dar vivas. Quando nos afastamos um do outro, ele está com as faces rosadas e uma expressão de embaraço.

– Que diabo – diz. – Sinto-me como um adolescente sempre excitado.

– Se utilizarmos a banca da cerveja com *Red Bull* no pátio das traseiras – digo –, talvez voltemos a sentir-nos como pessoas de trinta anos bem-comportadas e maduras.

– Parece-me uma proposta realista – diz o Alex, puxando-me para o pátio das

traseiras. – Alinho.

Há um bar nas traseiras e uma rulote de comida estacionada na relva a servir *tacos* de peixe. Atrás dela, estende-se um jardim que parece saído de um romance da Jane Austen, aqui mesmo no meio do deserto.

– Provavelmente, não é lá muito bom para a conservação dos recursos naturais – comenta o Alex, num verdadeiro estilo de avozinho.

– Provavelmente não – concordo. – Mas, provavelmente, é *ótimo* para tema de conversa.

– Tens razão – diz ele. – Quando tudo o resto falha, podes sempre envolver um estranho numa conversa de circunstância sobre a morte lenta do planeta.

A certa altura, estamos sentados na beira da piscina, com as pernas das calças dele e as do meu macacão arregaçadas e as pernas metidas na água quente, e é então que ouvimos o David gritar todo eufórico, do meio de um grupo:

– Onde está o meu irmão? Ele tem de entrar nisto.

– Parece que estás a ser chamado.

O Alex suspira. O David avista-o e vem ter com ele a correr.

– Preciso de ti para este jogo.

– Um jogo de beber? – digo, deitando-me a adivinhar.

– Não para o Alex – diz o David. – Aposto que ele não vai ter de beber uma única vez. É um jogo de Factos Sobre o David. Queres participar?

O Alex estremece.

– Queres que participe?

O David cruza os braços.

– Como noivo, exijo-o.

– Tu realmente não estás autorizado a divorciar-te do Tham nunca – diz o Alex, pondo-se de pé.

– Por uma série de razões – diz o David –, concordo.

O Alex dirige-se para a mesa comprida iluminada por velas onde o jogo está a começar, mas o David deixa-se ficar ao meu lado, a vê-lo afastar-se.

– Ele parece estar bem – diz.

– Sim – concordo. – Penso que está.

O olhar do David baixa-se para mim, e ele senta-se no lado mais liso da piscina, enfiando as pernas na água.

– Então – diz –, como é que isto aconteceu?

– Isto?

Ergue as sobrancelhas, cético.

– *Isto*.

– Hum. – Tento pensar como o explicar. Anos de amor imorredouro, ciúmes ocasionais, oportunidades perdidas, mau *timing*, outros relacionamentos, tensão sexual crescente, uma briga e o silêncio que se seguiu, e a dor de viver a vida sem ele. – O ar condicionado do nosso apartamento do Airbnb avariou.

O David fita-me por uns segundos e de seguida baixa o rosto para as mãos, a rir-se.

– Que diabo – diz, endireitando-se –, tenho de dizer que me sinto aliviado.

– Aliviado?

– Sim. – O David encolhe os ombros. – Tu percebes. É tipo... agora que vou casar, agora que sei que vou ficar em Los Angeles, acho que tenho andado preocupado com ele. Lá no Ohio. Sozinho.

– Penso que ele gosta de Linfield – digo. – Não me parece que esteja lá por necessidade. Além disso, não diria que está sozinho. Toda a tua família vive lá. Todos os sobrinhos.

– É aonde quero chegar. – O David olha na direção do jogo que está a decorrer na mesa, vê os outros três concorrentes emborcarem *shots* de algo cor de caramelo e o Alex bebericar um copo de água numa atitude vitoriosa. – Ele agora está com o ninho vazio. – Torce a boca num esgar tão parecido com o do irmão que sinto um impulso instantâneo e doloroso de o beijar para que se desvaneça.

Quando penso no que o David está de facto a dizer, a dor fica pior, alojando-se por trás das minhas costelas como um pequeno nó vermelho.

– Achas que ele se sente assim?

– Como se nos tivesse criado? Como se tivesse investido toda a sua energia emocional em garantir que nós os três estávamos bem? Em levar a Betty às consultas, preparar os nossos almoços para levarmos para a escola e tirar o nosso pai da cama quando ele tinha uma das suas crises, e depois, de repente, saímos de casa e casámo-nos e começámos a ter filhos nossos, enquanto ele fica para garantir que o pai está bem? – Muito sério, o David volta a olhar para mim. – Não. O Alex nunca pensaria assim. Mas eu acho que ele se tem sentido sozinho. Quero dizer, todos julgávamos que ele ia casar com a Sarah, e depois...

– Sim. – Tiro as pernas da piscina e cruzo-as à minha frente.

– Quero dizer, ele tinha o anel e tudo – continua o David, e sinto um nó no estômago. – Ia pedi-la em casamento e depois... ela simplesmente desapareceu, e... – Cala-se quando vê a expressão no meu rosto.

– Não me interpretes mal, Poppy. – Pousa a mão na minha. – Sempre pensei que deviam ser vocês os dois. Mas a Sarah era porreira, e eles amavam-se, e... eu só quero que ele seja feliz. Quero que deixe de se preocupar com as outras pessoas e tenha alguma coisa que é só dele, compreendes?

– Sim. – Mal consigo dizer aquela palavra. Ainda estou a transpirar, mas as minhas entranhas ficaram rapidamente frias, porque a única coisa em que consigo pensar é: *Ele ia casar com ela.*

Ela tinha-o dito na Toscana, e, umas semanas depois, afastei aquilo da ideia, considerando-o um comentário casual, mas agora não posso deixar de ver tudo o que aconteceu naquela viagem a uma luz diferente.

Foi há três anos, mas ainda o vejo com muita nitidez. Eu e o Alex no pátio minutos antes de nascer o sol, eu com os braços cruzados no peito, as unhas roídas até ao sabugo. Os testes de gravidez perfilados no muro de pedra e o relógio do Alex a chilrear anunciando que chegara o momento de descobrir o que o futuro reservava.

A maneira como ele se tinha ido abaixo quando eu finalmente me recompus, como baixou a cabeça e chorou encostado a mim.

«Não posso continuar a fazer-te isto», disse eu. «A precisar de ti.»

Ele tinha-me dito que também precisava de mim, mas, com o Trey e a Sarah

ali, a bolha que parecia sempre envolver-nos, separar-nos do mundo, tinha rebentado, e eu tinha-me sentido tão profundamente envergonhada por querer tanto dele, e via que ele também.

«O Trey parece um tipo porreiro», tinha dito o Alex, e era o mais perto de dizer «Temos de pôr termo a isto» a que podíamos chegar. Dizê-lo teria sido admitir a culpa. Mesmo que nunca nos beijássemos, que nunca disséssemos as palavras claramente, estávamos a guardar partes inteiras dos nossos corações exclusivamente um para o outro.

O Alex tinha querido casar com a Sarah, e sei agora que eu o impedira de o fazer. Ela tinha terminado a relação com ele uma segunda vez depois da Toscana e, mesmo que eu nunca tivesse sabido exatamente o que se passara, tinha a certeza de que deixara uma marca nele, piorara as coisas entre eles.

Se eu estivesse grávida, se tivesse decidido ter o bebé, não tenho a mínima dúvida de que o Alex estaria lá para mim, de que desistiria do que tivesse, fosse o que fosse, só para me ajudar.

A Sarah, como sempre, teria tido de lidar com a realidade da minha presença na vida dele ou de partir para outra. Não posso deixar de me perguntar se a terei forçado a essa decisão. Se a minha amizade com o Alex custara ao meu amigo a perda da mulher com quem ele queria casar. Sinto-me enjoada, envergonhada com esse pensamento. Culpada pela maneira como ignorei os meus sentimentos mais complicados pelo Alex para poder justificar permanecer na vida dele.

Uma coisa é que os irmãos destravados do teu namorado, ou o pai viúvo, precisem dele.

Mas eu era apenas uma outra mulher, cujas necessidades ele sempre tinha posto em primeiro lugar, em detrimento das suas próprias necessidades e da sua própria felicidade. E esta semana eu tinha avançado aos tropeções para isto de uma maneira egoísta, porque esse era o padrão do meu comportamento com ele. Pedir o que queria, deixar que mo desse, mesmo que não fosse necessariamente o melhor para ele.

Já não me sinto estonteada nem excitada nem nada, só com náuseas e um nó no estômago.

O David pousa a mão no meu ombro e sorri-me, arrancando-me bruscamente ao caleidoscópio de sensações complicadas e dolorosas que me atravessam num rodopio.

– Estou contente que ele te tenha agora.

– Sim – segredo, mas uma vozinha cruel dentro de mim diz: *Não, tu é que o tens a ele.*

Enquanto estou a remexer na mala de mão à procura da chave do quarto, o Alex encosta-se a mim, com as mãos pesadas na minha cintura, os lábios macios contra o meu pescoço, e eu estaria a derreter-me se não fosse o zunido que sinto no crânio, os latejos constantes de culpa e de pânico que se alternam no fundo do meu estômago.

Encosto o cartão da chave à fechadura e depois empurro a porta, e o Alex solta-me, entrando no quarto atrás de mim. Vou direita ao lavatório e tiro os brincos de plástico demasiado grandes, que pouso no balcão. O Alex fica imóvel e ansioso junto à porta.

– Eu fiz alguma coisa? – pergunta.

Abano a cabeça e pego num pedaço de algodão e no frasco azul do desmaquilhante dos olhos. Sei que preciso de dizer alguma coisa, mas não quero chorar, porque se chorar isto passa a ser sobre mim, e o objetivo perde-se. O Alex vai fazer tudo e mais alguma coisa para que eu me sinta segura, quando na realidade aquilo de que necessito é que ele seja sincero. Passo o algodão pelas pálpebras, espalhando o *eyeliner* líquido preto até parecer a Charlize Theron em *Mad Max: Estrada da Fúria*, com manchas cor de pólvora no rosto como uma pintura de guerra.

– Poppy – diz o Alex. – Diz-me só o que é que eu fiz.

Dou meia-volta para olhar para o Alex, e ele nem sorri ao ver a minha maquilhagem borratada. É a medida da sua preocupação, e detesto-me por o fazer sentir-se assim.

– Tu não fizeste nada – digo. – És perfeito.

As suas duas expressões agora são de surpresa e de ofensa.

– Eu não sou perfeito.

Tenho de fazer isto depressa, arrancá-lo como um penso rápido.

– Ias pedir a Sarah em casamento?

Abre os lábios. Mas o seu choque transforma-se rapidamente numa expressão

magoada.

– De que estás a falar?

– Eu só... – Fecho os olhos e pressiono a testa com as costas da mão, como se isso pudesse interromper o zunido. Volto a abrir os olhos e a sua expressão mal diminuiu. Não está a conter as emoções: eu vou ter o Alex Nu para esta conversa. – O David disse que tinhas um anel.

Fecha a boca de repente e engole em seco com força, olha para as portas de correr da varanda, depois de novo para mim.

– Desculpa não te ter dito.

– Não é isso. – Contenho as lágrimas à força. – Eu só... Eu não me apercebi de como a amavas tanto.

Ele solta uma pequena gargalhada, mas não há humor no seu rosto tenso.

– É claro que a amava. Namorei com ela com interrupções durante anos, Poppy. Tu também amaste aqueles tipos com quem andaste.

– Eu sei. Não estou a acusar-te de nada. É só... – Abano a cabeça, tentando organizar os pensamento em algo mais breve do que um monólogo de uma hora. – Quero dizer, tu compraste um *anel*.

– Eu sei isso – diz ele –, mas porque é que estás furiosa comigo por isso, Poppy? Estavas com o Trey, a dar a volta ao mundo, porra, sentada ao colo dele nos quatro cantos do mundo... eu devia pensar que não eras feliz? Simplesmente esperar por ti?

– Eu não estou furiosa contigo, Alex! – grito. – Estou furiosa comigo mesma! Por não me importar de me atravessar no teu caminho. Por pedir tanto de ti... e te impedir de teres o que queres.

Ele solta uma gargalhada irónica.

– O que é que eu quero?

– Porque é que ela acabou contigo? – contra-ataco. – Diz-me que não teve nada que ver comigo. Que a Sarah não acabou contigo por causa disto... desta coisa entre nós. Que desde que estou fora da tua vida, ela não tem andado a reconsiderar tudo. Diz-me só isso, se é a verdade, Alex. Diz-me que não sou a razão pela qual tu não estás casado e com filhos neste momento, e com tudo o mais que querias.

Ele fita-me, com o rosto tenso, os olhos sombrios e toldados.

– Diz-me – imploro, e ele limita-se a fitar-me, e o silêncio no quarto junta-se ao zunido dentro do meu crânio.

Por fim, abana a cabeça.

– É claro que é por tua causa.

Recuo um passo, como se as palavras dele pudessem queimar-me.

– Ela acabou comigo antes de nós os dois irmos para Sanibel, e eu senti-me tão culpado durante toda aquela viagem, porque a única coisa em que conseguia pensar era: *Espero que a Poppy não pense também que sou desinteressante*. Nem sequer me lembrei de sentir falta dela até voltar para casa. É sempre assim quando estou contigo. Mais ninguém importa. E depois tu voltas a desaparecer e a vida regressa ao normal e... quando a Sarah e eu recomeçámos, pensei que as coisas estavam muito diferentes, muito melhor, mas a verdade é que ela não queria ir à Toscana e eu disse-lhe que precisava que ela fosse, por isso ela concordou. Porque eu não estava disposto a desistir de ti e pensei que se as duas se tornassem amigas, seria mais fácil – diz ele, tão intensamente imóvel agora que rivaliza com as falsas estátuas que estavam a servir-nos na festa.

– Depois, tu pensaste que estavas grávida, e aquilo assustou-me tanto que fiz o raio de uma vasectomia. E nem sequer me passou pela cabeça perguntar à Sarah o que ela achava. Limitei-me a marcar a consulta e, daí a uns dias, estava a passar por uma loja de antiguidades e vi um anel. Um anel *art déco* antigo, de ouro amarelo, com uma pérola. Vi-o e pensei: *Seria um anel de noivado perfeito*. Talvez devesse comprá-lo. E o meu pensamento seguinte foi: *Mas que merda é que eu estou a fazer?* Não só o anel... que a Sarah teria detestado, diga-se de passagem... mas a vasectomia, tudo aquilo. Eu estava a fazer tudo por ti, e sei que não é normal, e decididamente não era justo para com ela, portanto acabei tudo. Nesse dia. – Abana a cabeça. – Preguei um susto tão grande a mim mesmo que não podia contar-te o que tinha acontecido. Era aterrador compreender o quanto te amava. E depois tu e o Trey acabaram e... meu Deus, Poppy, é claro que foi tudo por tua causa. Tudo é por ti. Tudo.

Tem os olhos marejados de lágrimas, que brilham na luz ténue por cima do lavatório, e os seus ombros estão rígidos e sinto-me como se tivesse uma faca

cravada no estômago.

O Alex abana a cabeça, um pequeno gesto contido, pouco mais do que um estremecimento.

– Não é nada que tu me tenhas feito – diz. – Continuei a ter esperança de que as coisas mudassem comigo, mas nunca mudaram.

Dá um passo na minha direção e eu esforço-me por manter a compostura.

Escapa-me uma expiração, os meus ombros relaxam-se e o Alex dá mais um passo na minha direção, com os olhos pesados, a boca torcida.

– E duvidei de mim mesmo durante muito tempo antes de pôr fim às coisas entre mim e ela, porque a amava *de facto* – diz ele – e queria que resultasse, porque ela é incrível e dávamo-nos bem e queremos as mesmas coisas e eu amava-a de uma maneira que parecia... tão clara e fácil de compreender e de gerir.

Interrompe-se, abanando de novo a cabeça. As lágrimas nos seus olhos fazem com que eles pareçam a superfície de um qualquer rio, perigoso e revoltado e lindo.

– Não sei como amar alguém tanto como te amo a ti – diz ele. – É aterrador. E tenho uns acessos em que penso que consigo lidar com isso, mas depois penso no que me vai fazer se te perder e entro em pânico e afasto-me e... nunca soube se serei capaz de te fazer feliz. Mas na outra noite... soa tão ridículo, mas tu estavas a ver o Tinder e disseste que me escolherias, e isso é o tipo de coisa *minúscula* que parece tão enorme quando se trata de ti. Fiquei acordado durante *horas* nessa noite a tentar compreender o que tinhas querido dizer. Tenho traumas e, sim, provavelmente também sou reprimido, e *sei* que não sou o homem com quem tu alguma vez te imaginaste. Sei que não parece que façamos sentido, e se calhar não fazemos, e talvez eu nunca pudesse fazer-te feliz...

– Alex. – Estendo as mãos para ele, puxo-o para mim. Os seus braços rodeiam-me e ele baixa a cabeça até parecer um ponto de interrogação gigante a pairar sobre mim. – Não tens o dever de me fazer feliz, *OK*? Não podes fazer ninguém feliz. Eu estou feliz simplesmente por tu existires, e é essa a extensão da minha felicidade que tu podes controlar.

As mãos dele curvam-se contra a minha coluna, e eu entrelaço os dedos na sua camisa.

– Não sei ao certo o que tudo isto significa, mas sei que te amo como tu me amas, e tu não és o único que está assustado. – Fecho os olhos com força, a ganhar coragem para continuar. – Eu também tenho traumas – digo-lhe, com a voz a quebrar-se e a tornar-se fina e rouca. – Sempre senti que, se alguém visse quem sou lá no fundo, seria o fim. Há alguma coisa feia ali dentro, ou indigna de amor, e tu és a única pessoa que alguma vez me fez sentir que sou aceitável. – As suas mãos passam-me delicadamente pelo rosto, e abro os olhos, fito os dele. – Não há nada mais assustador do que a possibilidade de que, quando *realmente* me tiveres toda, isso mude. Mas eu quero-te todo, por isso estou a tentar ser corajosa.

– Nada vai mudar o que sinto por ti – murmura. – Tenho andado a tentar deixar de te amar desde aquela noite em que entraste em casa daquele barqueiro ganizado para curtir com ele.

Rio-me, e ele sorri um pouco. Agarro-lhe o maxilar com as mãos e beijo-o suavemente na boca, e daí a um segundo ele começa a retribuir o beijo, e está húmido das lágrimas e é urgente e forte, disparando ondas de choque por mim.

– Podes só fazer-me um favor? – pergunto.

Ele prende as mãos contra a minha coluna.

– Hum?

– Dá-me a mão só quando quiseres.

– Poppy – diz ele –, talvez chegue o dia em que eu já não precise de estar a tocar-te a toda a hora, mas esse dia não é hoje.

*

O jantar de ensaio realiza-se num bistrô em que o Tham investiu nos seus primeiros tempos, um lugar iluminado pela luz de velas e pejado de lustres de cristal feitos por medida. Não estão presentes todos os convidados do casamento, apenas os noivos e o celebrante, daí não se tratar de um verdadeiro ensaio, mas toda a família alargada do Tham vive no Norte da Califórnia e apareceu, juntamente com muitos dos amigos do David que estiveram na festa ontem à noite.

– Uaaaau – digo quando entramos. – Este é o lugar mais *sexy* onde já estive.

– A varanda-tenda de fumigação do Nikolai está profundamente ofendida – diz o Alex.

– Aquela tenda de fumigação ficará sempre no meu coração – prometo, e aperto-lhe a mão, o que enfatiza a nossa diferença de tamanho de uma maneira que me provoca um formigueiro na espinha. – Ei, lembras-te quando me fui abaixo por achar que tinha mãos de lóris lento? No Colorado? Depois de ter torcido o tornozelo?

– Poppy – diz ele muito sério –, eu lembro-me de tudo.

Fito-o com os olhos semicerrados.

– Mas tu disseste...

Suspira.

– Eu sei o que disse. Mas estou a dizer-te agora: lembro-me de tudo.

– Há quem dissesse que isso faz de ti um mentiroso.

– Não – diz ele –, o que faz de mim é alguém que se sentia embaraçado por ainda se lembrar exatamente do que trazias vestido da primeira vez que te vi e do que pediste no McDonald's no Tennessee, e que precisava de preservar alguma dignidade.

– Oh, Alex – arrulho na brincadeira, embora o meu coração esteja a palpar de felicidade. – Tu prescindiste da tua dignidade quando apareceste na semana do caloiro de calças de sarja.

– Ei – diz ele, em tom de ralhete. – Não te esqueças de que me amas.

Fico com as faces coradas, mas sem ponta de embaraço.

– Nunca poderia esquecer-me disso.

Amo-o, e ele lembra-se de tudo, porque também me ama. Dentro de mim, dá a sensação de que houve uma explosão de confetes dourados.

Alguém chama do outro extremo do restaurante nesse momento.

– A menina é a Poppy Wright?

Mr. Nilsen vem na nossa direção, com um fato cinzento largo e o seu bigode louro com o mesmo tamanho e a mesma forma exatos do que no dia em que o conheci. A mão do Alex solta-se da minha. Por alguma razão, obviamente *não* quer dar-me a mão em frente do pai, e sinto-me muito contente por ele se ter sentido à vontade para fazer o que precisava de fazer.

– Olá, Mr. Nilsen! – digo, e ele para abruptamente a uns passos de mim, sorrindo com ar bondoso e decididamente sem quaisquer planos de me abraçar. Traz um alfinete com um arco-íris comicamente grande na lapela. Dá a impressão de que, com um movimento errado, poderia desequilibrá-lo.

– Oh, por favor – diz ele. – Já não és uma miúda. Podes chamar-me Ed.

– Que diabo, pode chamar-me Ed também – digo.

– Hum? – hesita ele.

– Ela está a brincar – explica o Alex.

– Oh – diz o Ed Nilsen, indeciso. O Alex cora. Eu coro.

Este não é o momento de o embarçar.

– Fiquei muito triste ao saber do falecimento da Betty – digo, recuperando a compostura. – Era uma senhora espantosa.

Descaem-lhe os ombros.

– Era um rochedo para a nossa família – afirma. – Como a filha dela. – Dizendo aquilo, vêm-lhe as lágrimas aos olhos, tira os óculos com armação de arame e respira fundo enquanto limpa os olhos. – Não sei bem como vamos aguentar sem ela este fim de semana.

E sinto empatia, claro. Perdeu alguém de quem gostava. Mais uma vez.

Mas os seus filhos também, e, ali com ele, enquanto o vejo ficar todo lacrimoso e sofrer como todas as pessoas têm o direito de sofrer, há também algo parecido com indignação a aumentar dentro de mim.

Porque, ao seu lado, o Alex conteve toda a emoção mal viu o pai aproximar-se, e sei que isso não é coincidência nenhuma.

Não tenho *intenção* de o dizer em voz alta, mas é como me sai, com a subtilidade de um touro numa loja de louças:

– Mas vai aguentar. Porque o seu filho vai casar-se este fim de semana, e precisa do senhor.

O Ed Nilsen faz-me uma Cara de Cachorrinho Triste, mas sem qualquer ironia.

– Bem, é claro – diz, parecendo ligeiramente atordoado. – Peço desculpa,

tenho de... – Não acaba a frase, só olha para o Alex com uma expressão de perplexidade atónita, e aperta-lhe o ombro antes de se afastar.

Ao meu lado, o Alex solta um suspiro ansioso, e eu viro-me para ele.

– Desculpa! Acabei de tornar a situação esquisita. Desculpa.

– Não. – Volta a dar-me a mão. – De facto, acho que acabei de desenvolver um fetiche que consiste especificamente em tu dizeres verdades duras ao meu pai.

– Nesse caso – digo –, vamos trocar umas palavras com ele sobre aquele bigode.

Começo a afastar-me e o Alex puxa-me para si, com as mãos leves na minha cintura, e fala-me em voz baixa ao ouvido:

– Para o caso de eu não te beijar tão pornograficamente como quero durante o resto da noite, quero que saibas que, depois desta viagem, vou investir em terapia para compreender por que razão me sinto incapaz de exprimir felicidade em frente da minha família.

– E assim nasceu o *meu* fetiche do Alex Nilsen a Exibir Cuidados Consigo Mesmo – digo, e ele dá-me um beijo rápido à socapa de lado na cabeça.

Nesse momento, um caudal de guinchos e gritinhos jorra pela porta do bistrô, e o Alex recua um passo.

– Devem ser as minhas sobrinhas e o meu sobrinho.

As filhas do Bryce têm seis e quatro anos, e o filho do Cameron fez dois há pouco tempo. A irmã do Tham também tem uma filha de seis anos, e juntos, os quatro correm à desfilada pelo restaurante, com gargalhadinhas a fazer ricochete nos lustres.

O Alex não se importa nada de correr atrás deles, de se atirar para o chão quando tentam derrubá-lo e de os levantar no ar, aos gritinhos todo contente, quando os apanha.

Ele é o Alex que conheço com eles, divertido e aberto e brincalhão, e, embora eu não saiba bem como interagir com crianças, quando ele me puxa para o jogo, dou o meu melhor.

– Nós somos princesas – diz-me a sobrinha do Tham, a Kat, pegando-me na mão. – Mas também somos *guerreiras*, por isso temos de matar o dragão!

– E o tio Alex é o dragão? – pergunto, a confirmar, e ela acena com a cabeça, com os olhos esbugalhados e solene.

– Mas nós não *temos* de o matar mesmo – explica, ofegante. – Se conseguirmos amansá-lo, pode ser o nosso animal de estimação.

Meio debaixo de uma mesa, de onde está a defender-se da criançada da família Nilsen uma de cada vez, dispara-me um esboço do ar de Cachorrinho Triste.

– OK – digo à Kat. – Qual é o plano?

A noite avança aos poucos. Primeiro a hora dos *cocktails*, depois o jantar, um sem-número de *pizzas gourmet* minúsculas, todas com queijo de cabra e rúcula, abóbora e vinagre balsâmico, picle de cebola vermelha e couves-de-bruxelas grelhadas, e todo o tipo de coisas que fariam puristas de *pizzas* como a Rachel Krohn rir com escárnio.

Sentamo-nos à mesa das crianças, pelo que a mulher do Bryce, a Angela, me agradece umas cem vezes, já meio toldada, depois do fim da refeição.

– Adoro as minhas filhas, mas às vezes só quero sentar-me para jantar e falar

de outra coisa que não seja a Porquinha Peppa.

– Hum – digo –, nós falámos principalmente sobre literatura russa.

Dá-me uma palmada no braço com mais força do que tencionava quando se ri e depois agarra o Bryce pelo braço e puxa-o para junto de nós.

– Querido, tens de ouvir o que a Poppy acabou de dizer.

Está agarrada ao Bryce, que se mantém um pouco hirtos – um Nilsen, lá no fundo – mas que também tem a mão pousada no fundo das costas dela. Não se ri quando a Angela me faz repetir o que eu disse, mas diz com os seus modos inexpressivos, sinceros, à Nilsen:

– Isso tem graça. Literatura russa.

Antes de a sobremesa e o café serem servidos, a irmã do Tham (e a sua barriga enorme de grávida, de gémeos) levanta-se e bate com um garfo no seu copo de água, a chamar a atenção das pessoas, da cabeceira da série de mesas.

– Os nossos pais não são muito de falar em público, por isso aceitei fazer um pequeno brinde esta noite. – Já de lágrimas nos olhos, inspira fundo. – Quem adivinharia que o irritante do meu irmão mais novo acabaria por ser o meu melhor amigo? – Fala sobre a infância dela e do Tham no Norte da Califórnia, das suas brigas aos berros, da vez em que ele levou o carro dela sem lhe pedir e o espetou contra um poste telefónico. E depois o ponto de viragem, quando ela e o seu primeiro marido se divorciaram e o Tham a convidou para ir viver com ele. Quando ela o surpreendeu a chorar enquanto via *A Diva da Moda* e, depois de o gozar devidamente, se afundou no sofá para ver o resto do filme com ele, até estarem os dois a chorar e a rir-se de si próprios e decidirem que tinham de sair a meio da noite para comprar gelado.

– Quando me voltei a casar – diz ela –, o mais difícil foi saber que talvez nunca mais vivesse contigo outra vez. E quando *tu* começaste a falar sobre o David, vi como estavas apaixonado, e tive medo de perder ainda mais de ti. Mas então conheci o David.

Faz uma careta que provoca risos, relaxados no lado da família do Tham e contidos no da família do David.

– Soube imediatamente que ia ter outro melhor amigo. O casamento perfeito

não existe, mas tudo em que vocês os dois tocam se torna lindo, e isto não vai ser diferente.

Há aplausos e abraços e beijos na cara e os empregados de mesa já começaram a sair da cozinha com a sobremesa quando de repente o Mr. (Ed) Nilsen se põe de pé, balouçando-se embaraçado, e bate com uma faca no seu copo de água tão levemente que é como se estivesse a imitar o gesto.

O David mexe-se no assento e os ombros do Alex erguem-se num gesto protetor quando a atenção se pousa no pai.

– Sim – diz o Ed.

– Está a começar em força – segreda o Alex com os lábios fechados. Aperto-lhe o joelho por baixo da mesa e enfio a minha mão na sua.

O Ed tira os óculos, segura-os ao seu lado e pigarreja.

– David – diz, virando-se para os noivos. – Meu doce menino. Sei que nem sempre as coisas foram fáceis para nós. Sei que não o foram para *ti* – acrescenta em voz mais baixa. – Mas tu sempre foste um raio de sol, e... – Respira fundo. Contém alguma emoção que ameaça vir à tona e continua: – Não posso reclamar os louros por aquilo em que te tornaste. Nem sempre estive lá para ti quando devia ter estado. Mas os teus irmãos fizeram um trabalho espantoso a criar-te, e orgulho-me de ser teu pai. – Olha para o chão, recompondo-se. – Orgulho-me de ver que vais casar com o homem dos teus sonhos. Tham, sê bem-vindo à família.

Enquanto o aplauso alastra pela sala, o David vai ter com o pai. Aperta-lhe a mão, mas depois reconsidera e puxa o Ed para um abraço. É breve e embaraçado, mas acontece, e o Alex, ao meu lado, descontrai-se. Quando este casamento chegar ao fim, talvez tudo volte a ser como era antes, mas pode ser que eles também mudem.

Afinal, o Mr. Nilsen traz um enorme alfinete do orgulho *gay* na lapela. Talvez as coisas possam sempre melhorar entre pessoas que querem mostrar o seu afeto devidamente. Talvez seja quanto baste.

Nessa noite, quando regressamos ao hotel, o Alex toma um duche rápido enquanto eu passo pelos canais na televisão, parando numa repetição de *Bachelor in Paradise*. Quando o Alex sai da casa de banho, sobe para a cama, puxa-me para

mais perto dele e eu levanto os braços para ele poder despir-me a *T-shirt* larga, e as suas mãos espalmadas rodeiam-me o tronco, a boca deposita beijos pela minha barriga abaixo.

– Lutadora minúscula – segreda contra a minha pele.

Desta vez, tudo é diferente entre nós. Mais suave, mais delicado, mais lento. Levamos o nosso tempo, não dizemos nada que não possa ser dito com as mãos e a boca e os membros.

Amo-te, diz-me ele de uma dúzia de maneiras diferentes, e eu digo-lhe o mesmo em resposta de cada vez.

Quando acabamos, deixamo-nos ficar deitados juntos, emaranhados e com o brilho do suor, a respirar profunda e calmamente. Se falássemos, um de nós teria de dizer «Amanhã é o último dia desta viagem». Teríamos de dizer «O que se segue?» e ainda não há resposta para essa pergunta.

Por isso, não falamos. Limitamo-nos a adormecer juntos, e de manhã, quando o Alex regressa da sua corrida com dois cafés e uma fatia de bolo de café, beijamo-nos de novo, furiosamente desta vez, como se o quarto estivesse a arder e esta fosse a melhor maneira de apagar o fogo. Depois, quando tem mesmo de ser, quando já não nos resta tempo nenhum, soltamo-nos um do outro para nos arranjarmos para o casamento.

O local é uma casa de estilo espanhol com portões de ferro forjado e um jardim luxuriante. Palmeiras e colunas e mesas compridas de madeira escura com cadeiras de costas altas com entalhes feitos à mão. Os arranjos florais são todos de um amarelo-vivo, girassóis e margaridas e raminhos delicados de flores silvestres minúsculas, e um quarteto de cordas vestido de branco toca música sonhadora e romântica enquanto os convidados vão entrando na propriedade.

Mais cadeiras de costas altas estão dispostas em filas num relvado, com apontamentos de flores amarelas ladeando a coxia entre elas. A cerimónia é breve e simples, porque – nas palavras do David, quando estão a descer a coxia ao som de uma versão animada por instrumentos de cordas de «Here Comes the Sun» – *é tempo de festejar!*

O dia está a passar a toda a velocidade, e aloja-se uma dor por baixo das

minhas clavículas que parece agravar-se com o lusco-fusco. É como se estivesse a ter duas vezes a experiência da noite, duas versões do mesmo filme a passarem ligeiramente sobrepostas.

Há o eu que está aqui agora, a saborear uma incrível refeição vietnamita de sete pratos. A mesma que anda a correr atrás das crianças à volta das pernas de adultos alheados do que se passa, a jogar às escondidas com elas e com o Alex debaixo das mesas. A mesma que está a emborcar *margaritas* na pista de dança com o Alex enquanto «Pour Some Sugar on Me» está a tocar no volume máximo e gotas de suor e de champanhe salpicam a multidão. A mesma que o puxa para si quando os Flamingos começam a cantar «I Only Have Eyes for You» e que enterra o rosto no pescoço dele, tentando memorizar o seu cheiro mais exaustivamente do que os últimos doze anos permitiram, para poder convocá-lo quando quiser, e tudo nesta noite virá à mente em tropel: a mão a apertar-me a cintura, a boca entreaberta contra a minha têmpora, as ancas quase sem movimento, coladas às minhas.

Há essa Poppy, que está a ter todas aquelas experiências e a passar a noite mais mágica da sua vida. E depois há a que já sente saudades dela, que está a ver tudo isto acontecer de um qualquer ponto à distância, sabendo que nunca mais pode voltar para repetir tudo.

Receio demasiado perguntar ao Alex o que se segue. Receio demasiado fazer essa pergunta a mim mesma. Nós amamo-nos. Nós queremos-nos um ao outro.

Mas isso não alterou o resto da nossa situação.

Por isso, continuo abraçada a ele e digo para comigo que, por agora, devia desfrutar deste momento. Estou de férias. As férias terminam sempre.

É o próprio facto de serem finitas que torna as viagens especiais. Podias mudar-te para qualquer um desses destinos que adoraste em pequenas doses, e não seria o mesmo que aqueles sete dias fascinantes e que mudam a vida passados ali como visita, deixando entrar completamente no teu coração um lugar, deixando-o alterar-te.

A canção chega ao fim.

A dança chega ao fim.

Pouco depois, há foguetes lançados num longo túnel de pessoas que adoram o

David e o Tham, e depois eles estão a correr por esse túnel, com os rostos inundados numa luz quente e num amor profundo, e depois, como se fosse uma pessoa a ceder ao sono, a noite termina.

Eu e o Alex fazemos as nossas despedidas, suficientemente descontraídos depois de uma noite a beber e a dançar para abraçarmos dúzias de pessoas que eram perfeitos estranhos há umas horas. Vamos para o hotel em silêncio, e, quando chegamos, o Alex não toma um duche, nem sequer se despe. Deitamo-nos na cama e ficamos abraçados até adormecermos.

*

A manhã é melhor.

Para começar, porque nos esquecemos de ligar o alarme e ficámos a pé até tão tarde que nem mesmo o despertador interno do Alex nos acorda a tempo de ficarmos a preguiçar pelo hotel. Já estamos atrasados desde o momento em que abrimos os olhos, e não podemos fazer mais nada a não ser atirar com a roupa para dentro da mala e verificar debaixo da cama se há meias e *soutiens* e o que mais caídos.

– Ainda temos de devolver o *Aspire*! – diz o Alex, apercebendo-se nesse momento, quando está a fechar a mala.

– Vou tratar disso! – digo. – Se conseguir falar com a dona do carro, talvez ela não se importe que o deixemos no aeroporto se lhe pagarmos cinquenta dólares a mais ou coisa do género.

Mas não conseguimos falar com ela, e por isso seguimos disparados pela autoestrada, a fazer figas para que consigamos chegar ao aeroporto a tempo.

– Arrependo-me mesmo de não ter tomado um duche – diz o Alex, baixando o vidro e passando os dedos pelo seu cabelo sujo.

– Duche? – digo. – Quando estava a adormecer, tive o pensamento *Tenho de fazer chichi, mas aguento até de manhã*.

O Alex lança-me um olhar por cima do ombro.

– Tenho a certeza de que deixaste um copo vazio aqui dentro a dado momento nesta semana, em desespero de causa.

– Que rude! – digo, mas tem razão. Há um debaixo do meu pé e outro no

suporte para copos no assento de trás. – Espero que não chegue a isso. A minha pontaria não é *famosa*.

Ele ri-se, mas é um riso contrafeito.

– Não foi assim que imaginei que este dia correria.

– Eu também não – digo. – Mas, por outro lado, toda a viagem foi de certa maneira surpreendente.

Quando ouve aquilo, ele sorri, agarra-me a mão contra a manete de velocidades e leva-a aos lábios daí a uns segundos, mantendo-a ali, mas não a beijando.

– O que foi, estou pegajosa? – pergunto.

Abana a cabeça.

– Só quero lembrar-me da sensação da tua pele.

– Isso é muito querido, Alex – digo –, e de maneira nenhuma algo que um assassino em série diria.

Estou a aligeirar a situação, mas não sei bem de que outra forma lidar com isto. Uma corrida desenfreada, juntos, para o aeroporto. Uma despedida apressada na porta de embarque – ou talvez só separarmo-nos e corrermos em direções opostas. É a antítese de todas as comédias românticas que sempre adorei, e, se me permitir pensar nisso, acho que seria capaz de ter um ataque de pânico dos grandes.

Por milagre e bastante excesso de velocidade (e, sim, um suborno a um motorista do Uber para passar no amarelo a chegar ao vermelho em alguns semáforos, depois de termos deixado o *Aspire*), chegamos a tempo ao aeroporto e fazemos o *check-in*. Como o meu avião parte um quarto de hora depois do avião do Alex, dirigimo-nos primeiro para a sua porta de embarque, fazendo um desvio para comprar um par de barras de granola e o número mais recente da *R+R* numa livraria do terminal.

Chegamos à porta dele quando o embarque dos passageiros está a começar, mas, como temos uns minutos até o seu grupo ser chamado, ficamos ali, ofegantes, a transpirar, com os ombros doridos de carregarmos os nossos sacos de viagem, o meu tornozelo esfolado por bater com ele acidentalmente na mala dura de cabina a cada meia dúzia de passos.

– Porque é que os aeroportos são tão quentes? – pergunta o Alex.

– É a pergunta a que se segue uma piada? – digo.

– Não, quero mesmo saber.

– Comparado com o apartamento do Nikolai, isto é ártico, Alex.

O seu sorriso é tenso. Nem um nem o outro estamos a lidar bem com esta situação.

– Então – diz ele.

– Então.

– Como achas que a Swapna vai receber este artigo? Jardins que fecham a meio do dia e carroséis tão quentes que é perigoso andar neles?

– Oh. Certo. – Sinto-me menos embaraçada por ter mentido ao Alex sobre esta viagem do que pelo facto de me ter esquecido de o mencionar até este momento, e vejo-me forçada a gastar vários dos nossos preciosos últimos momentos juntos a explicá-lo. – Então, tecnicamente, a *R+R* talvez não tenha aprovado esta viagem.

Arqueia uma sobrancelha.

– Talvez não?

– Ou talvez a tenha rejeitado totalmente.

– O quê, a sério? Então porque é que te estavam a pagar... – Interrompe-se quando lê a resposta no meu rosto. – Poppy. Não devias ter feito isso. Ou devias ter-me dito.

– Terias feito esta viagem se soubesses que era eu que ia pagá-la?

– É claro que não – diz ele.

– Exatamente – digo. – E eu precisava de falar contigo. Quero dizer, *obviamente* precisávamos de falar.

– Podias ter-me telefonado – diz ele. – Já tínhamos voltado a trocar mensagens. Nós estávamos... não sei, a *trabalhar* nisso.

– Eu sei – digo. – Mas não era assim tão simples. Eu estava a passar por uma fase difícil no trabalho, a sentir-me farta daquilo tudo, e perdida e morta de *tédio*, e tipo... tipo, sem sequer saber o que quero a seguir na minha vida, e então falei com

a Rachel e ela chamou-me a atenção para o facto de que, de certo modo... eu já tinha tudo o que queria profissionalmente, e que talvez precisasse apenas de encontrar alguma coisa *nova* para querer, e depois pensei na última vez em que me tinha sentido feliz e...

– De que é que tu estás a falar? – diz o Alex, abanando a cabeça. – A Rachel disse-te... para me lebares a fazer uma viagem contigo?

– Não! – digo, com o pânico às voltas no estômago. Como é que isto está a descarrilar tão rapidamente? – Não foi isso! A mãe dela é psicoterapeuta, e, segundo ela, é comum uma pessoa ficar deprimida quando já atingiu todos os seus objetivos de longo prazo. Porque nós precisamos de um objetivo. E então a Rachel sugeriu que talvez eu simplesmente precisasse de uma pausa da vida para me permitir tentar descobrir o que queria.

– Uma pausa da vida – diz o Alex em voz baixa, com a boca descaída e um olhar sombrio e tempestuoso.

Torna-se imediatamente óbvio que eu disse a coisa errada. Isto está tudo a sair tão mal. Tenho de emendar o que disse.

– Só queria dizer que não me sentia realmente feliz desde a nossa última viagem.

– Então mentiste-me para eu fazer uma viagem contigo e depois fizeste sexo comigo e disseste-me que me amavas e vieste ao casamento do meu irmão, porque precisavas de uma pausa da tua vida real.

– Alex, *é claro que não* – digo, estendendo a mão para ele.

Ele recua para se afastar de mim, de olhos baixos.

– Por favor, não me toques neste momento, Poppy. Estou a tentar pensar, *OK?*

– A pensar sobre *quê?* – pergunto, com a emoção a empastar-me a voz. Não compreendo o que está a acontecer, como é que o magoei ou como resolver a situação. – Porque é que ficaste tão perturbado?

– Porque eu estava a ser sincero! – diz, olhando-me finalmente nos olhos.

Uma dor súbita dispara no meu estômago.

– Eu também! – grito.

– Eu estava a ser sincero e sabia que estava a ser sincero – afirma. – Não foi um impulso. Sabia há anos que te amava, e pensei nisso de todos os ângulos e sabia o que queria antes de te beijar pela primeira vez. Estivemos dois anos sem falar, e eu pensava em ti todos os dias e dei-te o espaço que julgava que querias, e durante todo esse tempo perguntei a mim mesmo o que estaria disposto a fazer, do que estaria disposto a prescindir, se tu decidisses que também querias estar comigo. Passei todo esse tempo a alternar entre tentar seguir em frente e desistir de ti, para tu poderes ser feliz, e procurar colocações e apartamentos perto de ti, *pelo sim pelo não*.

– Alex. – Abano a cabeça, forço as palavras a passarem para lá do nó na minha garganta. – Não fazia ideia.

– Eu sei. – Esfrega a testa e fecha os olhos. – Eu sei disso. E talvez devesse ter-te dito. Mas, merda, Poppy, não sou um piloto de um barquinho que conheceste numas férias.

– O que é que *isso* quer dizer? – exijo saber. Quando ele abre os olhos, estão tão cheios de lágrimas que começo a estender a mão para ele até me lembrar do que me disse: *por favor, não me toques neste momento*.

– Eu não sou umas férias da tua vida real – diz ele. – Não sou uma experiência, uma novidade. Sou alguém que está apaixonado por ti há dez anos, e tu nunca me devias ter beijado se não *sabias* que querias isto, a sério. Não foi justo.

– Eu *quero* isto – digo, mas, quando o digo, uma parte de mim não faz ideia do que isso significa.

Será que quero casar-me?

Será que quero ter filhos?

Será que quero viver numa moradia dos anos setenta em Linfield, no Ohio?

Será que quero alguma das coisas pelas quais o Alex anseia para a sua vida?

Não pensei bem em nada disso, e o Alex consegue ver que não.

– Tu não sabes isso – diz o Alex. – Acabaste de dizer que não sabes, Poppy. Não posso deixar o meu emprego e a minha casa e a minha família só para ver se isso cura o teu tédio.

– Eu não te pedi que fizesses isso, Alex – digo, sentindo-me desesperada,

como se estivesse a tentar agarrar-me a alguma coisa para não cair e a compreender que tudo debaixo de mim é feito de areia. Ele está a escapar-me por entre os dedos pela última vez e não haverá como voltar a dar forma a tudo isto.

– Eu sei – diz ele, esfregando as rugas na testa e estremecendo. – Meu Deus, eu sei disso. A culpa é minha. Devia ter sabido que isto era má ideia.

– Para – digo, querendo muito tocar nele, sentindo uma dor por ter de me contentar com fechar as mãos em punho. – Não digas isso. Eu estou a tentar compreender as coisas, *OK*? Eu só... eu preciso de compreender algumas coisas.

A funcionária da porta de embarque chama o grupo seis para começar a embarcar e os últimos passageiros põem-se na fila.

– Tenho de ir – diz ele, sem olhar para mim.

Os meus olhos toldam-se com lágrimas, sinto calor e um prurido na pele como se o meu corpo estivesse a encolher-se à volta dos ossos, a tornar-se insuportavelmente apertado.

– Eu amo-te, Alex – consigo dizer. – Isso não importa?

Os olhos dele viram-se para mim, sombrios, enigmáticos, cheios de mágoa e de desejo.

– Eu também te amo, Poppy – diz ele. – Isso nunca foi o nosso problema. – Lança um olhar por cima do ombro. A fila já quase desapareceu.

– Podemos falar sobre isto quando estivermos em casa – digo. – Podemos resolver tudo.

Quando o Alex olha para mim, tem o rosto angustiado, os olhos vermelhos.

– Olha – diz ele com meiguice. – Acho que não devemos falar durante algum tempo.

Abano a cabeça.

– Isso é a última coisa que devíamos fazer, Alex. Temos de resolver isto.

– Poppy. – Estende a mão para a minha, pega nela levemente. – Eu sei o que quero. *Tu* é que tens de resolver isto na tua cabeça. Eu faria tudo por ti, mas... por favor, não mo peças se não tens a certeza. Eu realmente... – Engole em seco com força. A fila desapareceu. Ele tem de ir. Diz o resto a custo num murmúrio rouco. –

Não posso ser uma pausa da tua vida real e não serei o que te impede de teres o que queres.

O nome dele fica-me preso na garganta. Ele baixa-se um pouco, encosta a testa à minha e eu fecho os olhos. Quando os abro, ele está a entrar na ponte para o avião sem olhar para trás.

Respiro fundo, pego nas minhas coisas e dirijo-me para a minha porta de embarque.

Quando me sento para esperar e encosto os joelhos ao peito, escondendo o rosto contra eles, permito-me por fim chorar livremente.

Pela primeira vez na minha vida, o aeroporto parece-me o lugar mais solitário do mundo.

Todas estas pessoas, a separarem-se, a irem cada uma para seu lado, cruzando caminho com centenas de outras, mas nunca estabelecendo uma ligação com ninguém.

Um senhor de mais idade viaja connosco para a Croácia como fotógrafo oficial da *R+R*.

O Bernard. Fala alto, usa sempre um colete polar e põe-se muitas vezes entre mim e o Alex sem reparar nos olhares divertidos que trocamos por cima da sua cabeça careca. (É mais baixo do que eu, embora durante toda a viagem nos diga com frequência que, nas suas primícias, media um metro e sessenta e sete e meio.)

Juntos, os três visitamos a cidade antiga de Dubrovnik, com os seus muros de pedra altos e as suas ruas sinuosas, e, mais longe, as praias rochosas e as águas de um azul-turquesa imaculado do Adriático.

Os outros fotógrafos com quem tenho viajado têm sido bastante independentes, mas o Bernard enviuvou recentemente e não está habituado a viver sozinho. É um tipo simpático, mas extremamente sociável e falador, e, durante toda a nossa estadia na cidade, vejo-o cansar o Alex, até todas as suas perguntas serem respondidas em monossílabos. O Bernard não se apercebe; habitualmente, as perguntas dele são meras rampas de lançamento para histórias que quer partilhar.

As suas histórias envolvem muitos nomes e datas, e ele demora bastante tempo a assegurar-se de que os indica corretamente, andando para a frente e para trás quatro ou cinco vezes até ter a *certeza absoluta* de que aquilo de que está a falar aconteceu numa quarta-feira e não, como tinha pensado inicialmente, numa quinta-feira.

Da cidade, apanhamos um *ferry* apinhado para Korčula, uma ilha ao largo da costa. A *R+R* reservou-nos dois apartamentos num hotel com vista para o mar. De alguma maneira, mete-se na cabeça do Bernard que ele e o Alex vão partilhar um dos apartamentos, o que não faz sentido, porque ele é um funcionário da *R+R*, que obviamente devia ter direito ao seu próprio alojamento, enquanto o Alex é meu convidado.

Tentamos dizer-lhe isso.

– Oh, eu não me importo – diz ele. – Além disso, por acaso até tenho dois quartos.

É uma causa perdida tentar convencê-lo de que aquele apartamento devia ser *o meu e do Alex*, daí os dois quartos, e, francamente, acho que nós os dois sentimos demasiada simpatia pelo Bernard para insistir no assunto. Os apartamentos são elegantes e modernos, uma profusão de branco e aço inoxidável, com varandas com vista para o mar cintilante, mas as paredes são finas como papel, e acordo todas as manhãs com o som de três crianças pequeninas a correrem e a gritarem no apartamento por cima do meu. Além disso, alguém morreu na parede por trás do secador no armário da lavandaria, e em cada dia que telefono à receção para lhes dizer isso, mandam um adolescente fazer qualquer coisa quanto ao cheiro enquanto estou fora. Tenho quase a certeza de que se limita a abrir todas as janelas e espalhar desinfetante por todo o espaço, porque o aroma doce a limão para o qual regresso a cada noite desvanece-se ao mesmo tempo que o cheiro a animal morto volta a intensificar-se para tomar o seu lugar.

Esperava que estas fossem as melhores férias de todas as que já fizemos.

Contudo, mesmo descontando o cheiro a morte e os bebés a guincharem ao amanhecer, há o facto do Bernard. Depois da Toscana, sem falar sobre o assunto, tanto eu como o Alex demos um passo atrás na nossa amizade. Em vez de mensagens diárias, começámos a contactar-nos a cada duas semanas. Teria sido muito fácil voltar a como as coisas eram antes, mas eu não podia fazer isso, nem a ele nem ao Trey.

Em vez disso, embrenhei-me no trabalho, fazendo todas as viagens que apareciam, por vezes umas a seguir às outras. Ao princípio, eu e o Trey estávamos mais felizes do que nunca – era onde nos dávamos melhor: montados a cavalo e em camelos, a escalar vulcões e a saltar de penhascos para cascatas. Por fim, no entanto, as nossas férias intermináveis começaram a dar a sensação de uma fuga, como se fôssemos dois assaltantes de bancos a tirar o melhor partido de uma situação má enquanto esperávamos que o FBI nos apanhasse.

Começámos a discutir. Ele queria levantar-se cedo, e eu ficava até mais tarde na cama. Eu andava demasiado devagar, e ele ria-se demasiado alto. Eu sentia-me irritada com a forma como ele namoriscava com a empregada do bar, e ele não suportava que eu tivesse de percorrer todos os corredores de todas as lojas idênticas pelas quais passávamos.

Restava-nos uma semana de uma viagem à Nova Zelândia quando nos apercebemos de que a nossa relação se tinha esgotado.

– Simplesmente já não estamos a divertir-nos – disse o Trey.

Comecei a rir-me de alívio. Separámo-nos como amigos. Não chorei. Os últimos seis meses tinham sido um lento desentrançar das nossas vidas. O rompimento foi apenas o corte de um último fio.

Quando mandei uma mensagem ao Alex a contar-lhe, ele perguntou: O que é que aconteceu? Estás bem?

Seria mais fácil explicar pessoalmente, escrevi, com o coração a palpitar.

Está bem, respondeu ele.

Daí a umas semanas, também por sms, disse-me que ele e a Sarah tinham voltado a acabar.

Eu não tinha previsto aquilo. Tinham-se mudado juntos para Linfield quando ele acabou o doutoramento, até estavam a trabalhar na mesma escola – um milagre tão profundo que parecia a aprovação expressa da relação deles pelo Universo – e, com base em tudo o que o Alex me tinha contado, estavam melhor do que nunca. Mais felizes. Era tudo tão natural para eles. A não ser que o Alex estivesse a guardar segredo dos problemas entre eles, o que faria todo o sentido.

Queres conversar?, perguntei, sentindo-me ao mesmo tempo apavorada e cheia de adrenalina.

Como tu disseste, respondeu, talvez seja mais fácil explicar pessoalmente.

Eu estava à espera há dois meses e meio para ter aquela conversa. Sentia imensas saudades do Alex, e finalmente não havia nada a impedir-nos de falar claramente, nenhuma razão para nos contermos, para andarmos em bicos de pés à volta um do outro ou tentarmos não tocar um no outro.

Excetuando o Bernard.

Vem andar de caiaque connosco ao pôr do sol. Acompanha-nos na visita às adegas de empresas familiares reunidas numa zona no interior. Faz-nos companhia aos jantares de marisco todas as noites. Sugere um copo antes de irmos para a cama. Nunca se cansa. «O Bernard», segreda o Alex uma noite, «talvez seja Deus», e eu resfolego para dentro do meu copo de vinho branco.

– Tens alergias? – pergunta o Bernard. – Podes usar o meu lenço de assoar.

E passa-me para as mãos um lenço de pano bordado, à moda antiga.

Gostava que o Bernard fizesse alguma coisa horrível, como usar fio dental à mesa ou algo que me desse coragem suficiente para exigir uma hora de espaço e de privacidade.

Esta é a viagem mais linda e a pior que eu e o Alex alguma vez fizemos.

Na última noite, nós os três embebedámo-nos perdidamente num restaurante à beira-mar, a ver os cor-de-rosa e os dourados do sol derreterem-se sobre tudo até a água se tornar um lençol de luz, substituído gradualmente por um manto de um púrpura muito escuro. De regresso ao *resort*, com o céu já escuro, despedimo-nos, exaustos de mais do que uma maneira e pesados do vinho.

Daí a um quarto de hora, ouço uma pancada leve na porta. Vou abrir de pijama e dou com o Alex ali, a sorrir e corado.

– Bem, isto é uma surpresa! – digo, numa voz um pouco arrastada.

– A sério? – diz o Alex. – Pela maneira como estavas a levar o Bernard a beber, pensei que era parte de um qualquer plano maléfico.

– Ele está caído de bêbedo? – pergunto.

– A ressonar alto como o caraças – responde o Alex, e, quando começamos a rir, encosta o indicador aos meus lábios. – Chiu – avisa –, tentei vir aqui à socapa nas duas últimas noites e ele acordou... *e veio do quarto dele...* ainda antes de eu chegar à porta. Pensei em começar a fumar só para ter uma desculpa à prova de bala.

Mais gargalhadas borbulham por mim acima, aquecendo-me as entranhas, efervescentes.

– Achas mesmo que ele te teria seguido? – sussurro, com o seu dedo ainda encostado aos meus lábios.

– Eu não estava disposto a correr esse risco. – Do outro lado da parede, ouvimos um ressonar horrendo, e começo a rir-me tanto que fico com as pernas bambas e me afundo para o chão. E o Alex também.

Tombamos num monte, um emaranhado de pernas e braços e de gargalhadas silenciosas que nos fazem tremer. Bato-lhe inutilmente no braço quando outro

horrível ressonar trovejante ruge do lado de lá da parede.

– Senti a tua falta – diz o Alex por entre um sorriso quando o riso começa a desvanecer-se.

– Eu também – digo, com as faces douradas. Ele afasta-me o cabelo do rosto e a eletricidade estática faz com que alguns fios dancem à volta da sua mão. – Mas pelo menos sei que tenho três de ti. – Agarro-lhe o pulso para me equilibrar e fecho um olho para o ver melhor.

– Muito demasiado vinho? – diz ele na brincadeira, passando a mão à volta do meu pescoço.

– Não – respondo –, só o suficiente para deitar abaixo o Bernard. A quantidade perfeita. – Sinto a cabeça andar agradavelmente à roda e a pele quente contra a mão do Alex, de que reverberam anéis de calor por todo o meu corpo até aos dedos dos pés. – Deve ser esta a sensação que dá ser um gato – murmuro.

Ele ri-se.

– Como assim?

– Tu sabes. – Abano a cabeça de um lado para o outro, encostando o pescoço à palma da mão dele. – Só... – Paro de falar, demasiado satisfeita para continuar. Os seus dedos arranham-me a pele, puxando-me levemente o cabelo, e suspiro com prazer ao mesmo tempo que me afundo contra ele, pousando a mão no seu peito enquanto encosto a testa à dele.

O Alex pousa a mão em cima da minha e entrelaça os dedos nos dele à medida que inclino o rosto para o dele, com os nossos narizes a roçarem-se. Levanta o queixo, os seus dedos roçam o meu maxilar. De um momento para o outro, está a beijar-me.

Estou a *beijar o Alex Nilsen*.

A beber um beijo quente e lento. Ambos estamos quase a rir no princípio, como se toda esta coisa fosse uma piada muito cómica. Depois, a língua dele varre-me o lábio inferior, um laivo de calor ardente. Os seus dentes agarram-no por um breve momento, e não há mais risos.

Enfio as mãos no cabelo dele e o Alex puxa-me para o seu colo, passa as mãos pelas minhas costas acima e de novo para baixo para me apertar as ancas. A

minha respiração está entrecortada e rápida e a boca dele tenta abrir a minha de novo, com a sua língua a enfiar-se mais fundo, o seu sabor doce e limpo e inebriante.

Somos mãos frenéticas e dentes aguçados, tecido arrancado da pele e unhas cravadas em músculos. Provavelmente, o Bernard continua a ressonar, mas não consigo ouvi-lo com a respiração ofegante do Alex ou a sua voz no meu ouvido a pronunciar o meu nome como um palavrão ou os batimentos do meu coração que me atroam os ouvidos enquanto balouço as ancas contra as dele.

Todas aquelas coisas que não tivemos oportunidade de dizer já não importam, porque, na realidade, é disto que precisamos. Eu preciso de mais dele. Estendo a mão para o seu cinto – porque ele traz um cinto, é claro que traz um cinto –, mas o Alex agarra-me o pulso e afasta-me a mão, os seus lábios inchados como de uma picada de abelha e o cabelo despenteado, todo ele desalinhado de uma maneira nada familiar e extremamente atraente.

– Não podemos fazer isto – diz ele numa voz empastada.

– Não podemos? – Parar dá a sensação de esbarrar num muro. Como se houvesse passarinhos dos desenhos animados a rodopiar estonteados na minha cabeça enquanto tento compreender o que ele está a dizer.

– Não devíamos – emenda o Alex. – Estamos bêbedos.

– Não demasiado bêbedos para curtir, mas demasiado bêbedos para dormirmos juntos? – digo, quase rindo do absurdo ou da decepção.

O Alex torce a boca.

– Não – respondo –, quero dizer que não devia ter acontecido de todo. Estivemos os dois a beber, e não estamos a pensar claramente...

– Mm-hum. – Afasto-me dele, alisando e puxando para baixo a parte de cima do meu pijama. O meu embaraço é do tipo que atinge o corpo todo, um murro no estômago que me deixa lágrimas nos olhos. Levanto-me do chão e o Alex segue o meu exemplo. – Tens razão – digo. – Foi má ideia.

O Alex parece confrangido.

– Eu só queria dizer...

– Eu entendo – apresso-me a dizer, tentando remendar o buraco antes que o

barco meta mais água. Foi um erro ir por ali, arriscar isto. Mas preciso de o convencer de que está tudo bem, de que não acabámos de entornar gasolina e acender um fósforo em cima da nossa amizade. – Não façamos disto uma grande coisa... que não é – continuo, com a minha convicção a aumentar. – É como disseste: bebemos cada um, tipo três garrafas de vinho. Não estávamos a pensar claramente. Vamos fingir que nunca aconteceu, OK?

Ele fita-me, com uma expressão tensa que não consigo interpretar bem.

– Achas que consegues fazer isso?

– Alex, é claro – digo. – Temos muito mais história do que apenas uma noite de copos.

– OK. – Acena com a cabeça. – OK. – Depois de um momento de silêncio, diz: – Eu devia ir para a cama. – Olha-me por mais um momento e em seguida murmura: – Boa noite – e sai discretamente.

Depois de uns minutos a andar para a frente e para trás, consternada, arrasto-me para a cama, onde, de cada vez que começo a adormecer, todo o encontro volta a desenrolar-se na minha mente: a excitação insuportável de o beijar e a humilhação ainda mais insuportável da nossa conversa.

De manhã, quando acordo, há um momento maravilhoso em que penso que sonhei aquilo tudo. Mas depois vou aos tropeções à casa de banho e vejo ao espelho um belo de um chupão à moda antiga no pescoço, e o ciclo de recordações começa de novo.

Decido não abordar o assunto quando o vir. A melhor coisa que posso fazer é fingir que esqueci verdadeiramente o que aconteceu. Para provar que estou bem e que nada tem de mudar entre nós.

Quando chegamos ao aeroporto – eu, o Bernard e o Alex – e o Bernard se afasta para ir à casa de banho, temos o nosso primeiro minuto do dia a sós.

O Alex tosse.

– Lamento aquilo de ontem à noite. Sei que fui eu que comecei tudo... não devia ter acontecido assim.

– A sério – digo. – Não é nada de mais.

– Sei que ainda não ultrapassaste o Trey – murmura ele, desviando o olhar. –

Eu não devia...

Tornaria a situação melhor ou pior admitir quão pouco o Trey me passou pela cabeça ao longo das semanas antes desta viagem? Que na noite passada não estava a pensar em ninguém a não ser no Alex?

– A culpa não é tua – garanto-lhe. – Ambos deixámos que acontecesse, e não tem de significar nada, Alex. Somos apenas dois amigos que se beijaram uma vez quando estavam bêbedos.

Ele olha-me por uns segundos.

– Está bem. – Não dá a impressão de que esteja tudo bem. Dá a impressão de que preferiria estar numa convenção de saxofonistas com uma série de assassinos em série neste preciso momento.

O meu coração contrai-se dolorosamente.

– Então, estamos bem? – digo, a querer muito que seja verdade.

O Bernard reaparece com uma história sobre uma casa de banho de um aeroporto cheio de papel higiénico onde estive uma vez – no domingo do Dia da Mãe, para quem possa querer saber a data *exata* – e eu e o Alex mal olhamos um para o outro.

Quando chego a casa, algo me impede de lhe enviar uma mensagem.

Ele vai escrever-me, penso. E depois fico a saber que estamos bem.

Ao fim de uma semana de silêncio, mando-lhe uma mensagem casual sobre uma *T-shirt* engraçada que vi no metro, e ele responde com um ah, mas nada mais. Daí a duas semanas, quando lhe pergunto *Estás bem?*, ele limita-se a responder: *Desculpa. Tenho andado muito ocupado. Tu estás bem?*

Claro que sim, digo.

O Alex mantém-se ocupado. Eu também me mantenho ocupada, e é tudo.

Sempre soube que havia uma razão para mantermos uma barreira entre nós. Tínhamos deixado que a libido levasse a melhor e agora ele nem sequer conseguia olhar para mim, responder às minhas mensagens.

Dez anos de amizade pelo cano abaixo só para eu poder ficar a conhecer o sabor do Alex Nilsen.

Não consigo parar de pensar naquele beijo. Não no nosso primeiro beijo na varanda do Nikolai, mas no de há dois anos, na Croácia. Durante todo este tempo, essa recordação teve um aspeto na minha mente, mas agora parece totalmente diferente.

Pensava que ele se arrependia do que tinha acontecido. Agora, compreendo que ele se arrependia do modo *como* tinha acontecido. Num impulso bêbedo, quando ele não podia ter a certeza das minhas intenções. Quando *eu* não tinha a certeza das minhas intenções. Ele receara que não tivesse significado nada, e depois eu fingira que não tinha.

Durante todo este tempo, eu tinha pensado que ele me rejeitara. E ele tinha pensado que eu me revelara indiferente para com ele e o seu coração. Doía-me pensar como eu o magoara e, pior do que tudo, que talvez ele tivesse razão.

Porque, embora aquele beijo não tivesse significado pouco para mim, eu também não tinha refletido devidamente. Não daquela primeira vez e também não desta vez. Não como o Alex.

– Poppy? – diz a Swapna, espreitando para o meu cubículo. – Tens um momento?

Estou sentada à secretária, a fitar este *site* do turismo da Sibéria, há mais de quarenta e cinco minutos. Afinal, a Sibéria é, de facto, bastante bonita. Perfeita para um exílio autoimposto para alguém com necessidade de tal coisa. Minimizó a janela do *site*.

– Hum, claro.

A Swapna lança um olhar por cima do ombro, a ver quem mais está no escritório hoje, às respetivas secretárias.

– Pensando bem, que me dizes a darmos uma volta?

Há duas semanas que regressei de Palm Springs e, tecnicamente, é demasiado cedo para o tempo de outono, mas hoje estamos a ter uma amostra aleatória dele em Nova Iorque. A Swapna pega na sua gabardina da *Burberry* e eu na minha

gabardina *vintage* com um padrão de espinha de peixe e pomo-nos a caminho do café da esquina.

– Então – diz ela –, não pude deixar de reparar que tens andado em baixo.

– Oh. – Pensava que estava a conseguir esconder relativamente bem como me andava a sentir. Para começar, porque tenho andado a fazer imenso exercício, tipo, quatro horas por noite, o que significa que durmo como um bebé, acordo ainda exausta e passo os dias sem me restar grande poder mental para me perguntar quando é que o Alex poderá atender um dos meus telefonemas ou me retribuirá as chamadas.

Ou porque este trabalho me parece tão cansativo como servir ao balcão naquele bar do Ohio. Já não consigo dar sentido às coisas como devia. Ao longo de todo o dia, ouço-me dizer esta mesma frase, como se estivesse desesperada por sair do meu corpo, embora me sinta incapaz: «Estou a passar por um período duro».

Branda como é essa afirmação – tão branda como «Não posso deixar de reparar que tens andado em baixo» –, queima-me até ao âmago do meu ser de cada vez que a ouço.

Estou a passar por um período duro, penso desesperadamente mil vezes por dia, e quando tento sondar para obter mais informação – *Um período duro com quê?* –, a voz responde: *Com tudo*.

Sinto-me insuficiente como adulta. Olho à volta no escritório e vejo toda a gente a escrever ao computador, a receber chamadas, a fazer reservas, a editar documentos, e sei que todos eles estão a lidar com pelo menos tanto como eu, o que só me faz sentir pior quanto ao facto de tudo me dar a sensação de ser muito duro.

Viver, ser responsável por mim própria, ultimamente parece um desafio inultrapassável.

Por vezes, arranco-me ao sofá, enfio uma refeição congelada no micro-ondas e, enquanto espero que o temporizador toque, penso simplesmente: *Vou ter de fazer isto outra vez amanhã e no dia seguinte e no dia seguinte*. Todos os dias até ao resto da minha vida, vou ter de decidir o que comer, e prepará-lo, por muito mal ou muito cansada que me sinta ou por mais horrível que seja o latejar na minha

cabeça. Mesmo que esteja com trinta e nove de febre, vou ter de me levantar e de fazer uma refeição muito medíocre para continuar a viver.

Não digo nada disto à Swapna porque a) ela é a minha chefe, b) não sei se seria capaz de traduzir qualquer um destes pensamentos em palavras faladas e c) mesmo que conseguisse, seria humilhante admitir que me sinto exatamente como aquele estereótipo incapaz, perdido e melancólico da geração *millennial* contra a qual o mundo adora insurgir-se.

– Suponho que tenho andado um bocadinho em baixo – é o que digo. – Não me tinha apercebido de que estava a afetar o meu trabalho. Vou esforçar-me mais.

A Swapna para de andar, vira-se no seus sapatos *Louboutin* altíssimos e franze a testa.

– Não tem só que ver com o trabalho, Poppy. Eu investi pessoalmente na tua mentoriação.

– Eu sei – digo. – És uma chefe incrível e sinto que tenho imensa sorte.

– Também não tem que ver com isso – diz a Swapna, ligeiramente impaciente. – O que estou a dizer é que, evidentemente, não és obrigada a falar comigo sobre o que se está a passar, mas penso que ajudaria se falasses com *alguém*. Trabalhar para alcançar os objetivos pode ser muito solitário, e o esgotamento profissional é sempre um desafio. Eu já estive nessa situação, vai por mim.

Mudo o peso do corpo de um pé para o outro, ansiosa. Embora a Swapna seja a minha mentora, nunca nos inclinámos para nada que fosse pessoal, e não sei bem quanto revelar.

– Não sei o que se está a passar comigo – admito.

Sei que me sinto destroçada com a ideia de não ter o Alex na minha vida.

Sei que gostaria de poder vê-lo todos os dias e que não há nenhuma parte de mim que esteja a imaginar o que mais poderia haver por aí, quem eu poderia perder a oportunidade de conhecer e de amar se estivéssemos realmente juntos.

Sei que a ideia de uma vida em Linfield me assusta de morte.

Sei que trabalhei imenso para ser *esta* pessoa – independente, viajada, bem-sucedida – e que não sei quem sou se abrir mão disso.

Sei que continua a não haver nenhum outro trabalho que me atraia, que seja a resposta óbvia para a minha infelicidade, e que este, que tem sido espantoso durante uma boa parte dos últimos quatro anos e meio, ultimamente só me deixa cansada.

E tudo isso junto dá como resultado que não faço a mínima ideia de para onde ir a seguir e, por conseguinte, que não tenho o direito de telefonar ao Alex, que é a razão pela qual finalmente parei de tentar por agora.

– Esgotamento profissional – digo em voz alta. – Isso é uma coisa que passa, certo?

A Swapna sorri.

– Para mim, até agora, sempre passou. – Mete a mão no bolso e tira um cartão de visita branco. – Mas, como eu disse, falar com alguém ajuda. – Aceito o cartão e ela aponta com o queixo para o café. – Porque é que não tiras uns momentos a sós contigo mesma? Por vezes, uma mudança de ares é quanto basta para ter uma perspetiva nova.

Uma mudança de ares, penso, quando ela se vira para regressar pelo caminho por onde viemos. *Isso costumava resultar.*

Olho para o cartão de visita que tenho na mão e não consigo deixar de me rir.

Dra. Sandra Krohn, psicóloga.

Pego no telemóvel e envio um sms à Rachel. A doutora mamã aceita novos clientes?

A atual Pope é desvairadamente transgressora?, escreve ela em resposta.

*

A mãe da Rachel tem consultório na sua casa em Brooklyn. Enquanto o estilo de decoração de interiores da Rachel é arejado e soalheiro, o da sua mãe é quente e aconchegante, todo ele madeiras escuras e vitrais, plantas frondosas penduradas e livros empilhados em todas as superfícies, espanta-espíritos a tilintarem no exterior de praticamente todas as janelas.

De certa maneira, recorda-me a casa dos meus pais, embora a versão maximalista toda artística e culta da doutora Krohn esteja muito longe da versão do Museu da Nossa Infância dos meus pais.

Durante a primeira sessão, digo-lhe que preciso de ajuda para decidir o que se segue na minha vida, mas ela recomenda que comecemos antes pelo passado.

– Não há muito para contar – digo-lhe, e depois falo sem parar durante cinquenta e seis minutos. Sobre os meus pais, sobre a escola, sobre a primeira ida a casa dos meus pais com o Guillermo.

Ela é a única pessoa além do Alex com quem partilhei qualquer parte disto, e, embora dê uma sensação boa deitá-lo cá para fora, não sei bem como me pode ajudar na crise que está a fazer explodir a minha vida. A Rachel faz-me prometer que não desisto pelo menos por uns dois meses.

– Não fujas disto – diz ela. – Não estarias a fazer nenhum favor a ti mesma.

Sei que tem razão. Tenho de o *percorrer*, não de fugir a correr. A única maneira de resolver isto é ficar, aguentar o desconforto.

Nas minhas sessões semanais de terapia. No meu emprego na *R+R*. No meu apartamento quase vazio.

O meu blogue está parado, mas começo a escrever um diário. As minhas viagens de trabalho estão limitadas a fins de semana na região, e, durante o meu tempo de pousio, vasculho a Internet à procura de livros e de artigos de autoajuda, tentando encontrar algo que me *diga qualquer coisa*, como aquela estátua de um urso que custava vinte e um mil dólares decididamente não disse.

Por vezes, procuro empregos em Nova Iorque; noutras ocasiões, leio os anúncios de empregos perto de Linfield.

Compro uma planta, um livro sobre plantas e um tear pequeno. Tento aprender a tecer com vídeos do YouTube e daí a três horas apercebo-me de que o tédio que sinto está ao nível da minha falta de jeito.

De qualquer maneira, deixo a peça por acabar em cima da mesa durante dias, e dá a sensação de ser uma prova de que vivo aqui. Tenho uma vida, aqui, um lugar que é meu.

No último dia de setembro, quando vou a caminho de um encontro com a Rachel no bar de vinhos, a minha mala de mão fica presa nas portas de um comboio do metro apinhado.

– Merda, merda, merda! – murmuro, enquanto do outro lado algumas pessoas

tentam abrir as portas. Um homem de fato azul, que está a ficar calvo mas ainda é relativamente jovem, consegue abrir as portas, e quando olho para cima para lhe agradecer, passa-lhe um clarão nítido e agudo de reconhecimento nos olhos azuis.

– Poppy? – diz, empurrando um pouco mais as portas. – Poppy Wright?

Fico demasiado espantada para responder. Ele sai do comboio, apesar de não ter tentado sair da primeira vez que as portas se abriram. Não é a sua paragem, mas está a sair e eu tenho de me afastar para lhe dar lugar ao mesmo tempo que as portas se fecham novamente.

E depois estamos ali de pé na plataforma e eu devia dizer alguma coisa, sei que tenho de dizer alguma coisa, ele saiu do raio do comboio. A única coisa que consigo dizer é:

– Uau. Jason.

Ele acena com a cabeça, sorrindo, tocando no peito onde uma gravata cor-de-rosa clara pende do colarinho engomado da sua camisa branca.

– Jason Stanley. Secundária de East Linfield.

O meu cérebro ainda está a tentar processar isto. Não consigo encaixá-lo neste contexto. Na *minha* cidade, na vida que construí para nunca tocar a minha vida anterior. Gaguejo:

– Certo.

O Jason Stanley perdeu a maior parte do cabelo. Engordou um pouco à volta da cintura, mas ainda resta algo do rapaz giro por quem tive uma paixoneta em tempos e que depois me arruinou a vida.

Ele ri-se, acotovela-me.

– Tu foste a minha primeira namorada.

– Bem – digo, porque isso não me parece absolutamente exato. Nunca pensei no Jason Stanley como o meu primeiro namorado. Primeira paixoneta transformado em *bully*, talvez.

– Estás ocupada neste momento? – Lança um olhar ao seu relógio. – Tenho uns minutos, se quiseres pôr a conversa em dia.

Não quero pôr a conversa em dia.

– Na verdade, vou a caminho da psicoterapia – digo, por alguma razão estúpida. Foi a primeira desculpa que me veio à cabeça. Preferia que me tivesse saído que ia a caminho da praia mais próxima com um detetor de metais para procurar moedas. Dirijo-me para as escadas e o Jason segue-me.

– Psicoterapia? – diz ele, ainda a sorrir. – Não por causa daquela minha cena quando era um parvalhão ciumento, espero. – Pisca-me o olho. – Quero dizer, espera-se deixar uma impressão, mas não desse tipo.

– Não sei de que estás a falar – minto, começando a subir as escadas.

– A sério? – diz o Jason. – Meu Deus, que alívio. Ando sempre a pensar nisso. Até te procurei no Facebook uma vez para poder pedir desculpa. Não tens Facebook, pois não?

– Não, realmente não – digo.

Tenho Facebook. Não tenho o meu último nome no Facebook, especificamente porque não queria que pessoas como o Jason Stanley me encontrassem. Ou qualquer pessoa de Linfield. Queria fazer desaparecer essa parte de mim e reaparecer completamente formada numa nova cidade, e foi o que fiz.

Saímos da estação de metro para as ruas ladeadas por árvores. Há de novo aquele friozinho no ar. O outono engoliu finalmente os últimos restos do verão.

– Seja como for – diz o Jason, com os primeiros sinais de embaraço a manifestarem-se. Para, esfrega a nuca. – Deixo-te em paz. Vi-te e não queria acreditar. Só queria dizer olá. E desculpa, acho eu.

Mas eu paro também, porque não ando a dizer há um mês que estou farta de fugir dos problemas, com um raio? Vim-me embora de Linfield, mas, de alguma maneira, isso não foi o suficiente. Ele está aqui. Como se o Universo estivesse a empurrar-me com força na direção certa.

Respiro fundo e viro-me para ele, cruzando os braços.

– Desculpa por *quê*, Jason?

Ele deve vê-lo na minha cara, que eu estava a mentir quanto a não me lembrar, porque parece muitíssimo embaraçado agora.

Respira rigidamente, aos soluços, e olha atentamente para os seus sapatos castanhos formais, com um ar culpado.

– Lembras-te de como o terceiro ciclo na escola foi horrível, certo? – diz. – Sentes-te tão deslocado... como se houvesse algo de errado em ti e a qualquer momento os outros fossem saber o que era. Vês isso acontecer a outras pessoas. Miúdos com quem costumavas jogar à bola ficam de repente com alcunhas horrorosas, não são convidados para as festas de anos. E sabes que podes ser o próximo, por isso *tornas-te* um parvalhão de primeira. Se apontares para outras pessoas, ninguém vai olhar com muita atenção para ti, certo? Eu fui o teu parvalhão... quero dizer, eu fui o parvalhão na tua vida, durante algum tempo.

O passeio oscila à minha frente, inunda-me uma vaga de atordoamento. Do que quer que estivesse à espera, não era disto.

– Francamente, nem consigo acreditar que estou a dizer isto – continua ele. – Vi-te naquela plataforma do metro e... tive de dizer alguma coisa.

O Jason inspira fundo, e a sua expressão contrita desenha-lhe rugas de fadiga nos cantos da boca e dos olhos.

Estamos tão velhos, penso. Quando é que ficámos tão velhos?

De repente, já não somos miúdos, e dá a sensação de que aconteceu da noite para o dia, tão depressa que não tive tempo de reparar, de largar tudo o que costumava ser tão importante, de ver que as velhas feridas que em tempos pareciam lacerações profundas se desvaneceram e são agora pequenas cicatrizes brancas, por entre as estrias e as manchas e as marcas na pele onde o tempo roçou no meu corpo.

Pus tanto tempo e tanta distância entre mim e aquela rapariga solitária, e o que importa? Aqui está um pedaço do meu passado, aqui diante de mim, a milhas de casa. Não podes fugir de ti mesma. Nem da tua história, nem dos teus medos, nem das partes de ti que te preocupa que estejam erradas.

O Jason dardeja outro olhar aos seus pés.

– No encontro dos antigos alunos – diz ele –, alguém me disse que estavas a ter sucesso. A trabalhar na *R+R*. Isso é incrível. De facto, hum, comprei uma revista há uns tempos e li os teus artigos. É tão fixe, dá a ideia de que já viste o mundo inteiro.

Finalmente, consigo falar.

– Sim. É... é realmente fixe.

Fica com um sorriso mais rasgado.

– E vives aqui?

– Mm-hum. – Pigarreio. – E tu?

– Não – diz ele. – Vim a negócios. Vendas. Ainda vivo em Linfield.

Isto, apercebo-me, é do que tenho estado à espera há anos. Do momento em que finalmente sei que ganhei: consegui sair de lá. Fiz algo da minha vida. Encontrei um lugar onde pertenço. Provei que não estava destruída, enquanto a pessoa que foi mais cruel para comigo ficou presa na pequena Linfield da treta.

Só que não é o que sinto. Porque o Jason não parece preso, e de maneira nenhuma está a ser cruel. Está aqui, nesta cidade, com uma bonita camisa branca, a ser genuinamente bondoso.

Sinto uma picada nos olhos, uma sensação quente no fundo da garganta.

– Se alguma vez voltares lá – diz o Jason num tom indeciso – e quiseres encontrar-te comigo...

Tento fazer uma espécie de som de assentimento, mas não acontece nada. É como se a pessoa minúscula que está sentada ao painel de controlo do meu cérebro tivesse acabado de desmaiar.

– Então – continua o Jason. – Desculpa mais uma vez. Espero que saibas que sempre teve que ver comigo. Não contigo.

O passeio balouça-se de novo, um pêndulo. Como se o mundo como sempre o vi tivesse sido sacudido com tanta força que está a abanar e pudesse desabar completamente.

Obviamente, as pessoas crescem, diz uma voz na minha cabeça. Pensas que todas aquelas pessoas ficaram paralisadas no tempo, só porque ficaram em Linfield?

Mas, como ele disse, não tem que ver com elas, tem que ver comigo.

É exatamente o que eu tinha pensado.

Que se não saísse de lá, seria sempre aquela rapariga solitária. Que nunca pertenceria a lugar nenhum.

– Então, se fores a Linfield... – diz ele outra vez.

– Mas não te estás a atirar a mim, certo? – digo.

– Oh! Meu Deus, não! – Levanta a mão, mostrando uma daquelas alianças pretas. – Casado. Feliz. Monógamo.

– Fixe – digo, porque realmente é a única palavra na minha língua materna que me ocorre neste momento. O que é dizer muito, porque não falo nenhuma outra língua.

– Pois! – diz ele. – Bem... até à vista.

E depois o Jason Stanley desaparece, tão subitamente como apareceu.

Quando chego ao bar de vinhos, já comecei a chorar. (Qual é a novidade?) A Rachel levanta-se de um salto da nossa mesa do costume e parece ficar chocada com o meu aspeto.

– Estás bem, miúda?

– Vou deixar o meu emprego – digo em lágrimas.

– Oh... certo...

– Quero dizer – fungo com força e limpo os olhos –, não imediatamente, tipo, como num filme. Não vou entrar no gabinete da Swapna e dizer, tipo, despeço-me! E depois sair porta fora com um vestido vermelho justo e o cabelo pelas costas abaixo, ou coisa do género.

– Bem, isso é bom. O cor de laranja condiz melhor com o teu tom de pele.

– Seja como for, tenho de arranjar outro emprego antes de me despedir – digo. – Mas acho que acabei de descobrir porque é que me tenho sentido tão infeliz.

— **S**e precisares de mim – diz a Rachel –, eu vou contigo. Quero dizer, a sério que vou. Compro um bilhete a caminho do aeroporto e vou contigo.

Enquanto diz aquilo, parece que está a ver-me com uma cobra gigante nos braços com sangue humano a escorrer-lhe dos dentes.

– Eu sei. – Aperto-lhe a mão. – Mas, nesse caso, quem é que nos ia manter a par de tudo o que acontece em Nova Iorque?

– Oh, graças a Deus – diz ela de rajada. – Por um momento, tive medo que aceitasses a minha oferta.

Puxa-me para um abraço, dá-me dois beijos na cara e mete-me no táxi.

Os meus pais vêm buscar-me ao aeroporto de Cincinnati. Trazem ambos *T-shirts* com I-símbolo de coração-New York.

– Achámos que te ia fazer sentir em casa! – diz a minha mãe, a rir-se tanto da sua própria piada que está praticamente a chorar. Penso que talvez seja a primeira vez que ela ou o meu pai reconhecem que Nova Iorque é a minha casa, o que me deixa feliz a um nível e triste a outro.

– Eu já me sinto em casa aqui – digo-lhe, e ela faz o gesto teatral de agarrar o coração, e escapa-lhe um guinchinho de emoção. – A propósito – diz, enquanto atravessamos rapidamente o parque de estacionamento –, fiz brigadeiros de manteiga de amendoim.

– Então isso é o jantar, mas... e o pequeno-almoço? – pergunto.

Ri-se. Ninguém à face do planeta me acha tão divertida como a minha mãe me acha. É como tirar um doce da mão de um bebé. Ou *dar* um doce a um bebé.

– Então, minha menina – diz o meu pai quando já estamos dentro do carro. – A que devemos esta honra? Nem sequer é feriado!

– Só tive saudades vossas – digo –, e do Alex.

– Ora, ora – resmunga o meu pai, ligando o sinal de mudança de direção. – Agora vais fazer-me chorar a *mim*.

Vamos primeiro a casa para eu mudar de roupa, pregar um sermão a mim mesma e fazer tempo. As aulas só terminam às duas e meia.

Até essa hora, ficamos os três sentados no alpendre a beber limonada caseira. A minha mãe e o meu pai falam à vez sobre os seus planos para o jardim no próximo ano. O que vão arrancar. Que novas plantas e árvores vão plantar. O facto de a mãe estar a tentar destralar a casa seguindo as regras da Marie Kondo, mas ainda só ter conseguido livrar-se de três caixas de sapatos de tralha.

– Progresso é progresso – diz o meu pai, estendendo a mão para lhe esfregar o ombro afetuosamente. – Já te falámos da vedação que vamos colocar, minha menina? O novo vizinho do lado é um coscuvilheiro, por isso decidimos que precisamos de uma vedação.

– Ele passa por cá para me contar o que toda a gente nesta nossa rua sem saída anda a fazer, e nunca tem nada de bom a dizer! – grita a minha mãe. – Tenho a certeza de que anda a dizer o mesmo tipo de coisas sobre nós.

– Oh, duvido – digo. – As mentiras sobre vocês devem ser *muito* mais interessantes.

Aquilo encanta a minha mãe, obviamente: doce, apresento-te o bebé.

– Depois de colocarmos a vedação – diz o meu pai –, ele vai dizer a toda a gente que temos um laboratório de drogas em casa.

– Oh, para. – A minha mãe dá-lhe uma palmada no braço, mas estão os dois a rir. – Temos a videochamada com os teus irmãos mais tarde. O Parker quer fazer uma leitura do novo roteiro de um filme em que está a trabalhar.

Evito por pouco esguichar limonada da boca.

O último roteiro que o meu irmão anda a apresentar no grupo é uma distopia realista da origem dos Smurfs com pelo menos uma cena de sexo. O seu raciocínio é que um dia gostaria de escrever um filme a sério, mas que, escrevendo um que não pode de maneira nenhuma ser realizado, está a aliviar a pressão sobre si mesmo durante o processo de aprendizagem. Creio também que gosta de escandalizar a família.

Às duas e um quarto, peço o carro emprestado e dirijo-me para a minha antiga escola secundária. Só nesse momento me apercebo de que o depósito da gasolina

está vazio. Depois de um desvio rápido para meter gasolina, viro para o parque de estacionamento da escola às duas e cinquenta. Duas ansiedades distintas estão a guerrear pelo domínio absoluto dentro de mim: a que se compõe de terror perante a ideia de ver o Alex, dizer o que preciso de dizer e ter esperança de que ele o ouça, e a que tem tudo que ver com voltar aqui, a um lugar onde jurei a pés juntos que nunca mais perderia um segundo.

Marcho pelos degraus de cimento até às portas de vidro, respiro fundo uma última vez e...

A porta não se mexe. Está trancada.

Certo.

Tinha-me esquecido de que já nenhum adulto qualquer pode entrar à sua vontade numa escola. Decididamente, é boa ideia, em todas as situações menos nesta. Bato à porta, até um funcionário com um nariz bicudo e uma auréola de cabelo grisalho se aproximar e entreabrir a porta.

– Posso ajudá-la?

– Vim falar com uma pessoa – digo. – Um professor... o Alex Nilsen?

– Nome? – pergunta ele.

– Alex Nilsen...

– O seu nome – diz o funcionário, corrigindo-me.

– Oh, Poppy Wright.

Fecha a porta, desaparecendo por um segundo para a secretaria. Daí a um momento, regressa.

– Lamento, minha senhora, mas não consta do nosso sistema. Não podemos deixar entrar pessoas não registadas.

– Então podia ir chamá-lo, por favor? – tento.

– Minha senhora, eu não posso ir procurar...

– Poppy? – diz alguém atrás de mim.

Oh, uau! penso, a princípio. *Alguém me reconhece! Que sorte!*

E depois a morena bonita e delgada aproxima-se da porta. O coração cai-me aos pés.

– Sarah. Uau. Olá. – Tinha-me esquecido de que havia a possibilidade de esbarrar na Sarah Torval aqui. Um esquecimento quase monumental.

Ela lança um olhar ao funcionário.

– Eu encarrego-me disto, Mark – diz, e sai para falar comigo, cruzando os braços no peito. Traz um vestido roxo giro e um blusão de ganga escura, brincos de prata grandes a penderem-lhe das orelhas; tem apenas umas ligeiras sardas no nariz.

Como sempre, parece completamente adorável, com aquele seu ar de educadora de infância. (Apesar de dar aulas ao nono ano, claro.)

– O que estás a fazer aqui? – pergunta, não de uma maneira *desagradável*, embora, decididamente, não calorosa.

– Oh, hum. Vim visitar os meus pais.

Arqueia uma sobrancelha e lança um olhar ao edifício de tijolo vermelho por trás dela.

– Na escola secundária?

– Não. – Afasto o cabelo dos olhos. – Quero dizer, é o que estou a fazer *aqui*. Mas o que estou a fazer *aqui* é... Tinha esperança, quero dizer... queria falar com o Alex?

O seu revirar de olhos é mínimo, mas afeta-me.

Engulo um nó do tamanho de uma maçã na garganta.

– Eu mereço isso – digo. Respiro fundo. Isto não vai ser divertido, mas é necessário. – Fui realmente descuidada em relação a tudo, Sarah. Quero dizer, à minha amizade com o Alex, a tudo o que esperava dele enquanto vocês estiveram juntos. Não foi justo para ti. Sei-o agora.

– Pois – diz ela. – Foste *mesmo* descuidada em relação a isso.

Ficamos ambas em silêncio por um momento.

Finalmente, ela suspira.

– Todos nós tomámos algumas más decisões. Eu costumava pensar que se tu estivesses longe, todos os meus problemas se resolveriam. – Descruza os braços e volta a cruzá-los no sentido contrário. – E depois tu desapareceste... basicamente

desapareceste depois de termos ido à Toscana, e, de alguma maneira, isso ainda foi pior para a minha relação.

Balouço-me de um pé para o outro.

– Lamento muito. Gostava de ter compreendido o que estava a sentir, antes de isso poder magoar alguém.

Ela meneia a cabeça, examina as suas unhas dos pés perfeitamente pintadas que despontam das sandálias de pele castanha.

– Eu também gostava que tivesses compreendido – diz ela. – Ou ele. Ou *eu*. Realmente, se *qualquer* um de nós tivesse realmente compreendido o que vocês os dois sentiam um pelo outro, ter-me-ia poupado muito tempo e muita dor.

– Sim – concordo. – Então, tu e ele não estão...

Deixa-me esperar uns segundos, e sei que não é por acaso. Um sorriso semidiabólico curva-lhe os lábios cor-de-rosa.

– Não estamos – cede. – Graças a Deus. Mas ele não está aqui. Já se foi embora. Acho que estava a falar de ir passar o fim de semana fora.

– Oh. – O coração cai-me aos pés. Lanço um olhar para trás, para a carrinha dos meus pais estacionada no parque de estacionamento meio vazio. – Bem, obrigada, de qualquer maneira.

Ela acena com a cabeça e eu começo a descer os degraus.

– Poppy?

Viro-me, e a luz está a brilhar tão forte sobre ela que tenho de pôr a mão em pala sobre os olhos para a encarar. Fá-la parecer uma santa, merecendo o seu halo por uma bondade injustificada para comigo. *Eu aceito-a*, penso.

– Às sextas-feiras – diz ela lentamente –, os professores costumam ir ao Birdies. É uma tradição. – Mexe-se, e a luz afasta-se o suficiente para eu poder olhá-la nos olhos. – Se ainda não se tiver ido embora, talvez esteja lá.

– Obrigada, Sarah.

– De nada – diz ela. – Estás a fazer um favor ao mundo tirando o Alex Nilsen do mercado.

Rio-me, mas sinto um chumbo no estômago.

– Não tenho a certeza de que seja o que ele quer.

Encolhe os ombros.

– Talvez não – diz. – Mas a maior parte de nós tem demasiado medo até de pedir o que queremos, para o caso de não podermos tê-lo. Li isso num artigo sobre uma coisa chamada «tédio da geração *millennial*».

Contenho uma gargalhada de surpresa, pigarreio.

– É um nome que chama a atenção.

– Não é? – diz ela. – Seja como for. Boa sorte.

*

O Birdies fica em frente da escola, e o percurso de dois minutos de carro demora menos quatro horas do que o necessário para formular um novo plano.

Durante todo o voo até cá abaixo, pratiquei o meu discurso apaixonado com a ideia de que seria dito em privado, na sala de aulas dele.

Agora, vai ser num bar cheio de professores, entre eles alguns a cujas aulas assisti (e a que faltei). Se há um lugar que julguei com mais aspereza do que os corredores iluminados por luzes fluorescentes da Escola Secundária de East Linfield é o bar escuro e acanhado com o néon a dizer BUDWEISER em que estou a entrar neste momento.

De repente, a luz do dia é excluída e uns pontos coloridos dançam em frente dos meus olhos enquanto eles se ajustam à penumbra deste lugar. Há uma canção dos Rolling Stones a passar na rádio e, considerando que são apenas três da tarde, o bar já está cheio de pessoas vestidas com roupa desportiva mas formal, um mar de sarja e camisas de popelina e vestidos de algodão de uma só cor, não muito diferente da indumentária da Sarah. Há uma miscelânea de objetos relacionados com o golfe pendurada nas paredes – tacos e relva artificial e imagens de golfistas e de campos de golfe emolduradas.

Sei que há uma cidade no Illinois chamada Normal, mas suponho que não chega aos calcanhares deste canto suburbano do Universo.

Há televisores montados nas paredes com o volume demasiado alto, um rádio a tocar roufenho, acessos súbitos de gargalhadas e de vozes erguidas que vêm dos grupos apinhados à volta de mesas altas ou perfilados de ambos os lados de mesas

retangulares estreitas.

E então vejo-o.

Mais alto do que a maioria, mais imóvel do que qualquer um, com as mangas da camisa arregaçadas até aos cotovelos e as botas pousadas na trave de metal da sua cadeira, os ombros encolhidos para a frente e o telemóvel na mão, com o polegar a percorrer lentamente o ecrã. O coração sobe-me à garganta até conseguir sentir o seu *sabor*, metálico e quente e a palpitar com demasiada força.

Há uma parte de mim – está bem, a maior parte – que quer desandar dali, mesmo depois de ter vindo de avião de tão longe, mas nesse momento a porta abre-se com um rangido e o Alex levanta os olhos e prende-os nos meus.

Estamos a olhar um para o outro, e suponho que pareço quase tão chocada como ele, como se não tivesse chegado ali especificamente por ter tido a informação de que poderia encontrá-lo. Forço-me a dar uns passos na sua direção e depois paro na ponta da mesa, onde, gradualmente, os outros professores levantam os olhos das suas cervejas e dos seus copos de vinho branco e dos seus vodcas tónicos para processar o facto da minha presença.

– Olá – diz o Alex, pouco mais do que um murmúrio.

– Olá – digo eu.

Espero que o resto jorre desimpedido. Não sai nada.

– Quem é a tua amiga? – pergunta uma senhora de idade com uma camisola de gola alta castanha. Deduzo que é a Delallo, ainda antes de ver o crachá de identificação da escola que ainda traz ao pescoço.

– Ela é... – O Alex para de falar. Levanta-se da cadeira. – Olá – diz outra vez.

O resto da mesa está a trocar olhares de desconforto, a aproximar as cadeiras da mesa, a virar as costas numa tentativa de nos dar um nível de privacidade que é impossível neste momento. A Delallo, reparo, mantém uma orelha inclinada *precisamente* na nossa direção.

– Fui à escola – consigo dizer.

– Oh – diz o Alex. – OK.

– Tinha um plano. – Esfrego as palmas das mãos transpiradas no poliéster cor de laranja das minhas calças à boca de sino, desejando não estar vestida como um

cone do trânsito. – Ia aparecer na escola, porque queria que soubesses que, se há uma coisa neste mundo que podia levar-me a ir lá, és tu.

Os seus olhos passam por um momento sobre a mesa com os professores outra vez. Até agora, o meu discurso não parece estar a reconfortá-lo. Vira os olhos para os meus e depois baixa-os para um ponto vago à minha esquerda.

– Sim, sei que realmente a detestas – murmura.

– Pois detesto – concordo. – Tenho muitas recordações más da escola, e queria aparecer lá e apenas, tipo, *dizer-te* que... que iria a qualquer lugar por ti, Alex.

– Poppy – diz ele, a palavra um meio-suspiro, meio-súplica.

– Não, espera – digo. – Eu sei que tenho uma hipótese de cinquenta por cento aqui, e há uma parte tão grande de mim que sente vontade de nem sequer dizer o resto, Alex, mas *preciso* de o dizer, portanto, por favor, não me digas ainda se precisas de me partir o coração. Está bem? Deixa-me dizer isto antes que perca a coragem.

Abre os lábios por um instante, e os seus olhos verde-dourados são como rios inundados por uma tempestade, brutais e caudalosos. Fecha a boca com força e acena com a cabeça.

Sentindo-me como se fosse saltar de um penhasco, sem conseguir ver o que se encontra por baixo do nevoeiro lá em baixo, continuo:

– Adorava escrever no meu blogue – digo-lhe. – Gostava tanto, e pensava que era porque adorava viajar... que adoro. Mas nos últimos anos tudo mudou. Não me sentia feliz. Viajar dava uma sensação diferente. E talvez tivesses uma certa razão quando disseste que eu estava a recorrer a ti como se fosses um penso rápido que pudesse ser remédio para tudo. Ou o que fosse... um destino divertido para me dar uma dose de dopamina e uma nova perspetiva.

Baixa os olhos. Recusa-se a olhar para mim, e sinto que, embora tenha sido ele a dizê-lo primeiro, a minha confirmação está a destruí-lo.

– Comecei a fazer terapia – sai-me, tentando fazer avançar as coisas. – E estava a tentar descobrir por que razão dá uma sensação tão diferente agora, e fiz uma lista de todas as diferenças entre a minha vida dantes e agora, e não eras só tu.

Quero dizer, tu és a maior diferença. Ias comigo naquelas viagens e depois deixaste de ir, mas essa não foi a única alteração. Todas aquelas viagens que fizemos, a melhor coisa delas, para além de fazer aquilo tudo contigo, eram as pessoas.

Levanta os olhos, semicerrados em reflexão.

– Eu adorava conhecer novas pessoas – explico. – Adorava... sentir-me ligada. Sentir-me *interessante*. Crescendo aqui, sentia-me tão sozinha, e sempre pensei que havia algo de errado em mim. Mas dizia para comigo que se fosse para outro lugar, seria diferente. Haveria outras pessoas como eu.

– Eu sei disso – diz ele. – Sei que detestas isto aqui, Poppy.

– Detestava – digo. – Detestava, por isso escapei. E quando Chicago não me resolveu tudo, também me fui embora de lá. Depois de começar a viajar, no entanto, as coisas passaram finalmente a dar a sensação de estarem melhor. Conheci pessoas e... não sei, sem a bagagem do meu passado ou o medo do que aconteceria, parecia muito mais fácil abrir-me. Fazer amigos. Sei que soa patético, mas todos aqueles encontros casuais que tivemos... todos eles me faziam sentir menos só. Faziam-me sentir que era alguém de quem as pessoas podiam gostar. E depois arranjei o emprego na *R+R*, e as viagens mudaram; as pessoas mudaram. Só conhecia *chefs* e gerentes de hotéis, pessoas que queriam publicidade nos meus artigos. Fazia viagens incríveis, mas voltava para casa a sentir-me vazia. E agora compreendo que é porque não estava a estabelecer uma ligação com ninguém.

– Fico contente que tenhas resolvido isso – diz o Alex. – Quero que sejas feliz.

– Mas a questão é esta – digo. – Mesmo que deixasse o meu emprego e começasse a levar o blogue a sério outra vez, mesmo que voltasse a conhecer todos os Bucks e todas as Litas e as Mathildes deste mundo, isso não ia fazer-me feliz.

»Precisava dessas pessoas porque me sentia só. Pensava que tinha de fugir para centenas de quilómetros de distância daqui para encontrar um lugar a que pudesse pertencer. Passei toda a vida a pensar que qualquer pessoa fora da minha família que se aproximasse demasiado, que visse demasiado, deixaria de me querer. A coisa mais segura eram aqueles momentos fugazes, acidentais com estranhos. Era tudo o que pensava que podia ter.

»E depois vieste tu. – A minha voz treme perigosamente. Tento recompor-me, endireito as costas. – Amo-te tanto que passei doze anos a pôr tanta distância entre nós quanto podia. Mudei de cidade. Viajei. Namorei com outros homens. Andava sempre a falar sobre a Sarah porque sabia que tinhas uma paixoneta por ela, e parecia-me mais seguro dessa maneira. Porque a última pessoa por quem eu conseguiria aguentar ser rejeitada eras tu.

»E agora sei isso. Sei que não é viajar que me vai tirar deste desânimo e que não é um novo emprego e que com toda a certeza não são encontros casuais com pilotos de barcos. Tudo isso, cada minuto, foi para fugir de ti, e não quero continuar a fazer isso.

»Eu amo-te, Alex Nilsen. Mesmo que não me dês uma verdadeira oportunidade, vou amar-te sempre. E tenho medo de me mudar para Linfield porque não sei se gostaria de viver aqui, se morreria de tédio ou se faria amigos, e também porque sinto terror de esbarrar em pessoas que me fizeram sentir que eu não tinha importância e que elas decidam que tinham razão quanto a mim.

»Quero ficar em Nova Iorque – digo. – Gosto de viver lá, e penso que tu também gostarias, mas perguntaste-me do que estaria disposta a prescindir por ti, e agora sei a resposta: tudo. Não há nada no mundo inteiro que construí na minha cabeça que não esteja disposta a largar para construir um mundo novo contigo. Entrarei na Secundária de East Linfield... e não me refiro só a hoje. Refiro-me a que, se quiseses ficar aqui, irei a jogos de basquetebol contigo. Uso *T-shirts* pintadas à mão com o nome dos jogadores... até aprendo o nome dos jogadores! Não vou só inventá-los! Vou a casa do teu pai e bebo refrigerantes linha zero e tento ao máximo não dizer palavrões nem falar sobre a nossa vida sexual, e tomo conta dos teus sobrinhos contigo em casa da Betty... ajudo-te a tirar o papel de parede! *Detesto* tirar papel de parede!

»Tu não és umas férias e não és a resposta à minha crise profissional, mas, quando estou numa crise ou doente ou triste, és a única coisa que quero. E quando estou feliz, fazes-me muito mais feliz. Ainda tenho muito que resolver na minha cabeça, mas aquilo que sei é que onde tu estiveres é onde eu pertenço. Nunca pertencerei a nenhum lugar que não seja ao teu lado. Independentemente do que eu esteja a sentir, quero-te ao meu lado. Tu és o meu lar, Alex. E penso que também

sou isso para ti.

Quando acabo de falar, estou a respirar a custo. O rosto do Alex está torcido com preocupação, mas para lá disso não consigo decifrar nada de específico. Não diz nada imediatamente, e o silêncio (ou a sua ausência, porque começou a soar uma canção dos Pink Floyd nas colunas e um locutor desportivo está a tagarelar num dos televisores acima de nós) desenrola-se como um tapete, estendendo-se cada vez mais prolongado entre nós até eu sentir que estou no lado oposto de uma mansão muito escura e com o soalho pegajoso da cerveja.

– E mais uma coisa. – Tiro o telemóvel da mala de mão, abro a fotografia correta e estendo-lho. Ele não pega no telemóvel, limita-se a olhar para a imagem no ecrã sem lhe tocar.

– O que é isto? – pergunta em voz baixa.

– Isso – digo – é uma planta que mantenho viva desde que voltei de Palm Springs.

Uma gargalhada baixa escapa-lhe dos lábios.

– É uma espada-de-são-jorge – digo. – E, ao que parece, é extremamente difícil matá-las. Tipo, provavelmente, podia ir-me a ela com uma motosserra e ela sobreviveria. Mas nunca tinha conseguido manter alguma coisa viva tanto tempo, e queria que tu a visses. Para ficares a saber. Estou a falar a sério.

Acena com a cabeça sem dizer nada, e volto a meter o telemóvel na mala.

– É tudo – digo, um pouco desorientada. – É o discurso todo. Podes falar agora.

O canto da sua boca vira-se para cima, mas o sorriso não permanece, e, mesmo enquanto ali está, não contém nada que se assemelhe a divertimento na sua curva apertada.

– Poppy. – O meu nome nunca soou tão comprido ou triste.

– Alex – digo.

Põe as mãos nas ancas. Lança um olhar para o lado, embora não haja nada ali para ver, exceto uma parede de relva artificial e uma fotografia desvanecida de alguém com um boné de golfe com um pompom. Quando volta a olhar para mim, há lágrimas nos olhos dele, mas sei imediatamente que não vai deixar que caiam. É

o tipo de autocontrolo que o Alex Nilsen tem.

Podia estar a morrer à fome num deserto, e se a pessoa errada lhe estendesse um copo de água, ele acenaria delicadamente com a cabeça e diria «não, obrigado».

Engulo o nó que tenho na garganta.

– Podes dizer o que quiseres. O que precisares de dizer.

Respira fundo, olha para o chão, olha-me nos olhos por um instante.

– Tu sabes o que sinto por ti – diz em voz baixa, como se, mesmo enquanto o admite, continue a ser uma espécie de segredo.

– Sim. – O meu coração começou a bater acelerado. Pensei que sei. Pelo menos, que sabia. Mas também sei o quanto o magoei por não pensar bem nas coisas. Não as compreendo totalmente, talvez, mas, como mal comecei ainda a compreender-me a mim mesma, não é tão surpreendente quanto isso.

Ele engole em seco, e os músculos ao longo da linha do seu maxilar dançam com sombras.

– Sinceramente, não sei o que dizer – responde. – Tu apavoraste-me. Não faz qualquer sentido a rapidez com que a minha mente trabalha contigo. Num segundo estamos a beijar-nos e no seguinte estou a pensar nos nomes que os nossos netos poderiam vir a ter. Não faz sentido. Quero dizer, olha para nós. *Nós* não fazemos sentido. Sempre o soubemos, Poppy.

O meu coração está a ficar enregelado, com veias de frio a insinuarem-se até ao seu centro.

A parti-lo a meio, e a mim com ele.

Agora é a minha vez de dizer o nome dele como uma súplica, como uma prece.

– Alex. – Sai-me empastado. – Não compreendo o que estás a dizer.

Baixa os olhos, morde o lábio inferior.

– Eu não *quero* que tu desistas de nada – diz. – Só quero que façamos sentido, e não fazemos, Poppy. Não posso ver tudo desmoronar-se à minha frente outra vez.

Estou a acenar com a cabeça agora. Durante muito tempo. É como se não

conseguisse parar de aceitar o que ele diz, repetidamente. Porque é a sensação que dá: que vou ter de passar o resto da minha vida a aceitar que o Alex não me ama como eu o amo.

– *OK* – sussurro.

Ele não diz nada.

– *OK* – mais uma vez. Desvio os olhos dele quando sinto que as lágrimas se começam a acumular. Não quero obrigá-lo a reconfortar-me, não por isto. Viro-me e precipito-me para a porta, forçando os pés a avançarem e mantendo o queixo levantado e as costas direitas.

Quando chego à porta, não consigo conter-me. Olho para trás.

O Alex continua paralisado onde o deixei, e, mesmo que dê cabo de mim, tenho de ser sincera neste momento. Tenho de dizer alguma coisa que não posso retirar, tenho de parar de fugir e de me esconder dele.

– Não me arrependo de te dizer – digo. – Disse que desistiria de tudo, que arriscaria tudo por ti, e falava a sério. – *Até o meu próprio coração.*

– Amo-te incondicionalmente, Alex – digo. – Não poderia viver comigo mesma se não to tivesse dito, pelo menos.

E depois viro-me e saio para o sol brilhante do parque de estacionamento.

Só nesse momento começo realmente a chorar.

Estou a arfar. A ofegar. A sentir-me destroçada enquanto atravesso o parque de estacionamento.

Com uma mão a tapar a boca enquanto os soluços irrompem por mim, cortam e esfaqueiam cada canto dos meus pulmões.

É simultaneamente difícil continuar a andar e impossível parar. Vou em passo de marcha até ao carro dos meus pais, depois encosto-me a ele, de cabeça baixa, com sons horríveis a escaparem-me da boca, muco a escorrer-me do nariz, e o azul do céu e as suas nuvens fofas e as árvores rumorejantes que ladeiam o parque de estacionamento a parecerem um borrão estival indistinto, o mundo inteiro a fundir-se num turbilhão de cores.

E então há uma voz, tornada ténue pela brisa e a distância. Vem de trás de mim, obviamente é a dele, e eu não quero olhar.

Penso que mais um olhar para ele poderia ser a última gota, aquilo que me irá despedaçar o coração para sempre, mas ele está a dizer o meu nome.

– Poppy! – Uma vez. Depois de novo. – Poppy, espera.

Tento recalcar todas as emoções. Não ignorá-las. Não negá-las, porque quase dá uma sensação boa sentir alguma coisa tão puramente, saber sem sombra de dúvida o que é que o meu corpo está a sentir. Mas porque estes são os *meus* sentimentos, não os dele. Não são algo que ele deva vir aguentar por mim, como faz quase compulsivamente.

Passo as mãos pelo rosto e tento respirar normalmente enquanto ouço os passos dele rasparem o asfalto. Viro-me quando está a abrandar a marcha, dando os últimos passos a um ritmo determinado mas casual, até parar, encurralando-me entre si e a carrinha.

Há um intervalo antes de ele falar, uma pausa que é apenas para respirarmos.

Depois de outro segundo de silêncio, o Alex diz:

– Também comecei a ir a uma psicoterapeuta.

Sem me conter, solto uma gargalhada roufenha provocada pela ideia de que

ele veio atrás de mim apenas para me dizer aquilo.

– Isso é bom. – Limpo a cara com a base da mão.

– Ela diz... – Passa as mãos pelo cabelo. – Ela pensa que eu tenho medo de ser feliz.

Porque é que ele me está a dizer isto?, diz uma voz na minha cabeça.

Espero que nunca pare de falar, diz outra. Talvez possamos continuar a falar para sempre. Talvez esta conversa possa abranger a nossa vida inteira, da maneira que as nossas mensagens e conversas ao telefone pareciam fazê-lo durante todos aqueles anos.

Pigarreio.

– E tens?

Ele olha-me por um longo momento, depois abana a cabeça quase impercetivelmente.

– Não – diz. – Sei que se me metesse num avião para Nova Iorque contigo, ia ser feliz como tudo. Enquanto tu me quisesses, ia ser feliz.

De novo aquele turbilhão caleidoscópico de cores passa numa névoa diante dos meus olhos. Pisco os olhos a conter as lágrimas.

– E quero tanto isso. Arrependo-me *tanto* de todas as oportunidades que não aproveitei para te dizer o que sentia, de todas as vezes em que me convenci de que te perderia se tu soubesses, ou que éramos demasiado diferentes. Eu só quero ser feliz contigo. Mas tenho medo do que virá a seguir. – A voz dele quebra-se.

– Receio que comeces a achar que te aborreço. Ou que conheças outra pessoa. Ou que te sintas infeliz, mas fiques na relação. E... – Fica com a voz presa. – Tenho medo de te amar por toda a nossa vida e, depois, ter de te dizer adeus. Tenho medo de que morras e de que o mundo dê a sensação de não ter qualquer préstimo. Tenho medo de não ser capaz de continuar a levantar-me da cama se tu já não estiveres, e, se tivéssemos filhos, eles teriam uma vida horrível em que a sua mãe incrível se foi, e o pai não consegue olhar por eles.

Passa a mão pelos olhos, apanhando algumas lágrimas.

– Alex – sussurro. Não sei como o reconfortar. Não posso erradicar nenhuma da sua dor passada ou prometer-lhe que não volta a acontecer. Apenas posso dizer-

lhe a verdade, como a vi. Como a *sei*: – Tu já passaste por isso. Perdeste alguém que amavas, e continuaste a levantar-te da cama. Estiveste lá para as pessoas na tua vida, e *ama-las*, e elas retribuem o teu amor. Ainda tens tudo isso na tua vida. Nada disso desapareceu. Não terminou só porque perdeste uma pessoa.

– Eu sei – diz. – Eu só estou... – Fica com a voz rígida e encolhe os ombros enormes. – Assustado.

Estendo as mãos para as suas instintivamente, e ele deixa-me puxá-lo para mim, dobrando os dedos entre as palmas das minhas mãos.

– Então, encontrámos mais alguma coisa em que concordar além de detestarmos que as pessoas atribuam características humanas a um barco – segredo. – É aterrador como tudo amar alguém.

O Alex funga por entre uma gargalhada, segura-me o queixo com as mãos em concha e encosta a testa à minha, fechando os olhos ao mesmo tempo que a sua respiração se sincroniza com a minha, o peito de ambos a subir e descer como duas ondas no mesmo mar.

– Não quero viver nunca mais sem isto – segreda, e agarro-lhe com força a camisa como se para o impedir de me escapar por entre os dedos.

Os cantos da sua boca reviram-se quando murmura num suspiro:

– *Lutadora minúscula.*

Os olhos dele abrem-se e as palpitações no meu peito são tão fortes que são quase dor. Amo-o tanto. Amo-o mais do que ontem, e já sei que amanhã vou amá-lo ainda mais, porque cada pedaço de si que ele me dá é mais um para eu amar.

Prende os braços com força nas minhas costas, e os seus olhos húmidos estão tão límpidos e abertos que tenho a sensação de que poderia mergulhar neles, nadar por entre os seus pensamentos, flutuar no cérebro que amo mais do que qualquer outro no planeta.

As mãos avançam para o meu cabelo, alisando-o contra o meu pescoço, e os olhos dele percorrem-me o rosto com uma determinação tão maravilhosamente calma e alexiana.

– Tu és, sabias?

– Uma lutadora? – digo.

– O meu lar – diz ele, e beija-me.

Chegámos, penso. Chegámos a casa.

Fazemos uma visita à cidade num autocarro turístico. Usamos as nossas *sweatshirts* a condizer com *I ♥ New York* e bonés com *Big Apple*. Trazemos uns binóculos e apontamo-los a qualquer pessoa que pareça, ainda que vagamente, uma celebridade.

Até ao momento, já avistámos a Judy Dench, o Denzel Washington e um Jimmy Stewart ainda novo. A nossa visita inclui as passagens no *ferry* para a Estátua da Liberdade, e, quando chegamos lá, pedimos a uma senhora de meia-idade que nos tire uma fotografia em frente à base, com o sol nos olhos e o vento no rosto.

Ela pergunta, toda simpática:

– De onde é que são?

– Daqui – diz o Alex, ao mesmo tempo que digo: – Do Ohio.

A meio da visita, saímos do autocarro e vamos ao Café Lalo, decididos a sentar-nos exatamente onde a Meg Ryan e o Tom Hanks se sentaram em *Você Tem Uma Mensagem*. Faz frio, e a cidade apresenta o seu melhor aspeto para nós, com flores de primavera cor-de-rosa e brancas a esvoaçarem pelas ruas enquanto bebemos um *cappuccino*. Ele já está cá a tempo inteiro há cinco meses, desde que o semestre do outono terminou, e arranjou um lugar de professor substituto aqui para o semestre da primavera.

Eu não sabia que a vida normal podia dar esta sensação, como umas férias das quais não tens de voltar para casa.

É claro que nem sempre é assim. Na maior parte dos fins de semana, o Alex está ocupado com a sua escrita ou a corrigir testes e a planificar aulas, e nos dias de semana só o vejo o tempo suficiente para um beijo meio ensonado de manhã (por vezes, volto a adormecer tão depressa que nem sequer me lembro de que aconteceu), e há roupa para pôr a lavar e pratos sujos (que o Alex insiste que lavemos imediatamente a seguir ao jantar) e impostos e consultas no dentista e passes do metro perdidos.

Mas há também descobertas, novas partes do homem que amo que me são apresentadas diariamente.

Por exemplo, afinal o Alex não consegue adormecer se estivermos aconchegados um ao outro. Tem de estar totalmente no seu lado da cama, eu no meu. Até meio da noite, altura em que acordo cheia de calor com as pernas dele lançadas por cima de mim, e tenho de o empurrar para poder arrefecer.

É incrivelmente irritante, mas, mal estou de novo confortável, dou comigo a sorrir no escuro, sentindo-me tão incrivelmente sortuda por dormir todas as noites com a minha pessoa favorita do mundo.

Mesmo estar desconfortavelmente acalorada é melhor com ele.

Por vezes, pomos música a tocar na cozinha enquanto estamos (enquanto ele está) a cozinhar, e dançamos. Não um abraço doce e balançado como se estivéssemos num qualquer filme romântico, mas contorções e rodopios ridículos até ficarmos atordoados, a rirmos até resfolegarmos ou chorarmos. Por vezes, filmamo-nos e mandamos o vídeo ao David e ao Tham ou ao Parker e ao Prince.

Os meus irmãos enviam os seus próprios vídeos deles a dançarem na cozinha.

O David responde com uma variante de Adoro-vos, esquisitoides ou Afinal, parece que há alguém para toda a gente.

Somos felizes, e, mesmo quando não somos, é muito melhor do que era sem ele.

A última paragem da nossa noite a fazermos de turistas é em Times Square. Guardámos o pior para o fim, mas é um rito de passagem, e o Alex insiste que quer ir.

– Se ainda conseguires amar-me lá – diz –, saberei que isto é real.

– Alex – digo –, se não puder amar-te em Times Square, então não te mereço num alfarrabista.

Enfia a mão na minha quando saímos da estação de metro. Penso que tem menos que ver com afeto (por cujas demonstrações públicas ele ainda não morre de amores) e mais com um medo genuíno de nos perdermos um do outro na multidão ridícula para a qual estamos a dirigir-nos.

Aguentamos na praça, rodeados por luzes a piscarem e artistas de rua pintados

de prateado e turistas aos empurrões, durante uns bons três minutos. O suficiente para tirarmos umas *selfies* pouco lisonjeiras em que aparecemos com ar atarantado. De seguida, damos meia-volta e marchamos de volta para a plataforma do metro.

No apartamento – no nosso apartamento –, o Alex tira os sapatos e coloca-os muito bem alinhados no capacho (temos um capacho; somos adultos) ao lado dos meus.

Tenho um artigo para acabar de escrever de manhã, o primeiro para o meu novo trabalho. Estava a reear dizer à Swapna que me ia embora, mas ela não ficou zangada. De facto, abraçou-me (deu a mesma sensação que daria ser abraçada pela Beyoncé) e, nessa noite, foi-nos entregue à porta uma enorme garrafa de champanhe.

Parabéns pela tua coluna, Poppy, dizia na mensagem. Sempre soube que irias longe. Bj, Swapna.

A ironia daquilo é que vou *deixar* de ir longe, pelo menos em trabalho. A muitos outros títulos, no entanto, o meu emprego não vai ser muito diferente – continuarei a ir a restaurantes e a bares, a escrever sobre as novas galerias e geladarias de rua que aparecem em Nova Iorque.

No entanto, «Pessoas que se Encontram em Nova Iorque» também vai ser diferente, mais de interesse humano do que de crítica. Vou explorar a minha cidade, mas através dos olhos das pessoas que a amam, passando um dia com alguém no seu novo lugar favorito, a aprender o que o torna tão especial.

O meu primeiro artigo é sobre um novo salão de *bowling* à moda antiga em Brooklyn. O Alex foi comigo para dar uma olhada, e eu soube logo, mal avistei a Dolores na pista ao lado, com uma bola dourada personalizada, luvas a condizer e um halo de cabelo grisalho frisado, que ela era alguém que poderia ensinar-me umas coisas. Um balde de cerveja, uma longa conversa e uma lição de *bowling* mais tarde, e já tinha tudo aquilo de que precisava para o artigo, mas, de qualquer maneira, eu, o Alex e a Dolores fomos até à rulote dos cachorros-quentes ao fundo da rua e ficámos a conviver até quase à meia-noite.

O artigo está praticamente pronto, necessita apenas de uns toques finais, mas esses podem esperar até amanhã de manhã. Estou de rastos depois deste nosso longo dia, e a única coisa que quero fazer é afundar-me no sofá com o Alex.

– É bom estar em casa – diz ele, envolvendo-me nos seus braços e puxando-me para si.

Enfio a mão pela sua camisa e beijo-o como tenho estado todo o dia à espera de o beijar.

– A nossa casa – digo – é o meu lugar favorito.

– O meu também – murmura ele, encostando-me à parede.

No próximo verão, vamos sair da cidade. Vamos passar quatro dias a percorrer a Noruega e outros quatro na Suécia. Não haverá hotel de gelo para nós. (Ele é professor, eu sou jornalista, e somos ambos da geração *millennial*. Não há dinheiro para isso.)

Vou deixar uma chave à Rachel para ela vir regar-nos as plantas e, depois da Suécia, iremos diretos para Linfield para o resto das férias escolares do Alex.

Vamos ficar na casa da Betty enquanto ele faz algumas obras, comigo sentada no chão a comer *Twizzlers* e a encontrar novas maneiras de o fazer corar. Vamos arrancar o papel de parede e escolher novas cores para pintar as paredes. Vamos beber refrigerantes linha zero ao jantar com o pai e os irmãos e as sobrinhas e o sobrinho dele. Vamos sentar-nos no alpendre com os meus pais a olhar para o terreno baldio dos Carros Passados da Família Wright. Vamos experimentar a nossa cidade natal da mesma maneira que temos andado a experimentar Nova Iorque juntos. Veremos como se adequa, onde queremos viver.

Mas eu já sei como me sentirei.

Onde quer que ele esteja, esse é o meu lugar favorito.

– O que foi? – pergunta ele, com o princípio de um sorriso a puxar-lhe os lábios. – Porque é que estás a olhar para mim fixamente?

– Tu és simplesmente... – Abano a cabeça, à procura de uma palavra que possa traduzir o que estou a sentir. – *Tão* alto.

O seu sorriso é rasgado, sem restrições, o Alex Nu só para mim.

– Eu também te amo, Poppy Wright.

Amanhã vamos amar-nos um pouco mais, e no dia seguinte, e no dia seguinte.

E mesmo naqueles dias em que um de nós ou os dois ao mesmo tempo

estivermos a passar um mau bocado, estaremos aqui, onde somos completamente conhecidos, completamente aceites, pela pessoa cujas facetas adoramos do fundo do coração. Estou aqui com todas as versões dele que fui conhecendo ao longo de doze anos de férias e, mesmo que o objetivo da vida não seja apenas ser feliz, neste momento, sou feliz. Absolutamente feliz.

Há muitas pessoas sem as quais este livro não existiria. Em primeiro lugar e acima de tudo, tenho de agradecer a Parker Peevyhouse. Estava ao telefone contigo quando descobriste sobre o que eu precisava de escrever a seguir. Penso que nada a não ser aquele telefonema poderia ter criado este livro. Obrigada, minha amiga.

Obrigada também às minhas incríveis editoras, Amanda Bergeron e Sareer Khader. Não há palavras que possam descrever adequadamente o que significou para mim trabalhar com as duas. O tempo e o cuidado que dispensaram a ajudarme a encontrar não apenas *um livro*, mas *o livro certo*, é uma coisa com que a maior parte dos escritores apenas pode sonhar. Partilhar a propriedade e o controlo do próprio trabalho pode ser assustador, mas eu soube em cada passo do processo que estava nas melhores mãos que era possível. Obrigada por me impelirem, a mim e ao que escrevo, além dos seus limites, e por serem uma equipa tão incrível com a qual colaborar.

Um enorme agradecimento também a Jessica Mangicaro, Dache Rogers e Danielle Keir. Sem as três, não estou convencida de que alguém lesse sequer este livro, por isso muito obrigada por terem usado o vosso talento e a vossa paixão para defender os meus livros. Tornam tudo mais luminoso.

Agradeço igualmente a todas as outras pessoas na Berkley por criarem um lar tão caloroso e encorajador para mim e para os meus livros, um grupo que inclui, mas não se limita a Claire Zion, Cindy Hwang, Lindsey Tulloch, Sheila Moody, Andrea Monagle, Jessica McDonnell, Anthony Ramondo, Sandra Chiu, Jeanne-Marie Hudson, Craig Burke, Christine Ball e Ivan Held. Sinto-me uma pessoa cheia de sorte todos os dias por poder trabalhar convosco.

À minha agente espantosa, Taylor Haggerty, assim como a todas as outras pessoas na equipa fenomenal da agência Root Literary – Holly Root, Melanie Figueroa, Molly O'Neill –, obrigada pelo vosso envolvimento, pela vossa dedicação e pela vossa bondade. E, talvez o mais importante, obrigada pelo espumante *rosé*.

Obrigada também a Lana Popovic Harper, a Liz Tingué e a Marissa

Grossman pelo enorme apoio desde o princípio.

Os meus queridos amigos Brittany Cavallaro, Jeff Zentner, Riley Redgate, Bethany Morrow, Kerry Kletter, David Arnold, Justin Reynolds, Adriana Mather, Candice Montgomery, Eric Smith, Tehlor Kay Mejia, Anna Breslaw, Dahlia Adler, Jennifer Niven, Kimberly Jones e Isabel Ibañez tornam a minha vida (e o que escrevo) melhor há anos, e não posso agradecer-lhes o suficiente.

Ter o apoio dos membros da comunidade dos livros e de escritores que admiro imenso não só tem sido incrivelmente importante para mim a nível pessoal, mas também é em grande medida a razão pela qual ainda consigo fazer este trabalho que adoro. Um agradecimento especial a Siobhán Jones e a toda a equipa do Book of the Month, assim como a Ashley Spivey, Zibby Owens, Robin Kall, Vilma Iris, Sarah True, Christina Lauren, Jasmine Guillory Sally Thorne, Julia Whelan, Amy Reichter, Heather Cocks, Jessica Morgan e Sarah MacLean. A vossa bondade e encorajamento têm sido muito importantes no meu percurso.

E, como sempre, agradeço à minha família, por me ter criado para ser ao mesmo tempo bastante esquisita e estranhamente autoconfiante, e ao meu marido, por parar sempre para me beijar a cabeça a caminho da cozinha. És o melhor, e ninguém poderia merecer-te.



EMILY HENRY é autora de vários *bestsellers* (por vezes, em simultâneo!) do *The New York Times*, entre eles, *Romance de Verão*, *Doidos por Livros* e *Lugar Feliz*.

Vive e escreve em Cincinnati e na parte do Kentucky que fica mesmo por baixo. Os seus livros já figuraram em diversas publicações, nomeadamente, *Buzzfeed*, *Oprah Magazine*, *Entertainment Weekly*, *The New York Times*, *The Skimm*, *Shondaland*, e muitas outras.

Encontre-a no Instagram @EmilyHenryWrites.